



Do jeito que você é



DANIELLE VIEGAS MARTINS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Do jeito
que você é

DANIELLE VIEGAS MARTINS

Copyright © 2024 Danielle Viegas Martins

Capa: LS Banners

Revisão: Mariana Rocha

Diagramação: Imaginare Editorial – April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

DO JEITO QUE VOCÊ É

1ª Edição - 2024

Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios ☐ tangível ou intangível ☐ sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

autoradanitess91@gmail.com



Sumário

Sumário

[Sumário](#)

[Playlist](#)

[Epigrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Epílogo](#)

[Outras obras](#)

Playlist

Playlist

[Clique aqui e ouça a playlist no Spotify.](#)



Dedico esta história à minha
querida leitora Lusmair
Araújo, que sempre
encontrou nos livros seu
espaço de liberdade.

Epigrafe

Epigrafe

Suba o primeiro degrau com coragem.
Não é necessário que você veja toda a escada.
Apenas dê o primeiro passo.

Martin Luther King

Me siga no instagram!



Instagram

INSTAGRAM



Grupo de leitoras do WhatsApp

GRUPO DE LEITORAS



PRÓLOGO

Cloe

Cloe

Acredito que seja pela criação que eu tive, mas acho que a primeira coisa que vem à minha mente quando penso sobre mim é que sempre mantive os pés no chão e nunca esperei muito da vida, mas, como nada que existe é composto de um lado apenas, eu sempre tive esse sentimento de que um dia, apenas um dia da nossa vida poderia ser capaz para mudar toda nossa história. *Para melhor ou pior*. Basta um dia. Você vai dormir na noite anterior sem imaginar o que o futuro te reserva. O meu dia da mudança para pior chegou muito cedo. Eu mal tinha acabado de completar treze anos quando aconteceu.

Contudo, o meu dia especial demorou muito tempo para chegar, precisei esperar completar 21 anos pelo meu dia da mudança para melhor, o dia em que tudo, literalmente tudo mudou, e que a escolha que fiz, ou que, nesse caso, me vi obrigada a fazer me levou a esse momento.

Conferi as horas, era oito em ponto, a carta de contratação pedia que estivéssemos presentes às nove e trinta, então, eu estava mais que adiantada. Eu fiz algo que nunca havia feito durante toda a minha vida. Por apenas alguns minutos, eu me permiti parar e refletir em

tudo que acabou de acontecer no que estava prestes a acontecer. O sol já brilhava forte e aquela era, de longe, a maior embarcação que eu poderia sequer imaginar, era linda e magnífica, assim como meu desejo de tentar algo novo.

Apoiei minha mala na calçada e me sentei um pouco, enquanto meus olhos admiravam tal beleza, meus pensamentos viajavam nas últimas vinte e quatro horas. Ninguém acorda sabendo que aquele é o dia em tudo mudará, e ontem não foi diferente, acordei às cinco da manhã, como é o meu habitual, sentido o tradicional cheio de poeira e mofo que o meu quarto, ou o que deveria ser um quarto, tem. Parece piada, e se eu não tivesse a certeza de que minha tia jamais seria capaz de ler qualquer coisa que não fossem revistas de fofocas e colunas sociais, ela teria se inspirado nos próprios tios do Harry Potter ao me dar um quarto debaixo da escada principal da casa que ela e minhas três primas moravam.

Às vezes, me permitia sonhar que estava em lugares bem distantes dali, que os meus dias não eram iguais, e que não precisava me esforçar tanto para tentar encontrar o mínimo de felicidade, mas sempre que acordava, via tudo isso indo embora e voltava à minha realidade.

Um pouco antes do dia especial, eu acordei com os gritos da minha tia, particularmente mais frenéticos que o normal. Me sento na minha cama, respiro fundo e esfrego meus olhos, tentando não desanimar, mantendo em mente que dia era. Todos se preparam meses para isso, era a grande chance não apenas das minhas primas, mas, quem sabe, até minha. Algo como nos contos de fadas, quando, em um grande baile, a princesa encontra seu príncipe e vive feliz para sempre. Eu não me vejo como uma princesa, muito menos espero que alguém me salve, eu mesma vou fazer isso, e nunca vou tirar isso da minha cabeça.

Não precisava de príncipe, mas, ao olhar para a mesa de cabeceira onde meu relógio e celular estavam, vi a carta de contratação, e de príncipe, meus pensamentos pularam para os Reis. Nada mudava por conta própria e, se tivesse que "acusar" alguém por toda essa mudança, certamente acusaria os irmãos Reis, os únicos capazes de tornar minha vida menos insuportável desde que vim morar ali. Eram meus vizinhos e as pessoas mais legais que eu conhecia, que me apoiavam e que tiveram a ideia brilhante de enviar meu currículo para trabalhar nessa embarcação grandiosa.

Um grande barulho vindo do Netuno, o nome do grande navio - não fazia ideia de onde foi inspirado o nome, mas admito que era imponente e representava bem sua grandeza - me despertou e tirou mais uma vez minha linha de raciocínio. Isso talvez fosse bom, por mais que tudo tivesse acontecido em menos de vinte e quatro horas,

foram muitas coisas, expectativas, decepções, verdades sobre minha família e o meu passado, inúmeras perguntas, com muitas respostas.

Decidi que varreria essa história dos meus pensamentos e focaria no presente, que era melhor. Provavelmente, não teria mais tempo para refletir sobretudo, mas garantia que logo todos saberiam tudo que se passou e como acabei ali, admirando a imensidão azul que cobre nosso mundo e esforçando-me para ter certeza de que isso não era apenas mais um sonho.

Conferi as horas mais uma vez, oito e quinze, criei coragem, levantei-me e, antes que pudesse começar a me encaminhar para minha nova vida, meu celular vibrou com uma mensagem de texto. Meio antiquado, já que qualquer um usa aplicativos de mensagem para se comunicar, mas, quando percebi de quem era, entendi a referência.

“Sentiremos sua falta e não importa a estatística que nos faça duvidar. Isso não é um adeus! 3Reis. P.S: Feliz aniversário!”

A primeira lembrança que tenho é do meu último aniversário, quando eu literalmente só tinha eles como pessoas especiais, tudo que me disseram, como fizeram com que eu me sentisse única e amada por eles, meus melhores amigos, como irmãos para mim. Sempre foram meio poéticos e meio estabados, sendo as pessoas mais puras e lindas do mundo e, no meu último aniversário, eles extrapolaram. Além da incrível comemoração surpresa que organizaram na garagem deles, os presentes foram bem peculiares. Um me deu uma pulseira folheada a ouro que eu adorei, outro me deu um incenso com aroma de lavanda, e o terceiro me deu um óleo e um perfume à base de mirra. Olhei curiosa para eles, tentando entender o que era aquilo, eles apenas me responderam em coro: referências aos Três Reis Magos.

Os 3Reis eram o mais próximo que eu tinha de uma família de verdade. Foi um dia muito especial, me fazia lembrar como era bom dividir minha vida com eles e, num dia como hoje, tudo será diferente, meu aniversário, com certeza, não será tão feliz quanto o último, apesar de tudo.

Eu não queria ter que chorar tão cedo e, num momento tão único quanto esse, definitivamente não era hora para isso. Mas não pude segurar, eu sentiria falta daqueles maluquinhos de visão única do mundo, e fosse tudo que aconteceu, fosse a emoção, fosse a tristeza ou a alegria daquelas palavras, eu só posso afirmar que senti o peso do que eles disseram e soube, de alguma forma eu soube, que aquilo não era um adeus.

Guardei o celular no bolso do meu suéter, segurei minha mala não tão grande, que portava tudo que eu adquiri nos últimos 21 anos, e rumei para a pequena aglomeração que se formava na entrada no

navio. Eu estava confusa, com medo e me perguntando se estava tomando a decisão certa. Mas tudo isso não importava, era tarde demais para me arrepender de qualquer maneira. O meu nome é Cloe Conceição Carrilho, e estava na hora de descobrir o que a vida reservou para, e qual pode ser o meu destino.



CAPÍTULO 1

Cloe

Cloe

Oito anos atrás

Depois de um tempo, eu desisti de mostrar qualquer reação às pessoas, então fiquei calada, apenas observando tudo ao redor. Eu sei que ter só treze anos ajuda muito na hora de me sentir como agora, mas eu estava me sentindo tão pequena, tão minúscula, todos aqueles adultos indo de um lado para o outro, como se eu não estivesse ali. Apenas os acompanhava com o olhar, sem coragem de perguntar onde estavam os meus pais, ou se ao menos podia ir para casa. Não fazia ideia de quanto tempo estava ali, mas estava com sono e tentava ao máximo me manter acordada, só que era muito difícil. Por alguma razão, sentia vontade de chorar e uma vontade absurda de estar com a minha mãe. Ainda tentando me controlar, ficava apenas observando as pessoas e, ao ver todos aqueles rostos diferentes, nenhuma pessoa que eu conhecesse, apenas estranhos e mais estranhos, eu começava a chorar, um choro silencioso, quase imperceptível.

Não sei bem dizer ao certo o que me fez querer chorar, mas eu chorei, assustada, com medo, e me sentindo desprotegida, sem

ninguém. O mundo pareceu girar em câmera lenta, e não havia nada que eu quisesse mais do que ver meus pais, mas eles não apareceram. Não me lembro ao certo quanto tempo eu já estava daquele jeito, pois escondi meu rosto entre as mãos e assim fiquei, até que senti uma mão em minhas costas, não a da minha mãe, ou a do meu pai, eu reconheceria o toque deles. Ela me fez carinho por um tempo, mas ainda não havia levantado meu rosto, eu não conseguia parar de chorar. Finalmente a pessoa disse algo e assim pude saber que era uma moça que estava ao meu lado. “Posso pegar você no meu colo?”, foi o que ela me falou.

Por que ela disse aquilo? Eu não sei. Por que eu permiti que ela me pegasse e me aninhasse em seu colo? Eu também não sei. Ela me ajeitou e ficou fazendo carinho em mim, sussurrando coisas como “se acalme” e “vai ficar tudo bem”. Eu fiquei com os olhos fechados o tempo todo, tentando parar de chorar e ficar mais calma. Aos poucos, eu fui sentindo o sono chegar, os soluços foram diminuindo e estranhamente me senti segura e protegida em meio àqueles carinhos. Por alguma razão, segundos antes de mergulhar num sono profundo, eu abri meus olhos apenas para tentar identificar quem cuidou de mim todo esse tempo, mas não consegui ver nada, apenas que sua roupa era branca e que nela estava escrito: dra. Marcela Moreira.

— Será que ela ainda está dormindo? — uma voz perguntou.

— Eu não sei, mas é bom que descanse, ela ainda não sabe o que aconteceu — outra voz respondeu.

— Alguém precisa contar pra ela — a primeira voz disse outra vez.

— Quero ver quem vai ser capaz de tirar o chão daquela menininha tão linda — a segunda voz falou.

— Vamos dar tempo ao tempo. Logo ela saberá de tudo, mas agora ela precisa descansar, está nesse hospital desde ontem à noite, e não sei por quanto tempo mais irá ficar. Vou esperar até que algum representante da justiça venha até aqui e converse com ela, mas agora não é bom nem comentar sobre o que aconteceu — uma terceira voz disse. Consegui identificar como a mesma voz que falou comigo mais cedo. Então eu abri os olhos.

Estava deitada numa daquelas camas que tem em consultório de médico, coberta por uma jaqueta, que eu não faço a mínima ideia de quem seja, mas é bem quentinha. Meus olhos estão pesados e meu corpo está doendo, acho que por dormir em um lugar que não é para dormir. As vozes ainda conversavam, mas dessa vez bem mais baixinho, e eram abafadas por uma porta, então não consegui escutar mais nada do que disseram, só pude ouvir quando se calaram de repente no momento que desci da cama, provavelmente me ouviram e por isso fizeram silêncio.

Fui caminhando em direção à porta e, assim que a abri, vi três pessoas, três mulheres me encarando. Duas eram mais velhas e pareciam sem graça ao me ver, a terceira era uma moça mais nova e muito bonita, soube que era quem cuidou de mim mais cedo, quando, pela segunda vez, li seu nome na sua roupa.

— Onde eu estou? — perguntei a ela.

— Você ainda está no hospital, se lembra? — respondeu, tentando ser simpática.

— Onde estão os meus pais? Eu quero ir pra casa — disse, já sentindo o choro chegar sem motivo, tentando me controlar.

Os olhos da moça vacilaram, quase pareceu que ela queria chorar também, eu só não sabia o porquê, mas ela se recuperou bem e abriu outro sorriso:

— Você está com fome? — Ela se aproximou de mim como se quisesse me contar um segredo. — Não falou pra ninguém, mas eu sei onde fazem o melhor bolo de chocolate do mundo. O que acha de ir comigo comer uma fatia?

Antes que eu pudesse pensar em alguma coisa, ou perceber que ela não respondeu a minha pergunta, pude sentir a fome que eu estava, e eu tenho que admitir que é uma ótima proposta, então apenas concordo com a cabeça, e seu sorriso se abre mais ainda. Ela pegou minha mão e me leva para o tal lugar.

Ela virou um corredor, virou outro, subiu uns degraus e depois pegamos um elevador. Ela não falou nada, eu também não, apenas fiquei pensando se iria demorar muito para chegar. O elevador parou, andamos mais um pouco e saímos do hospital, atravessamos a rua e entramos numa lanchonete.

— Eu tenho certeza de que você vai adorar! É meu lugar favorito — a moça falou. Eu não entendi por que ela estava sendo tão legal comigo, mas foi muito bom e, por alguns minutos, quase me esqueci que eu não devia estar ali e que tudo que eu mais queria era ir embora para a casa.

A moça estava certa sobre uma coisa, aquele realmente era o bolo de chocolate mais gostoso do mundo. Ela pediu duas fatias de bolo e um cappuccino para ela e me deixou escolher o que eu quisesse para beber. Pedi chocolate-quente e, enquanto a gente comia, ela me contava várias coisas. Seu nome era Marcela e ela era médica só há seis meses, gostava muito de futebol e tinha um gatinho de estimação. Foi muito bom o tempo que passamos na lanchonete e, no meio da história que ela me contava sobre o seu gato, eu vi seu sorriso desaparecer quando olhou para a porta da lanchonete e lá estava outra mulher, mais velha, com o olhar sério e preocupado. Marcela me pediu que esperasse um pouquinho e foi conversar com a moça.

Tentei não prestar atenção no que diziam, mas dava para ouvir

coisas como “tenha paciência, vai ser um choque e tanto” ou “não se preocupe, doutora, sabemos como lidar com esse tipo de situação”. A conversa não foi muito longa, mas pude ouvir a outra mulher dizer: “eu assumo a responsabilidade por ela agora, você já pode ir se quiser”. Então a médica voltou onde eu estava, se abaixou e, com os olhos lacrimejando, disse:

— Eu adorei conhecer você, mas preciso voltar para o hospital agora. Seja corajosa, ok? Vai ficar tudo bem. — E, segurando o choro, ela me abraçou e sussurrou no meu ouvido: — Eu volto para ver como você está.

Levantou-se e foi embora. Eu não pude nem falar nada, ou ir atrás dela, pois, assim que ela se foi, a mulher que conversou com ela mais cedo se sentou à mesa comigo. Diferente de Marcela, essa não parecia simpática, ela me dava medo.

— Olá, Cloe.

— Quem é você? — perguntei.

— Sou assistente social, e vim aqui porque preciso conversar com você — respondeu.

— O que está acontecendo? Onde estão meus pais?

— Preciso que você se acalme para que eu possa...

— Eu não quero me acalmar, quero saber onde estão os meus pais!

— Se a mocinha puder ao menos me deixar falar, eu garanto que...

— CADÊ OS MEUS PAIS?

— SEUS PAIS E SUA AVÓ ESTÃO MORTOS!

O mundo ficou em silêncio. Tudo pareceu sem razão, e de repente fiquei esperando-a abrir um sorriso e dizer que é brincadeira, mas ela continuou séria. A sensação era que o chão estava se abrindo e que o mundo iria me engolir. O medo e o desespero tomaram conta de mim e, sem ver, eu já estava chorando.

— É mentira sua! Meus pais estão bem — disse, como se fosse fazer com que minhas palavras virassem realidade.

— Não estou. Infelizmente seus pais faleceram ontem à noite.

Se ela continuou falando alguma coisa, eu não sei, parei de ouvir quando ela afirmou isso e chorei, meu coração ficou apertado, tudo ficou escuro e, dentro do mim, brotou uma dor que eu não conhecia, mas que me sufocava tanto que eu queria gritar, mas não gritei, apenas me encolhi em mim mesma e continuei chorando. A moça, por sua vez, estava sem reação ao me ver desse jeito. Então ela apenas me deixou receber a notícia como achasse melhor. Quando eu já não tinha mais o que chorar, apenas levantei meu olhar e perguntei a ela:

— Nunca mais vou ver minha mãe?

Pela primeira vez, pude ver um pouco de humanidade no olhar

daquela mulher. Ela fechou os olhos, respirou fundo e negou com a cabeça. Não dava para acreditar que tudo aquilo estava acontecendo.

— Não devia ter contado para você desse jeito, me desculpe. Agora, mais do que nunca, preciso que você se acalme e me escute com muita atenção. Vou levar você ao meu escritório agora, e lá eu vou lhe contar tudo que eu sei e o que vai acontecer com você, preciso apenas que mantenha que não se exalte outra vez para que esse momento não seja mais difícil ainda. Posso contar com a sua ajuda?

Concordei com a cabeça e saímos da lanchonete. Entramos em um carro preto, que transparecia formalidades excessivas, e fomos embora. Depois do que pareceu quase dois anos, finalmente o carro parou, e assim que saí, pude saber onde eu estava, a clássica arquitetura de orfanatos não negava o lugar. Havia muitas crianças correndo de um lado para o outro, algumas mais velhas, outras mais novas, do outro lado, pude ver algumas lendo. Era um lugar totalmente novo, confuso e estranho, estava sentindo minhas pernas fracas e que a qualquer momento eu iria desmaiar. Por sorte, a sala daquela mulher era no primeiro andar e pude me sentar antes de verdadeiramente passar mal.

— Eu entendo bem que tudo isso é muito novo para você, que está confusa e com medo, e que deseja ir para a casa. Mas infelizmente sua vida mudou e vai passar por mudanças ainda maiores. Meu nome é Valéria, sou oficial de justiça e diretora desse orfanato, entraram em contato comigo ontem à noite para informar seu caso. Infelizmente seus pais sofreram uma fatalidade e por conta disso...

— O que aconteceu com os meus pais ao certo? — Não pude me conter e acabei a interrompendo.

— É complicado tentar explicar o que de fato...

— O que aconteceu? — Eu começava a ficar nervosa outra vez.

— Ninguém sabe ao certo. Será aberta uma investigação maior para que tenhamos explicações melhores, mas, por ora, isso é tudo que eu sei.

Ficamos em silêncio por um momento. A sala dela era um clássico escritório, como nos filmes, cheios de livros que provavelmente nunca serão lidos, uma papelada danada em cima da mesa e uma bandeja no fundo com uma garrafa de café. Minha cabeça girava, era muita informação, muitos sentimentos e, principalmente, muita revolta. Eu nem sabia que estava sentindo naquele momento, então liguei o piloto automático.

— O que vai ser de mim agora?

— Há muitas coisas ainda que precisam ser resolvidas, assuntos legais que você nem entende. O enterro será hoje à tarde, levarei você para que possa se despedir de sua família, e o que você precisa saber agora é que não irá ficar aqui... não por muito tempo, sua guarda será

passada para um tutor legal, algum parente próximo, a grande questão é que estou procurando há horas, e não encontrei ninguém. Mas não precisa se preocupar, irei atualizar você sempre que tiver alguma novidade, e recomendo que descanse agora, acredito que sua noite foi difícil.

Outra vez se fez silêncio, eu estava esgotada, não tinha energia para discutir ou discordar, então apenas fiquei olhando para ela, como se esperasse alguma coisa.

— Vou levar você até o seu quarto — por fim, ela disse, me conduzindo para o segundo andar. Me mostrou o que uma cama qualquer e foi embora, a total falta de empatia dela era cruel. Assim que ela se foi, eu me deitei em minha cama. Não havia ninguém que eu pudesse confiar, alguém que eu conhecesse, estava sem meu pai, sem minha mãe, nem ninguém. Não havia uma roupa minha, meus brinquedos não estavam por perto, e o Luke, meu ursinho de pelúcia e melhor amigo, estava longe de mim. Eu não tinha nada para fazer, então chorei. Chorei de tristeza, de angústia, de desespero. Eu queria desaparecer ou pelo menos entender o que estava acontecendo. Queria que aquilo tudo não fosse real e, quando a porta se abriu, percebi que eu também queria ficar sozinha.

Um grupo de meninas se aproximou de mim e a maior não hesitou em gritar:

— Essa cama não é sua!

Mal tive tempo de olhar para ela quando uma segunda menina falou:

— Você é surda por acaso? Essa cama não é sua!

— Você tem cinco segundos para se levantar daí ou então nós mesmas iremos tirar você — uma terceira ameaçou. — Acabou o seu tempo!

Logo, todas elas começaram a me distribuir socos e puxar meu cabelo. Por puro reflexo, tentei me levantar e sair correndo, mas era apenas uma contra muitas. Não sei ao certo como consegui, mas eu consegui e saí daquele quarto correndo, sem rumo, eu não fazia ideia de onde estava. Na primeira porta que encontrei, eu entrei e a tranquei com a maior velocidade do mundo. Era um banheiro. Assim que tranquei a porta, ouvi batidas desesperadas. E uma delas falou alto:

— Não pode ficar presa aí para sempre.

Outra vez ouvi as batidas, mais altas, mais fortes e... eu acordei no meu quarto embaixo das escadas. Foi apenas um sonho, como muitos que tenho toda vez que tento ter alguma memória dos meus pais. O passado se desenha no meu subconsciente e me faz passar o dia pensando em minha história, em minhas questões. Por alguns segundos e com o pensamento de criança inocente, achei que a vida

com minha tia e minhas primas seria legal. Antes de conhecê-las, eu realmente acreditei que seríamos como uma família e que viveríamos bem. Eu não precisei de nem uma semana para ver que tudo que eu sonhei era apenas uma ilusão. Minha tia é uma megera, onde chegou e parou, e logo eu soube que criou as filhas para seguir seus passos.

Me mudei para a casa da minha tia exatamente um mês depois da morte da minha família até resolver toda a papelada e, pelo que soube, ela foi, infelizmente, a única parente minha que conseguiram encontrar, logo, minha família se resumiu a ela. Não pude levar nada, a não ser algumas roupas, que foram entregues dias depois que estava no orfanato, e quase nada dos meus pais, meras lembranças apenas. Na época, era muito criança para saber o que era herança, mas logo depois que cresci, desconfiei que minha família certamente havia deixado algo para mim e que com certeza minha tia guardou e me entregaria no momento certo.

A primeira coisa que me chamou a atenção era o tamanho da casa, ou melhor, do palacete. Com uma arquitetura clássica e os móveis impecáveis, meu primeiro pensamento foi que era o lugar perfeito para brincar de esconde-esconde. Minha tia, Deusa Carrilho, a irmã mais velha do meu pai, foi muito simpática à primeira vista, passou quase uma hora conversando com a assistente social, lhe garantindo que eu estava em boas mãos e que cuidaria muito bem de mim, e assim que ela se foi, quase deu para ver a máscara dela caindo no chão e revelando quem realmente é. Até o momento, minhas primas nem haviam aparecido, com certeza haviam recebido instruções claras antes de eu chegar.

No almoço, foram feitas as devidas apresentações. Bianca Carrilho, a mais velha, pude sentir no primeiro contato que o simples fato de eu existir era um motivo mais que satisfatório para ela me odiar. Sabrina Carrilho era a irmã do meio, lia uma revista qualquer de moda quando minha tia nos apresentou. Lendo, ela estava, lendo, ela ficou, nem sequer me olhou, como se eu não estivesse ali, até hoje me pergunto qual a forma mais cruel de se tratar um ser humano, se é mostrando o quanto o odeia, ou simplesmente ignorando sua existência. E, por fim, Júlia Carrilho, que, diferente de todas as outras, parecia muito interessada em mim, como se quisesse me dizer alguma coisa, quem sabe até ser legal, mas sabia que não podia e que, se fizesse isso, as consequências seriam graves.

Logo após o almoço, minha querida tia foi me mostrar onde eu ficaria. Eu iria ficar numa casinha nos fundos, junto da senhora Meridiana, que eu descobri, pouco tempo depois, que se tratava da própria sogra de tia Deusa e que, assim que seu marido morreu e ela teve acesso a sua pensão, começou a receber esse tratamento.

— É aqui que você irá ficar. Arrume suas coisas e fique fora do

meu caminho até amanhã de manhã, tem umas coisinhas que eu quero que você faça — minha tia falou e foi embora.

A casa estava vazia naquele momento, então pude fazer o mesmo que fiz durante o último mês: chorar. Nada tirava a dor e a saudade que eu sentia, era como se minha alma tivesse ido embora junto de minha família e eu nunca mais fosse ser capaz de sentir felicidade outra vez. Mas a vida, às vezes, nos presenteia com pessoas boas e, sem sombra de dúvidas, dona Meridiana foi uma dessas pessoas. Eu poderia passar horas falhando tudo que ela fez por mim e como cuidou para que eu não me perdesse ao longo dos anos, me acolhendo como sua verdadeira filha, ou neta, já que nossa diferença de idade era enorme. Ela me ensinou quase tudo que eu sei hoje, ela me aninhava nas primeiras noites que passei em sua casa improvisada, cuidava para que eu não passasse fome ou frio e sempre me contava histórias de sua infância para que eu me sentisse bem.

Na época, eu era apenas uma criança para entender todas as perversidades que minha tia fazia com ela, e hoje eu não consigo perdoá-la por isso. Meridiana era um verdadeiro anjo. Incentivou-me com os estudos como pôde e, em todo aniversário meu, me dava um livro de presente, mesmo com certa dificuldade, que eu não entendia o porquê, e eu lia e assim surgiu minha paixão por leitura.

Voltando ao primeiro dia que passei no palacete, passei o resto do dia chorando como um bebê, e a senhora Meridiana tentou me acalmar. Quando finalmente parei de chorar, já tarde da noite, ela me aconselhou que fosse até a cozinha do palacete, tomar um copo de água. E assim eu o fiz.

Quando cheguei lá, percebi que não estava sozinha, tia Deusa falava ao telefone, quase cochichando, como se ninguém pudesse ouvir o que estava dizendo. A curiosidade falou mais alto e acabei me escondendo atrás da porta, prestando atenção em suas palavras:

— Espera, deixa eu ver se eu entendi direito... você está me dizendo que, como tutora legal dela, tenho total direito de usar para quaisquer fins os bens que ela herdou dos pais?

E, olhando para ela, pude ver um sorriso se abrindo, como se ela acabasse de receber a melhor notícia do mundo. Antes que ela pudesse responder, senti um par de mãos me empurrando e fazendo com que eu caísse de joelhos na cozinha, em frente à minha tia, que desligou o telefone correndo no momento em que me viu. Olhei para cima e vi o olhar desafiador de Sabrina me encarando.

— Espiar é muito feio, não acha, Cloe? — Sabrina praticamente cuspiu as palavras. Então seu olhar saiu de mim e foi para a sua mãe, que me olhava indecisa, como se pensasse o que fosse fazer.

— Deixe a menina, Sabrina. Não há necessidade disso, ela provavelmente parou porque viu que eu estava aqui. Vamos para os

nossos quartos, a deixando fazer o que quer que tenha vindo fazer aqui. E você — ela se virou para mim —, quero você bem cedo aqui amanhã.

Apenas acenei com a cabeça e vi o olhar de decepção da minha prima, eu ainda não era capaz de entender tamanha crueldade para uma pessoa só. Bebi minha água e voltei quase correndo para a casinha. Fiquei pensando na ligação que minha tia havia feito, tentando entender o que aquilo significava. Não levei muito tempo para cair no sono.

No dia seguinte, a grande surpresa: o que minha tia queria de mim era ajuda com os serviços domésticos que a senhora Meridiana executava. Começou com serviços simples e, à medida que fui crescendo, as tarefas foram aumentando, junto do grau de responsabilidade. Minhas primas se odiavam, isso era um fato, só havia duas coisas que as três tinham em comum: a verdadeira obsessão por um corpo perfeito e fazer da minha vida um inferno. Nenhuma delas, nem mesmo Julia, foi legal comigo nem ao menos uma vez, todas elas constantemente me humilhavam e faziam questão de deixar claro que não éramos uma família. Para elas, sempre foi tudo do bom e do melhor, viviam como verdadeiras rainhas: melhores escolas, roupas, amizades importantes, tudo minimamente pensado para que tivessem o maior sucesso que conseguissem. Eu estudava numa escola pública não muito longe do palacete, mas sempre tive muita dificuldade com a aprendizagem. Depois de muita insistência da minha professora e para não levantar suspeitas sobre o tratamento que eu recebia, minha tia me levou ao médico e, depois de um tempo, fui diagnosticada com dislexia. Sabendo que tal distúrbio requer atenção e que isso poderia lhe custar muito, ela tentou me convencer que seria melhor se eu abandonasse os estudos e me dedicasse a apenas no que eu era boa: lavar, passar e cozinhar. Eu pedi, melhor, eu implorei para continuar estudando, que não me tirasse da escola, mas nada a fez mudar de ideia. A vontade de tia Deusa sempre prevalecia e, por mais que eu gostasse de ir para a escola e conviver com outras pessoas que me tratavam bem, esse direito eu não pude mais ter.

Não pude nem concluir meu ensino fundamental e minha vida, como a de d. Meridiana, se resumia a manter aquela enorme casa limpa e organizada e a atender às vontades da minha “família”. Minha tia me negou por anos a minha liberdade e eu não tinha discernimento, nem voz para questionar a situação de privação de tudo em que cresci. Eu só saía de casa para ir a lugares como o mercado ou o açougue com d. Meridiana. Às vezes, íamos ao posto de saúde, quando ficávamos resfriadas, o que era quase certo todo inverno.

Na adolescência, sofri mais uma perda, aos 17 anos, a senhora

Meridiana morreu por causa de complicações depois de contrair uma pneumonia. Muito do que sou eu devo a ela, minha única e verdadeira figura materna. Não consigo expressar em palavras a dor que senti, foi como voltar para época que perdi meus pais, mas dessa vez sem ninguém para me consolar. Sinto falta dela todos os dias da minha vida, e nunca serei capaz de superar isso, pois nunca pude retribuir tudo que ela fez, com aquele jeitinho doce e meigo, e como fazia tudo com amor, mesmo sendo para quem era.

Definitivamente algumas pessoas não merecem a vida que tem. A pobre senhora só adoeceu desse jeito por conta da situação precária em que vivia, graças à negligência de tia Deusa, ela faleceu. Foram meses difíceis, eu me recordava do que ela sempre me dizia: “guarde seu coração com a pureza e a inocência que a vida e sua tia tentam lhe roubar, um dia você será recompensada por isso tudo”. Eu era criança demais para entender o significado daquelas palavras, e elas me seguem até hoje. Talvez fosse esse o segredo do tamanho do coração dela, e como fui sortuda por ter tido ela na minha vida, a pessoa que verdadeiramente me criou e amou, sem nunca desejar nada em troca.

O que não me deixava enlouquecer totalmente eram os meus vizinhos. Eu os chamava carinhosamente de Reis, são gêmeos trivelinos, ou seja, um mais diferente que o outro, embora, de alguma forma, parecem ser conectados. São quase quatro anos mais jovens que eu e ainda assim são os meus melhores amigos. Ricardo foi quem começou toda essa amizade, um belo dia ele achou que seria engraçado tocar a campainha do palacete e se esconder, eu assisti à toda a cena, mas, assim que tocou e foi correndo para se esconder, acabou caindo no chão. Mesmo sendo errado, não pude deixar de rir, foi uma cena hilária, e nesse dia em específico, eu estava bem triste, aquela cena me aliviou um pouco.

No momento em que minha tia abriu a porta e viu tudo, ela virou uma fera, e eu que limpava os vidros não muito longe dali, por alguma razão, assumi a culpa, dizendo que, enquanto limpava, esbarrei sem querer. Ela me humilhou como sempre e entrou outra vez, e isso com certeza foi bem mais leve do que o que ela faria com aquele garoto. Ele não me viu, pois um dos arbustos do jardim me mantinha escondida, e eu nunca fui alta. Ele me agradeceu muito pelo que eu acabei de fazer e disse que me compensaria, me dando sua paleta de guitarra favorita. Eu não precisava de uma paleta, mas o gesto contou muito e, naquele mesmo dia, conheci seus outros dois irmãos, Rafael e Ronaldo.

Aqueles meninos faziam a minha vida mais leve, tinham uma visão única do mundo, sempre com planos malucos, e o sonho de se tornarem estrelas do rock. Eu aprendi muito com eles não só sobre a vida, mas também sobre mim mesma, como a paixão pela cozinha e

como cantar me faz bem. Os 3Reis até diziam que eu era afinada. Ajudamos uns aos outros e, quando se tem uma vida como a minha, você aprende, de longe, a reconhecer e valorizar corações tão puros como o deles.



CAPÍTULO 2

Cloe

Cloe

— É sério que você vai ficar com essa cara emburrada com a gente? — Ricardo me perguntou, após encarar por quase um minuto a minha expressão de desaprovação. — Nós não cometemos nenhum crime... tá bom, talvez a gente tenha cometido um crime, sim, mas olha aí, agora você tem uma chance única de...

— De...? — Eu o encorajava a terminar a frase, queria testar para ver até onde ele seria capaz de ir com sua cara de pau.

— Não importa, é uma coisa boa que aconteceu com você, entre todos os desastres que aconteceram na sua vida — Rafael completou.

— Vocês têm a mínima noção de como isso é errado? E se eu tiver pegado a vaga de alguém? Alguém que realmente merece, ou que pelo menos tenha noção do que irá fazer. Vocês deveriam ter vergonha disso.

Ficamos em silêncio. Minha amizade com os Reis é de muito tempo, e depois que a senhora Meridiana morreu, eles são as únicas pessoas que eu posso chamar de família. Assim como eu, eles também não têm mãe, e seu pai vive na estrada, trabalhando de caminhoneiro, tentando dar uma boa vida para eles. Cuidamos uns dos outros, eles

me protegem contra o mundo e dão alegria a minha vida, e eu tento fazer o mesmo. Não nesse momento, às vezes preciso dar-lhes um esporro, já que têm uma facilidade impressionante para passar dos limites. E essa foi a "brincadeira" da vez: cerca de um mês atrás, mais ou menos, enquanto voltavam da escola, acharam um cartaz que dizia que a embarcação mais luxuosa da América iria fazer uma excursão por toda a Europa, com navios de tirar o fôlego, que sairiam do porto da Carolina do Norte, com destino ao Mediterrâneo. A viagem parece dos sonhos, tudo do bom e do melhor, vindo de um mundo que eu não ousa ao menos sonhar que é real. E para tal viagem, estavam contratando vários funcionários, para as mais diversas funções, dentre elas, a função de camareira. Os meninos então, que vivem me dizendo que meu lugar não é com minha tia e que eu precisava sair logo daquela casa, viram nesse cartaz o álibi perfeito para criar um currículo falso, com informações minhas que não condizem com a realidade, como a minha experiência na função ou minha fluência em italiano. Eu nem sei falar italiano, como eles puderam ir tão longe?

— É sério que você vai ficar com essa cara com a gente? — Ronaldo perguntou, tentando quebrar o silêncio.

— Seu irmão já me fez essa pergunta e, sinceramente, eu deveria ficar sim. Vocês foram longe demais! Isso que fizeram pode ter consequências muito graves — respondi realmente brava.

— Quer dizer então que não vai ficar de boa com a gente? — Rafael quer saber.

Naquele momento, estávamos na garagem da casa deles. Estavam ensaiando para um show de talentos que teriam na escola, e eu, como já havia feito todas as minhas obrigações domésticas, tinha o direito de estar ali com eles. Ronaldo havia me mandado uma mensagem contando que tinha um presente para mim, e eu, conhecendo aquele trio, sabia que não poderia ser algo bom, mas não esperava que fossem tão longe. O problema é que, mesmo sendo muito errado, eu podia ver que o fizeram de bom coração. Eu nada sabia sobre o que esperar de uma viagem como essa, cruzando oceanos e conhecendo culturas novas ou da chance de ter um emprego de verdade. E eles haviam acabado de me contar que meu passaporte ainda é válido e estava lá com eles. Deram na minha mãe e eu segurei firme e folheeí aquelas páginas sem carimbo nenhum ainda. Respirei fundo algumas vezes antes de dizer:

— Eu deveria mesmo. Sabem disso, não sabem?!

Pude ver o sorriso se formando nos rostos dos 3Reis, sabendo que eu e meu coração mole sempre os perdoava por maior que fosse a bobagem que cometessem.

— Mas vocês precisam entender de verdade que o que fizeram foi errado — reiterarei novamente.

— Sabemos disso. Não deveríamos ter feito isso sem consultar você antes e, também, não deveríamos ter mentido. Só que agora já foi, e cabe a você escolher o que vai fazer — Ricardo disse.

— Como assim? — quis saber.

— Ora, não acredito que está fazendo essa pergunta! Você está tendo a oportunidade da sua vida. Uma chance de conhecer o mundo, de buscar seus sonhos, de viver uma vida melhor — Ronaldo explicou.

— Vocês não estão falando sério quando disse que eu deveria cogitar a ideia de realmente ir para esse emprego, não é? — Eu pergunto sem acreditar naquele devaneio deles. Estendi o meu documento ao Ronaldo para que o guardasse novamente. Sabia que ela era a intenção ao me fazer segurar o passaporte.

— Por que não? — foi a vez de Rafael dizer. — Olha, a gente te conhece há um tempão, e você cuida da gente como se fôssemos família. E nós três vemos você da mesma forma. Eu me lembro da vez que nós três tivemos COVID e você enfrentou sua tia pra cuidar da gente, ficando em quarentena conosco, mesmo sabendo do risco que era ficar perto de nós. Sua tia nem deixou você voltar pra ao palacete até o oitavo teste dar negativo. Ou como nos defende dos ataques da sua tia, até mesmo quando ela chama a polícia quando estamos ensaiando. Antes de morarmos aqui, a gente vivia na estrada, e você sabe disso. Conhecemos lugares e pessoas de todos os tipos, para todos os gostos, a maior diversidade de sotaques que você consegue imaginar e, ainda assim, não encontramos em lugar nenhum uma amizade como a sua, Cloe.

— Você tem um jeito único de ver a vida, de encarar o mundo, e de enxergar a realidade — Ricardo o interrompeu. — Você cuida de todos sem fazer diferença e sempre tenta nos fazer ver o lado positivo das coisas. Não é justo que esteja condenada a viver na garra da sua tia, servindo para sempre. A gente sabe que o mundo reservou mais para você além disso. E se essa for sua grande chance? E se talvez tudo que você precise seja apenas aceitar esse emprego?

— Acho que tudo que falta em você é apenas um passo em frente. Desejar que coisas boas venham, porque certamente virão, se você permitir. E o mais importante: não estou dizendo que vai ser assim, ou muito menos me despedindo de você, mas você precisa ter coragem para o que vier a partir de agora, e por mais que apareça diversidades, eu só te peço uma coisa, nunca *degusta*! — Ronaldo disse e todos nós olhamos pra ele — Desista! Eu quis dizer nunca desista! — Foi possível ver suas bochechas corarem e ele se corrigindo em silêncio. E o que era para ser um momento motivacional acabou se tornando um mar de risadas.

A maneira como aqueles três oscilavam entre serem profundos e filosóficos sobre tudo, e serem uma verdadeira piada era única, eu os

amo demais e não consigo pensar na minha vida sem eles. Depois que as risadas acabaram e que conseguimos nos controlar, eles resolveram que iriam tocar mais uma música, apenas por diversão, e me chamaram para cantar com eles. Deixei que a primeira vez apenas eles cantassem, e prometi que, na segunda música, eu ajudaria. Enquanto eles ensaiavam, permiti que meus pensamentos tomassem um rumo até agora desconhecido e, por alguns segundos, eu realmente cogitei a ideia de aceitar aquele emprego, de ir embora daquela casa, daquela cidade, daquela vida. A verdade é que, quando a gente espera algo da vida, precisamos antes lhe oferecer uma boa dose de coragem, já que milagres, obviamente, não são reais e, para mim, nada acontece por acaso. E se for meu destino ir para essa tal embarcação e lá vou descobrir coisas que nunca sequer sonhei? Talvez encontrar alguém que mude tudo para mim, ou apenas me encontrar. Quem sabe o que eu tanto espero já esteja me esperando?

— Ei, você disse que ia cantar com a gente! — Rafael me chamou.

— Está bem, eu canto com vocês. Qual música vocês querem cantar?

— *Somebody That I Used To Know!* — os três disseram em coro.

— É sério isso? — perguntei sem acreditar, eu sabia muito bem porque haviam escolhido aquela música.

— Sim, é sério, você tá precisando ouvir essa música — Ricardo disse.

Eu entraria como a segunda voz, na segunda parte da música, então deixei que comessem. Essa música é bastante reflexiva, pois falou bastante de um relacionamento abusivo e como muitas vezes não percebemos que estamos em um. Enquanto eles cantavam, comecei a pensar que talvez eu estivesse apenas sonhando e que só porque fui escolhida, entre milhares de pessoas, não significava que eu tinha que ir, e comecei a pensar em como seria errado dar as costas pra minha tia, para a vida que eu tenho, mesmo que ela não seja a melhor do mundo.

— *Now and then I think of all the times you screwed me over...* — comecei cantando —, *but had me believing it was always something that I'd done...* — Fui me deixando levar pelo significado daquelas palavras. — *But I don't wanna live that way, reading into every word you say.* — Nesse momento, eu estava não apenas cantando, mas sentindo tudo que a letra falava. — *You said that you could let it go and I wouldn't catch you hung up on somebody that you used to know...*

Cantamos mais um pouco e logo depois eu precisei ir embora, estava na hora de fazer o jantar. Fosse ou não o acaso, aquelas palavras realmente me tocaram, eu já a conhecia há muito tempo, mas pela primeira vez eu senti o peso de seu significado e, por mais que

isso fosse errado, eu realmente não quero mais viver desse jeito. Seria esse o sentimento necessário para que eu cometesse uma loucura?

— Quanto tempo mais você pretende ficar deitada? Você esqueceu que dia é hoje! — A voz da minha tia soa mais estridente e desesperada que o normal. Em todos esses anos, a primeira coisa que percebi foi que minha tia ama a rotina mais do que a si mesma. E minha rotina era de fazer inveja a qualquer sistema de servidão que exista.

— Claro que não, tia, já vou me levantar — respondi, ainda meio sonolenta.

Antes de fechar a porta, a carta de contratação me olhou pela última vez, eu precisava parar de pensar naquela ideia maluca. A verdade é que minha mente já havia abraçado totalmente a ideia, mesmo que inconscientemente. Só que eu não poderia continuar com aquilo, porque simplesmente não havia cabimento, como eu iria simplesmente dizer: “tia Deusa, vou atrás dos meus sonhos, até nunca mais”, e ir embora? Sem mencionar que o navio partiria no dia seguinte de manhã, ou seja, tinha menos de vinte e quatro horas para cometer tal loucura.

Geralmente, minha rotina começava logo cedo, quando tinha que passar as roupas das minhas três primas e de minha tia. Quando terminava, era a hora de arrumar os quartos e lavar os banheiros e, se eu não demorasse muito, conseguiria começar o almoço a tempo. Elas sempre me pediam as mais variadas receitas, com receitas de todo o mundo. Aprendi a cozinhar com um livro de receitas da minha mãe, uma das poucas coisas que herdei dela, seja o livro, seja o gosto pela culinária. Os 3Reis também costumavam se aproveitar bastante desse meu talento e viviam me pedindo para fazer feijoada, já que, segundo eles, era a melhor do mundo.

Já as minhas primas queriam encontrar um método milagroso para emagrecer, até que um belo dia, encontraram: as famosas pílulas. Havia dias que comiam o dia todo tudo que apreciava na frente delas e, no dia seguinte, só tomavam os comprimidos e remédios para emagrecer. Eu não conseguia compreender como ainda não haviam adoecido.

Mas passar roupas e cozinhar não era minha única função. À tarde não era diferente, e eu tinha de deixar tudo brilhando. Se conseguisse fazer isso, poderia ir encontrar com os meninos na garagem, caso contrário, sair daquela casa sem o serviço estar pronto era piada, impossível de acontecer. Porém, essa minha rotina sofreu uma grande alteração há um mês, mais ou menos. Eu não sou a pessoa mais crédula do mundo, mas às vezes penso na perfeição que as coisas acontecem e como o destino gosta de deixar claro que está agindo, muito antes que possamos perceber. No mesmo dia que os meninos

montaram meu currículo (somente agora sei que foi no mesmo dia), minha tia fez um anúncio para mim.

Começou com um belo discurso sobre como preparou suas filhas a vida inteira para esse momento e que foi chegado a hora delas se imporem no seu lugar de direito perante a sociedade. Toda essa enrolação apenas para dizer que ela daria uma festa, uma grande festa, convidando as pessoas de maior influência, homens para ser mais específica que pudessem se casar, ou pelo menos despertar algum interesse por uma de suas filhas. Algo bem retrógrado em pleno século 21, eu tenho que admitir, mas, no fundo, eu sabia que era uma estratégia para ter segurança financeira. Tia Deusa não era boba e, quando disse que planejou esse momento por muito tempo, ela provavelmente não estava de brincadeira. Ela me contou tudo isso apenas para me mostrar minha nova rotina e, desde aquele dia, há exatos vinte e oito dias, venho trabalhando como nunca na minha vida.

A dieta delas ficou ainda mais rigorosa, e os serviços domésticos que eu fazia antes começaram a parecer colônia de férias comparados a esse fatídico período. Eu nunca havia trabalhado tanto em toda minha vida, os dias pareciam não ter fim, as horas não passavam e nada parecia ser bom o suficiente para minha tia. E quanto mais a data da festa chegava, mais paranoica tia Deusa ficava, e isso refletia diretamente nas minhas primas, que conseguiram ficar ainda mais insuportáveis. Parece piada, mas, em dias importantes, a impressão que se dá é que tudo dará errado, principalmente quando lhe confiam responsabilidades que não me cabem, como o vestido de Sabrina não querer entrar nela de jeito nenhum.

Durante todo o dia, a casa foi uma loucura. Pessoas que eu nunca vi na minha vida, indo de um lado para o outro, arrumando a decoração, colocando flores, organizando as comidas, as bebidas, finalizando um detalhe ou outro. Eu estava mais perdida que tudo, não conseguia terminar uma tarefa que começava, e sentia que, a qualquer momento, entraria em colapso, quem me visse naquele estado pensaria que a festa era para mim. Por volta das quatro da tarde, os meninos me mandam mensagem, dizendo que queriam me ver, eu nem tive tempo de responder, estava ocupada demais, o problema é que eu esqueci que nunca, sob circunstância alguma, você consegue ignorar um Rei, imagina três de uma vez. Tia Deusa pediu que eu ficasse responsável por terminar a conferência do buffet na cozinha e que terminasse de esvaziar o caminhão. Eu precisava conferir se tudo que havia sido pedido foi de fato entregue e, graças a minha dislexia, somada ao alvoroço que estava a casa, aquela era uma tarefa particularmente terrível de se pedir a mim. E, num momento de grande estresse para mim, ouço uma voz familiar dizer:

— Ela parece realmente concentrada no que está fazendo.

— Tão concentrada que não pode nem olhar o celular — uma segunda voz disse.

— Tão concentrada que nos obriga a arriscar nossa pele — a terceira voz completou.

Desistindo de ler o que eu precisava e erguendo os olhos, eu tenho a inacreditável visão dos trigêmeos carregando caixas de um lado para o outro, como se fizessem parte da equipe e levassem seu trabalho muito a sério.

— Francamente, vocês três não tem limites! — disse, quase gritando e ainda sem acreditar no que estava vendo.

— Ora, custava você ir nos ver um pouquinho? A gente quer saber que horas você vai ir para o novo emprego e queremos nos despedir também — Ronaldo disse.

Com a loucura que estava aquele dia, a ideia de ir embora evaporou da minha cabeça antes do meio-dia, só que pelo jeito quem não deixou de pensar nisso foi o trio campeão em arranjar confusão. Eu os puxo para fora.

— Eu não tenho que me despedir, muito menos tenho hora para sair daqui, eu nem pensei nisso. Vocês não deviam ter vindo aqui por causa de uma coisa tão boba — falei, irritada.

— Não viemos aqui só por isso — Ricardo respondeu.

— Queremos também tentar sabotar ao máximo essa festa — Ronaldo completou.

— Se aquelas princesas forem se casar, com toda certeza será com um de nós três — Rafael disse.

— Ninguém merece isso! — falei, sem acreditar no que acabei de ouvir. Os três irmãos tinham os três corações mais puros que já encontrei, o problema é que, de todas as pessoas que habitam nossa existência, eles foram cair de amores justamente pelas minhas primas, as almas mais obscuras que já conheci. Eram verdadeiros apaixonados por aquelas três, capazes de fazer qualquer loucura, inclusive invadir a festa delas para tentarem sabotar o que conseguirem. — Olha só, nada do que fizerem aqui hoje vai fazer com que elas queiram se casar com vocês, elas têm outros objetivos, que definitivamente não incluem três irmãos de dezessete anos, então, eu acho bom vocês irem embora agora se não eu... eu castro vocês!

A minha ameaça não seria realizada nem que minha vida dependesse disso, mas acho que eles não sabiam disso, pois, no momento que eu disse isso, seus olhos se arregalaram, como se tivessem acabado de ver um fantasma, e apenas concordaram com a cabeça, dizendo que não iriam colocar mais nenhum sal em nenhum doce. Meu olhar foi mais que suficiente para eles entenderem que era a hora de irem embora. Eles não haviam terminado de fechar o portão

quando ouvi a voz de tia Deusa me chamar. Será que ela viu os meninos dentro de sua casa? Só me resta rezar para que não. Subi as escadas ensaiando as melhores desculpas, mas logo pude ver que não era sobre isso que minha tia queria conversar.

— Chamei você aqui porque preciso ter uma conversa séria com você — foi logo dizendo — A festa começa às dezenove horas, porém, quero você pronta às dezoito em ponto. Não se atrase e não me faça me arrepender dessa decisão.

— Espera, vou participar da festa? — perguntei com o sorriso se formando no meu rosto e a esperança crescendo em mim.

— Mas é claro, por que achou que não iria? Como estava dizendo, você precisa se compor...

A partir dali, parei de ouvir. Eu estava tão feliz com aquela notícia. Depois de tantos anos, tanto esforço e sacrifício, finalmente ela demonstrava alguma consideração por mim. Tia Deusa finalmente me daria uma chance de, ao menos um dia, ser tratada como uma igual. Poder falar com pessoas novas, conhecê-las.

— Você está me ouvindo? — minha tia disse alto, cortando meus pensamentos. Apenas concordei com a cabeça. — Ótimo. Enfim, tomei a liberdade de encomendar sua roupa, é essa que está em cima da cama, espero que sirva e, como disse, não se atrase! Hoje o dia precisa ser perfeito.

Aquilo era inacreditável. Minha tia, escolhendo roupa para eu usar numa festa que ela fez para as filhas? A felicidade em mim era cada vez maior, como num sonho onde tudo finalmente se encaixa. Como pude pensar em ir embora? Desejar não ficar aqui? No fim das contas, tudo que passei seria recompensado, ou pelo menos aquilo já era um bom começo. A roupa estava coberta por uma capa com zíper preta. Minhas mãos tremiam antes de puxar o zíper. Seria um vestido? Se sim, que cor seria? Talvez vermelho? Talvez azul? Meu coração ia se acelerando junto à adrenalina que exalava do meu corpo. Quando finalmente consegui tirar a capa, veio a surpresa: a roupa que eu iria usar na grande noite da família Carrilho.



CAPÍTULO 3

Cloe

Cloe

Eu não podia acreditar no que meus olhos estavam vendo. Ali, diante de mim, estava um uniforme de garçoneiro, exatamente igual ao que as funcionárias do buffet que iria servir na festa hoje usariam. Tudo que eu pensei que aconteceria, todas as cenas irreais que meu cérebro inconscientemente criou, os cenários, tudo se desfez diante dos meus olhos. Como tia Deusa foi capaz? Depois de todos esses anos, tudo que já fiz por ela, as humilhações que passei, as oportunidades que perdi, como meus estudos, tudo, para ela, não foi nada, não valeu de nada. Seu egoísmo e sua arrogância não tinham limites e, naquele momento, eu pude verdadeiramente conhecer minha tia e perceber como eu nunca tive valor nenhum para ela.

A verdade é que, no fundo, isso nem era novidade. A gente sabe muito bem, embora seja muito duro admitir para nós mesmos, quando alguém não se importa conosco. É horrível essa sensação de ficar esperando que, por algum milagre, essa pessoa vá finalmente mudar e nos tratar com o respeito e a dignidade que merecemos. Que se arrependeria da forma abusiva com que nos tratou e de como nos fez sentir pequenos, insignificantes, menos do que nada. Porque se nós

não faríamos tal maldade, então é difícil entender que a outra pessoa fizesse conosco, ainda mais quando se faz tudo para a gradar quem não reconhece o nosso valor.

Tive que fingir ser muito mais forte do que realmente sou para não chorar. O misto de emoções que eu estava sentindo estava, a cada segundo, crescendo mais. A raiva, a decepção, a tristeza, tudo! Minha tia parecia alheia à minha presença, estava escolhendo quais joias iria usar e nem percebeu que eu ainda estava ali, quase não me aguentando de decepção. A última vez que um furacão de sentimentos tomou conta de mim desse jeito foi quando dona Meridiana morreu e me vi outra vez sozinha no mundo.

Depois do que pareceu uma eternidade, minha tia finalmente se deu conta de que eu ainda estava ali, sem acreditar que ela fosse capaz de me fazer servir os convidados naquela festa tão importante para todos, pois eu não só apenas trabalhei como nunca em toda a minha vida, como também foi um elemento crucial para que ela acontecesse, e essa era o pagamento que eu estava recebendo.

— Por que essa cara de espanto? — tia Deusa perguntou com uma notória ironia. — Espera aí, vai me dizer que, por um momento, chegou a passar pela sua cabeça que você participaria como uma convidada? Como uma de nós? — Sua risada era desdenhosa e fez eu me sentir a pessoa mais estúpida do mundo. — Meninas, venham cá. Precisam ouvir isso. É urgente! — minha tia chamou suas filhas, todas ocupadas com alguma futilidade, mas foram correndo para ouvir o que a mãe tinha a dizer. — A Cloe realmente achou que iria à festa como convidada e que usaria vestido de gala e tudo mais que acha que tem direito. — E todas explodiram na risada, mas aquilo não era engraçado, era cruel.

A roupa de garçoneiro do buffet já estava em minhas mãos e, no momento em que fechei os olhos, senti as lágrimas escorrerem, não consegui ao menos me segurar na frente delas. Saí praticamente correndo em direção ao meu quarto e, mesmo com a porta trancada, ainda conseguia ouvir as risadas e os comentários cruéis. Me sentei na minha cama e me permiti chorar ali sozinha, era um choro que eu guardo há muito tempo e nunca fui capaz de colocar para fora, não sabia ao certo no que estava pensando enquanto chorava, apenas que havia dentro de mim um peso que precisava sair. Quanto tempo fiquei daquele jeito, eu não sei dizer, mas, quando finalmente consegui me acalmar, esfreguei meus olhos, agora inchados por causa das lágrimas, e ouvi meu celular vibrar com uma notificação qualquer. Olhando para a mesa de cabeceira, mais uma vez vi a saída para aquele tormento todo. Ali dentro estava a minha carta de contratação para trabalhar naquele luxuoso navio de cruzeiro, apesar de ter conseguido a vaga por conta de um currículo falso.

Eu deixei que minha tia e minhas primas me dissessem como eu deveria viver e conduzir minha vida, e tudo isso para quê? Para continuar sendo sempre a garota indesejada? Ser para elas nada além de uma serva qualquer, sem nenhum valor sentimental que seja? Não é isso que eu quero para minha vida, eu não vou mais aceitar que as coisas sejam assim. E agora, mais do que nunca, o desejo de ir embora, de ir me encontrar no mundo acendeu ainda mais em mim, e tive vontade de enfrentar o que deveria ser minha família, de dizer tudo que deveria e ir, sem me preocupar com o que diriam para mim, ou com as formas que poderiam tentar me impedir, afinal, o que me prendia a elas? Se eu quiser ir embora, eu posso. Elas não têm direito nenhum de me segurar aqui.

Olhei no meu celular e, como se fosse combinado, eu tinha apenas duas notificações: a primeira era uma mensagem dos meninos, em que eles me contavam em detalhes um plano sem pé nem cabeça de como iriam me “sequestrar” da festa, como criariam uma distração perfeita e como seria meu plano de fuga até a liberdade. Respondi apenas com uma carinha sorridente, e aquilo era mais que suficiente para que eles entendessem que eu não estava bem, e os conhecendo, sei que dariam outro jeito para entrar naquela festa e irem me ver.

A segunda notificação era uma mensagem dos Companhia de Navios de Cruzeiro Porto Real, a empresa que se interessou pelo meu currículo de faz de conta e que me contratou para a grande viagem inaugural do Navio Netuno, após a pandemia que atingiu todo o planeta. A mensagem era para parabenizar pela contratação e desejar boas-vindas à equipe Porto Real e, também, trazia instruções claras sobre o local de embarque, data, hora, e o que precisava levar como documentação. Aquilo era uma loucura, eu não sabia fazer metade do que os meninos disseram, nunca arrumei uma cama com padrão de hotelaria, e não fazia ideia mínima de italiano, só que de repente, aquilo pareceu não importar para mim, e qualquer obstáculo que me impedisse de ir se tornou pequeno demais. A raiva do momento foi a dose de coragem que eu precisava para esse grande passo na minha vida, então eu finalmente comecei a me questionar: e se eu fosse?

Por mais que me doesse admitir, eu não poderia negar, a festa estava de tirar o fôlego. Era como se o luxo e esplendor do palacete deixasse todos ali impressionados. Tudo estava impecável, e eu precisei fazer um esforço muito grande para engolir meu orgulho e ir trabalhar, mas, depois de um tempo, o ambiente nem estava tão insuportável assim, consegui esfriar minha cabeça, mas sem parar de pensar na ideia maluca de fugir, porém, a raiva que eu estava sentindo havia passado, fazendo eu me perguntar sobre o que eu realmente deveria fazer.

Foi só por volta das vinte e uma que os convidados pararam de

chegar, e a quantidade de pessoas me surpreendeu. Algo que saltava aos olhos, era que a grande maioria dos homens, nem tão jovens, pouco dotados de beleza para ser sincera, mas, com toda certeza, suas contas bancárias compensariam isso muito bem. Não eram tão jovens, mas todos muito elegantes. As mulheres ali, em sua grande maioria, eram mais velhas. De modo geral, na meia idade como minha tia Deusa, com certeza, não havia muitas mulheres jovens para que minhas primas se destacassem em juventude e beleza.

O som de música clássica produzido por um piano se ouvia ao fundo, minha tia não poupou esforços para sua festa se mostrar refinada, com todos bebendo apenas champanhe e elogiando o ambiente. Eu ajudava com o buffet e, até o momento, somente minha tia havia aparecido para dar boas-vindas a todos e puxar o saco de quem permitisse. Entre todos ali, havia apenas três homens que eram verdadeiramente bonitos. Dois deles pareciam gêmeos idênticos, porém, faziam questão de manter o estilo bem diferente, ou era a impressão que passavam.

Um deles possuía os cabelos um pouco maiores que o outro, num corte de cabelo estilo e-boy, e sua barba também se destacava, porém, era perfeitamente desenhada. Usava um terno azul-marinho e gravata de mesma cor, que se destacava em uma camisa branca. Era loiro, possuía os olhos claros e feições tranquilas, e era provavelmente o homem mais bonito que eu já havia visto. O segundo se assemelhava muito ao primeiro, mas não usava barba, e seu corte de cabelo era menor, mantinha um topete maior e as laterais em degradê, usava um terno preto e gravata de mesma cor, lhe dando um ar de seriedade, que combinava muito bem com sua feição dura e cansada. Igualmente bonito como o primeiro, se não fossem irmãos gêmeos, com certeza tinham um parentesco muito grande. Eu chutaria uns 35 anos, talvez mais, talvez menos.

O terceiro homem, porém, era mais jovem, não devia nem chegar aos 30, e possuía os cabelos pretos, num corte de cabelo que se assemelhava ao militar, que destacava com seus olhos claros, podia ver que era um homem bem-humorado, mas que, se pudesse, não estaria ali. Um pensamento divertido passou por minha cabeça, algo me dizia que, se um dia ele conhecesse os 3Reis, poderiam ser amigos. Diferente dos primeiros, seu terno estava com o paletó aberto, usava um terno cinza, sem gravata e uma camisa branca. Para minha surpresa, diferente de todos os outros homens, ele estava usando um par de tênis brancos, quebrando totalmente a estética formal que seu terno passava, mas ainda assim estava bem alinhado.

Às vezes, eu tinha essa mania, meio estranha até, de observar as pessoas e tentar decifrar suas histórias, ou tentar adivinhar o que estão pensando naquele momento, e sem perceber era exatamente o que

estava fazendo com os três homens mais bonitos da festa. Eram igualmente ricos como os outros? Eram irmãos? Amigos? O que fazem da vida? Antes que tivesse a oportunidade de pensar em uma resposta, pude perceber que eu os encarava como uma idiota e que o mais novo me notou fazendo isso, me encarava de volta.

Os outros dois homens que pareciam gêmeos estavam entretidos em uma conversa com outros homens bem mais velhos e era evidente que discutiam negócios, enquanto o terceiro que me flagrou observando, sorriu e acenou para mim, como se me conhecesse. Senti minhas bochechas pegando fogo e desviei meu olhar, voltando para os meus afazeres.

Poucos minutos depois, foi possível ouvir uma movimentação vinda do lado de fora do palacete, com luzes azuis e vermelhas, e um barulho de sirene. A primeira coisa que vem à minha mente é alguma brincadeira de mau gosto vinda dos Reis e, se fosse esse o caso, eles realmente passaram dos limites. A movimentação se torna ainda maior e os convidados começam a comentar entre si. Busco com o olhar minha tia, e posso ver o desespero em seus olhos, o que quer que esteja prestes a acontecer acabaria com a festa. Vários policiais entram e começam a procurar alguém, logo percebo que é minha tia, pois um deles se aproxima e disse:

— Tenho um mandado de prisão para Deusa Carrilho e suas três filhas, Bianca, Sabrina e Julia Carrilho, pelos crimes de sonegação de impostos, dívidas acumuladas em mais de cem mil dólares, e por ignorar várias notificações da Receita Federal que receberam nos últimos cinco meses!

Minha tia estava pálida como um fantasma, com os olhos arregalados, e a respiração ofegante. Eram acusações muito graves, e feitas diante de tantas pessoas ricas daqui de Charlotte, conhecida por ser a maior cidade da Carolina do Norte e de outros lugares também, eu suponho. Um verdadeiro escândalo. Minhas primas saíram de seus quartos para ver o que estava acontecendo. Até o momento ninguém havia as visto antes, e estavam lindas, deslumbrantes mesmo.

— Isso... Isso é um absurdo! Essas acusações são falsas! — Minha tia tentou, mas não precisava ser a pessoa mais inteligente do mundo para ver que estava mentindo.

— Senhor policial, por favor, deve estar havendo algum engano... O que está acontecendo? — decidi intervir e tentar entender toda a situação.

— Quem é você? — o policial pergunto.

— Sou Cloe Carrilho, sobrinha de Deusa Carrilho, senhor. Pode me explicar o que houve? — perguntei, e o policial me entregou uma papelada para que eu pudesse ver.

— Parece que sua tia vem cometendo crimes, como sonegação

fiscal e estelionato há um bom tempo. Ela se afogou num mar de dívidas e deixou essa casa como garantia. Agora que já não tem mais nada, ainda resolve dar uma festa, engraçado isso, o que será que ela está comemorando? — disse com ironia. — As dívidas estão no nome dela e de suas três filhas e, como se recusaram a comparecer nas audiências para negociação de um acordo. As quatro acusadas permanecerão sob a custódia do Estado em um presídio feminino aqui na Carolina do Norte aguardando até o julgamento e posterior sentença.

Eu não pude acreditar no que estava ouvindo. Sempre soube que minha tia era uma sedenta por dinheiro, mas que ela é capaz de cometer um crime? Como ela pôde ir tão longe? Até onde pode ir a ambição de um ser humano. Não sei por que me ocorreu aquele pensamento, mas eu não podia deixar a situação daquele jeito, afinal, ela é minha tia, minha única parente de sangue que eu tenho conhecimento, se eu pudesse fazer alguma coisa, eu iria fazer. E eu já tinha uma ideia maluca, mas não deixava de ser uma ideia.

— Tem alguma forma de elas não serem presas agora? — perguntei. Os convidados ainda assistiam a tudo.

— Só se tiver cento e noventa mil dólares para pagar de fiança — um policial falou.

Como um raio uma ideia passou pela minha cabeça e me lembrei de uma coisa importante naquele momento, como num desenho animado, quando uma lâmpada se acende em cima da cabeça de alguém. Meus pais me deixaram uma herança. A nossa casa foi vendida e juntamente com algum dinheiro que eles tinham guardado, o valor por todos esses anos este no banco, com certeza, cobriria o valor da fiança. No dia seguinte, providencialmente, pela primeira vez, eu teria acesso a esse dinheiro que até hoje esteve em um fundo rendendo pelo que entendi. Me voltei de imediato para tia Deusa:

— Tia, a herança que meus pais deixaram para mim! — Ela me olhou com certa hesitação. — O dinheiro pode pagar a fiança. Eu empresto para senhora, para não precisarem ser levadas desse jeito. Pode usar.

Minha tia permaneceu muda. Não entendi a incredulidade que via agora em seus olhos.

— Por que não quer aceitar? Eu não me importo, pode usar o dinheiro — falei mais uma vez, deixando que o medo nos olhos da minha tia começasse a me assombrar também — O que aconteceu? Por que você não falou nada?

— Porque sua herança foi gasta há muito tempo — o policial, que parecia ser o responsável pela operação, disse.

Foi como levar um soco no estômago. Eu nunca pensei nesse dinheiro, mas sempre mantive, mesmo que inconscientemente, a

existência dele na mente, e sabia que um dia contaria com ele, mas saber que ele foi gasto desse jeito... meu dinheiro, meu por direito e que nunca chegaria até mim. Minha tia me roubou tudo, meus sonhos, minha liberdade, minha vida e agora a herança que meus pais me deixaram. A raiva que crescia dentro de mim eu nunca tinha sentido antes.

— Se você olhar nessa página — o policial me mostrou no papel —, há várias transações bancárias feitas numa conta no nome de Cloe Conceição Carrilho, ou seja, você. Apenas saques, retirando o valor aos poucos, para não levantar suspeitas. Aproximadamente trezentos e cinquenta mil dólares. Porém, se tivesse sido preservado em um investimento, esse valor seria bem maior. Infelizmente, a justiça confiou sua herança à pessoa errada, pelo visto.

Ouvir aquelas palavras devastadoras era como estar em um pesadelo, mas acordada. Tudo que meus pais me deixaram agora também se foi. Eu estava disposta a pagar a fiança e ajudá-las e realmente teria feito isso., porque elas eram meu sangue.

— Como você pôde? — Me virei para minha tia. — Como foi capaz de gastar um dinheiro que não era seu? O que eu fiz para você, afinal? — Todos me olhavam, mas minha atenção estava apenas em minha tia. Eu comecei a falar alto, e os sentimentos que estavam em mim precisavam ser colocados para fora. Olhando nos fundos dos olhos de tia Deusa, eu disse o que deveria ter dito há quase dez anos:

— Tenho vergonha de ser da sua família, e odeio você! SEU MONSTRO!

— O que você acabou de falar? — minha tia finalmente falou.

— MONSTRO! — gritei para que todos pudessem me ouvir. — Você é, sem dúvidas, um dos piores seres humanos que existe, eu não consigo imaginar como alguém pode ser tão mesquinho e baixo como você, tão vazia, que se resume apenas ao desejo de dinheiro e de status.

— Como ousa falar desse jeito com a mulher que te deu um teto quando mais ninguém queria você? — Sabrina veio na defesa de sua mãe.

— Eu falo como ela merece ouvir, aliás, vocês quatro merecem, pois chegam a me dar nojo, suas fúteis! Vocês tiraram tudo que eu tinha, meus sonhos, minha liberdade e agora minha herança, que era minha por direito!

O clima era pesado. Me senti como num espetáculo onde todos olhavam para mim, esperando o próximo ato. Se aquilo realmente fosse um show para todos verem, eu era a palhaça da vez, mas agora, eu tenho a certeza de que nunca mais serei feita de idiota por elas.

O certo seria processar vocês, mas para que? Vocês já se afundaram no próprio mar de merda que vocês são! Espero nunca

mais ver a cara de vocês, e podem ficar tranquila que não vou cobrar nada do que obviamente me devem, mas uma coisa eu afirmo, tudo que fizeram por mim, nos últimos nove anos, ainda há de voltar para vocês! — mais uma vez eu gritei, a raiva tomando conta de mim, o ódio reprimido durante todo esse tempo finalmente sendo colocado para fora.

Os policiais, mais uma vez, voltaram a conduzir as quatro para a viatura até que minha tia mais uma vez demonstrou resistência e, olhando nos meus olhos, disse:

— Pode nos desejar o mal o quanto quiser, e não ligo que não me cobre, eu não tô nem aí para você, principalmente porque sei que você nunca vai saber a verdade sobre seus pais e sua família!

Suas palavras me atingiram mais do que eu poderia prever, fazendo com minha expressão mudasse de raiva para medo. A última imagem que tive da tia Deusa foi o seu sorriso vitorioso sendo levada para fora do palacete. Ela nunca, nem nos meus aniversários, nem no Dia de Finados, Dia dos Pais, das Mães, não houve sequer um dia que minha tia foi capaz de, ao menos, insinuar a existência dos meus pais. Por que ela foi dizer aquilo, assim, do nada? Qual é a verdade que envolve meus pais a que ela se referiu? Existe alguma realmente? Ou essa foi apenas a última tacada de tia Deusa para que eu não fosse embora e tentasse de alguma forma tirá-la da prisão? Enquanto pensava sobre isso, me vi completamente sozinha dentro do palacete, todos os convidados haviam desaparecido, o pessoal do buffet foi embora no momento que a confusão começou, e a polícia apenas isolou a casa e foi embora também. A casa estava decadente, escura, e por mais que estivéssemos no meio do verão, ela também estava fria. O silêncio tomou conta de tudo, exceto da minha cabeça, que parecia que a qualquer momento iria explodir. Tudo aconteceu tão rápido, de um jeito tão irreal, que meu olhar se encontrava perdido, assim como eu me sentia.

Fiquei parada ali mais um tempo, sem olhar para nada específico, apenas refletindo, até que me cansei de ficar daquele jeito e fui para o meu quarto, embaixo das escadas. Eu estava em piloto automático, sem saber ao certo o que estava fazendo, pensando ou sentindo. Juntei tudo que era meu, tudo que ainda me sobrou: meus documentos, o livro de receitas que um dia foi de minha avó, antes de ser do meu pai e que finalmente havia sido deixado para mim, uma única foto que tinha com os meus pais, algumas roupas, livros, a carta de contratação e meu celular. Tirei aquela roupa ridícula de garçonne e soltei meus cabelos, deixando que meus cachos finalmente pudessem respirar. E saí andando na direção da casa dos Reis, que estavam do lado de fora, olhando para o palacete, provavelmente acompanharam toda a confusão do quintal de sua casa.

— Estamos orgulhosos de você! — Ronaldo começou.

— Exatamente. Não temos ideia do que aconteceu, mas ouvimos seus gritos daqui, certeza que brilhou — Ricardo completou.

Mas logo eles se calaram ao ver meu estado, ficaram sérios e não disseram mais nada, em vez disso, apenas me ajudaram com a minha pequena mala, me conduziram até o sofá de sua casa e trouxeram água para mim. Eu nada disse, apenas deixei que eles fizessem tudo. Quando finalmente se instalaram, sentados a minha frente, esperando que eu dissesse algo, eu apenas chorei. Eu parecia uma criança, chorando sem parar muitas vezes naquele mesmo dia, esse maldito dia. Os Reis se aproximaram de mim. Um segurou minhas mãos, enquanto o outro me fazia carinho nas costas, e o terceiro me deu um abraço de lado. Eles ficaram comigo desse jeito até que eu conseguisse me controlar pelo menos. Quando finalmente viram que eu me acalmei, eles me deixaram e voltaram para o lugar que estavam.

— Não precisa nos dizer o que aconteceu. Só queremos que fique bem — Rafael falou.

— Eu vou contar, só me deixe recuperar o ar — falei entre os soluços. Quando finalmente consegui me acalmar, contei a eles tudo que aconteceu. E por mais que o momento não fosse apropriado, era quase impossível não rir das caretas que faziam a cada informação nova que eu lhes dava. Verdadeiramente é impossível ficar triste perto deles. Quando terminei meu relato, as perguntas explodiram:

— Você sabia que tinha uma herança tão grande assim? E por que nunca contou pra gente? — Rafael começou.

— Sua tia foi presa na frente de todo mundo? — foi a vez do Ronaldo perguntar.

— A Julia foi presa também? — Ronaldo parecia preocupado realmente ao fazer essa pergunta, mas logo completou: — E ela ficou muito gata com o vestido bordô que comprou pra usar hoje à noite?

— Vamos por partes — os interrompi. — Primeira pergunta: eu sabia que as economias dos meus pais, somado ao valor da venda da nossa casa, que apesar de simples, eu amava, estaria disponível para mim a partir do meu aniversário de vinte e um anos, mas não sabia quanto era a quantia. E acho que nunca comentei nada porque preferia nem pensar nesse dinheiro. Ele sempre seria uma lembrança da perda da minha família.

Respirei fundo e senti a mão de Ricardo segurar a minha, em um gesto de conforto.

— Acho que se não fosse o dinheiro que o pai de vocês me dava em agradecimento a tomar conta de vocês quando eram menores, eu nunca teria dinheiro nenhum comigo e não poderia ter realizado pequenos sonhos como emitir meu passaporte. Sempre quis ter o meu, por mais que nunca tenha saído daqui do país, é bom saber que ele

está lá na casa de vocês bem guardadinho.

Foi a vez de Ronaldo intervir, atrevido:

— Mas agora você terá a chance de ter um monte de carimbos nele. É só querer. E quando estourarmos nas paradas de sucesso, como a Billboard, e formos a revelação do The Best Singer, você vai nos seguir por todos os aeroportos do mundo como nossa fã número um por dezenas de países.

Eu ri da autoconfiança dele ao fazer referência àquele programa musical muito famoso que já havia revelado ao mundo dezenas de cantores talentosos. Nas raras oportunidades de tempo livre aos sábados, sempre que dava assistíamos juntos às apresentações e eu via no olhar deles o quanto os 3Reis sonhavam em estar naquele palco.

— Ainda não sei, meninos. Isso tudo que aconteceu é tão... — balanço a cabeça como para me fazer enxergar alguma lógica naquilo na minha situação atual — Enfim, voltando a responder a segunda pergunta: sim, foi uma humilhação em público, mas ela mais que mereceu. E terceira pergunta: não me obrigue a responder esse disparate sobre a Julia.

— Sua história é tão maluca, com todo respeito é claro — Ricardo falou — Você poderia escrever um livro se quisesse, com certeza é bem mais interessante que muita coisa que faz sucesso por aí — completou.

— Acredito que ela seja bem mais interessante de ser ouvida do que ser vivida. Não aguento mais não ter lugar no mundo, me sentir vazia, sem passado e sem perspectiva de futuro — falei.

— Acha que é verdade o que sua tia disse sobre os seus pais? — Ronaldo me perguntou e, depois de refletir um pouco, respondi:

— Não importa mais se é verdade ou não, eu provavelmente nunca vou saber o que é e, também, não importa mais. Nada mais importa, minha vida perdeu o sentido.

— Não diz isso, Cloe! A gente entende que esse, provavelmente, é um daqueles momentos punks que alguém pode passar, mas não permita que isso defina como será a sua história daqui pra a frente — Rafael comentou.

— Eu sei que se sente perdida agora, mas seu tormento está prestes a ter fim, pois agora nada mais te prende aqui, e você tem como obrigação abraçar a oportunidade que a vida te deu e ir embora daqui se encontrar — Ricardo aconselhou.

— Não permita que as maldades delas roubem o brilho que você tem, e não se sinta culpada por ir atrás de sua felicidade. E quanto a nós, não se preocupe, nos veremos por esse mundo quando formos muito famosos — Ronaldo completou.

Suas palavras tocaram meu coração, e eles estavam certos, eu deveria ir. Não havia mais nada que me prendesse àquela cidade, a

não ser esses três maluquinhos, mas agora eu precisava fazer isso por mim, eu tinha que me dar essa chance. Quando sentiram que eu estava à beira das lágrimas, me deram uma espécie de abraço em grupo, e assim ficamos. Deixei todo o amor e carinho que tinha por eles saírem naquele abraço, e pela primeira vez, vi os irmãos Reis chorarem, eles sabiam que aquilo era um adeus.

— Vocês são as pessoas mais lindas que existem nesse mundo. Nunca se esqueçam disso! O mundo já é de vocês, é só uma questão de tempo até o conquistarem. E nunca se esqueçam do quanto torço por vocês e do quanto amo vocês!

— IDEM! — os três responderam em coro no meu ouvido.

Arrumamos nossas camas e decidimos dormir ali na sala mesmo. Sem que eles soubessem, coloquei o celular para despertar às três da madrugada, pretendia ir a pé para meu destino, já que não tinha dinheiro, e a embarcação estava cerca de quinze quilômetros de distância dali. Então era oficial. Vi-me obrigada a viver uma nova vida. Os meninos logo apagaram, mas minha mente não me permitiu tal luxo, ela continuou ligada, pensando em tudo que aconteceu, desde a última lembrança com os meus pais, a notícia de suas mortes, a médica que me fez companhia, dona Meridiana, os Reis, tudo. Não importa que eu não saiba o começo da minha história, eu tive o prazer de encontrar pessoas incríveis, e o desprazer de encontrar pessoas igualmente horríveis, e a soma de todas elas fez de mim quem sou, e agora cabe a mim escolher decidir o que fazer com a minha vida.

Assim que o celular vibrou embaixo do meu travesseiro, me dizendo que era a hora de ir, eu me levantei com a maior calma do mundo. Conferi minhas coisas, dei um beijo na testa de cada um dos meninos, e saí devagar. Antes de fechar o portão, ouvi a voz de Rafael atrás de mim:

— Essa vai ser nossa despedida?

— É mais fácil assim, e você sabe disso. — Falei.

— Os meninos vão brigar comigo por isso, mas não importa, iríamos entregar a você amanhã de manhã, na sua despedida, mas já que está indo, fizemos isso para você — disse, me entregando um MP4.

— *Old school* — brinquei com ele.

— Apenas uma lembrança, fizemos ontem à noite, para você ouvir lembrando da gente.

Eu peguei o aparelho de sua mão, e Rafael me puxou para um abraço, pude sentir que ele estava chorando outra vez.

— Prometa que nunca se esquecerá da gente! — pediu.

— Nunca! — respondi, olhando em seus olhos. — Agora entre, não quero que me veja ir embora.

Ele concordou com a cabeça e entrou. Quando tive a certeza de

que não voltaria, dei as costas e fui embora com o coração apertado e incapaz de controlar as lágrimas. Saí de nossa rua e dobrei a esquina, indo em direção ao porto mais próximo da Carolina do Norte. Depois de uns quinze minutos caminhando, resolvi ouvir o que estava naquele MP4. Era uma gravação de uma das minhas músicas favoritas: *Wait*. A voz deles me lembrava das vozes de anjos. Eram isso que eles eram para mim, verdadeiros anjos. Continuei caminhando mantendo em mente o que eles me diziam naquela música:

“Send your dreams where nobody hides, Give your tears To the tide, No time... No Time... There's no end. There is no goodbye. Disappear With the night, No time... No time...”



CAPÍTULO 4

Cloe

Cloe

De volta ao início. Com o sol se pondo diante dos meus olhos, via o magnífico Netuno, nome do navio que dentro de poucas horas partiria em direção ao Mediterrâneo, sentindo a leve brisa do mar e o ar fresco do verão. Era impossível não se deixar levar pelo momento e apenas admirar toda a vista, sentido a emoção, o medo, a alegria de estar ali. É claro que os mil e um sentimentos que tive nas últimas horas ainda insistiam na minha cabeça, mas, nem que seja por alguns minutos, me dei ao luxo de apenas viver o agora.

Depois de um tempo admirando toda aquela grandiosidade, de conferir as horas e ler a mensagem dos Reis, a essa altura, eu nem lembrava que dia era, já que infelizmente foi ensinada desde muito cedo que aniversários não são importantes, pelo menos o meu não era. Mas não quero mais pensar nisso agora, não quero nenhum pensamento voltando ao que eu já fui, era hora de coisas novas, e amo pensar que esse novo começo é logo no dia do meu aniversário. Atravesso com certa dificuldade aquele pequeno aglomerado de pessoas tentando, sem sucesso, não esbarrar em ninguém, e o mais difícil, não ser barrada por todos. Ando muito pouco até conseguir

chegar à entrada do navio. Dois homens com ternos pretos e caxangás na cabeça faziam uma espécie de conferência. Tinham *tablets* nas mãos e eram extremamente sérios. O pensamento que me ocorreu foi a clássica cena do filme *Titanic*, só que dessa vez mais moderno. Guardei minha piada sem graça só para mim e fui falar com eles.

— Com licença, eu recebi uma carta dizendo que...

— Nome? — um dos homens me interrompeu. Parecia que muitos deles não gostavam de perder tempo.

— Cloe — respondi, e depois de alguns segundos olhando para o *tablet*, o homem levantou seu olhar sem encontrar o meu, parecia irritado, até que finalmente me olhou.

— O resto, você está esperando que eu adivinhe ou está tentando me contar por osmose?

Ele foi um grosso, mas, de certa forma, não estava errado, me senti uma idiota.

— Ah, é claro! Desculpe! Cloe Conceição Carrilho.

O homem voltou a procurar e uma ansiedade muito estranha tomou conta de mim. De tanto acreditar que deveria fazer aquilo, acabei esquecendo que o belíssimo currículo que me colocou naquele navio magnífico não passava de uma mentira. E se eles soubessem disso? Ou se eu precisasse fazer algum teste ou coisa assim? Ou se mandaram por engano e esqueceram-se de me avisar, e agora terei de ficar na Carolina do Norte e sabe-se Deus com o que me esperando? Enquanto todas essas perguntas fervilhavam na minha cabeça, o homem abriu a pequena porta de madeira que nos separava.

— Seu nome está aqui! Bem-vinda à equipe. Suba e vire à direita.

Mal tive tempo de agradecer, pois outra pessoa atrás de mim já estava falando seu nome completo, provavelmente escutou a vergonha que eu acabei de passar. Fui subindo com certo frio na barriga, não por ansiedade propriamente, mas porque nunca subi em uma embarcação antes, e nunca havia parado para pensar que isso poderia ser um problema.

Dava para contar as vezes que fui à praia e vi o mar, e todas essas experiências não foram as mais belas e mais profundas, na verdade todas elas foram bem limitadas, a ponto de nunca ter de fato mergulhado no mar. A verdade é que a lista de experiências que tive até hoje é incredivelmente curta, há tanto para viver e sentir que, de forma estranha, eu sinto que farei tudo isso estando a bordo do Netuno.

Ao subir no convés, percebi que estava vazio, totalmente vazio. Achei aquilo um pouco estranho, esperava encontrar muitas pessoas, com funções iguais e funções diferentes das minhas, mas não, lá estava apenas eu. O navio balançava um pouco, dando uma sensação

estranha de instabilidade, uma sensação da qual, de cara, eu não gostei. Parando para pensar um pouco, uma viagem em um cruzeiro pode ser algo bem perigoso. O mar predomina mais da metade do planeta, é inacreditável como foi tão pouco explorado até hoje, não dá para saber o que essas profundezas escondem ou pelo menos sua real profundidade pelo menos.

Eu tenho que admitir, estava com medo. Medo do mar e medo daquele navio, não fazia cinco minutos que eu estava lá e já estava desesperada, sentindo que o mais certo a se fazer era desistir daquela loucura de uma vez. Passou algum tempo e, mesmo vendo que pessoas subiam a todo instante, eu ainda me via só. Talvez fosse pela direção que tomei e, por estar só, comecei a duvidar sobre a instrução que recebi. De todos os problemas que eu obviamente tenho, acho que a insegurança é o que mais grita agora, e o primeiro que preciso aprender a resolver.

Caminho até o outro lado, tendo uma visão exclusiva do mar. Precisava me acalmar e parar de fazer meus problemas muito maiores do que realmente são. Tentei ignorar o medo que senti ao estar na beirada e foquei apenas na bela visão que tenho. Aquela mistura de medo com admiração me fez pensar que talvez a beleza da vida estivesse nisso: o que pode, muitas vezes, nos assustar é talvez o lugar onde viveremos de verdade. E o que importa todos esses problemas? Esses medos? Quantas pessoas têm a chance de começar de novo, como eu estava fazendo agora?

É claro que há muitas questões, mas, diante da vastidão do mar, da beleza que meus olhos podem admirar e das oportunidades que posso sonhar, é tolice não as desejar apenas por medo. E por mais que eu esteja completamente sozinha agora, nada além de uma pequena bagagem e meias-verdades, e meus sentimentos e receios me forcem a isso, de uma coisa eu tenho certeza: vou fazer essa loucura funcionar, de alguma forma vou aproveitar como posso estar aqui e, principalmente, eu não vou ter medo, pelo menos não mais!

Por alguma razão que não sei explicar, a música sempre se fez presente em mim, como se fosse uma forma de dizer ao mundo o que sinto e quem eu sou. Nunca pude usufruir de uma boa educação a ponto de aprender sobre música, como criá-las, ou apenas escrever sobre o que carrego, então apenas me limito naquilo que outras pessoas dissem, roubando suas inspirações e sentimentos. Sempre me caíram muito bem e sempre me identifiquei com o que diziam. Olhei de um lado para o outro e não vi ninguém, achei que talvez fosse o momento de me expressar e cantar um pouco.

Por que eu o fiz? Não sei dizer, eu não pretendia cantar alto, ou pensar que estava num filme da Disney, quando as princesas, literalmente do nada, começam a cantar. Mas às vezes tenho essa

mania, não consigo apenas ouvir, preciso dizer o que escuto, canalizar de dentro para fora. E nessa mistura de tudo que eu carregava, esses dois lados entre alegria e tristeza, medo e coragem, sim e não, quase me vejo na obrigação de o fazer. Escolho a música e com os fones de ouvidos, ou melhor, apenas um dos fones, me deixo ser tocada por suas palavras.

— *“It’s 4 AM, I can’t turn my head off wishing these memories, would fade, they never do...”* — começo, sentindo cada palavra saindo de mim. — *“Turns out people lied. They said: just snap your fingers, as if it was really that easy, for me to get over you...”*. — A lembrança de tudo que passei por todos esses anos, com minha tia e minhas primas me toma a mente. — *“I just need time”* — Apenas fecho meus olhos e me deixo levar. — *“Snapping, 1, 2 Where are you? You’re still in my heart. Snapping, 3, 4 Don’t need you here anymore. Get out of my heart ‘Cause I might snap...”*. — Chega a ser engraçado como algumas palavras são escritas em um conjunto que parece ter sido feito apenas para nós, para dizer aquilo que carregamos. — *“I’m writing a song. Said: This is the last one, but how many last songs are left? I’m losing count...”*. — Percebo que estou, aos poucos, me soltando e talvez cantando um pouco mais alto do que quando comecei, mas eu ainda estava sozinha e me deixei levar pelo momento. — *“Since June 22, my heart’s been on fire. I’ve been spending my nights, in the rain trying to put it out...”*. — E mais uma vez volto para o refrão, cada vez mais apaixonada pela música. — *“And if one more person says: you should get over it. Oh, I might stop talking to people before I snap, snap, snap! Oh, I might stop talking to people before I snap...”*.

— Essa é realmente uma música muito bonita, e olha que não costumo gostar de primeira assim! — Ouço uma voz masculina atrás de mim. Aquele foi de longe o maior susto que levei em toda minha vida, fazendo eu me calar totalmente e sentir minhas bochechas pegando fogo. — Santo Deus! Perdoe-me, não tive a intenção de deixá-la sem graça, por favor, continue — o homem insistiu. Finalmente criei coragem para virar e encarar seu rosto, e pude ver que se tratava de um homem mais velho, sessenta anos eu chutaria, seu olhar era cansado, mas ainda expressava gentileza. Estava vestido como os homens que autorizaram minha entrada, porém, a única coisa que diferenciava era sua cobertura.

— E-eu não deveria estar cantando, nem sei por que fiz isso. Desculpe-me. Isso não vai acontecer de novo — disse, vendo como minha ideia foi boba, e me sentindo ainda mais envergonhada, acho que ele fosse rude comigo, eu não estaria tão sem graça quanto agora.

— Ora, não precisa se desculpar, sua voz é belíssima, estava sendo ótimo ouvir você. Qual é o seu nome?

— Cloe Conceição Carrilho — resolvi dizer o nome completo,

nunca se sabe.

— Cloe Conceição! É um belo nome, mas com excesso da letra C, eu diria — o homem comentou de uma maneira simpática. Estava tentando ser gentil e amenizar o fato de que me assustou. Ele era um verdadeiro estranho, mas, por alguma razão, sua presença me trazia segurança. Apenas sorriu de volta, tentando não parecer tão tensa quanto eu me sentia.

— Qual é o seu nome? — perguntei.

— Pode me chamar de Giorgio. É a sua primeira vez em um transatlântico?

— É, sim. Na verdade, é a minha primeira vez em muitas coisas, estou um pouco nervosa, acho que tenho um pouquinho de medo do mar — disse e não precisei de cinco segundos para me arrepender disso. Acabei de revelar uma informação crucial que poderia me custar caro, ele obviamente trabalhava no navio, mas não tinha ideia de qual cargo ele pudesse ocupar. Ele poderia ter o poder de me demitir e eu disse esse tipo de coisa, eu realmente deveria começar a pensar antes de falar.

— Não há o que temer, minha querida, Netuno é um navio incrível e sem dúvidas um dos mais seguros que já vi. Tudo correrá bem, e se sentir que seu medo irá tomar você, segure bem forte um pedaço de gelo, isso irá lhe distrair — O Sr. Giorgio disse. Era impressionante como ele me passava calma e tranquilidade, e algo me dizia que ele estava igualmente confortável. — Além disso, para o que precisar você, pode vir falar comigo, em qual área você irá trabalhar aqui?

— Faço parte da equipe de camareiras — respondi.

— Então irá trabalhar com a minha esposa.

— O senhor é casado? — perguntei.

— Há quase quarenta anos. Elisabetta e eu nos conhecemos numa dessas viagens e estamos juntos até hoje — Sr. Giorgio falou e, por alguma razão, seu olhar pareceu se perder, como se aquele assunto fosse complicado. Achei que fosse melhor não me aprofundar muito então.

— Então o senhor trabalha em transatlânticos há bastante tempo.

— Sim, foi uma paixão que surgiu na adolescência e decidi fazer dela minha profissão. — respondeu.

— Qual a função que o senhor exerce? — perguntei, curiosa.

Sr. Giorgio não teve tempo de ouvir, pois uma mulher tossiu propositalmente atrás de nós, chamando nossa atenção. Diferentemente dele, a mulher tinha expressões duras, de modo que chegava a me causar medo. Ela me olhava tão profundamente que cheguei a pensar que já me odiava logo de cara.

— Vejo que já está aumentando seu círculo de amigos — a

mulher disse, porém, não sabia dizer se para mim ou para o Sr. Giorgio.

— Essa é a minha esposa — ele apresentou. — Eu estava contando a ela sobre como nos conhecemos. — Ele se virou para ela, que o ignorou totalmente, pois ainda me fitava, mas agora parecia que com mais ódio ainda.

— É claro. — Elisabetta falou — E você é...?

— Me chamo Cloe, sou da equipe de camareiras.

— A reunião de camareiras começará em três minutos, e você deveria estar do outro lado do navio — a mulher disse. Fiquei sem reação, não poderia chegar atrasada, ou melhor, eu nem deveria estar ali para ser sincera. — Você ainda está aqui? Vai logo! — a mulher disse ríspida.

— Mas eu não sei onde...

— Vá na direção oposta a que veio e achará um grupo de meninas. Sabe o que é direção oposta? — Concordei com a cabeça. — Pois bem, acredito que não, já que ainda está aqui.

Virei-me para a direção de onde vim e andei depressa, quase correndo. Elisabetta era grossa e irônica, de alguma forma, tinha algo nela que me lembrava tia Deusa, uma péssima lembrança. Vou andando tão depressa, tentando não a comparar com minha tia, até que me virei para trás apenas para ver que ela ficou para conversar com o Sr. Giorgio, esperava que nossa conversa não tivesse lhe causado confusão, infelizmente hoje em dia todos veem maldade em tudo, e ele não pareceu ter segundas intenções comigo em momento nenhum.

O problema era que continuei andando e olhando para trás, uma maneira perfeita de bater com tudo em alguém, exatamente como eu fiz. Só que foi uma batida tão forte que me fez desequilibrar para trás e bater com tudo na mureta do navio. Bati forte o suficiente para sentir meu corpo sendo puxado para trás: eu ia cair. Não para fora do navio, mas perdi o equilíbrio e iria cair de costas no chão.

Sinto um par de mãos firmes me segurarem pelos pulsos e, pelo calor do momento, o homem que me segurava está mais próximo do que geralmente deveria. Tinha os cabelos castanho-claros e olhos de mesma cor, sua barba era particularmente grande e usava roupas casuais, não dava para saber se trabalhava no navio, ou não. Outro detalhe interessante era que notoriamente passava um tempo considerável se exercitando, pois seus músculos eram grandes e definidos. Era muito bonito, nunca havia visto um homem tão bonito tão perto de mim antes. Mas nosso momento próximo logo passou, pois ele se afastou de repente e, ainda me segurando, disse:

— Você não tem noção de que isso é um navio, não o pátio de uma escola? Aqui não é lugar de correr, muito menos de não prestar

atenção nas coisas! Talvez eu deveria ter deixado você cair, dessa forma, talvez se lembrasse de não correr olhando para trás — gritou comigo e suas palavras eram duras. Não esperava ser tratada tão mal por tantas pessoas em tão pouco tempo, aquilo não era justo. Quase senti as lágrimas virem, mas aquele definitivamente não era o momento de chorar. — Que isso te lembre de duas coisas: a primeira é que quem trabalha neste navio nunca poderá se comportar de forma inadequada, e a segunda coisa que sempre deve se lembrar é de ficar fora do meu caminho. Entendeu, menina? — completou e nem era como se esperasse por minha resposta, porque me soltou bruscamente e seguiu em direção oposta à minha, me deixando lá plantada, sem entender nada.

Era tudo muito novo, principalmente as pessoas, nunca lidei com várias pessoas ao mesmo tempo, mas já pude fazer uma média com as que lidei, e duas a cada três pessoas que conversei eram grossas e hostis, um número particularmente desanimador. Tentei me recuperar, mas era difícil, depois do que aquele homem me falou, continuei indo na direção que Elisabetta indicou, dessa vez sem correr, já que, de um jeito ou de outro, eu teria problema, se não corresse, certamente chegaria atrasada e, se corresse, eu teria uma grande chance de acabar fora da embarcação. Para todos os efeitos, prefiro continuar dentro do Netuno.

Não precisei de muito para logo encontrar o grupo de pessoas que Elisabetta disse. Por sorte, ela ainda não estava lá e, por azar, parece que não seria ela a responsável por começar a reunião. Uma jovem muito bonita, com um *tablet* semelhante ao que os homens seguravam, estava à frente de todos, falava ao telefone e parecia apressada, acho que eu não era a única atrasada e, por sorte, minha chegada passou despercebida. Era possível que algumas pessoas já se conheciam, ou pelo menos estavam tentando se conhecer, pois havia certos grupinhos aqui e ali.

— Eu sei, essa é a pior parte, porque, além de não conhecer ninguém, você não faz ideia de como se aproximar, estou certa? — uma mulher me disse. Era uma menina praticamente, se fosse mais velha que eu, não chegaria a dois anos, era loira e tinha os olhos azuis. Parecia empolgada por estar ali.

— Acho que sim. Você é nova aqui? — perguntei.

— Sim e não. Trabalho de camareira desde os dezoito, mas é uma longa história. Já para essa empresa é a primeira vez, mas disseem que é a melhor do mundo. E você?

— Primeira vez em literalmente qualquer coisa que você pensar — respondi e, para minha surpresa, ela achou engraçado.

— Essa sua frase é bem sugestiva — falou com um sorriso malicioso, e eu levei alguns segundos até entender o duplo sentido e

sentir minhas bochechas ficarem quentes. — Não precisa ficar sem graça, eu entendi você. Me chamo Penélope. Penélope Tiziana. E você é a...?

— Cloe. Cloe Carrilho.

— Italiano. Gostei. — Eu não sabia o que esperar das pessoas, mas Penélope me pareceu legal, pelo menos estava tentando ser. — Bom, pelo menos nossa parceria já conseguimos fazer e agora ao menos uma pessoa eu já posso dizer que conheço. Passaremos bastante tempo juntas, e penso que, se não tiver nenhum amigo ou coisa assim, essa viagem vai ser um tédio. Você disse que é sua primeira vez para qualquer coisa que eu pensar... vai me dizer que é sua primeira vez em um transatlântico?

Antes que eu tivesse a oportunidade de concordar, a mulher que antes falou ao telefone disse:

— Atenção, todos! Antes de mais nada, gostaria de parabenizá-los por conseguirem ingressar na equipe Porto Real. Somos uma família agora e é assim que todos devem se sentir. Meu nome é Mérida Crispim e faço parte dessa família há muito tempo. Agora eu vou lhes explicar tudo que vocês precisam saber sobre a empresa Porto Real e sobre essa viagem que começa em poucas horas. Vamos lá!



CAPÍTULO 5

Cloe

Cloe

— A Companhia Porto Real de Cruzeiros existe há quase um século. Sua história começa no final dos anos setenta, fundada por Salvatore Porto Real, um homem de visão, que acreditava que o mundo todo poderia se tornar mais próximo através do mar. Trabalhou com transportes marítimos por vários anos e, cerca de quatro anos atrás, seu filho Gaspar assumiu o comando da empresa após sua morte e decidiu ampliar a empresa ainda mais. Ele teve a ideia de criar uma rede de navios de luxo, que fariam viagens por todo o planeta. Infelizmente, graças a pandemia por conta da covid-19, esse sonho teve de ser adiado, mas agora aqui estamos, no maior e mais tecnológico navio do mundo — Mérida começou seu discurso.

Todos se alinharam na frente dela e faziam absoluto silêncio, prestando atenção no que dizia, como se fosse a coisa mais importante do mundo. Eu não conseguia manter o foco por muito tempo, mas dessa vez era realmente preciso, já que o que quer que ela fosse dizer, com certeza, me orientaria e seria o máximo que eu teria para “aprender” sobre o que é ser uma camareira.

— O Netuno foi desenvolvido para dar o maior conforto possível

a seus passageiros. Dentre todos os confortos que podemos citar, os principais são: SPA, academia, aulas de natação, shopping dentro do navio, área kids, simulador de paraquedas, áreas de lazer com escaladas, surf, cama elástica com óculos de realidade virtual e carrinhos bate-bate e o observatório com cem metros de altura que dá acesso a uma visão completa do navio. Nosso restaurante é aberto vinte e quatro horas, e o grande diferencial do Netuno são suas apresentações. Contaremos com shows e festas todas as noites, porém, uma vez por mês será realizado uma festa com um tema diferente, todos do navio, incluindo os funcionários, usarão roupas exatamente iguais, que mudarão apenas de acordo com o tema da festa. Mas não irei me estender muito sobre isso, estou aqui apenas para repassar as informações principais que vocês precisam ter.

Não dava para negar, aquele lugar era um sonho. Mesmo sendo apenas uma simples camareira, eu já estava encantada e muito feliz por estar ali, parecia ser um ótimo lugar para se estar.

— Outra coisa muito importante que vocês precisam saber: é extremamente proibido qualquer tipo de relacionamento, principalmente afetivo, entre funcionários e passageiros. Funcionários podem se relacionar com outros funcionários, contudo, apenas em dias de folga, e apenas quando estivermos em terra firme, do contrário, quem for pego comprovadamente burlando essa rígida regra de conduta no Netuno sofrerá severas consequências — falou era séria e bastante clara, o suficiente para me fazer ficar assustada. Uma coisa que me chamou a atenção é que algumas pessoas, inclusive Penélope, não pareceu gostar da mensagem. — Não preciso lembrar a todos que dividir o quarto é proibido. No caso de vocês, podem apenas dormir com seus companheiros, que serão registrados como sendo seus companheiros e não poderão trocar. A equipe de camareiros é a única que divide quartos, já que os quartos dos funcionários mudam de acordo com sua função dentro do navio.

Então eu teria de dividir meu quarto com alguém. Além de d. Meridiana, eu nunca dividi o mesmo espaço com outra pessoa, ou um quarto decente pelo menos. E o melhor disso tudo é que eu já tinha minha colega de quarto, ou, pelo menos, acho que tenho. Seria bom dividir o quarto com Penélope, se ela quisesse.

— Acho que já passei todas as informações que vocês precisavam saber, por ora. Agora vou passar a palavra para a senhora Elizabetta, a chefe das camareiras, que irá lhes explicar tudo sobre sua rotina e como devem proceder — Mérida disse, e apontou para a mulher que estava no fundo, a mesma que foi rude comigo poucos minutos atrás. Ela foi para o lado de Mérida e, enquanto caminhava, ela olhava diretamente para mim, com certeza ela tinha algum problema comigo.

— Muito obrigada por suas palavras, Merida. Acredito que ela já

tenha os informado de muitas coisas, como essa empresa surgiu, no que acredito e certos padrões de comportamento que não serão tolerados — enfatizou o final, olhando mais uma vez para mim. — O trabalho de vocês começará amanhã de manhã, tudo que precisam saber estará em seus quartos, não terão dificuldades em encontrar. Devem se registrar na recepção o mais rápido possível e depois de juntar os passageiros para conhecerem melhor o lugar, se habituarem ao espaço. Vale a pena lembrar que a língua falada entre eles é o italiano e somente o italiano, então nem tentem falar outros idiomas, como o inglês ou até o português com eles, além de ser uma grande perda de tempo, pode incomodá-los.

Pronto. Estava bom demais para ser verdade. Não que eu pensasse que o falar italiano fosse um capricho a mais que pediram para o currículo, mas nunca poderia sonhar que ele seria exigido de tal forma em nesse caso, eu tinha um problema. Um grande problema.

— Gostaria também de deixar bem claro que vocês são minha responsabilidade, e tudo que fizerem, seja bom ou ruim, será culpa minha. Nesse caso, eu quero salientar que esse trabalho deve ser levado muito a sério, e qualquer probleminha para mim será mais que suficiente para assinar os papéis de demissão. — Ela, pela terceira vez, olha para mim. — Não vou tolerar indisciplina, não vou tolerar atrasos ou desculpas, não vou tolerar infantilidades ou trabalho malfeito, e muito menos vou tolerar mentiras, portanto, se pretendem continuar trabalhando aqui, é bom que saibam se comportar, e se fizerem isso e cumprirem com suas obrigações com a excelência esperada da tripulação de um navio como o Netuno, acredito que não teremos problemas. O padrão de qualidade do serviço aqui é altíssimo, e cabe a nós mantê-lo assim ou elevá-lo ainda mais. O serviço deve ser feito de forma impecável, as camas devem ser perfeitamente montadas e a limpeza nem é algo a ser mencionado, acredito. Darei um jeito de acompanhar o trabalho de vocês de perto, mas, como todos aqui tem experiência, não será um problema. Já disse tudo que precisava dizer. Desejo a todos boa sorte e sejam bem-vindos a família Porto Real — Elizabetta concluiu seu discurso e foi embora, nos deixando ali plantados.

Depois disso, Mérida nos guiou pelo resto do dia, nos mostrando o lugar e nos conduzindo até um gigantesco depósito com centenas e centenas de kits com os mais diversos produtos e itens de bem-estar como sais de banho e higiene pessoal estampando marcas francesas famosas nos rótulos para a comodidade que quem poderia pagar tão caro para navegar pelo Mediterrâneo no Netuno de limpeza. Junto de Elizabetta, Mérida nos mostrou o que deveríamos fazer nas luxuosas cabines dos passageiros, explicando quais seriam nossas funções. Então fizemos nossos registros e cada um teria um colega de quarto.

Eu fiquei com Penélope, ela me chamou para ser sua colega, e eu fiquei muito feliz com isso, acho que finalmente eu teria uma amiga. Essa atividade levou o dia todo e, quando finalmente pudemos comer, já era noite, logo o dia acabaria, e meus problemas iriam começar.

A mentira tem perna curta, eu pude perceber isso bem rápido. Não que eu pensei que eu não seria descoberta, nesse caso eu nem fui ainda, mas suas exigências não eram à toa. Como eu iria me comunicar com um passageiro? E se ele viesse falar comigo? Pedisse-me algo? E o padrão que Elizabetta tanto exige? Eu nunca montei uma cama nesse tal padrão em toda a minha vida. Seria preciso apenas um dia de serviço para minha demissão ser assinada e eu voltar para a solidão e tristeza que era a minha vida. Eu não queria voltar, mas não sabia o que fazer para ficar, já que eu obviamente não estava apta para aquele serviço, que exigia muito mais que apenas limpar. Enquanto caminhava em direção ao meu quarto, eu tentava me acalmar e prestar atenção no que Penélope me dizia, mas aos poucos o desespero tomava conta de mim, afinal, quem eu estou tentando enganar? Estava ferrada.

— Ah, vai me dizer que não está animada? — Penélope me perguntou assim que fechou a porta do quarto.

Nosso quarto era bem diferente do que eu estava esperando. Pensei que seria um cubículo minúsculo com uma cama e nada mais, como uma cela de prisão ou coisa assim, nem sei por que tive esse pensamento, eu realmente levei a sério a ideia de o quarto corresponderia ao cargo exercido, presumi que, pelo fato de ser camareira e não ser um dos melhores serviços, meu quarto seria péssimo, mas isso não faz sentido nenhum, era realmente bobo. Ao contrário do que eu pensava, o quarto era relativamente grande, ou pelo menos era bem maior do que o meu. Mas se considerarmos que eu dormia em um quarto sob as escadas, então eu não tenho noção nenhuma sobre as dimensões que um quarto deveria ter. Havia duas camas de solteiro, uma do lado da outra, com uma mesa de cabeceira disposta no lado esquerdo de cada cama. As camas estavam impecáveis, com lençóis brancos limpíssimos, perfeitamente arrumadas, mostrando o padrão esperado que a empresa Porto Real tem, chegava a ser uma pena ter que desfazê-las. Havia também dois armários médios, que caberiam três vezes o volume de coisas que eu trouxe, uma pequena mesa de escritório e o banheiro ficava no fim do cômodo. As paredes eram claras e, mesmo sendo à noite era possível ver que era um ambiente bem iluminado, trazendo paz, e mesmo estando com uma dor de cabeça enorme e morrendo de medo de ser descoberta, eu estava feliz.

— Ei! Fiz uma pergunta, você não me ouviu? — Penélope disse pela segunda vez.

— Ouvi, sim, me desculpe, eu só... me distrai — respondi ainda admirando o quarto. — Eu estou animada, mas também estou assustada. — Eu não queria ter que admitir para ela o meu verdadeiro medo, ela se mostrou legal até agora, mas já pude ver de longe que nem todos aqui querem ser meus amigos.

— O que tanto te assusta? Sei que é seu primeiro emprego ainda, mas vai dar tudo certo, se sabe o que tem que fazer, então não tem por que se preocupar — disse.

Era irônico pensar que sim, eu tinha que me preocupar por justamente não saber o que fazer. Passar e limpar, era comigo mesmo, mas como montar uma cama toda produzida como o padrão deles? Eu não fazia ideia de como se fazia isso, sem mencionar os problemas, como a contagem para estoque de produtos, já que meu transtorno pode me atrapalhar e muito. Isso tudo evitando pensar que a fluência em italiano não era à toa, se algum hóspede do transatlântico vier falar comigo, eu não tenho noção mínima do que vou fazer. Estou desesperada! Minha cara devia estar horrível, pois, enquanto pensava isso, Penélope disse:

— Olha, você pode até falar que não, mas tem alguma coisa te incomodando e eu tô vendo isso no seu rosto. Mas tudo bem, não precisa ser a pessoa mais aberta do mundo comigo logo no primeiro dia, afinal, serão oito meses, teremos tempo de sobra para nos conhecermos! Aliás, ainda são oito da noite, sei que amanhã começaremos cedo, mas a gente não precisa dormir agora, não é? O que acha de me contar mais sobre você?

— Sobre mim? — Ninguém, na vida, tinha me feito uma pergunta assim antes.

— É! Me conta sua história, seus gostos, sonhos, medos, fetiches... qualquer coisa — falou. De todas as coisas novas que eu certamente iria conhecer e experimentar, uma que eu não estava preparada era para as novas amizades. Eu era amiga dos Reis há bastante tempo e essa amizade surgiu meio que do nada, não a iniciamos da maneira tradicional. E é claro que uma amizade com meninos é totalmente diferente de uma amizade com meninas, afinal, havia muitos assuntos que eu não falava com eles, porque não entendiam, e tenho certeza de que eles tinham essa mesma sensação. E a verdade é que nunca tive uma amiga na vida, por mais inacreditável que seja, Penélope, que eu conhecia há doze horas, era o mais perto disso, então eu nem sabia como reagir, ou o que responder, ela me pegou de surpresa. — Vai realmente querer fazer a misteriosa?

— Não — respondi mais que depressa. — Não é isso, é que... eu não sou a pessoa mais interessante que você vai conhecer, já vou logo dizendo, minha história não tem nada de mais. E não sei o que dizer sobre mim.

— Entendi, tá tudo bem. Eu vou falar um pouco de mim e aí depois, se quiser, você falou um pouco de si mesma, pode ser? — propôs, e eu concordei com a cabeça. — Mas antes, vamos nos instalar direto.

E assim fizemos, ela escolheu a cama perto do banheiro e eu fiquei com a cama perto da porta, e enquanto ela tomava um banho, guardei minhas coisas num dos armários e pude notar que havia alguns livros de técnicas de arrumação de quarto, guias turísticos dos lugares que iríamos visitar e tudo que se precisava saber sobre embarcações. Seria a minha solução, se não estivessem em italiano, é claro. No outro armário, deveriam ter os mesmos livros e fiquei me perguntando o que mais aquele quarto poderia me oferecer, porém, agora não era a hora de explorá-lo. Terminei de guardar minhas coisas e me sentei na minha cama. Deixei os livros onde estavam e por mais que eu estivesse tentando me controlar, não conseguiria por muito tempo, a cada segundo que se passava eu sentia minha respiração mais e mais pesada, eu não fazia ideia do que fazer e não sabia absolutamente nada de italiano, era uma questão de tempo até eu ser descoberta e sabe-se lá o que fariam comigo. Mal me dei conta de que Penélope já havia saído do banho e estava na porta do banheiro, estava enrolada em uma toalha e secava o cabelo com outra. Acho que ela ia dizer alguma coisa, mas eu fui mais rápida.

— Eu não sei nada!

— Como é? Não sabe nadar? Eu acho que isso não é de fato um problema, já que...

— Eu não sei nada! Não sei fazer nada! Nunca fui camareira na minha vida, não sei pronunciar uma palavra em italiano e, por causa de três meninos malucos, eu estou nessa confusão enorme! — falei, quase gritando. As palavras saíram praticamente correndo e, por mais que uma pequena voz interna me dizia que era um erro revelar tudo isso tão rapidamente, de certa forma eu estava aliviada.

Penélope parou de secar os cabelos e ficou imóvel por alguns segundos com os olhos arregalados. Pediu que eu esperasse um pouco e voltou para o banheiro. Saiu pouco tempo depois, já vestida e com os cabelos penteados.

— Volta a fita e vamos com calma. Primeiro me conta essa história de que não sabe nada, como assim? — perguntou, se sentando na minha cama com as pernas cruzadas, ficando de frente para mim. — Como você veio parar aqui?

— Eu nem sei bem como começar essa história. Eu perdi meus pais muito nova, então acabei indo morar com a minha tia, o que não foi a melhor experiência do mundo. Lá, eu aprendi apenas a como trabalhar dia e noite sem descanso, e os meus vizinhos, três irmãos pouco mais jovens que eu, acharam que poderiam me ajudar, e aí

fizeram um currículo com informações falsas, dizendo que tenho experiência em ser camareira e que falo italiano, mas eu não sei nada disso, nem concluí o ensino fundamental para ser sincera, e agora estou nessa confusão sem tamanho, correndo risco de ser até presa ou pior — disse apenas o suficiente para entender toda a minha situação, ainda não era o momento de contar tudo sobre a minha vida, sem mencionar que tudo é muito complicado, não é a melhor história de vida do mundo.

— Ei, se acalme. Olha, antes de mais nada, pode ficar tranquila que eu garanto a você que não será presa, nem nada disso, o máximo que pode acontecer é você ser demitida, mas não vamos pensar por esse lado, só, se acalma — Penélope disse, e parecia que estava pensando em alguma coisa. — Primeiro de tudo, credo, você nem falou da sua tia direito, mas já deu para sentir a energia dela, e tenho certeza de que passou poucas e boas com ela. Mas agora que está aqui, não se desespere. Ser camareira não é a coisa mais difícil, e você não deveria se deixar intimidar pela Elizabetta, qualquer um pode ver que ela vai pegar no seu pé, então pode se acostumar com isso. — Ela riu fraco. — Eu vou ensinar tudo que precisa saber, mas, na prática, é bem mais fácil do que se eu tentar fazer isso agora, então amanhã mesmo começará seu intensivo de camareira.

— Você vai me ajudar? — perguntei sem entender. Não estava acostumada com as pessoas sendo gentis comigo sem desejarem nada em troca.

— É claro, por que não o faria? Agora precisamos focar no problema maior: o italiano. Eu tenho uma ideia de como fazer isso, mas preciso procurar uma coisa antes, o que vai levar um tempo. Mas, se quiser, pode esperar, com sorte, eu acho rapidinho.

— O que você vai procurar? — quis saber.

— É surpresa — Penélope respondeu e deu uma piscadela. O que quer que fosse, ela não iria me contar.

— Ok então, eu vou tomar um banho agora, para relaxar o corpo e a cabeça também — disse, indo em direção ao banheiro. — Aliás, obrigada, você está me ajudando muito — agradei, e Penélope apenas sorriu de volta. Entrei para o banheiro.

Já houve estudos que comprovasse isso, e eu nem sei onde ouvi sobre antes, talvez um dos meninos tenha comentado comigo alguma vez, mas, no banho, as pessoas ficam bem mais reflexivas que o normal, como se fosse um tempo feito apenas para pensar em tudo e em nada ao mesmo tempo. Eu não podia me dar ao luxo de fazer isso antes, minha tia era do tipo que cronometrava meu tempo de uso no chuveiro, mas ela agora é passado. E com toda essa correria e esses medos todos, eu nem aproveitei meu aniversário, foi para mim um dia relativamente comum. Mas agora eu poderia usar meu tempo de

reflexão para pensar em tudo, inclusive como estava feliz em completar vinte e um anos.

Liguei o chuveiro e fiquei pensando em todos os meus outros aniversários. Pouco me lembrava do tempo que passei com os meus pais, principalmente dos aniversários, a verdade é que eu não me lembrava de nada da minha infância, como se tivesse desenvolvido um tipo de bloqueio. Depois disso, essa data era comemorada com dona Meridiana. Ela geralmente fazia um bolo de laranja, meu favorito, e à noite comemorávamos juntas, e então, antes de dormir, ela me dava um livro. O primeiro aniversário que passei sem ela foi um dos piores, perde apenas para o primeiro sem os meus pais. E, por fim, vieram os Reis, que sempre invadiam o palacete para cantar parabéns, a confusão que se criava era um tanto quanto engraçada, devo admitir. Minhas tias ou primas nunca se manifestaram, disseram algo de bom, ou ao menos demonstraram que sabiam que dia era. Talvez, só talvez eu tivesse a ligeira impressão de que não eram tão rudes, mas eu sempre tive uma visão tão errada de como elas eram, que não sei mais o que pensar.

Um grito de “achei” corta totalmente meus pensamentos, me puxando de volta para a realidade. Eu, mais que depressa, finalizo meu banho e, em menos de cinco, eu saio do banheiro, já presumindo o porquê de Penélope ter dito aquilo.

— E então? Conseguiu? — perguntei, sentando-me na minha cama, de frente para ela.

— Sim! Eu achei que daria um trabalhão, mas, na verdade, foi bem simples.

— Assim, desculpa perguntar, mas do que você está falando, afinal? — Ela fez tanto mistério para me contar e, no fim das contas, nem contou. Eu não fazia ideia do que poderia ser.

— Vamos combinar que italiano não é a língua mais falada do mundo, mas ela tem uma vantagem impressionante, é possível aprendê-la em um tempo extremamente curto. Eu queria melhorar meu currículo porque queria um emprego em um transatlântico como esse, e aí encontrei uns cursos on-line que ensinam em um curto período de tempo. Estava entre o espanhol e o italiano, e sempre achei o italiano mais elegante, então optei por ele, coincidiu de, no meio do curso, ter surgido a oportunidade de trabalhar aqui. Eu consegui aprender em três meses.

— Três meses? — Não consegui esconder minha indignação. Era um tempo muito curto, eu reconheço, mas, para mim, ainda podia ser tempo demais. Porém, ainda era muito bom.

— Isso. São apenas dois livros que vão te ensinar tudo. Ainda tenho o curso completo salvo no meu e-mail, vou te enviar, até lá você evita ao máximo falar com os passageiros e, com sorte, você...

— Livros? — a interrompo outra vez. Estava bom demais para ser verdade.

— Sim, tem algum problema? — pergunta preocupada.

— Acontece que eu... É só que... Eu meio que... Ah, eu tenho dislexia, por isso tenho uma dificuldade enorme para ler qualquer coisa, principalmente textos longos — falei. Não que fosse uma coisa para se ter vergonha, mas por causa da minha dislexia, em muitas situações, eu não fui vista com bons olhos. Penélope pareceu pensar um pouco, me impressionava como ela conseguia uma solução para tudo e, principalmente, como estava disposta a me ajudar.

— Você se importa de me emprestar seu celular um pouquinho? — pediu. Eu o emprestei, mesmo sem entender. Ela se concentrou nele por alguns minutos, e depois me entregou outra vez.

— Prontinho. Eu instalei um aplicativo que converte todo arquivo em áudio. Ele meio que vai ler os livros para você, isso pode te ajudar. No livro, tem dicas de conversação, músicas, tudo, acredito que se ouvir todos os dias sem parar, conseguirá até antes de mim. Agora é se concentrar nisso, acho que pode trabalhar de fones de ouvido, e isso, além de te adiantar, vai ser uma grande ajuda para evitar conversar com mais alguém, é um plano maluco, mas pode funcionar.

Ela tinha razão, mas não deixava de ser um bom plano, na verdade era perfeito, eu me sentia salva. Eu conheci Penélope em poucas horas e ela já tinha feito tudo isso por mim. Dava para ver como ela queria me ajudar de verdade, e eu nem fazia ideia de como agradecer.

— Acho que nunca vou conseguir agradecer tudo que está fazendo por mim agora, você está me salvando, literalmente, e eu...

— Ah, deixa disso, não precisa me agradecer, considere isso um presente de aniversário — disse. Eu a olho surpresa, e ela pisca para mim. — É, eu vi quando estava preenchendo sua ficha para se instalar nesse quarto, aliás, parabéns! Quantos anos agora?

— Vinte e um.

— Agora, sim, temos a mesma idade, então. Olha, hoje não vai dar mais para comemorar, mas prometo que amanhã a gente resolve isso — Penélope falou.

— E como a gente vai fazer isso? — perguntei.

— Surpresa de novo.

Não era assim que eu me via um ano atrás, no meu aniversário de vinte anos e, com a loucura que se tornou minha vida, nem ousou pensar como será daqui a um mês, quanto mais um ano. Só sinto que coisas boas vão acontecer, de alguma forma, sinto que estou onde deveria e que nesse navio eu vou me encontrar, me entender, e quem sabe até descobrir minha história. Sei que isso pode apenas ser uma

maluquice da minha cabeça, porém, eu apenas me sinto desse jeito, e espero mais que qualquer coisa que isso seja, de fato, verdade.

Penélope se ajeitou na cama e abraçou um travesseiro. Conferiu as horas e abriu um sorriso. Eu não fazia ideia de que horas eram, mas sua ação indicava que tínhamos tempo. Isso era bom, era tudo muito novo para mim, eu poderia passar horas falhando sobre todas as novas coisas que vivi em apenas um dia e que agora eu tinha tempo para isso, tempo para viver, para experimentar.

— Mas e então? — Penélope falou. — Você resumiu muito sua história e ainda vai me contar ela direito. Mas, antes de fazer isso, que tal você ouvir a minha?



CAPÍTULO 6

Cloe

Cloe

O tempo passa rápido quando a gente está satisfeito com aquilo que faz. Minha vida mudou totalmente e, para ser sincera, eu me adaptei muito facilmente a minha rotina, era mais puxada de um modo geral, já que Elizabetta era bem rigorosa e, por alguma razão, fazia questão de deixar claro o quanto me odeia, mas era bem melhor que antes, eu meio que já estava acostumada a ter alguém fazendo questão de desfazer de mim. A primeira semana passou voando, e meus dias, apesar de ter a ligeira sensação de serem exatamente iguais, eram, com certeza, mais emocionante do que eu esperava.

Minha rotina começava às sete da manhã, quando acordava com Penélope cantando freneticamente no chuveiro, então tomávamos café, e o trabalho começava. No quarto, havia dois *tablets*, com instruções sobre onde deveria ser feita a limpeza e quais quartos cada uma deveria cobrir, eles se atualizavam todos os dias às vinte horas, quando o jantar acabava. Nossas refeições eram feitas em um pequeno cômodo ao lado da cozinha, e eu descobri que aquele homem rude que gritou comigo no primeiro dia era o cozinheiro. A fama dele não era muito boa, já que todos comentavam como ele era grosso, de certa

forma fiquei até feliz, isso significa que não foi nada pessoal. A única que estranhamente o defendia era Penélope, fiquei me perguntando o que isso poderia ser e, no momento certo, eu a perguntaria, nós nos tornamos em próximas nesse pouco tempo que passamos.

Quanto às atrações do navio, todos os dias acontecia uma diferente, festas, apresentações, tudo, mas os funcionários só podiam participar aos sábados, exceto na grande festa, que acontece uma vez ao mês, que seria em três semanas. E, se eu dissesse que não estava ansiosa por ela, eu estaria mentindo. Para a festa de hoje, eu também estava, acredito que será interessante, sem mencionar que é a primeira festa que eu vou verdadeiramente participar e, mesmo com todas as restrições que temos, ainda pode ser divertido.

Estranhamente o plano de Penélope estava funcionando. Eu colocava discretamente os fones de ouvidos e ficava ouvindo o curso que ela fez sobre conversação. Ele era muito bom, e eu não conseguia acreditar, mas já tinha aprendido muita coisa, mesmo em poucos dias. A parte que eu mais gostava era a prática que envolvia cantar. Eu, basicamente, tinha que escolher uma música em italiano e aprender a cantar. Funcionava perfeitamente para mim, além de aprender muito sobre o idioma e treinar bastante, pude aumentar ainda mais minha playlist. A única coisa que me incomodava era que sempre tinha a sensação de que alguém me chamava, principalmente quando estava em um quarto especificamente, o 505. Ele era, sem dúvidas, o quarto mais luxuoso que eu tive acesso até agora. Parecia que ele tinha sido feito para uma pessoa em específico, já que, diferente de todos os outros, aquele quarto era em tons escuros, como cinza e grafite. A cama era redonda, eu nunca havia visto algo parecido com aquilo, era belíssima. O banheiro era maior que o quarto que eu dormia, e tinha banheira, sauna e uma vista deslumbrante, também em tons escuros. Quem quer que houvesse se hospedado ali era muito importante, ou muito rico, era um quarto impressionante.

Eu preferia seguir uma ordem específica para organizar tudo, fazia eu me sentir melhor e, por alguma razão, tinha a impressão de que, dessa forma, eu era mais eficaz e conseguia trabalhar mais rápido. O que era algo que eu precisava, já que estava “fugindo” das perseguições de Elizabetta e, sendo boa naquilo que foi contratada para fazer, seria um motivo a menos. Mas, ainda assim, meus esforços eram de pouco valor, pois ela só precisava me ver para implicar comigo. Por sorte, ela não acompanhou meu trabalho, os dois primeiros dias foram os mais complicados até eu pegar o jeito de arrumar um quarto como se deve, eu realmente não sei como agradecer a Penélope por toda ajuda que ela me deu.

Mas, nesse sábado, eu estava mais distraída que o normal e, com toda certeza, era por conta da empolgação que estava para que a noite

chegasse logo. A festa seria temática, e o tema seria anunciado às dezesseis horas. Quanto às roupas, a empresa nos disponibiliza tudo que precisamos para participar de tais eventos. Uma coisa que impressionou muito nesse emprego, tudo era precisamente feito, todos os detalhes eram importantes e cada atração parecia ser mais empolgante que a outra. O responsável por essa viagem deveria se sentir muito orgulhoso. Como camareira, a experiência era muito boa, imagina para um hóspede.

Eu tinha uma pequena queda pelo quarto escuro, e decidi que hoje ele seria o último que iria limpar e arrumar. Geralmente ele é o primeiro e, mesmo que isso não fosse do meu costume, quis fazer. Era por volta de quatorze horas, o tempo estava agradável até, mas estava frio, provavelmente os próximos dias seriam assim. Eu estava com os fones de ouvidos, cantando uma música particularmente animada, mais feliz que o normal, e totalmente dentro do meu mundinho. A vantagem de sempre estar de fone de ouvido é essa, a possibilidade de se isolar e focar em seus próprios pensamentos, e os meus só pensavam em uma coisa, acho que eu estou passando tempo demais com Penélope.

Primeiro arrumei toda a cama no padrão que Elizabetta exige, eu estava pegando o jeito da coisa. Tentei limpar o banheiro, mas a porta estava trancada, como sempre, alguns hóspedes trancavam certos cômodos, isso era comum, então limpei todo o chão e um espelho que estava um pouco embaçado. Antes de sair do cômodo, uma surpresa: Rafael havia me mandado uma mensagem. “Você realmente precisou de 168 horas para nos esquecer?”

Continuo ouvindo música, mas fico em silêncio. Eu estava em frente à porta do banheiro, concentrada em responder, eu estava tão concentrada que nem percebi a movimentação na minha frente até uma sombra me cobrir totalmente. Eu não estava sozinha, o dono do quarto estava lá e, ao olhar seu rosto, eu pude reconhecê-lo, ele era um dos três homens que observei na festa. Era o segundo, que não tinha barba e tinha expressões sérias. Apenas dois detalhes eram diferentes desde a primeira vez que eu o vi, o primeiro era que, dessa vez, seu rosto estava bem mais relaxado, quase divertido. E o segundo é que ele estava completamente nu, a poucos centímetros de mim.



Luke

Tenho que admitir, a mocinha me assustou. Não que o fato de eu estar totalmente nu fosse um problema para mim, ela não era a primeira mulher a me ver daquele jeito, e Deus permita que não seja a última. Ela, mais que depressa, se virou de costas para mim e estava inquieta, me dando ainda mais diversão, tenho que admitir. Contudo, quanto mais me sentia confortável diante daquela situação, mais constrangida ela ficava.

A moça cobriu o rosto com as duas mãos e, embora estivesse me divertindo com a situação, não sabia ao certo o que deveria fazer. Para falar a verdade, ela era a primeira mulher que me dava as costas ao me ver daquele jeito e, mesmo depois de três anos e meio, eu ainda estava apresentável. Ela procurava algo para focar que a impedisse de olhar para trás, e foi aí que o momento mais constrangedor, da vida dela é claro, aconteceu: seu olhar foi aos poucos subindo, até que ela finalmente olhou para frente, para um enorme espelho, lhe dando outra belíssima visão do meu corpo.

— Calma! Está tudo bem. Não precisa ficar desse jeito, não tem nada de mais em me ver assim — disse, quando ela praticamente estava se contorcendo, agora com as mãos no rosto. — Não precisa ficar assim. Ei, você está me ouvindo? — falava em inglês mesmo, não ligava para essa regra de falar em italiano, e ainda assim ela parecia que me ignorava, ou realmente não ouvia uma palavra do que eu disse. Então olhei com mais atenção e vi que estava usando fones de ouvido. Eu me aproximei ainda mais dela, ela parecia sentir minha presença, pois ficou imóvel. Então delicadamente retirei um de seus fones e pude sentir o calor do seu corpo, e seu perfume suave, tenho que confessar, eu estava louco para conhecê-la. — Não precisa ficar tão nervosa, está bem? — sussurrei em seu ouvido e vi os pelos de sua nuca arrepiarem. — Está bem? — perguntei mais uma vez e ela concordou com a cabeça. Nossos corpos estavam mais próximos que o necessário e, apesar disso, ela não pareceu se incomodar com isso. — Ótimo! Dá pra ver que você está com bastante vergonha, então vamos fazer assim: você fica exatamente aqui, enquanto eu me cubro, aí eu aviso você, e você descobre os olhos, ok? — sugeri bem próximo ao seu ouvido, e ela, mais uma vez, apenas acenou com a cabeça.

Levei mais alguns segundos até me afastar dela, queria aproveitar mais um pouquinho dessa proximidade. Antes de me cobrir, eu a admirei melhor, estava procurando por ela a semana toda. Acho que ela nunca percebeu, mas toda vez que vem limpar meu quarto, eu estou no banheiro, tomando banho, e sempre ouço sua linda voz cantar. Eu tentei, desde o primeiro dia, falar com ela, mas sempre recebi uma mensagem, ou alguém me impediu, ou demorou até me vestir. Logo hoje, que achei que a veria de manhã, ela não veio. E, parecendo que foi algo combinado, assim que entrei no

chuveiro, eu a ouvi cantar. Seu único erro, ou acerto, foi ter feito um silêncio repentino, achei que tivesse ido embora.

A observei melhor e, mesmo com o rosto coberto, pude ver que é mais jovem que eu, provavelmente uns vinte anos, apenas. Ela era mais baixinha e sua pele negra dava ainda mais destaque aos belos cachos que possuía, e mesmo estando apenas com o uniforme de camareira, não era possível esconder suas belas curvas. Que mulher bonita! Eu precisei me concentrar bastante para que meu corpo não me entregasse ao vê-la parada diante de mim.

Ela respirou fundo, cortando meu transe, eu rapidamente fui até uma gaveta e vesti uma cueca. Eu sei que ela provavelmente esperava que eu me vestisse completamente, mas eu não disse isso, disse que me cobriria, que foi isso que eu fiz. Não consegui segurar o sorriso sacana que se formou no meu rosto. Outra vez me aproximei dela, ela percebeu minha aproximação, mas não se afastou. Com muito cuidado, eu segurei seus pulsos, delicadamente puxei suas mãos de seu rosto e finalmente a encarei. Seus olhos cor de mel me fitaram profundamente e esconderam certa dor, apesar de nesse momento, ela estava apenas confusa e assustada, suas bochechas ainda estavam rosadas, e o formato do seu rosto era alinhado, perfeitamente alinhado. Seus lábios eram convidativos, e eu oscilava entre olhar seus olhos e sua boca.

— Prontinho. Não precisa mais cobrir o rosto — disse baixinho. Estávamos outra vez próximos demais, e seus olhos nunca se desprenderam dos meus. Sem que eu pudesse perceber, soltei um de seus pulsos, e toquei delicadamente seu rosto. Nitidamente, ela se afastou rapidamente do meu toque, pegou todas as suas coisas e foi em direção à porta, tudo isso em menos de um minuto. No momento em que ela levou a mão à maçaneta, disse: — Espera!

Ela parou o que está fazendo, mas não me olhou. Provavelmente estava se perguntando sobre o que deveria fazer a seguir. Esperei até que ela finalmente tomasse coragem de me encarar.

— Você pode ao menos me dizer seu nome? — pedi, o mais simpático que consigo ser. Ela me ignorou totalmente, abriu a porta e foi embora, me deixando lá sozinho, sem entender nada.



Merda! Eu me senti o maior idiota do mundo, mostrando tanto interesse em uma garota que eu só conheço a voz e que vi por apenas alguns minutos. Mas sua atitude era de admirar, é bem provável que muitas mulheres que estivesse na mesma situação dela teriam agido bem diferente, mesmo não sabendo quem eu realmente sou. Ela poderia ter se aproveitado de infinitas maneiras, mas não, ela apenas se respeitou, e me respeitou, uma bela atitude, ela provou, pela

segunda vez para mim, que não era uma pessoa comum. E eu sei que vou descobrir mais sobre ela, pelo menos era o que eu queria.

Tirei a bela moça de voz mais bela ainda dos meus pensamentos, vesti uma roupa qualquer e fui para o escritório do meu irmão, que queria “ter uma reunião” para falar sobre a festa de hoje à noite. A cada dia que passava, via Gaspar se tornar mais parecido com o nosso pai.

Seu escritório ficava relativamente perto do meu quarto, mas optei pelo caminho mais longo, e tentei demorar o máximo que consegui, não estava a fim de ter essa conversa com meu irmão gêmeo. Bato na porta, e ele disse “entra” do outro lado. Respiro fundo e vou. Ele está conversando com Mérida sobre a forma que irão anunciar a festa, pareciam concentrados e nem ligavam para minha presença. Me sentei numa poltrona qualquer e deixei que terminassem de conversar. Mérida sempre deu muito crédito ao que meu irmão faz, prestava atenção em todos os seus movimentos e estava sempre preocupada com ele, era realmente admirável que ele nunca tivesse percebido nada.

— Agora é apenas aguardar, certo? — Mérida perguntou.

— Isso, meu bem — respondeu, o sorriso que Mérida deu era possível de ser visto até de costas. — Agora você se importa de me deixar conversar com o meu irmão? Quando acabar, eu chamo você outra vez.

— Claro que não, boa reunião! — disse, dando um último sorriso antes de sair. Me cumprimentou formalmente e foi embora. Ela não era grossa comigo, mas a diferença de tratamento era tanta que era impossível esconder minha expressão, divertida e surpresa.

— O que foi? — Gaspar me perguntou, sério. Achei que a diferença de tratamento não vinha só por parte dela.

— Nada não — respondi. Se ele não enxergou o que estava acontecendo, não seria eu a mostrar a ele.

— On-onde está Baltazar? Eu o cha-cha-chamei também — disse, com certa dificuldade.

— Como eu posso saber? — falei. Gaspar respirou fundo, irritado.

A vida dele não tinha sido nem um pouco fácil nos últimos anos, aconteceram várias coisas, inúmeros problemas familiares, e nenhum deles o envolvia, e ainda assim, ele fez questão de cuidar de todos. É um bom homem, tem o coração enorme, e cuida muito bem da nossa família e dos nossos negócios, mesmo sendo constantemente ridicularizado por ser gago, e esta era a coisa que mais me irritava nesse mundo, capaz de realmente me tirar do sério. Meu irmão era brilhante, e merecia todo o reconhecimento do mundo.

— Isso pode até ser bo-bom — falou. — Quero con-con-

conversar só com você-cê.

— Você já sabe o que eu acho. Essa ideia é péssima e eu nem deveria estar aqui, não mereço tirar férias de nada. E qualquer um aqui pode facilmente me reconhecer, boa parte faz parte do nosso ciclo social há muitos anos, certamente vão saber quem sou, é só uma questão de tempo — respondi a ele. Ainda achava uma má ideia eu ter vindo e tinha medo de assumir o real motivo disso.

Há cerca de quatro anos mais ou menos, a vida aparentemente perfeita que eu tinha se desfez na minha frente, e eu não pude fazer nada para impedir. Na época, havíamos entrado num consenso e eu assumiria a presidência da empresa Porto Real, já que este nunca foi o sonho de Gaspar, ele tinha tudo para ser um artista brilhante, suas pinturas eram de encantar qualquer um. Eu também tinha uma namorada, que eu pretendia pedir em casamento no dia da nomeação, e aí aconteceu a confusão. A história mal contada, com poucos testemunhos e pela falta de provas a meu favor. E fui acusado de assassinato. Minha namorada, Samara, poderia ter me salvado, era arriscado, mas seu depoimento me salvaria, só que ela não quis me ajudar, e fui condenado há três anos e meio em regime fechado. Para completar, ela terminou comigo por carta e vi meu mundo cair.

Como se isso não fosse problema suficiente, três dias depois da minha prisão, meu pai faleceu, teve um infarto. Por alguma razão, eu me culpava por isso. Nossa mãe havia morrido há muitos anos, e felizmente não viu nossa família se desfazer assim. Quando pensava que tínhamos tudo para acabar, Gaspar veio para intervir, desistindo da sua carreira e assumindo a presidência da empresa. Ele moveu céus e terra para abafar o caso na mídia e tentar manter a família unida, e bem, coisa que eu acho impossível de ser feita. Cuidou de mim e do meu irmão durante todo esse tempo, e agora criou esses transatlânticos para que eu pudesse me desligar disso tudo e para que nosso irmão não nos abandone.

— Vai te-ter que confi-fi-fiar em mim. Por isso as festa-tas são tema-ma-mátias. Você va-vai se padronizar — Gaspar falou. E nesse momento, nosso irmão mais novo entrou no escritório sem ao menos bater na porta e completamente encharcado.

— Você só pode estar brincando, né? — ralhei assim que o vi fechar a porta e se encolher de frio.

— Eu disse que tinha aula de mergulho agora, não poderia vir, mas você sabe como o Gaspar é quando não fazem o que ele pede — Azar respondeu, tentando se justificar.

Baltazar não era um menino mimado, ou problemático propriamente, ele só sempre foi muito afastado de mim e do meu irmão, como se não se encaixasse na vida que tinha, mas não era ingrato, nem nada, apenas estava se encontrando ainda. Ele nunca

superou a morte de nossa mãe.

— Não tem pro-problema. O importante é que veio. Serei ra-ra-rápido. Tudo na festa fo-foi pensado para que vo-vo-vocês se misturem e pa-passem despercebidos. Nin-ninguem aqui, por ora, sabe-bem, quem vocês sa-são. Não estraguem isso. Se-se comportem, é tu-tudo que peço.

Nesse momento, a voz de Mérida apareceu para toda a tripulação:

— Boa tarde passageiros do Netuno. Chegou a hora de anunciar o tema da festa de hoje ser: all black! Espero ver muitos looks maravilhosos com a cor mais elegante do mundo. Boa festa a todos!

A sala fez silêncio, nós três nos encaramos por alguns segundos, até que Azar finalmente disse, com um sorriso sacana:

— Hora da festa!



Ficamos conversando mais um pouco. Azar parecia alienado a tudo, como se não quisesse estar ali. Talvez realmente não quisesse, ou talvez fosse só o frio que estivesse sentindo, que o desconcentrou e o fizesse querer ir embora o mais rápido. Não nos estendemos depois aquilo, devo ter ficado apenas mais uns trinta minutos no máximo, depois me despedi dos meus irmãos e voltei para o meu quarto, o único lugar que eu verdadeiramente me sentia seguro.

Tentamos não tocar no assunto desde que zarpamos rumo à Europa, mas a verdade era que todo aquele discurso sobre se comportar e confiar nele tinha um motivo. Meu irmão era um homem inteligente, preocupado com a família e as aparências, principalmente. Ele e eu, melhor que ninguém, conhecíamos bem a história da nossa família e precisávamos tentar tirar nosso nome da sujeira há muito tempo, eu não sei o que seria dos Porto Real sem ele, ou se eu, se estivesse no lugar dele, faria um trabalho tão bom. Ele não apenas fez nossa família voltar e se manter no topo, como quase triplicou a fortuna que nosso pai nos deixou. Um homem totalmente dedicado à família, mas que ainda não começou sua própria, o porquê eu não sei.

O que realmente importa foram as mudanças que ele trouxe, e todas as outras que estava fazendo. Ele criou essa rede apenas para mim. Segundo ele, num futuro não muito distante, eu seria responsável pela rede de transatlânticos, ele queria que voltasse para os negócios da família e tentava fazer o mesmo com nosso irmão caçula. Não sei se isso vai funcionar, mas agora não quero ter que me preocupar com isso. Não que eu não deva, é claro, mas quero resolver uma pendência de cada vez e, por ora, minha principal preocupação era resolver meus sentimentos e pensamentos.

A prisão mudava as pessoas. Eu vi e fiz coisas que sinceramente

tenho pesadelos até hoje, mesmo sendo privilegiado lá dentro, por conta do meu nível social, as coisas ainda assim foram bem difíceis. Isso mexeu com o nosso psicológico, mudou nossa percepção. Até hoje me esqueço de que já não estou mais preso, e muitos hábitos ainda permanecem, infelizmente. Mas focar nisso agora de pouco me adianta, precisava superar esse período da minha vida e seguir em frente, algo que era bem mais fácil de falar do que fazer, obviamente. Durante minha prisão, Samara me enviou uma carta, dizendo que estava decepcionada com muitas coisas, principalmente com o rumo que nossas vidas e nossa relação estavam tendo, e que por isso seria melhor se nos separássemos. Ela não foi ao menos me visitar. Essa foi a única carta que me escreveu e, pela primeira vez na vida, tive meu coração partido. É uma sensação horrível, como se um pedaço meu tivesse sido arrancado e eu estivesse incompleto. E estar preso não me ajudou nem um pouco, já que eu não tinha muito o que fazer, então ficava pensando nela, no que estaria fazendo, e por que me deixou desse jeito.

Levei quase dois anos para superá-la totalmente e focar meus pensamentos em outras coisas. Mais uma vez, Gaspar me ajudou muito. Saí da prisão apenas há seis meses, e meu irmão mais uma vez interveio para que ninguém soubesse disso, muito menos que eu estava no Netuno como passageiro. Ele disse que, além de me distrair um pouco, eu poderia explicar como é a experiência para um hóspede. Fui muito relutante, mas acabei aceitando, precisava continuar minha vida, encontrar outras ambições e objetivos, e talvez realmente fosse bom eu estar ali.

A ideia das festas temáticas foi de Mérida. Ela disse que a padronização é a melhor forma de camuflagem, e assim eu passaria despercebido e poderia aproveitar toda a viagem, já que um pequeno detalhe me impedia de andar livremente pela embarcação e viver minha vida tranquilamente.

A verdade era que eu passava muito tempo no quarto, de certa forma escondido. Eu fazia quase todas as minhas refeições no quarto, e até agora não pude aproveitar nada do que gostaria. Queria ir à academia, e não ia. Na piscina, eu só fui uma vez à noite, e só. Quase não frequentava lugares públicos, e a parte que mais me enlouquecia: minha interação social, principalmente com as mulheres, estava igual a zero. Não queria ficar escondido desse jeito e talvez essa falta de interação até tenha “turbinado” esse súbito interesse naquela belíssima camareira, mas eu não sei dizer, minha cabeça estava uma confusão.

O porquê de eu estar agindo assim? Tinha um motivo, é claro, mas era um motivo bobo, que, parando para analisar, nem fazia sentido. Até agora ninguém me reconheceu, e mesmo que o fizessem,

acho que eu nem me importaria, seria até um alívio, para ser sincero. Mas não queria decepcionar meu irmão, e se ele preferia as coisas assim, então assim seria. E mesmo que me reconhecesse, não me importaria com os olhares de julgamentos, e muito menos com os mais ousados, que teriam a coragem de me perguntar sobre minha “experiência”. Não há situação que me amedronte ou faça com que eu me comporte desse jeito. Nenhuma, exceto por um pequeno detalhe: no fundo, Gaspar achava que ainda tinha sentimentos pela minha ex-namorada e que essa viagem serviria para que eu a esquecesse, o que ele não contava era que ela se hospedou no navio, indo conosco até o Mediterrâneo.



CAPÍTULO 7

Luke

LUKE

Devo confessar, eu me sentia bobo por dois motivos. O primeiro era que eu me sentia um gato assustado fugindo da ex-namorada. E o segundo é que, mesmo sempre usando essa cor, eu nunca fui fã de preto. Sempre usei, principalmente por ser uma cor padrão em roupas formais, mas disser que sou fã, aí já é pedir demais, prefiro tons de azul. Mas, se era o padrão da festa, quem sou eu para não seguir, principalmente porque a ideia era não chamar atenção.

Eu sei que Gaspar disse que ninguém me conheceria para me tranquilizar, mas eu sei muito bem que um grupo, mesmo que pequeno, sabe quem eu sou. Minha ex-namorada era um exemplo disso e, por mais que eu tivesse a certeza de que ela seria discreta quanto a isso, eu não poderia confiar em todo mundo. Isso, no fundo, era um tanto quanto emocionante, como se eu guardasse um segredo ou coisa do tipo.

Fiquei entre usar uma roupa mais formal, ou algo mais descontraído, mas não queria exagerar. Usei uma calça jeans preta, com corte social, uma cacharrel preta e uma jaqueta de couro, estava fazendo muito frio. Tênis era preto também e resolvi colocar um cordão de prata, para quebrar um pouco. Me olhei no espelho antes de sair. Não estava ruim, eu só precisava relaxar, e tentar me lembrar da época que festas eram um prazer, e não algo que me deixa receoso.

Assim que fechei a porta do quarto, já era possível ouvir o som da música abafado, vindo de longe. Não encontrei ninguém no caminho, mesmo tendo passado em frente ao quarto do meu irmão, Azar, que me disse mais cedo que precisava conversar sobre algo importante comigo. A curiosidade quase me venceu, mas eu não estava com cabeça para falar com ele. Com sorte, na festa, ele resolve me contar.

Tentei esconder minha admiração, mas foi difícil. A festa estava linda! A decoração em preto e prata deu um charme totalmente diferenciado. A música era muito boa, estava tocando rock dos anos 80 e, por incrível que pareça, a ideia de padronização funcionou muito bem, tanto que era preciso certa atenção para reconhecer as pessoas. Estava um trabalho impecável, meu irmão e Mérida estavam indo muito bem. Os dois sempre funcionaram bem juntos e suas ideias se completavam, era de se admirar que Gaspar nunca notou como Mérida olhava para ele, ou como tudo que faz vai muito além do profissional. Ela esteve com ele nos momentos mais difíceis e sempre o apoiou. Ele, porém, só tem olhos para Andrea, sua amiga de infância que trabalhava como modelo e nunca percebeu também todas as investidas do meu irmão, ou fingia que não percebia. De um jeito ou de outro, a vida amorosa do meu irmão era complexa, um gostando do outro, que gosta do outro, nesse joguinho confuso, e nenhum dos três sabendo da verdade completa. Eu não sei se conseguiria viver algo ao menos parecido com isso, era demais para minha cabeça.

De qualquer forma, quem sou eu para julgar ou dizer alguma coisa sobre a vida amorosa do meu irmão, já que a minha era uma verdadeira bagunça. A boa notícia, para Gaspar, é claro, era que Andrea, depois de cinco anos trabalhando sem descanso, resolveu tirar férias, onde? Exatamente, viajando no Netuno. As coisas seriam bem interessantes, mas eu realmente não esperava que fosse a coisa mais interessante que aconteceria aqui, com sorte, eu veria a camareira agora à noite, e poderia falar com ela outra vez, algo nela me chamou muito a atenção, e eu precisava descobrir o que é.

Passei com os olhos e não encontrei nenhum rosto conhecido, nem mesmo de algum dos meus irmãos. Decidi, então, ir ao bar, precisava de uma bebida para me soltar. Mal me encostei na bancada e uma das baristas veio ao meu encontro. Usava um vestido preto

justíssimo, e eu estaria mentindo se não dissesse que ela era muito bonita.

— Olá! O que o senhor deseja? — perguntou com a voz doce.

— Uma margarita, por favor.

— A margarita perfeita, para o homem mais bonito do navio — falou antes de picar para mim, e sorrir maliciosamente. Eu ainda estava tentando descobrir se ela estava sendo educada, ou flertando comigo. Ela faz a margarita na minha frente, tentando puxar assunto comigo.

— Dizem que a margarita foi criada em 1936 por Danny Negrete, para a esposa do irmão, Margarita, entre outras histórias que envolvem barman e as senhoras de nome Margarita. Porém, a história mais contada por todos que tomam margarita é que foi criada no fim da década de 1940, em Acapulco, em uma das festas oferecidas pela *socialite* americana Margareth Sanders que, para surpreender seus convidados, entre eles, o senhor Hilton e atores de Hollywood, criou uma bebida com tequila, cointreau e suco de limão. Durante muito tempo, se referiam à margarita apenas como O Drinque, até o dia em que o esposo da senhora Margareth, feliz com o sucesso do drinque criado pela esposa, ofereceu em outra festa à Margarita, Margareth em espanhol — disse, antes de finalizar a bebida e me entregar a taça com o drink.

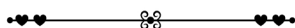
— É muito bom poder conhecer a história da minha bebida favorita desde os vinte e dois anos, você realmente sabe o que está fazendo, pude aprender muitas coisas. O que mais você pode me ensinar? — disse, olhando em seus olhos e me deixando ser envolvido em seu jogo.

— Muitas coisas, isso vai depender do seu interesse — respondeu, se aproximando de mim. — Que tal começarmos pelo meu nome? Eu sou a Sílvia Helena, mas pode me chamar apenas de Helê. E você é o...?

— Você pode me chamar apenas de Luke, sem nomes antes disso — respondi, imitando o sorriso que ela me dava.

— E que tal você me ensinar algo, Luke, que não tem nomes antes disso? Por que não me conta o que um americano, numa viagem com rumo ao Mediterrâneo com passageiros de origem italiana, tem a ver com uma bebida mexicana?

— Uma vodca com gelo, por favor — uma voz nos interrompeu bem ao meu lado, e minha barriga gelou, estranhamente, ao reconhecer a sua voz.



— Samara? — Não consegui esconder minha indignação.

— Oi, Luke — respondeu, sem olhar na minha direção. Por

alguma razão ela parecia mais nervosa do que eu. — Quanto tempo, não é? Será que a gente pode conversar um pouco? — Samara disse, finalmente olhando na minha direção.

Nesse momento eu estava recebendo muitas informações ao mesmo tempo e não fazia ideia de como interagir. A barista que me atendeu pareceu, de alguma forma, muito decepcionada e irritada com a presença da minha ex-namorada, e logo se afastou. Samara estava muito diferente do que eu me lembrava desde a última vez que a vi, seus cabelos não eram mais loiros, decidiu assumir os cabelos morenos, que destacavam ainda mais em seus olhos azuis. No fundo, eu sabia que deveria tomar cuidado e que os sentimentos por ela ainda não estavam totalmente resolvidos.

— O que você disse? — perguntei, sem entender muito bem qual o intuito daquela conversa. Samara pareceu bem sem graça com o que eu disse.

— É que aconteceu muita coisa. Você sabe, não preciso relembrar você de tudo que passou, e eu percebi com o tempo que tomei atitudes que não deveria ter tomado e que agi mal com você. Eu precisava ao menos tentar consertar tudo, mas não sabia o que fazer, principalmente porque não sabia se você queria me ver. Então será que a gente pode conversar, ir para um lugar mais calmo e poder ao menos começar a se entender? — Samara me perguntou, me olhando com aqueles olhos de safira.

Eu mal havia bebido e, por alguma razão, já me sentia leve, o que eu não gostei. Geralmente sou forte para bebida e, quando não sou, é porque tem algo de errado comigo. Eu não fazia a mínima ideia de que horas eram, poderia ser tarde em alguns aspectos, ou bem cedo em outros. No fundo tocava a música *Little help*, uma das minhas favoritas, com um grande significado para mim, mas que não vem ao caso no momento.

Eu precisava sair daquela situação. Eu não queria falar com Samara, por 'n' motivos, mas não queria me ver forçado a dizer isso para ela, só que eu não tinha muita escapatória. Levantei meu olhar, procurando por uma saída, algo ou alguém que pudesse me ajudar, até que, na entrada da porta, eu vi minha salvação, ou perdição, não sei ao certo.

— Eu agradeço o convite, e é muito bom ver você. Porém, agora eu preciso muito resolver uma coisa, então, por favor, me dê licença. E nós teremos a chance de conversar ainda, eu lhe garanto — falei, lhe dando um sorriso, saindo de lá o mais rápido possível, e fui em direção à porta.

Samara não entendeu nada do que aconteceu, eu também não. Tudo parecia estranho demais e fora do comum, e por mais que, no fundo, eu soubesse que algo parecido com isso iria acontecer mais ou

cedo, ou mais tarde, não estava esperando que fosse tão cedo. Por alguma razão, a camareira estava tão sem graça quanto eu. Ela parecia um tanto quanto deslocada de estar ali e não focava em nada específico, ou sequer apreciava o momento. Ela estava com vergonha. Usava um vestido de manga comprida e curto. O vestido era justo e destacava perfeitamente suas curvas. Estava usando um tênis, modelo all star, também preto, quebrando a formalidade, e lhe dando o ar jovial que ela obviamente possuía. Não estava acompanhada e não segurava um copo de bebida. Pensei em voltar e levar algo para ela, mas a última coisa que eu queria era voltar para perto da minha ex.

— E aí, usando roupas, eu fico muito diferente? — falei, brincando. Ela me olhou assustada e tentou se afastar. — Calma! Você realmente vai ficar fugindo de mim assim?

— Não estou fugindo de você. Só não entendo o que você tanto quer comigo — ela, pela primeira vez, falou comigo, e sua voz, mesmo parecendo um pouco irritada, era realmente linda.

— Eu apenas acho que, depois do que viu, eu poderia ao menos saber seu nome, não acha? — disse, tentando manter a simpatia.

— O que aconteceu hoje foi um incidente infeliz, que, com certeza, não vai acontecer de novo. Por isso não tem necessidade de saber meu nome.

— Cloe! Finalmente achei você, a fila do bar tá enorme, mas já tô voltando para lá, só vim ver como você está — uma moça loira gritou de longe e parou ao lado dela. De repente ela me olhou de cima a baixo, e seu sorriso mudou.

— E quem é você? — perguntou, interessada.

— Pode me chamar de Luke — disse, demonstrando o mesmo interesse.

— Apenas Luke?

— Isso, basta chamar “Luke”, que eu venho.

— Está bem, “Luke”, vou deixar você e a Cloe conversando. — A amiga loira disse, piscou para mim e foi embora.

— O bom da sua amiga é que ela nos apresentou — falei com Cloe.

— Você já sabe seu nome, agora pode me deixar aqui e aproveitar sua festa — respondeu, tentando focar em qualquer outra coisa que não fosse eu.

— Por que você me ignora tanto? — perguntei.

— E por que você me dá tanta atenção? — disse, me encarando.

— O que é que está acontecendo aqui? — Ouvi uma voz conhecida gritar no fundo. Merda. — O que você acha que está fazendo conversando com ele?

Era Elizabetta, apesar de muito eficiente, hoje ela era totalmente desagradável, e eu já podia prever que isso não vai acabar bem.

— Gostaria de lembrá-lo, senhor, que você está falando com uma camareira, ela não faz parte do seu ciclo social e nunca irá fazer, portanto, sinto muito que o senhor tenha se enganado. E quanto a você — se virou na direção de Cloe —, acredito que não era necessário lembrar isso a você, mas já que não reconhece seu lugar...

— Mas eu estava apenas... — Cloe tentou falar.

— EU NÃO TE DEI PERMISSÃO PARA FALAR! — Elizabetta elevou o tom de voz com ela, chamando a atenção de muitos convidados que estavam ao redor. — Você deveria ao menos ter o bom senso de lembrar que não deveria incomodar os passageiros, reconhecendo que você é uma camareira, estamos conversadas? Sua atitude não passará impune, farei questão de lembrar a você qual o seu lugar dentro dessa embarcação.

— Não precisa falar com a moça dessa forma. Ela não está incomodando ninguém. Muito pelo contrário. Eu que me aproximei dela para conversarmos e ela estava inclusive relutante em conversar comigo.

Elizabetta e as pessoas que estavam mais próximas e ouviram o que eu disse olharam para Cloe, esperando sua reação.

Queria defendê-la, era o certo a ser feito, deveria ter feito mais. Sua amiga parecia estar de longe, vendo tudo, igualmente indignada como eu. Cloe não sabia o que fazer. Pude ver seus olhos se enchendo de lágrimas e, numa ação rápida, ela se virou e foi embora, praticamente correndo. Deveria ter sido mais duro com Elizabetta. Talvez conhecer sua história familiar me impediu, embora tudo em mim gritasse para que fizesse algo mais.



Cloe

Cloe

Eu juro que estava tentando ser forte e que não queria sair de lá daquele jeito que saí. Não era justo comigo, Elizabetta me humilhou de um jeito que nem mesmo tia Deusa ou minhas primas fizeram um dia, já que elas, pelos menos, mantinham as aparências. Mas a forma como ela gritou comigo, o jeito como todos a minha volta me olharam, o olhar de Luke, até mesmo o de Penélope, lá longe, com os copos de bebida nas mãos... ser o centro das atenções desse jeito é o pior sentimento do mundo, eu desejei poder sumir.

Eu andava sem rumo, tentando ao máximo me afastar dali. Meus passos eram apressados, e eu estava correndo, lutando, sem sucesso, segurar as lágrimas. Quando me dei conta, percebi que estava na popa

do navio, completamente só. Já passava da meia-noite e ao fundo ainda se podia ouvir a música da festa. O frio era cortante, e a névoa me impedia de ver muita coisa ao meu redor. Segurando na grade de proteção, olhando sem rumo para o nada, apenas deixei que as emoções tomassem conta de mim, e me permiti desmoronar por alguns minutos. Eu sabia que não seriam dias fáceis, e que eu precisava ser forte, em muitos aspectos, o problema era que eu não estava preparada para passar por isso.

— Cloe! Onde você está? — Escutei uma voz me chamar, uma voz masculina. Talvez se eu ficasse em silêncio, a pessoa desistiria. — Eu sei que você está aqui, só não consigo ver onde.

— Vai embora! — respondi, não queria ver ninguém.

— Eu só quero saber se está bem. — A voz foi aproximando e pude reconhecer que era Luke.

— Eu estou, agora pode ir.

— Finalmente achei você! — falou, se apoiando na grade, assim como eu. — Sinto muito pelo que ela falou, e isso muito por não ter dito nada também.

— Você não precisava vir aqui, nem se preocupar comigo, está tudo bem — respondi, um pouco ríspida. E ficamos em silêncio.

Eu não entendia o repentino interesse que Luke tinha em mim. Em outras circunstâncias, até me divertiria com o fato do apelido dele ser o nome que dei ao meu ursinho de pelúcia na infância, mas depois do que houve nada me divertiria, eu acho. A cena que vi mais cedo, mesmo que seja errada, foi uma das mais bonitas que já vi. Nunca estive tão próxima de um homem como naquele momento, e a forma como se movimentava perto de mim, ou sussurrava em meu ouvido, fez eu me sentir estranha, de um jeito que nunca me senti. Eu jamais deixaria que alguém soubesse, mas foi uma sensação muito boa.

— Elizabetta não era desse jeito, pelo menos não antes do que aconteceu — disse depois de um tempo.

— Como assim? — perguntei curiosa.

— Há cerca de oito anos, mais ou menos aconteceu um acidente terrível com um filho de Elizabetta, ela tem três filhos no total. Uma mulher e dois homens. Um deles serve ao exército e vive em missão, quase não se tem contato, a mulher vive nos Estados Unidos, dizem que não é uma boa pessoa, por isso cortaram contato há muito tempo. Já esse era o filho que mais se tinham contato, ele era presente e vivia bem, até que se casou e desapareceu. Poucos meses antes de morrer, ele se aproximou, queria tentar manter contato, então, aos poucos, foi fazendo visitas, indo a passeios de barco, até que um dia, num desses passeios, ele e a esposa morreram. Foi um acidente estranho, ninguém sabe contar ao certo o que aconteceu. Elizabetta sente remorso disso até hoje, não superou a morte do filho. E foi aí que ela mudou

totalmente. Antes, Elizabetta era uma pessoa alegre e cheia de vida, hoje se tornou aquilo que você viu, e eu sei que não é justo com você.

— Realmente não é! Isso não dá a ela o direito de me tratar como trata — respondi com raiva.

— Você tem razão, não dá. Mas, às vezes, pessoas rudes só são assim para esconder a tristeza que carregam. Cada um lida de um jeito, e todos nós temos dores a esconder. Você mesma lida de um jeito bem diferente dela, mesmo carregando uma dor enorme. — Luke disse, se aproximando de mim.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei.

— É possível ver em seus olhos que você já passou por muita coisa até hoje, não posso nem imaginar qual seja a sua história, mas sei que não é a mais feliz do mundo.

Sem que eu percebesse, ele me encurralou entre ele e a grade de proteção, segurando dos dois lados, e eu fiquei de costas para a grade, e de frente para ele. Estávamos muito próximos e nos encarávamos sem dizer uma palavra. Seus olhos verdes pareciam me fixar até a alma, como se dessa forma ele pudesse ler qual é a minha história. Ele era tão bonito, quase impossível de resistir. Seus olhos vacilaram e olharam para a minha boca. E, pela segunda vez, sua mão veio ao meu rosto, dessa vez segurando delicadamente meu queixo, me levando em direção a sua boca. Ele vai me beijar!

Outra vez desviei, olhando para o lado, tentando disfarçar. E mesmo sendo contra minha vontade, pois no fundo eu realmente desejei beijá-lo, eu não estava a fim de jogar o jogo dele. Ele percebeu e se afastou delicadamente, mas, ainda assim, estávamos bem próximos.

— Está tão frio hoje não acha? — Luke disse, olhando para os lados. De repente ele me surpreendeu: tirou a própria jaqueta de couro e colocou sobre os meus ombros com o maior cuidado.

— Não precisa fazer...

— Boa noite, Cloe — falou com um sorriso, fez um carinho em meu rosto e foi embora, me deixando completamente só, outra vez.



CAPÍTULO 8

Cloe

Cloe

A vida se torna estranha muito rápido. Se por acaso um dia eu decidisse virar escritora e escrever uma autobiografia, com toda certeza as páginas mais interessantes seriam as que vivi na última semana. Eu não fazia ideia do porquê Luke se interessou tanto por mim, e quais eram suas intenções, mas, de todo modo, algo me dizia para não confiar nele, não por enquanto, pelo menos. Sempre me mantive muito fiel ao que acredito e no que espero da vida, e me dar ao luxo de sequer sonhar com algo acontecendo entre mim e o dono do quarto mais luxuoso que eu já vi certamente não estava nos meus planos.

Mas suas atitudes me chamaram a atenção, não podia negar. Não que meu contato com homens tenha sido enorme, ou até mesmo com as pessoas, de um modo geral, mas nunca conheci alguém como ele. Muitas de suas atitudes eram infundadas, e ele agia como se já me conhecesse, o que de certa forma era bem irritante, mas, ainda assim, expressa confiança e segurança. Eu apenas tinha que tirá-lo da minha cabeça, me lembrar o porquê de estar aqui, e que meu objetivo era apenas reconstruir minha vida, e não sonhar com um conto de fadas

que obviamente não ia acontecer.

Eu não fazia ideia alguma de como iria devolver a jaqueta para Luke. E eu sei que não há nenhum obstáculo nisso, mas, além de eu não querer que ninguém me visse fazendo isso, por motivos óbvios, não queria que ele pensasse que estava procurando um motivo para interagir com ele, eu realmente não estava procurando por isso. Mas isso era uma coisa a se pensar depois, por ora, só queria apenas ir para o meu quarto e tentar esquecer toda essa confusão, e principalmente essa humilhação.

A verdade era que tudo estava acontecendo tão rápido que eu não sabia como deveria me portar, ou quais atitudes deveria tomar. Não sabia o que pensar de Elizabetta agora que sabia sua história, mas, sinceramente, isso não mudava muito a forma como a enxergava. Suas atitudes não podiam ser explicadas por conta de suas dores. Nesse caso, eu tinha todo o direito de ser a pessoa mais idiota do mundo. Não podia dizer quais escolhas a levaram a ser desse jeito, mas não concordava muito com suas motivações. O melhor que podia fazer, pelo menos naquele momento, era tentar tirá-la da minha mente, mesmo ainda estando em choque com tudo que me fez passar. A noite que eu planejei definitivamente não era desse jeito.

O problema de conhecer a história de Elizabetta encontrava-se no fato de que, se ela passou por isso, o Sr. Giorgio também passou. Eu não o vi desde o primeiro dia que estive no navio e não sabia mais nada sobre ele, nem sua função, nem qualquer outra coisa. O que eu sabia era que ele foi uma das pessoas mais gentis que conheci e, inexplicavelmente, havia algo nele que me soava familiar, como se seu jeito me lembrasse alguém. Alguém que eu não me recordava, mas, de todo modo, esse pensamento era provavelmente muito bobo. Trocamos algumas palavras apenas. O que o capitão daquele navio poderia ter que me seria familiar?

Eram perguntas que eu poderia me esforçar muito, mas não teria resposta, pelo menos não naquele momento, naquele frio. Decidi ir direto para o meu quarto, com sorte estaria vazio e eu poderia descansar, ou tentar pelo menos. Sabia que, mesmo se quisesse, não seria capaz de dormir naquele momento, era muita coisa para processar. E assim como a festa daquele dia, meu plano, mais uma vez, foi por água abaixo, pois Elizabetta me esperava no corredor onde ficava o meu quarto.

— Resolveu aparecer, finalmente! — foi logo dizendo. — Onde você estava?

— Acredito que eu não tenho que responder a essa pergunta. — respondi. Eu estava de cabeça quente, irritada e magoada por tudo que aconteceu e tudo que ela fez comigo, foi praticamente incontrolável minha resposta.

— Ah, você acredita mesmo que não tem que me responder, não é? Melhor ainda, assim fica muito mais fácil encontrar motivos para odiar você. Não precisa me responder, nem a minha pergunta e nem ao que vou dizer agora. Não preciso nem lhe lembrar o erro que cometeu, e como seu contato com passageiros, ainda mais passageiros específicos, é estritamente proibido. No entanto, como apenas falar não é suficiente para você, então eu vou mostrar de um jeito que talvez você entenda: a partir de hoje, até o final da viagem, a limpeza da cozinha e a vigília do convés é por sua conta, entendeu?

Desde muito cedo, eu fui ensinada a não questionar, não responder e, principalmente, não me voltar contra qualquer atitude, ainda mais se as achasse injusta. Tia Deusa me criou assim e infelizmente essa era uma característica minha que eu ainda não havia conseguido superar. No entanto, se eu não falasse nada, era possível ler minha desaprovação e irritação apenas com o olhar. Eu olhei Elizabetta bem no fundo de seus olhos e sustentei o olhar como meu pai fez comigo em algumas poucas ocasiões em que eu fiz algo que ele reprovou seriamente. Tentei imitar aquela expressão do meu pai, nem sei explicar o motivo. Eu sabia que isso, nem de longe, soaria ameaçador, mas por minha surpresa, minha atitude pareceu afetar de alguma forma Elizabetta, que mudou sua expressão de desafio imediatamente. Seu rosto ficou imóvel, e seu olhar ficou perdido como se em uma lembrança esquecida, quase era possível ver que sua mente vagou para longe daqui por alguns poucos segundos, mas logo ela voltou ao que era.

— Você começa amanhã — foi tudo que ela disse baixinho, quase um sussurro, quase melancólica, na verdade, antes de se afastar de mim se olhar para trás. De tudo que eu estava esperando que ela fosse me dizer, ou fazer, aquilo não era o que eu previa. Sua atitude foi estranha e, de certa forma, inexplicável. E isso foi mais que o suficiente para saber que eu teria mais uma coisa para me roubar o sono, algo maior ainda do que a informação de que meu serviço acabou de duplicar, mesmo eu não tendo feito nada. A vida se tornou estranha muito rápido.

— E então? Como foi o beijo? — Penélope sequer esperou fechar a porta para me perguntar. Ela estava segurando uma taça qualquer e parecia mais alegre que o normal, talvez já estivesse sob o efeito do álcool, nem que seja só um pouco.

— O quê? — perguntei sem entender.

— Não me esconda o jogo. Deu para ver como ele saiu de lá praticamente correndo para ir atrás de você. Luke, não é? Estava super a fim de você, qualquer um podia perceber. Você se deu bem, hein, ele é um sonho — falou.

— A gente não se beijou. Só conversamos um pouco, e ele foi embora. Não temos nada, e eu nem sei quem ele é, só sei que sou a camareira do quarto dele, apenas — disse.

— Ah, é claro, e ele te deixou com a jaqueta caríssima dele por conta dos bons serviços prestados, não é? — Dessa vez ela me pegou. — Dava para ver a química entre vocês, e pareciam que se conheciam.

Eu já enxergava Penélope como minha melhor amiga, mesmo mal a conhecendo. Conversávamos sobre tudo e ela estava me ensinando muito, não apenas sobre ser camareira, mas sobre a vida, suas experiências e seu jeito meio travesso de levar a vida. Mas ainda assim, eu tinha vergonha de contar a ela sobre essas coisas, como ter visto Luke totalmente nu hoje mais cedo, eu nem saberia como introduzir esse assunto, mas sei que talvez seria bom contar a ela, mesmo estando meio “alegre”, ela é uma ouvinte. Então contei tudo, como seu quarto era diferente, tudo que aconteceu, a forma como ele se portou comigo, e o que aconteceu no convés depois de tudo que aconteceu. Omiti apenas a história de Elizabetta, por alguma razão, senti que não deveria contar algo que não era sobre mim.

Penélope não perdia uma de minhas palavras e confesso que suas expressões eram bem engraçadas, principalmente quando fui descrever o corpo do Luke e como ele era bonito. Quando terminei, pude sentir minhas bochechas esquentarem, e o sorriso no rosto de Penélope era gigante.

— Não acredito que você foi abençoada com essa visão divina. Mas me conta, é grande? — perguntou.

— Como assim? — Seu olhar já foi o suficiente para entender do que ela estava falando e pude sentir meu rosto, queimando, ainda mais.

— Eu não estava... olhando para lá — respondi, sem graça.

— Como assim não estava? Não acredito nisso, vai dizer que não se imaginou transando com ele? — No momento que ela fez essa pergunta, eu percebi que talvez não tenha sido uma ideia tão boa assim contar a ela.

— Eu não penso muito sobre isso. Na verdade, nunca pensei — confessei.

— Você é virgem? — Eu apenas acenei com a cabeça, concordando. Não que eu fosse uma puritana ou estivesse esperando o amor da minha vida para tal coisa, mas eu realmente nunca havia parado para pensar sobre isso. O que eu sabia havia “aprendido” em alguns livros que eu li apenas. Nunca tive nenhum contato desse tipo com ninguém. — Eu mal lembro como foi minha primeira vez, eu estava muito bêbada, e foi com um namoradinho qualquer que eu tinha na época. É uma história bem engraçada, mas acho que já te contei.

— Já, sim, e você não tem juízo — disse, sorrindo para ela.

Penélope tinha a mesma idade que eu, a diferença que ela viveu por mim e por ela durante todos esses anos. Sempre foi terrível, e suas experiências, tanto de vida, quanto sexuais, eram bem intensas para alguém tão jovem. Sua mãe era brasileira, mas tinha descendência italiana, e seu pai americano se conheceram em uma copa do mundo e, pelo que ela disse, não eram ruins de vida. Mas, por conta dos seus problemas de disciplina, seu relacionamento não era bom e, quando completou dezoito anos, por conta própria, decidiu ir viver a própria vida. Conseguiu um emprego de camareira e foi crescendo dentro da profissão. Acabou que isso lhe serviu de experiências para várias coisas, ela já conheceu muitos países, falou vários idiomas e já viu e fez coisas inimagináveis. De uma forma resumida, ela era o meu oposto.

— Mas sabe, se eu tivesse que escolher alguém desse navio para transar, com certeza seria o Gustavo — falou de repente.

— Gustavo? — perguntei, surpresa.

— Sim, o chefe de cozinha. Esta é a terceira vez que trabalhamos juntos. O conheço desde os dezenove anos. Ele não é daquele jeitão bravo que finge ser. Eu sei que, no fundo, ele é um amor. Sem mencionar o quão bonito ele é, e ainda por cima cozinha. O cara é tudo de bom, queria eu ter uma chance com ele.

A minha cara ao ouvir sua fala não deve ter sido a das melhores. Ela o conhecia, mas isso não era prova de que ele era o que ela pensava, e a primeira impressão é a que fica. Nesse caso minha primeira impressão sobre Gustavo é horrível, ele não passava de um grosso, eu nem fui capaz de observá-lo melhor para saber se realmente é bonito como ela o descrevia. A verdade era que ele não me chamou a atenção, apenas me assustou.

— Bom, tem gosto para tudo, não é? — respondi, brincando com ela.

— Não falou assim dele, você vai ver como ele é um fofo... Pensando bem, é melhor que não veja, se alguém aqui vai ficar com ele, esse alguém sou eu, é bom você tirar os olhos dele — Penélope respondeu no mesmo tom de brincadeira que o meu.

— Pode ficar tranquila, não pretendo ficar com ele — lhe assegurei.

— É bom mesmo. Mas, só entre a gente, se fosse escolher alguém, dentro desse navio, quem você escolheria?

Assim que ouvi sua pergunta, em minha mente, se desenhou apenas um rosto. E, vendo esse rosto, eu talvez teria uma resposta, uma resposta bem perigosa.



A minha noite foi tão confusa e com uma conversa tão profunda com Penélope que mal tive tempo de pensar tudo que me aconteceu. Melhor dizendo, não quem eu iria ter que encarar todos os dias. Gustavo era uma pessoa difícil, eu pude ver bem de perto. E por mais que Penélope me dissesse que ele era bom e não tão sério como parecia, eu não conseguia acreditar. Ela poderia tê-lo conhecido muito antes de trabalhar ali, mas isso não mudava nada para mim; ele me dava medo e pronto.

Era um domingo relativamente frio, e seria bom passar o domingo deitada e aproveitando minha primeira folga, talvez a primeira folga da vida até. Mas não, lá estava eu andando de um lado para o outro, tentando pensar em como seria minha rotina dali para frente. Eu não era louca de ir perguntar a Elizabetta, e muito menos seria louca de cometer algum erro. Qualquer atitude que eu tomasse me parecia ser a mais idiota. O convés estava vazio novamente, mas dessa vez sem toda a névoa do dia anterior, apesar de ainda não ser oito da manhã. Tentei comer alguma coisa, mas não consegui. Tentei achar outro jeito de me acalmar, mas não encontrei. As coisas não estavam boas para mim, e fiquei me perguntando se havia um jeito de piorar, mas acho que pensei cedo demais.

— *Cosa stai facendo così presto qui?* — uma voz atrás de mim me perguntou. Era uma voz masculina e desconhecida. Achei que se o ignorasse, ele iria embora. — *Fa troppo freddo, non dovrebbe essere qui* — ele disse que aproximando de mim, era tarde demais para disfarçar. — *Sto parlando con te.* — falou bem atrás de mim, e aí me vi obrigada a olhar para ele.

O reconheci como sendo o terceiro rapaz que vi na festa de minhas primas, o mais jovem. Ele, assim como Luke, era muito bonito, apesar de bem diferentes.

— *Non hai capito una parola di quello che ho detto, vero?* — Eu não fazia ideia do que ele havia acabado de me dizer, mas minha cara de pavor com certeza me entregou. Ele não pareceu ter gostado, pois sua expressão mudou para irritado, e ele começou a praticamente gritar comigo. — *Dato che ovviamente non capisci quello che sto dicendo, dirò cose molto casuali con tono seccato, solo per stuzzicarti e stuzzicarti. E comunque funziona, visto che la tua faccia è molto buffa, e basta...* — Quanto mais ele falava, com mais medo eu ficava, pelo que parecia, eu estava realmente encrocada, não tinha mais jeito. Mas, para a minha grande surpresa, o rapaz de repente começou a rir, a rir muito. Quanto mais ele ria, mais confusa eu ficava.

— Sua cara foi ótima, quase pude ver o medo em seus olhos — disse quando finalmente conseguiu se controlar. — Você realmente não entendeu nada?

Eu devia falar a verdade, mas a verdade poderia me custar muito

caro. Eu estava em uma sinuca de bico, literalmente não sabia o que responder. Não sabia quem ele era, se devia confiar ou não, ou se seguia minha intuição, lembrando-me do primeiro momento que o vi, e como ele de um jeito muito estranho me lembrava os Reis.

— Pode ser sincera comigo, não precisa ficar assustada.

— Não — respondi no impulso.

— Não o quê?

— Eu não entendi nada no que disse — admiti logo. — E, antes que pergunte, eu também não tenho nenhuma experiência em ser camareira, meu currículo é uma verdadeira mentira, a única válvula de escape que achei — contei tudo, de um jeito meio irritada.

— Eu não iria perguntar, mas obrigado por ter contado — respondeu, então se fez silêncio. Eu deveria aprender a me controlar melhor e não revelar todos os meus segredos de maneira tão fácil, mas eu, sinceramente, já estava irritada com a montanha-russa de emoções que eu estava vivendo em tão poucos dias. De tudo que eu pensei não estar preparada, o emocional nem chegou a passar pela minha mente.

— Meu irmão é o dono do navio, sou um dos sócios da empresa.

— Como é? — perguntei sem entender.

— A Companhia Porto Real pertence a mim e aos meus dois irmãos, Gaspar e Gianluca, o Luke.

— Você é irmão do Luke? — Não pude conter minha surpresa.

— Sim, eu sou. Conhece? — perguntou curioso.

— Apenas por nome — respondi rápido, antes que decidisse contar o que vi ontem, como acabei de fazer com o meu próprio segredo.

— Enfim, foi dito a todos que apenas meu irmão, o Gaspar, estaria aqui, nós dois estamos meio que escondidos, tentando nos camuflar por conta de problemas que você nem vai querer saber, mas o que importa é que ninguém aqui pode saber disso — falou, como se contasse um segredo de estado.

— Se ninguém pode saber, por que é que está me contando? — quis saber.

— Para mostrar a você que não é a única aqui a carregar um segredo e que, assim, agora temos que confiar um no outro — respondeu sorrindo. Minha intuição estava certa no final, ele não parecia ser uma pessoa ruim, e era o irmão de Luke, uma revelação e tanto, algo a ser refletido com mais calma. — O meu nome é Baltazar, mas pode me chamar apenas de Azar. E o seu é?

— Por que apenas Azar?

— É uma boa abreviação do meu nome, e você logo vai descobrir que não sou a pessoa mais sortuda do mundo — me respondeu.

— Entendi, isso é meio triste. — comentei.

— Eu acho graça, aprendi a fazer minha própria sorte. Só que você não me disse seu nome —brincou.

— Ah, é claro, eu sou a Cloe, apenas Cloe, sem apelidos —brinquei.

— Bom, e o que a senhorita está fazendo aqui? Nesse frio, tão cedo?

— Estou com um grande problema. Já perdi a conta do quão enrolada eu estou — disse.

— Bom, ainda é cedo, o dia mal começou, e a gente ainda mal se conhece. Isso significa que tempo, para nós, não é o problema. Pode me contar o que quiser, eu sou todos ouvidos.



CAPÍTULO 9

Gustavo

Gustavo

Elizabetta só podia estar de brincadeira comigo. Minha vontade inicial era de falar uns bons palavrões a ela e disser que não aceitaria a troca de jeito nenhum e que ela não me colocasse em mais um de seus problemas com as camareiras. Mas era domingo, o dia mais importante da semana para um *chef* de cozinha de alto padrão como eu, ainda mais em um navio de luxo como o Netuno. Minha cozinha estava um caos, os molhos passaram do ponto e os grelhados não ficariam prontos no tempo que pensei. Não bastasse toda essa confusão, Elizabetta me tirou da cozinha apenas para avisar que José, o melhor auxiliar que eu já trabalhei, não seria mais o responsável pela limpeza da cozinha, e, sim, uma das suas meninas, que eu nem sei quem é, muito menos se seria capaz de manter a cozinha do jeito que eu gosto. Não por falta de desejo, mas, sim, de tempo, apenas disse que conversaria com ela mais tarde e voltei para a cozinha, eu

não deixaria as coisas ficarem desse jeito.

— Chef, sinto em dizer ao senhor, mas acho que o molho branco ficou um pouco salgado — um cozinheiro comentou.

— Como é que é? — perguntei sem acreditar, e ele sequer ousou me responder. — Você tinha uma, apenas uma tarefa, e nem isso você foi capaz de fazer! Isso é inadmissível. Mas eu vou ser justo com você, se, em cinco minutos, eu não tiver um molho branco perfeitamente temperado, pode se considerar demitido, estamos de acordo? — Foi uma pergunta retórica, apesar de poder ver o medo em seus olhos — Ótimo, agora volte ao trabalho!

Infelizmente, para mim, esta era a única maneira de conseguir coordenar uma cozinha tão grande. Não que eu não gostasse desse modo de trabalhar. Sempre soube que seria um chef. Sempre soube que era isso que eu gostaria de fazer da minha vida e, embora carregue em meus ombros a responsabilidade de alimentar centenas de pessoas diariamente e esteja sob constante pressão de cozinhar para tantas pessoas, vindas de vários lugares diferentes do globo, com experiências e tantos gostos distintos entre si, nisso sou realmente bom. E eu me orgulho do que conquistei profissionalmente, considerando o quanto é difícil ser reconhecido com um dos mais talentosos chefs da minha geração. As estrelas Michelin que meu restaurante recebeu foram apenas a consequência de um trabalho com muito foco e comprometido em não cometer erros, com muita dedicação e trabalho duro. Eles não esperam nada mais que a perfeição, assim como eu.

Tentei esvaziar a mente e me concentrar na próxima refeição. Eram inúmeros detalhes a serem pensados, como as mais variadas restrições e opções alimentares, incluindo vegetarianismo, intolerância à lactose ou ao glúten, coisas que a maioria das pessoas não pensa, mas que, para o nível daquele navio, eram de suma importância. Ainda tinha exatos quarenta e sete minutos até as refeições começarem a ser servidas e, se conseguisse realmente me concentrar no que estava fazendo, tudo daria certo. O problema era que não conseguia me concentrar; não tirava da cabeça a mudança que Elizabetta insistiu em fazer, por uma coisa que em nada me envolvia. E, por mais que agora não fosse a melhor hora para pensar nisso, todos os meus pensamentos rodavam, rodavam e paravam no que pretendia dizer a Elizabetta assim que tivesse a oportunidade.

Simplemente não iria acatar sua decisão. Se ela não me respeitasse, falaria com o capitão. Se ele também não interviesse a meu favor, falaria com Gaspar. Não importava com quem tivesse que falar; o importante era que daria minha garantia de que aquela garota, seja lá quem fosse, não trabalharia comigo. Sabia que poderia soar injusto de minha parte, pois nem a conhecia e, mesmo não sabendo

quem era, já ficava bastante feliz que não seria aquela menina loirinha com quem já trabalhei em outros lugares antes de vir parar ali. Patrícia, Paloma, não sabia ao certo o nome dela, só sabia que havia algo nela que me incomodava; parecia me perseguir de alguma forma e não me espantaria se fosse capaz de dar um jeito de vir trabalhar comigo. Conhecia bem as histórias de vida dela, e não queoubesse a mim julgar o que era certo ou errado, eu apenas não queria me envolver com ela.

No fim das contas, fui fazendo minhas tarefas uma de cada vez, e sempre que minha mente se voltava para essa situação, me obrigava a concentrar no que estava fazendo. Dessa forma, consegui concluir meu trabalho sem mais nenhum contratempo. É claro que, se dissesse que aquela foi a melhor refeição que já fiz, seria provavelmente a maior mentira que já contei, mas, ainda assim, ela se encaixou dentro do meu padrão. Assim que tudo foi finalizado e vi que José não chegava para executar a limpeza, a raiva praticamente me consumiu. Nem esperei para conhecer a minha "nova assistente", fui direto para a sala de Elizabetta, disposto a lhe dizer algumas verdades. Por coincidência, acabei quase atropelando Giorgio, o seu marido.

— Rapaz, para onde você vai com tanta pressa? Ou melhor dizendo, com tanta raiva? — perguntou, tentado se recuperar da trombada que acabou de levar.

Conheço Giorgio há quase nove anos, eu estava no início da minha carreira como chef, quando nos conhecemos em um evento que envolvia a família Porto Real, ele sempre me dizia que um dia trabalharíamos juntos e cá estávamos. Algo nele me lembrava meu pai, talvez o semblante triste que ambos possuíam, ou talvez fosse o bom coração, ou, quem sabe, até as duas coisas. O que quer que fosse, fazia com que eu o admirasse muito.

— Sua excelentíssima esposa me envolveu em uma de suas confusões e agora minha cozinha perderá o melhor chefe de limpeza que eu já trabalhei — contei a ele, que, por sua vez, apenas me deu um sorriso fraco em resposta.

— Meu filho, eu sei perfeitamente como se sente, não só pela sua frustração, mas por lidar diretamente com Elizabetta. Ela me contou ontem à noite tudo que aconteceu, e eu sei quem é a menina. Ela é assustada e parece meio perdida, mas eu lhe garanto que tem um bom coração, pude ver isso nos olhos dela. Seu nome é Cloe e, pelo que soube, alguns passageiros já estão elogiando o bom trabalho dela, que não fez absolutamente nada para receber esse castigo, o próprio Luke me contou. Então por que não tenta dar uma chance a ela? Se o seu serviço não for do seu agrado, aí, sim, você terá todo o direito de não a querer por perto, mas acho que deveria pensar antes de penalizá-la, assim como minha esposa fez, o que você me disse?

Era realmente impressionante a influência que Giorgio tinha sobre mim e como ele conseguia me fazer as coisas de outra forma, já que, mesmo não concordando com tal mudança, talvez eu realmente estivesse exagerando. Foi então que meus olhos vacilaram, e ele abriu um grande sorriso, entendendo que havia ganhado esse conflito.

— Está bem, capitão, o senhor sabe o faz. Vou dar a você dois um voto de confiança — respondi e prestei continência, como um sinal de respeito, mas, ainda assim, em tom de brincadeira. Ele apenas respondeu com outra continência e retomou o seu caminho, seja lá qual fosse ele. Eu refiz minha rota, indo para o meu quarto, certamente eu tinha muito no que pensar, mas, por ora, meu único pensamento era se eu realmente deveria aceitar uma estranha na minha cozinha. Qual mal isso poderia ter?



É claro que existe todo um estresse por conta do trabalho, quem disse que ama cem por cento do tempo o emprego que tem com certeza está mentindo. Ainda assim, cozinhar é a paixão da minha vida, com toda certeza é a minha essência, aquilo que faz eu ser quem sou e o que me conecta a quem eu verdadeiramente amo. Essa paixão começou há muito tempo, quando eu ainda era um garoto apenas. Eu não conheci minha mãe e sei muito pouco sobre sua história. O que sei é que ela morreu doente e que, de alguma forma, ela não podia ficar com o meu pai, por mais que se gostassem. Nunca meu pai disse o real porquê, eu também nunca perguntei, e isso é tudo que eu tenho dela. Diferentemente do contato que tenho com o meu pai, o homem que me criou e me ensinou tudo sobre a vida, sobre as pessoas, sobre tudo, se sou quem sou, devo isso a ele.

Meu pai Antônio era formado em filosofia, mas nunca exerceu a profissão, a paixão de sua vida era as flores, então se dedicou apenas a ser jardineiro. Ele também muito me ensinou sobre flores e, por mais engraçado que isso possa parecer, foi dessa forma que comecei a me interessar pela gastronomia, quando meu pai me contou que existiam flores comestíveis. Até os meus nove anos, moramos na Itália, depois nos mudamos para uma vizinhança tranquila no Brooklin. Os motivos para tal mudança eu também não conhecia, já que aparentemente vivíamos muito bem onde estávamos e, quando eu menos esperei, nos mudamos, meu pai se tornou um homem extremamente preocupado com tudo e superprotetor. Ao mesmo tempo em que era notório a tristeza e ressentimento que ele por algum motivo sentia, ele ficava constantemente verificando portas e janelas, não me deixava sair sozinho por nada, se assustava com qualquer barulho e mal dormia à noite. Isso levou uns bons anos até ele parecer mais tranquilo, mas antes disso, realmente foram tempos difíceis. Nessa época,

infelizmente, acabamos nos afastando muito, eu me revoltava com suas atitudes infundadas, e ele parecia cada vez mais triste, até que um de seus aniversários, eu não fazia ideia do que fazer para comemorarmos. Não podíamos sair, já que ele obviamente não aceitaria, e eu, além de não ter um tostão sequer, também não tinha a liberdade de ir poder escolher alguma coisa.

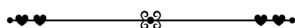
Então tive uma ideia: por que não cozinhar para ele? Fazer seu prato predileto? E foi isso que eu fiz. Preparei o macarrão com massa fresca e molho branco, e à noite comemos juntos. A última vez que o vi sorrindo daquele jeito, ainda morávamos na Itália, e aquele foi o melhor momento que eu tive com ele. Nesse dia eu aprendi duas coisas. A primeira é que amido de milho em excesso num molho branco o transforma numa papa em questão de segundos. E a segunda coisa é que a comida é capaz de trazer tanta alegria e sentimentos bons que deve ser considerada uma dádiva dada a nós.

A partir desse dia, eu desenvolvi verdadeira paixão pela gastronomia. Costumava cozinhar com o meu pai, e ele sempre me ensinava coisas novas, e à medida que eu fui crescendo e me identificando com a profissão, meu pai foi cada vez me incentivando mais, e se não fosse o seu apoio, eu com certeza teria desistido desde o começo. Apesar de tudo que passamos, a minha relação com o meu pai hoje é uma das melhores que eu poderia ter. Ele é o meu melhor amigo e a pessoa que mais inspira desde o meu primeiro prato, até hoje, quando tenho a oportunidade de cozinhar para o mundo.

Quando fiz dezoito anos, meu pai me deu de presente um curso de gastronomia e, antes mesmo de me formar, eu já tinha várias propostas de emprego. Saí por aí rodando o mundo, conhecendo várias culturas, comidas típicas e tudo que se pode conhecer. Conheci muitos lugares e muitas pessoas, e toda experiência maravilhosa que tive devo ao meu pai e à gastronomia, é claro. Numa dessas viagens, acabei conhecendo a família Porto Real, que me prometeu um ótimo salário se eu concordasse em ser o chef da empresa deles. Meu pai, quando soube da notícia, ficou como na época em que era assustado e preocupado, uma coisa que me surpreendeu, achei que nunca mais fosse o ver desse jeito de novo, mas ele logo se recuperou e me apoiou, mesmo ainda agindo de forma estranha até hoje. E agora, em plenos 29 anos, sou considerado um dos melhores chefs do mundo, cozinhando no navio mais avançado e tecnológico do planeta, um cargo realmente invejável.

Reconheço que o meu passado é tão misterioso quanto o futuro pode ser, mas eu sei que ainda vou descobrir toda a verdade sobre minha história, mas, antes de fazer isso, eu quero conquistar o mundo, ganhar a todos com minha gastronomia e levar tanta alegria como eu tive, apesar de tudo que eu já passei. E não importa quanto tempo

leve, que mais eu tenho que enfrentar, ou o que tiver que vir, eu vou encarar com ousadia, determinação e bastante confiança, afinal, é isso que faz de mim quem sou, é isso que faz de mim o melhor cozinheiro do mundo.



A mocinha da limpeza não era ruim, eu tenho que reconhecer. É claro que ela mudou muita coisa de lugar, o que particularmente me deixou extremamente irritado, mas, em termos de limpeza, ela superava até mesmo José. Mas isso não compensaria os erros que cometeu e, como eu resolvi lhe dar uma chance, ela deveria no mínimo fazer por onde merecer tal coisa. A limpeza da segunda-feira era feita apenas depois das vinte e uma horas, um horário particularmente tarde para quem trabalha o dia todo, como ela, e que trabalharia ainda mais, não que fosse problema meu, é claro. Resolvi esperar por ela, para que ela entendesse bem para quem está trabalhando e como eu não aceito menos que a eficiência máxima. Precisei colocar os olhos nela por apenas dois segundos para me recordar de que já a conheci no nosso primeiro dia, graças a sua distração, eu quase a derrubei do navio, e isso, para mim, já contava como ponto negativo. Ela mal entrou na cozinha, e eu já fui logo dizendo:

— Eu só vou dizer apenas uma vez para não ser injusto com você: ou você aprende a deixar as coisas na ordem que ela são, ou eu lhe dou minha garantia pessoal de que Elizabetta não será a única que irá infernizar sua vida, estamos entendidos?

Minhas palavras a pegaram de surpresa e ela precisou de alguns segundos para entender o que acabar de ouvir. Fingi que foi uma pergunta retórica, mas, antes de sair, ela finalmente falou:

— Gustav... Chef Gustavo, sinto muito por não ter deixado na ordem que é para ser, mas acontece que eu não sei qual é a forma correta. — Me virei para ela e a encarei, ela tentava mostrar o quanto me respeitava, mas isso só fez deixar claro que ela talvez tenha um pouco de medo de mim. — Será que o senhor não se importaria de me ensin...

— Como é? — perguntei. — Acha que eu vou ficar aqui até mais tarde “ensinando” você? Se quiser aprender alguma coisa, se esforce, observe melhor tudo ao seu redor, ou venha aqui durante o dia, que, com certeza alguém, que não será eu obviamente, vai lhe ensinar. Agora, se me der licença, eu estou cansado. E, ah, cuidado com a porta da cozinha, não a feche.

— Por que não? — perguntou de um modo inocente.

— Porque eu estou mandando! — E fui para o meu quarto dormir, eu estava cansado, os dois últimos dias foram longos demais

para mim. Meu último pensamento antes de dormir foi a forma como ela me olhou, tão inocente, sem malícia alguma, talvez eu tivesse exagerado um pouco com ela.

Algo naquela garota me chamava a atenção, ela era totalmente diferente de todas as pessoas que eu já trabalhei, principalmente as que se encontravam em condições como a dela, trabalhando mais que qualquer um naquele navio. Depois da bronca que eu dei a ela, que fez eu me sentir muito mal por conta da forma que me olhou, seu serviço saiu de muito bom para maravilhoso, quase perfeito. Ela me evitava a todo custo e só entrava na cozinha depois que eu saía. Eu gostava que fosse desse jeito, assim, ela não me atrapalhava e nem eu a atrapalhava. E no fundo eu também não gostava de ficar perto dela por muito tempo, não entendia de onde vinha toda aquela alegria, mas não era possível que alguém conseguisse trabalhar cantando como ela fazia, mas uma coisa eu tenho que admitir, sua voz era linda, eu poderia passar horas a ouvindo cantar, mesmo que a maioria de suas canções fosse triste, sua voz trazia certa calma, como se quisesse dizer que, no fim, tudo ficaria bem.

E é claro que ela jamais saberia disso, nem ela, nem ninguém, mas eu a achava tão bonita, muito mais que muitas das passageiras do navio, que gastam verdadeiras fortunas para se manterem assim. Cloe não se esforçava para isso, ela não queria chamar a atenção, mesmo com todo esse talento e essa beleza e mesmo sendo mais jovem, ela sempre demonstrava responsabilidade e tentava transmitir que era confiável, mesmo que nunca tenha tido coragem de falar comigo.

Tudo isso que eu disse eu aprendi apenas a observando, logo ela pegou o ritmo de como as coisas funcionavam e não me deu mais nenhum tipo de problema. Depois de alguns dias, eu quase esqueci de toda essa confusão e me vi na obrigação de pensar em outras coisas, como a festa do próximo sábado. O tema da festa seria anos 80, e é claro que a comida servida sempre deve acompanhar o tema. Não é um dos mais difíceis, eu tenho que admitir, mas ainda assim é algo a se pensar. Eu via essas festas como uma forma de me preparar para os grandes espetáculos que serão a cada mês.

A primeira seria daqui a pouco mais de três semanas e, como eu já sabia o tema, sabia que aquela festa seria inesquecível. Também era a única que, por obrigação, eu participaria. Não era o maior fã de festas e não via motivo para celebrar sem ter motivo algum. Mas, de qualquer maneira, não era algo a ser pensado naquele momento. Por ora, minha única atividade, além do que eu já esperava, era a festa que aconteceria depois de amanhã.

Eu finalizaria o cardápio e o enviaria para Gaspar, aguardando sua aprovação. Mesmo trabalhando com a família Porto Real há tanto tempo, eu sabia muito pouco sobre eles. Nosso contato era

estritamente profissional, e foram pouquíssimas as vezes que nos encontramos fora do local de trabalho. Conhecia bem as histórias sobre a família e toda a confusão em que eles já se envolveram, desde a morte do pai até a prisão de Luke. Não podia julgar nenhum deles por simplesmente não os conhecer, e não é que eu desgostasse deles, apenas preferia deixar as coisas como estavam. O único que já se atreveu a ter um contato maior foi Baltazar, o irmão mais jovem. Ele não parecia querer se envolver tanto assim com a própria família, mas já que aceitou ser instrutor de mergulho, prova de que, ao menos, ele estava se esforçando.

A sexta feira foi bem estranha para mim. Foi o único dia da semana que não estava frio, e o sol brilhou o dia todo. Por incrível que pareça, Giorgio comentou comigo que isso não era bom sinal, que súbitas mudanças de temperatura poderiam indicar tempestade. Eu torcia para que ele estivesse errado, a última coisa que queria era ser sacudido de um lado para o outro, ainda assim, o sol dourado sob a imensidão azul que cobre nosso planeta foi mais que suficiente para manter meu bom humor. Pouco antes de ser servido o jantar, eu recebi a confirmação de Gaspar que o cardápio estava aprovado, mas eu precisava encontrar uma forma de me organizar, a semana estava acabando e todos estavam cansados. Por mais que aquilo fosse uma punição, eu não queria ficar segurando Cloe até mais tarde, já que quanto mais eu demorasse na cozinha, mais tempo ela demoraria para começar a limpeza.

Por conta do seu bom serviço e a forma como ela me olhou na segunda à noite, eu resolvi lhe dar uma colher de chá, e eu faria o esforço de trabalhar até mais tarde para que ela pudesse descansar. Quando o jantar fosse finalizado e ela viesse para limpeza, eu a deixaria fazer tudo, e só quando ela saísse, é que eu iria voltar e fazer a conferencia de ingredientes e me organizar para as refeições, além do buffet servido na tal festa. O que mais me chamava a atenção sobre a vida era que quando certas coisas precisavam acontecer, elas não tinham motivos, apenas aconteciam, tudo era como deveria ser. Sob nenhuma circunstância eu faria essa mudança apenas para beneficiar uma pessoa que eu não conhecia, e lá estava eu, quase meia-noite, olhando para o céu e vendo as nuvens se formando, confirmando os anos de experiência de Giorgio e me preparando para o que seriam longas horas de serviço. Mas antes mesmo de começar, ouvi gritos vindo do convés. A discussão parecia feia, e eu não conseguia identificar a voz que gritava histericamente. A discussão parecia não ter fim, até que finalmente se fez silêncio. Voltei a me concentrar no que estava fazendo, até que ouvi o estrondo da porta da cozinha se fechando.

A porta da cozinha possuía maçaneta apenas do lado de fora, ou

seja, quem a fechasse por dentro ficava trancado lá, até que alguém viesse e abrisse a porta. Numa sexta-feira, armando tempestade altas horas da noite, absolutamente ninguém desceria até lá para abrir a porta, eu passaria a noite trancado. Viro-me para ver se de fato isso aconteceu e vejo que a porta não foi fechada pelo vento, alguém fez isso. Para todos os efeitos, eu, ao menos, teria companhia, mas precisava ser logo essa companhia?



CAPÍTULO 10

Cloe

Cloe

Duas horas atrás

Nem eu mesma estava acreditando que a semana estava prestes a acabar. Minhas horas de sono haviam sido reduzidas drasticamente, especialmente na quinta-feira, já que é o dia da vigília em que eu preciso ficar acordada até mais tarde, ou seja, nesse exato momento, tudo que eu mais queria era acabar essa cozinha logo e poder dormir. Gustavo não fez mais nenhuma reclamação do meu trabalho, o que, para os padrões dele, poderia ser considerado um elogio. Ainda assim, depois daquela belíssima bronca que recebi no meu segundo dia trabalhando na cozinha, foi mais que suficiente para me fazer ter medo dele e não querer mais saber de vê-lo, então, sempre que eu podia, eu evitava.

O mais engraçado era que, estranhamente, de terça para cá, a cozinha não me pareceu tão bagunçada, como se, de alguma forma, o meu serviço fosse adiantado por alguém, o que provavelmente não era verdade e deveria apenas ser impressão minha. Não me deixei abalar pelo cansaço ou pelas pequenas perseguições de Elizabetta, eu já

estava considerando parte da minha rotina, era a forma que eu havia encontrado de bloquear tudo que estava acontecendo. Mas, para ser sincera, a maior mudança que aconteceu e que estava me incomodando era Penélope, assim que soube que eu iria trabalhar na cozinha, nossa amizade mudou da água para o vinho. Ela quase não conversava comigo, sempre dizendo que estava cansada ou que depois seria um momento melhor para conversarmos.

No começo, eu realmente acreditei nela, achando que ela estava cansada, ou apenas passando por algo que não se sentia confortável em dividir comigo, até porque sabemos muito pouco uma da outra. Mas aí eu percebi que não, que era algo pessoal e que ela estava desse jeito apenas comigo. Queria poder entender ela e tentei perguntar a ela algumas vezes sobre isso, mas não me respondia. Talvez, no momento certo, ela iria se explicar para mim.

Em contrapartida, quanto mais me afastei dela, mais me aproximei de Baltazar, ou Azar, como ele mesmo prefere, ele era divertido e, por incrível que parecesse, nunca falávamos dos nossos problemas, ou procurávamos nos conhecer, tudo que eu sabia dele era seu nome e o fato de estar no quarto 501. Sempre surgiam os mais aleatórios assuntos, e ele sempre mencionava como era azarado, mas, quando o via, não parecia que ele poderia ter tanto azar assim.

As conversas mais profundas ficaram por conta de Giorgio, que agora que eu sabia que era o capitão do navio e isso, por algum motivo, me fez ter ainda mais admiração por ele. Ele me fez companhia um bom tempo na quinta-feira e me deu vários conselhos sobre tudo que estava acontecendo comigo, principalmente o trabalho excessivo e a situação com Penélope. Era muito bom falar com ele, mas sua figura não me lembrava um amigo, e, sim, como um pai ou coisa assim, talvez fosse nossa diferença de idade que me fizesse ter essa impressão.

E, por último, porém não menos importante, Luke. Ele insistiu em querer conversar comigo, mesmo que fosse notório que não tínhamos nada em comum. Quando fui lhe entregar sua belíssima jaqueta de couro, aconteceu pela segunda vez: ele estava nu quando o vi. Tudo ficava ainda pior quando ele deixava bem claro como gostava dessa situação, sempre se divertindo. Houve vezes em que fui limpar o quarto dele e que conversávamos um pouco, mas não muito e, dessa forma, eu podia observá-lo melhor. Luke era muito bonito, provavelmente o homem mais bonito que já vi em minha vida. Ele transparecia confiança e seria muito fácil entrar no jogo dele. Algo que eu não estava disposta a fazer, por mais que o achasse um verdadeiro sonho, não estava nem um pouco a fim de ser o brinquedinho dele nessa viagem. Ainda que vez ou outra não parecesse que ele queria apenas se divertir e que talvez se preocupasse

comigo de verdade, eu não poderia deixar esse tipo de pensamento ganhar força, já que era tudo coisa da minha cabeça.

A limpeza não demorou tanto assim. Geralmente eu acabava quase a uma da manhã, mas agora não era nem meia-noite ainda e já estava saindo da cozinha. O tempo não estava bonito, e isso me deixava nervosa, não podia deixar de pensar besteira sobre tempestades, navios, filmes famosos... logo esses pensamentos saíram da minha mente com a visão de Elizabetta vindo ao meu encontro. Ela tinha sangue nos olhos, e aquela foi a primeira vez que a vi com raiva de verdade. Eu estava encrocada.

— Eu só vou perguntar uma vez, portanto, nem pense em mentir para mim! Qual o nível de italiano?

— Como é? — Foi o que eu consegui gaguejar. COMO ELA DESCOBRIU? Essa era a única coisa que eu conseguia pensar. Eu fui pega totalmente de surpresa, não sabia o que inventar, não conseguiria contar a verdade e não queria perder meu emprego. O medo do que poderia acontecer comigo me dominou totalmente, minha barriga gelou e pude sentir meu rosto queimar. Se ela fosse perita em linguagem corporal, bastava apenas me olhar para descobrir toda a verdade. Acho que ela talvez fosse, pois ela me respondeu:

— Eu já deveria saber, minha intuição sobre você nunca falhou. Quando eu vi você pela primeira vez, algo dentro de mim disse para recuar, ficar de olho em você, mas nem em um milhão de anos eu iria adivinhar que estava falando com uma bandida!

— Mas acontece que eu não sou...

— É BANDIDA, SIM! Uma criminosa! — gritou, me assustando. — Você falsificou o seu currículo, tomou a vaga de quem realmente merecia e agora é apenas um peso morto para mim. Além de não se adequar aos padrões exigidos para trabalhar aqui, você quebra as regras interagindo além do permitido com passageiros, ou acha que eu nunca notei a forma como tem se aproximado de homens como Gianluca? Conheço bem o seu tipo, tentando seduzi-lo com esse papinho de moça inocente. Acontece que esse seu teatrinho não engana a mais ninguém! VOCÊ É UMA MENTIROSA QUE ESTÁ APENAS ATRÁS DE DINHEIRO!

Nem se eu mesma pensasse em todas as palavras que seriam capazes de me fazer sentir como o pior ser humano do mundo, eu conseguiria pensar em algo tão cruel. Como ela pôde? Será que Elizabetta realmente pensava isso de mim? As lágrimas escorrem involuntariamente.

— Acha mesmo que chorar muda alguma coisa? Muda o que você é? Ou que está acontecendo? Acontece que não, não muda! Você deveria se envergonhar de estar aqui e, de todas as atitudes que teve até agora, eu já nem sei mais do que xingar você, você por completo é

um erro! Eu não quero mais ver você em nenhuma festa ou evento que acontecerá no navio. E você está proibida de sair do netuno nas paradas que faremos nos portos pelo Mediterrâneo. Nunca poderá desembarcar. Itália, Grécia, Turquia, França, Espanha... são lugares que você não vai conhecer nessa viagem, se depender de mim. Nada de passeios em terra em sua folga. Você trabalhará e ficará no quarto, e somente no quarto. E para não dizerem que eu sou a vilã dessa história, eu não vou demitir você e sabe por quê? Porque eu garanto que farei da sua vida dentro desse navio um inferno tão grande que, se você não se demitir em uma semana, eu não me chamo Elizabetta Mirko. Você vai desejar nunca ter posto os pés no Netuno com toadas as suas mentiras na bagagem— disse isso e foi embora, me deixando ali parada, assustada com suas ameaças e temendo o que ela ainda seria capaz de fazer contra mim, só porque simplesmente tinha poder para isso.

Suas palavras doeram tanto que eu mal consegui descrever como era a sensação, apenas senti o vazio, a raiva e a tristeza em mim. Nem mesmo tia Deusa, ou qualquer uma de minhas primas, tinha ido tão longe, já que esqueci de mencionar que o convés estava cheio de passageiros por conta de um luau organizado por Azar. Não sei nem dizer quantas pessoas assistiram ao vivo a maior humilhação da minha vida.



Eu fiz o que eu pude. Voltei correndo para a cozinha e, dessa vez, eu não queria ninguém me seguindo, me perguntando o que aconteceu, ou vindo me falar daquela mulher horrível. Eu queria ficar em paz, queria que o mundo acabasse, queria desaparecer!

Assim que cheguei na cozinha, sem nem pensar duas vezes, fechei a porta com um estrondo, capaz de acordar o mar inteiro, mas eu não estava ligando para mais nada, eu só queria ficar sozinha. E que se danasse o navio inteiro, que se danasse tudo!

Eu fiquei olhando para a porta deixando que as lágrimas escorressem, meus olhos não estavam focando em nada específico, apenas pensando em tudo que passei até agora, meus pais, dona Meridiana, os Reis, minha tia e primas, tudo que fizeram comigo, tudo que precisei passar até chegar nesse navio, e agora passava pela mesma coisa com essa mulher. Eu pensei que aqui eu encontraria meu caminho, que eu seria feliz, mas isso agora é só um sonho bobo, eu tinha que encarar a realidade.

De repente eu senti uma sensação estranha, uma sensação de que alguém me observava. Mesmo sentindo um pouco de medo, a última coisa que eu queria era fantasiar sobre fantasmas ou coisas assim, eu nem tinha cabeça para isso. Me virei e meu primeiro pensamento era

que se fosse um fantasma, eu teria mais sorte, pois era Gustavo, que me olhava sério.

Aquilo parecia um pesadelo. Depois de tudo que me aconteceu, as humilhações, as pessoas que ganhei e as que perdi, depois de tudo que tive que passar em alguns dias, a cereja do bolo era estar ali com Gustavo, logo com Gustavo. Meu primeiro reflexo foi tentar sair de lá o mais rápido possível, até que percebi que, do lado de dentro, não tinha maçaneta, não importava o que eu fizesse, não iria conseguir abrir.

— Tenta adivinhar por que eu disse para não fechar a porta — Gustavo disse atrás de mim.

Eu não podia acreditar no que estava acontecendo. Era demais para a minha cabeça, tudo que eu queria era apenas me tornar um conceito abstrato, sem forma física. Eu encostei minha testa na porta de metal, sentindo seu toque gelado, fazendo meu corpo se arrepiar todo. A mistura do frio da porta com o quente das minhas lágrimas me fazia ter uma espécie de calafrio, não era a melhor sensação do mundo, mas do que me importava agora? Eu não podia imaginar algo pior acontecendo, mas considerando a sorte que estava tendo nos últimos dias, preferi nem pensar para que, desse jeito, não fosse atraído. Gustavo estava falando comigo, mas eu não estava ouvindo o que ele dizia, parecia que sua voz estava a quilômetros de distância de mim. E, como num reflexo, eu olhei para ele, percebendo que estava se aproximando de mim e, no momento em que nossos olhos se encontraram, ele se calou. Seu olhar mudou de furioso para preocupado em fração de segundos, algo que eu jamais pensei que iria ver vindo dele.

— O que foi que aconteceu? — perguntou.

— Aconteceu tudo! — respondi. Por incrível que parecesse, a forma como eu lhe respondi não o deixou nervoso ou fez com que ele se afastasse, ele continuou me olhando com o mesmo olhar de preocupação.

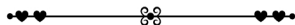
— Sua resposta não explica muita coisa, sabia? — Gustavo disse.

— Ah é? Pois, eu não ligo pra isso. — Saí de perto dele, indo para a dispensa, onde ficava guardada toda a comida do navio, e me sentei em um saco de batatas, escondendo meu rosto com as mãos e mantendo a cabeça baixa. Como foi que minha vida foi de 8 a 80 tão rápido? Eu começara a pensar que talvez a ideia mais estúpida da minha vida foi achar que vir pra esse navio estúpido era uma boa ideia.

— Eu não quero brigar com você, muito menos cobrar alguma coisa agora, mas vamos passar a noite presos aqui, o mínimo que podemos fazer é colaborar — Gustavo disse, eu levantei minha cabeça e vi que ele havia trazido um copo com água para mim. — Então será

que a gente pode tentar de novo?

Eu concordei com a cabeça, aceitei o copo com água, e Gustavo se sentou ao meu lado. No momento em que ele fez isso, lá fora a chuva caiu com tudo, fazendo com o que eu me assustasse, mas Gustavo tentou me acalmar, dizendo que estava tudo bem e que eu não precisava ter medo. Talvez, só talvez, passar aquela noite presa com ele não fosse tão ruim assim.



Gustavo

Gustavo

Eu mesmo não saberia dizer o que estava acontecendo, muito menos o que eu estava fazendo com Cloe. Tudo aconteceu tão rápido e pelo jeito não só para mim, mas para ela também. Cloe não era uma pessoa ruim, qualquer um podia enxergar isso, mas sua vida parecia muito complicada, mesmo que eu não soubesse nada. Ela parecia viver encrencada e sempre se dando mal. Não era do meu feitio me preocupar com as pessoas desse jeito, tentar consolá-las, ou ajudar de alguma forma, mas algo nela me chamava a atenção, eu não sei explicar ao certo o que era, mas eu realmente estava preocupado com ela e com o que aconteceu, não queria vê-la mal desse jeito.

Meu pai sempre disse para mim “Conheça todas as teorias, e domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”. Por alguma razão, era dessa forma que eu me sentia naquele momento, Cloe não era a camareira que limpava a cozinha, ou minha colega de trabalho, era apenas uma garota, uma garota que estava triste e que talvez precisasse desabafar sobre isso.

— Quer me contar como tudo aconteceu? Por que você está triste? — perguntei.

— A história é grande, se importa?

— É claro que não, pode me contar tudo, se quiser — disse a ela e lhe dei um sorriso.

— Eu morava com a minha tia e minhas primas antes de vir trabalhar no navio, e as coisas eram complicadas. Minha tia não era uma pessoa boa e me perseguia de todas as formas. Ela não me deixou completar os estudos e vivia me humilhando de várias formas. Eu

tinha de trabalhar para ela e quase nunca tinha algum descanso, o mais perto que eu tinha disso era quando podia ir ver meus vizinhos, três irmãos meio malquinhos que foram os únicos amigos que eu tive até hoje.

— E os seus pais?

— Morreram quando eu era criança ainda, quase não me lembro deles. Nunca me contaram ao certo o que aconteceu, causa da morte ou coisa assim.

— É, eu sei bem como é isso — comentei com um sorriso fraco.

— Sabe? — Cloe quis saber.

— Passei por algo parecido com a minha mãe, mas tive a sorte de ter meu pai. Enfim, continue sua história — pedi.

— Minha tia sempre sonhou em ser rica e adorava ostentar uma vida que não tinha. Como ela mesma não conseguiu isso, queria, a todo custo, que as filhas tivessem maridos ricos, com um ótimo status social. E, para tentar fazer isso, ela fez uma festa enorme, onde me obrigou a trabalhar de garçoneiro. E, no meio da festa, a polícia foi até lá, dar voz de prisão a elas, por conta de dívidas e sonegação fiscal, e foi aí que eu descobri que elas haviam gastado todo o meu dinheiro que eu tinha por direito, a herança deixada pelos meus pais.

— Nossa, sua tia era um monstro! Como aceitou viver tanto tempo com ela? — perguntei, não podia acreditar que alguém viveu como ela durante tanto tempo sem se revoltar.

— Eu não conseguia ver o quão ruim era minha vida até a noite da festa. E vamos combinar, eu também não tinha muitos lugares para ir — respondeu.

— E não tinha ninguém que cuidasse de você durante todo esse tempo?

— Sim, era dona Meridiana, era sogra de tia Deusa, que vivia nas mesmas condições que eu. Ela foi como uma mãe para mim, mas acabou morrendo quando eu tinha dezesseis, por negligência da própria nora.

Nunca alguém poderia olhar para aqueles olhos bonitos e inocentes e imaginar que ela havia passado por tanta coisa, ela realmente era muito mais forte do que demonstrava. Muitas pessoas que passassem pelo que ela passou teriam se perdido há muito tempo, mas ela não, mesmo depois de tudo, ainda era uma pessoa boa, e parecia estar sempre feliz, já que não são todas as pessoas do mundo que trabalhariam cantando em altas horas da noite depois de um dia inteiro de trabalho. Era admirável a pessoa que ela se tornou.

— E o que aconteceu com sua tia depois da prisão?

— Eu não sei dizer, vim para o navio no dia seguinte.

— Mas isso não faz sentido. Quero dizer, para conseguir um trabalho aqui como camareira, tem que ter um ótimo currículo,

incluindo experiência e fluência em italiano. Se você trabalhou a vida inteira para sua tia, como conseguiu vir para cá?

— É aí que minha vida se complica. Se lembra dos meus vizinhos que foram meus únicos amigos? Eles viam como eu vivia e tudo que eu passava, e um dia, voltando para casa, viram um cartaz anunciando essa viagem e que estavam contratando, então, sem que eu soubesse, eles montaram um currículo falso, que tinha todos os requisitos para que eu pudesse trabalhar aqui. Acabei conseguindo a vaga e, de alguma forma, achei que deveria vir. Lá não era meu lugar, eu não me encaixava, não era feliz e provavelmente, se eu ficasse, acabaria sofrendo muito mais. Eu queria mudar, ter uma vida melhor, por isso aceitei vir para cá. Eu sei que é errado e que eu não deveria ter mentido desse jeito, eu só queria ter um pouco de paz, mas sei que a busquei do jeito errado — falou e vi que está prestes a chorar. — Mas foi o oposto do que eu encontrei aqui e, depois de todas as humilhações que eu passei, Elizabetta disse que só não me demite, porque vai fazer com que eu mesma peça para sair. Como se tudo que ela fez comigo até agora não fosse o suficiente.

No momento em que disse isso, ela desaba outra vez. Eu não a julguei, a vida não tinha sido nem um pouco justa com ela, eu a entendi por querer ir embora, tentar algo novo, mesmo ela se complicando tanto desse jeito, ela merecia uma segunda chance, ou, nesse caso, a primeira chance de ser feliz. Sem pensar direito, eu a abracei, e ela aceitou o meu abraço e se aninhou em mim enquanto chorava.

— Eu só queria ser feliz, achei que poderia ser aqui, mas tudo deu errado, eu não aguento mais me sentir sozinha, ser constantemente humilhada por Elizabetta, ter Penélope estranha comigo, não aguento mais — Cloe disse.

— Olha — falei enquanto tentava consolá-la. — Eu trabalhei com um chef uma vez que era a pessoa mais calma do mundo. A cozinha poderia ficar de cabeça para baixo que ele não se estressava por nada. Quando isso acontecia, ele dizia: ‘agora que deu tudo errado, tem tudo para dar certo’. Eu sei que sua vida tá uma bagunça agora, que você se sente perdida, sozinha e no lugar errado, mas, acredite, você não está. Nada é por acaso, você não viria para cá sem motivo nenhum, pensa comigo, essa vaga foi disputada por milhares de pessoas, e por que logo você foi aceita? Eu sei que tudo se complicou, mas agora que deu tudo errado, tem tudo para dar certo. — Ela me olhou, e eu sorri para ela. — E pode ter certeza, você não está sozinha, pode contar comigo para o que precisar, está bem? As coisas vão melhorar para você, eu prometo.

Ela permaneceu no meu abraço, soluçando em silêncio. Eu nunca tive ninguém especial, nunca fui de demonstrar afeto e não sou maior

fã de abraços, mas era muito bom estar com ela desse jeito, seu perfume era suave e involuntariamente ela me fazia carinho nas costas. Depois de um tempo, a senti bocejar.

— Você está cansada. Vou tentar arrumar um lugar para você dormir, mas preciso que você se levante um pouquinho.

Ela concordou com a cabeça, se levantou e foi até a copa, deixando o copo em alguma pia. Enquanto ela fazia isso, eu arrumei os sacos de batata, tentando fazer um colchão improvisado. Encontrei uns panos limpos e tentei forrar tudo. Não era o que ela precisava, muito menos o que ela merecia para poder descansar um pouco, mas, ainda assim, era melhor do que dormir no chão. Assim que ela voltou e viu o que eu tinha feito, mesmo com os olhos lacrimejando, ela sorriu um sorriso tão genuíno, como se eu tivesse feito a melhor cama do mundo só para ela. Deus, como ela era bonita! Fiquei me perguntando como poderia existir alguém como ela.

— Não precisava. Obrigada de verdade — agradeceu, olhando para mim.

— Não é a melhor cama do mundo, mas acho que vai ser bom para você. Vou deixar você descansar — disse a ela, indo em direção à copa.

— Como é?

— Amanhã a gente conversa mais, bom descanso, se precisar de mim, é só chamar — falei e me virei, até que senti sua mão tocar suavemente meu braço.

— Não vai! Fica aqui comigo.



A chuva lá fora ainda caía forte, a dispensa estava mal iluminada, dando a estranha sensação de que a cama de saco de batatas era um ninho, e até que ela não era tão desconfortável aqui. Eu me deitei, e Cloe se deitou ao meu lado, um pouco sem jeito e totalmente sem graça. Eu podia sentir seu corpo tremendo, provavelmente estava com frio.

— Se você quiser, eu posso abraçar você — sugeri, mas logo me arrependi, isso poderia ser mal interpretado. — Por causa do frio.

Tentei consertar, mas já era tarde demais, não deveria ter dito nada.

— Eu quero — Para minha surpresa, Cloe aceitou e deitou a cabeça em meu peito, e assim ficamos. Ela abraçou minha cintura e, sem que eu percebesse, comecei a fazer carinho em seu cabelo. Era assustador como todo contato com ela parecia tão natural e tão bom, mesmo que a gente se conhecesse tão pouco.

— Você está bem? — perguntei

— Estou, só um pouco cansada.

— Eu entendo.

— Me conta sobre você agora — pediu, como uma criança querendo ouvir uma história antes de dormir, isso realmente era muito fofo.

— O que você quer saber?

— Sei lá, qualquer coisa que queira me contar — disse com a voz sonolenta.

— Meu pai era jardineiro. Ele tinha diploma em filosofia e adorava estudar sobre o tema, mas a paixão da sua vida era as flores, ele dizia que elas eram as coisas mais lindas que a nossa existência já criou. São delicadas, cheirosas e, ainda assim, bastante resistentes, ainda que passem por muita coisa. Ele me dizia que cada flor tem um significado, e que as flores podem nos dizer muitas coisas, e podemos nos comunicar através delas também. Há tanta coisa que não sabemos sobre elas.

— Como o quê? — quis saber.

— Sabia que foram encontrados fósseis de rosas de mais de 25 milhões de anos? As rosas, portanto, podem ser mais antigas do que a espécie humana, e não apenas isso. Os romanos gostavam tanto de rosas que utilizavam esse tipo de flor em quase todas as suas cerimônias. Dizem que plantavam mais rosas do que comida — falei.

— Acho que alguém gosta de rosas — brincou.

— É, eu gosto bastante. — Sorri sem graça.

— Me conta mais sobre as flores.

— A antiga Grécia cultivava rosas, lírios e jacintos, entre outras. No entanto, a flor predileta dos gregos era a violeta, mas as flores passaram a ser usadas como tempero ou até mesmo como acompanhamento somente na Idade Média, a mais popular era a calêndula, cultivada em hortas, ela era usada como corantes de caldos, manteiga, queijo e bolos. Foi aprendendo sobre as flores que me interessei sobre gastronomia, muitas flores são comestíveis e as pessoas nem sabem como amores-perfeitos, begônias, rosas, jasmims, lavandas, petúnias, cravos e dentes de leão estão inseridos na culinária de diferentes culturas. Já as rosas, elas são usadas em sorvetes, geleias, licores e doces. Servem também de aromatizante em saladas e vinhos, mas a flor mais comestível é a da alcachofra. Você já comeu flor? — brinquei com Cloe, mas ela não me respondeu. Olhei para ela e percebi que ela já estava dormindo.

Talvez Cloe fosse como a uma rosa, tanta beleza, tanta fragilidade, e, ainda assim, forte. Eu nunca poderia imaginar que ela passou por tanta coisa, e sei que ela não me contou tudo, nem quis pensar em todos os horrores que ela viu e que passou. No entanto, de todas as coisas que me chamaram a atenção nela, não foi sua beleza, sua bondade ou sua história, mas algo relacionado mais a mim do que

a ela. Sempre que conheci alguma pessoa, uma voz dentro de mim sempre me disse para manter o pé atrás e não confiar logo de cara. Minha intuição nunca falhava com as pessoas e sempre gostei desse receio, evitava decepções. Entretanto, em nenhum momento, minha intuição me disse para me afastar de Cloe, para tomar cuidado ou não confiar. Qualquer um que visse esse rostinho bonito, essa história triste e essa doçura para trabalhar, certamente desconfiaria de que tem algo errado, não pode existir alguém assim. Mas ela existia, e estava deitada comigo agora. O que quer que viesse a seguir seria um mistério, ainda que minha intuição não tivesse dito nada. Aos poucos, fui sentindo o sono chegar, e meu último pensamento antes de apagar completamente foi que eu provavelmente tinha um problema.



Cloe

Cloe

Os sussurros estavam me irritando mais do que qualquer coisa. As pessoas não estavam disfarçando, nem algo do tipo, sempre que eu passava, era possível ouvir: “foi ela? A que dormiu com o cozinheiro?” À medida que os dias passavam, eu torcia pelos dias de paradas nos portos para reabastecimento dos recursos do navio, pois também era quando muitos membros da tripulação, além dos passageiros, desembarcavam e iam se divertir em terra firme. Era quando eu tinha um pouco de paz. Nem me importava mais e nunca me queixava de não poder sair do navio para conhecer lugares como a cidade flutuante de Veneza, na Itália ou Santorini e Atenas, a capital grega. Eu só queria que aquilo tudo parasse.

Os boatos falsos sobre mim iam aumentando e ganhando mais força. Nem mesmo a belíssima festa que aconteceu, ou todas as outras atrações, foi capaz de desviar a atenção de mim, eu era a atração objeto do desprezo e falatório de muitos daquele navio.

Os rumores eram de que eu estava tentando dar o golpe em alguém. Por sorte, o nome de Luke não entrou nisso, já o de Gustavo era tão popular quanto o meu. Eu tentava não ligar, mas não estava conseguindo mais, era uma situação insuportável. Acabei não encontrando com Luke mais, não sei se ele estava me evitando propositalmente, ou se era apenas coincidência. Depois daquela noite, Penélope sequer olhava para mim, ela fez questão de deixar bem claro que não éramos mais amigas, não sei se por acreditar nos boatos, já que ela notoriamente tinha sentimentos por Gustavo, ou por algo que já tinha acontecido antes. Eu fiquei muito mal com isso, gostava dela,

era uma boa amiga para mim, não queria que nada disso estivesse acontecendo.

Já Gustavo e eu nos aproximamos muito, ele ficava todos os dias comigo, enquanto eu limpava a cozinha, e certo dia até me ajudou. Conversamos sobre tudo, e ele tem sido muito bom comigo, é outro homem, totalmente diferente daquele Gustavo sério e intimidador que todos veem. Ele consegue ser bem mais fofo e simpático do que eu pensei que fosse, é um ótimo amigo, sempre com bons conselhos e é um bom ouvinte. Tem me ajudado muito por conta dos boatos sobre mim e ele, e mesmo não sabendo o que ele de fato pensa sobre isso tudo, é bom ter o apoio dele.

Acabou que, no fim das contas, Penélope estava certa, ele não era um cara ruim como todos pensam só por causa do seu jeito. E se olhar para ele, é possível ver o quão bonito ele é. O cabelo perfeitamente cortado e a barba maior, igualmente bem cuidada. Seus olhos tom de mel, que, às vezes, demonstravam seriedade, eram os mesmos que confortavam e diziam que tudo iria ficar bem. Ele era mais alto que eu, e seus músculos eram definidos, podia se ver que ele tinha um belo corpo. Mas algo nele me chamava a atenção: suas mãos. As mesmas que criavam as melhores receitas daquele navio, as mesmas que me acariciaram até eu dormir, são belíssimas, algo um tanto diferente de se admirar em alguém, mas não podia negar que elas me chamavam a atenção de um jeito que minhas bochechas coram só de pensar.

Os dias estavam passando mais rápido do que eu pensava, meu corpo já tinha se acostumado com a rotina corrida puxada que eu tinha. Não era como quando não trabalhava aqui, mas consegui me adaptar muito bem. Lá estava eu fazendo a vigília que Elizabetta havia me designado a fazer. Ela não me falou mais nada depois que me humilhou publicamente, era bom não ser perseguida por ela, mas eu sabia muito bem que ela estava planejando algo, eu tinha medo de pensar no que era. Meus pensamentos foram cortados por Baltazar, que havia me dito que viria.

— Olha se não é a pessoa mais famosa do Netuno.

— Nem me lembre disso, as pessoas estão com dificuldade para me superar — brinquei.

— Não os levem a mal, a vida de pessoas extremamente ricas é extremamente entediante, então fazem o que podem para se distrair.

— Em primeiro lugar, isso é muito errado ficarem falando sobre outras pessoas e, em segundo lugar, queria eu poder ter uma vida entediante. — Azar sorri para mim. — Todos estão comentando sobre isso? — perguntei, torcendo para que Azar não perceba onde quero chegar.

— Todos, até mesmo meus irmãos.

Merda.

— E o que eles disseram? —

— Gaspar se manteve totalmente indiferente, mesmo com a regra de relações entre funcionários. Acho que porque ele sabe que não é verdade..., não é?

— Claro que não é verdade. Você acha que é?

— Eu não me importaria se fosse, mas eu sei que não é. Não desconfia de quem pode ter espalhado isso por aí?

— Desconfio, na verdade. Mas não tenho nenhum fundamento para pensar isso — respondi. — Foi tudo que ele disse?

— Sim, já Luke vive defendendo você, não entendo por que, mas sempre que escuta alguém falar, ele fica nervoso, pede para falar de outra coisa e não deixa que falem sobre você, estranho, não acha?

Tenho que ser bastante forte para não sorrir. Luke está incomodado com tudo isso e está me defendendo. Por que ele faz isso? Eu não sei, mas pelo menos prova que ele não era como eu pensava, afinal, talvez ele estivesse levando a sério tudo que me dizia, e eu não acreditei. Talvez eu precisasse conversar com ele para esclarecer algumas coisas.

— Eu só queria esquecer isso tudo, nem que seja só por um curto período.

— Eu sei uma forma de fazer você esquecer.

— Como? — perguntei, curiosa.

— Primeiro precisa me dizer se aceita. — Tenho que dizer, aquele sorriso sacana de Baltazar me assustava. O que será que ele estava tramando?



CAPÍTULO 11

Cloe

Cloe

— Eu já disse mais de mil vezes, eu não vou! — Comecei a perder a paciência com Azar. Uma coisa que sempre admirei nos meninos, de um modo geral, era a sua capacidade de ter ideias malucas e acharem que são uns gênios, como se realmente pudesse funcionar, ou não tivesse nenhum problema. E uma coisa que sempre admirei em mim mesma foi que, mesmo sabendo que suas ideias eram péssimas, eu ainda as cogitava. — Você sabe muito bem que a chance disso dar certo é zero e que eu estou proibida.

— Mas você só está vendo o lado negativo de tudo. Olha, esse baile vai ser a maior festa que da viagem, isso eu te garanto, sem mencionar que será de máscaras com a roupa padrão. Todos, funcionários e passageiros, vão estar vestidos de forma igual, identificar quem é quem vai ser quase impossível — disse enquanto terminava de limpar o convés, já que supostamente o serviço que fiz no 202 foi horrível e por isso eu tinha que “aprender uma lição”.

Eu já sabia que não iria ficar em paz se dependesse de Elizabetta, mas uma coisa que, por sorte ela, não sabia é que o trabalho físico não me incomodava, ela poderia me mandar limpar o navio inteiro com

uma escova de dentes que eu não me importaria. Suas palavras tinham bem mais impacto em mim e, com sorte, ela não sabia disso, ainda.

As fofocas sobre o que aconteceu aquele dia comigo e com Gustavo estavam, aos poucos, diminuindo, mas o estrago já estava feito, eu já era mal-vista por todo o navio, e sempre que passava, era possível ouvir alguns cochichos. Acabei me acostumando, mas era uma coisa horrível de qualquer jeito, que mexia muito comigo, de um jeito ou de outro.

— Como você vai querer a lista?

— Que lista?

— A lista de motivos para eu não ir nesse baile — respondi.

— Está bem, espertinha, pode começar.

— E se Elizabetta for me procurar no meu quarto?

— Diga que teve uma emergência médica, eu confirmo sua história e, como sua chefe não sabe que somos amigos, ela vai acreditar.

— Eu não tenho a roupa, nem a máscara, os responsáveis pela festa já sabem que vão vou e não vão enviar os trajes apropriados.

— Não que eu diga isso com arrogância, ou que fosse o que eu mais quisesse nesse mundo, mas sou literalmente irmão do dono da empresa, sabe que conseguir tudo isso não vai ser problema para mim.

— Minha colega de quarto me odeia, se ver tudo isso lá é óbvio que ela vai contar.

— Você pode se arrumar no meu quarto — falou, e eu olhei confusa para ele. — É claro que eu não vou estar lá. Deixo a chave com você assim que sair.

— Por que quer tanto que eu vá? — perguntei, olhando em seus olhos.

— Porque eu, melhor do que ninguém, sei o que é as pessoas esperando algo de você, falando sobre sua vida e julgando antes de conhecer. É injusto tudo isso que você está passando, ainda mais quando você só queria se afastar de confusão. Mais do que merecer, você precisa se desligar disso tudo, e sei que essa festa vai ser uma boa para você, vai usar uma máscara, ninguém vai te reconhecer, dessa forma, vai ter um pouco de paz. Eu não concordo com tudo que está acontecendo. — Eu já via Baltazar como meu irmão mais velho, ele realmente não era a pessoa mais sortuda do mundo, algo que só convivendo com ele eu pude perceber. Mas tinha um bom coração, só precisava se encontrar. E eu tenho que confessar, foi uma sorte muito grande eu acabar fazendo amizade com ele.

— Você sabe que isso não vai dar certo e que Elizabetta vai descobrir de um jeito ou de outro.

— Vamos supor, por alguns segundos, que meu plano dê completamente errado e Elizabetta descubra tudo, o que eu acho

muito pouco provável, já que, nesse tipo de festa, todos ficam irreconhecíveis, considerando que essa é a intenção e, conhecendo muito bem Mérida, ninguém vai saber quem é quem... Enfim, mesmo que ela descubra, o que ela vai fazer? Demitir você? Ela mesma já disse que não vai fazer isso e quer que essa missão seja sua, por isso tá fazendo da sua vida um inferno. Eu prometo que vou dar a você qualquer cobertura que precisar, caso ela descubra. O que ela ao menos tentar fazer com você, garanto que não vai conseguir, porque eu não vou deixar. O que você me disse?

Na última vez que um garoto com um juízo duvidoso me fez aceitar sua ideia maluca e concordar com o seu plano, eu acabei vindo parar nesse navio, virei minha vida de cabeça para baixo e estou aqui, sendo penalizada por algo que não fiz. Por experiência própria, eu deveria dizer não, e eu sei disso melhor do que ninguém. Mas lá no fundo, algo sempre me dizia para deixar que as coisas acontecessem, mas talvez esses pequenos segundos de coragem sejam o que verdadeiramente nos movam e nos façam sentir que a vida é mais que fazer o óbvio e seguir uma espécie de roteiro. Se você nunca tem coragem de experimentar o desconhecido, ainda que este te seja negado, o que você espera da vida, afinal?

— Eu só posso ter perdido o juízo! — disse, olhando para o sorriso animado que Azar, um sorriso tão sincero que era impossível segurar o meu.

— De uma coisa eu te garanto, você não vai se arrepender, essa festa vai ficar marcada pra sempre!

— Por que você está falando como se soubesse de algo que eu não sei? — quis saber.

— Talvez eu saiba. Talvez não. Vai precisar ir à festa para você saber — respondeu com um sorriso travesso. O que será que ele quis dizer com isso? Será que talvez tenha alguma coisa a ver com Luke?



Luke

LUKE

Nem eu mesmo saberia fazer como Baltazar conseguiu tamanha proeza. Ele era bom de papo, tenho que admitir e, no fundo, fiquei me

perguntando como ele conseguiu convencer Cloe de um jeito relativamente fácil, considerando que ela aparentava ter uma personalidade difícil e esperava que eles não quisessem ir nessa festa com segundas intenções. Mas acreditava que não fosse o caso, Azar não parecia ter nenhum tipo de interesse em Cloe, pelo menos não o demonstrou até agora, o que, de certa forma, me tranquilizava. As coisas entre mim e ela praticamente acabaram depois de toda a confusão que aconteceu, porque, por algum motivo desconhecido, eu não consegui falar com ela, por mais que eu quisesse.

Oportunidades não me faltaram, considerando que sempre que eu estava no banheiro do meu quarto, eu a ouvia entrar para fazer a limpeza e sua voz ainda era o som mais lindo que eu poderia ouvir, ainda que agora fosse mais triste, e eu não a culpava, os comentários que a grande maioria estava fazendo eram bem cruéis. E mesmo com tudo isso, eu sabia que não era verdade, algo me disse que não era. Tudo aconteceu tão rápido que eu mesmo não soube o que pensar ou o que fazer.

Queria falar com ela sobre tudo que aconteceu, perguntar se estava bem, ou se precisava de algo, mas não o fiz. Tive medo de achar que eu talvez estivesse cobrando algo, mesmo que não tivéssemos nada. Mas, depois de um tempo, achei que ela pensaria que eu, de alguma forma, fiquei com raiva dela. Aos poucos, os pensamentos foram vindo um em cima do outro, e eu não conseguia me concentrar em nada. Ficava me perguntando em que acreditar, no que fazer, porque toda essa situação me deixou desse jeito, e que diabos ela tinha que não me deixava tirá-la da mente um segundo sequer?

Não aconteceu nada entre a gente, por mais que eu gostaria, mas eu mesmo posso mudar, eu sei disso, mas agora isso tudo parece apenas uma ilusão que tive há muito, muito tempo atrás. Os dias que se passaram pareciam anos e, em meio a esses anos todos, eu me perdi. Mas finalmente chegou algo que eu possa usar para me distrair, quem sabe até conversar com Cloe e tentar me aproximar mais uma vez.

Ainda não estava claro para mim o porquê de eu não conseguir parar de pensar em Cloe, além dessa vontade de querer conhecê-la, de me preocupar, de estar a todo tempo com ela em minha mente. Eu precisava encontrar uma resposta para isso e precisava tentar relaxar um pouco. Era irônico pensar que a viagem que eu planejei fazer para me desligar de tudo que aconteceu e esquecer as pessoas que tanto pensei nos anos em que estive preso, enfim, poder descansar de verdade, e tudo que eu fiz até agora foi o oposto disso. Minha cabeça não desligava, não conseguia me concentrar e não me interessava pelos projetos que Gaspar me apresentava. Era como se eu vivesse

num constante cansaço que não conseguia tirar de mim.

Todavia, definitivamente não era o momento de pensar nesse tipo de coisa, eu precisava me concentrar, afinal, era um plano maluco, mas poderia dar certo. A primeira parte foi concluída com sucesso, Azar conseguiu convencer Cloe de ir à festa. A segunda também já estava no papo: todas as mulheres estavam padronizadas em um vestido branco e preto, e, nas costas, todos os vestidos tinham dois botões pretos, algo bem discreto. Precisava achar Cloe naquela multidão toda e precisava ficar a sós com ela, por isso, seus botões eram brancos, um pequeno diferencial, que era bem arriscado de se ter, mas, ainda assim, era a única forma de conseguir encontrá-la.

Devia uma e tanto para meu irmão mais novo. Nunca fomos próximos e essa história de tentar me aproximar de Cloe no baile de máscaras acabou fazendo com que passássemos mais tempo juntos do que geralmente passaríamos. O que não deixava de ser uma coisa boa, finalmente passamos um tempo falando sobre algo que não fossem negócios da família.

Muitos viam meu irmão como um playboy ingrato com a vida que tinha, mas isso não era verdade, sua percepção de mundo e os seus desejos iam muito além do que as pessoas podiam ver. Por alguma razão, desde criança, ele foi apaixonado pelo mar, tinha algo nessa imensidão que o fascinava e despertava seu interesse e, por esse motivo, estudou oceanografia e foi o primeiro da turma. Ele poderia trabalhar para a empresa da nossa família em várias áreas, mas o maior desejo tanto de meu pai, quanto o do meu irmão era que ele fizesse parte da administração, todavia, nunca foi o seu desejo. Atendendo ao último pedido de nosso pai, ele passou a demonstrar interesse pelos negócios e, aos poucos, ia se encaixando na empresa, mas eu temia que isso fosse temporário e que seu coração aventureiro acabasse buscando outras coisas que não encontraria aqui. Só o tempo diria se esse era, de fato, o seu caminho ou não.



A ilusão de ótica que se tinha ao ver todos vestidos padronizadamente era realmente incrível. As mulheres usavam um vestido longo, o modelo do vestido era algo como vitoriano, com espartilho e tudo, preto e branco, usavam luvas brancas e máscaras pretas. Com a iluminação, e a quantidade de pessoas vestidas exatamente iguais, era impossível saber quem era quem. Os homens usavam ternos da mesma cor, com predominância em branco e apenas alguns detalhes em preto e, diferente das mulheres, as luvas eram pretas e a máscara branca, cobrindo metade do rosto. Eu nunca poderia imaginar algo tão interessante e tão diferente. A música era tranquila, diferente das outras festas que houve até o momento. Tudo

era mais elegante, mais formal, de um jeito que eu não sei muito bem como explicar, mas tudo estava mais sensual.

De certa forma, era bem mais fácil fantasiar em meio àquelas máscaras e trajes finos. Se essa era, de fato, a intenção de Gaspar e Mérida, eu não sei dizer, mas a energia do ambiente transmitia e muito essa ideia, chega a ser instigante pensar o que pode acontecer. Porém, por mais que a minha mente não pudesse deixar de criar certos cenários, não era essa a minha intenção de hoje. Eu precisava me manter concentrado naquilo que eu queria, naquilo que eu precisava resolver. Mas a noite estava apenas começando, e a verdade é que eu não precisava ficar tão nervoso e tão tenso quanto eu estava. Fui até o bar e peguei um copo com uísque, isso, com certeza, iria me acalmar um pouco.

Fosse minha facilidade em guardar vozes, fosse pelo jeito único que ela se movia, ou até mesmo seu perfume característico, que, mesmo depois de todo esse tempo, não mudou, eu reconheci Samara, ela conversava com uma mulher do lado de dentro do bar. Eu estava prestes a cumprimentá-la quando pude ouvir sobre o que estavam conversando, e incredivelmente, era sobre Cloe.

— O importante é não deixar essa história acabar ou fazer com que as pessoas parem de comentar sobre essa tal camareira, aliás, você tem certeza disso? Luke realmente tem interesse nela? — Samara perguntou.

— A camareira que dorme com ela me contou tudo e disse que viu como ele foi atrás dela na primeira festa que teve. Não podemos deixar ele se aproximar dela desse jeito, ele não pode estar interessado por uma camareira, isso é impossível — a mulher respondeu.

— Talvez só esteja entediado — Samara falou — Enfim, essa camareira que divide o quarto disse mais alguma coisa?

— Elas não se falam mais, e ela não quis me dizer o porquê. Mas ela acha que, de alguma forma, Cloe vai vir nessa festa, acha que podemos fazer algo a respeito?

— Podemos, mas temos que ser cuidadosas, se Luke desconfiar que estou tentando algo contra ela, eu não vou conseguir me aproximar dele outra vez, e eu quero reconquistá-lo — Samara disse.

— Bom, vamos por partes, então. Primeiro a camareira, e depois que a melhor vença, ou você acha que vou entregá-lo de bandeja para você? — Isso estava ficando cada vez mais confuso.

— Como você mesma disse, vamos por partes. O que eu sugiro é: direi a Elizabetta que a vi aqui, então ela vai procurá-la, se estiver realmente aqui, a confusão estará pronta, e se não, nada acontecerá. E para todos os efeitos, temos que pensar em uma história para ser contada amanhã sobre ela, o importante é que ela se mantenha mal-vista, é um bom começo para afastar todos dela, e mesmo que isso não

seja suficiente para afastá-la de Luke, o próprio isolamento de todos pode forçá-la a pedir demissão. Agora só temos que manter as coisas como estão, o tempo vai nos ajudar, tenho certeza disso — Samara falou.

— Você está certa. E o que está esperando? Vai logo falar com a chefe dela.

Eu sequer esperei a resposta. Saí dali o mais rápido possível, tinha que encontrar Cloe e levá-la para longe dali. Eu sabia que nem eu, nem Azar deixaríamos alguma coisa acontecer com ela, mas eu realmente temia a humilhação que Elizabetta seria capaz de submetê-la se a visse ali. Era muita informação recebida ao mesmo tempo, eu não sabia quem era a barista que Samara estava conversando, muito menos que ela queria se aproximar de mim outra vez. E o mais estranho, ela estava compactuando com todas essas histórias sobre Cloe; até onde eu a conhecia, ela não seria capaz de tal coisa, mas isso agora não era o momento de pensar nisso. Eu tinha uma coisa mais importante a fazer, eu não podia deixar Cloe passar por isso. Ainda bem que Azar conseguiu mudar seu vestido, mas, com o nervosismo que eu estava sentindo, em meio àquela multidão, à péssima iluminação e ao uísque começando a fazer efeito, não era uma vantagem tão grande assim. Merda!



Cloe

Cloe

Uma coisa Azar acertou, era impossível ser identificada naquela festa, mas isso talvez nem fosse uma vantagem, é claro que não ser reconhecida e não ter nenhum daqueles olhares de julgamento que as pessoas geralmente me lançavam era muito bom, mas eu estava sozinha, e isso não deixava de ser desconfortável. Queria ter alguém para conversar ou algo do tipo, mas é claro que eu jamais sairia por aí puxando assunto, além de ser muito arriscado, eu era tímida demais para isso. Eu poderia até procurar por Penélope. Estaria mentindo se dissesse que não sentia a falta dela, mas sabia que não podia mais confiar nela e que ela não me via mais como uma amiga.

Mesmo estando sozinha, era interessante observar a todos sem saber quem era quem e como todos provavelmente tinham essa mesma impressão. A cena como um todo parecia de um filme, um filme que eu ainda não assisti, mas que com certeza não veria, pois retrataria uma realidade que não era a minha. De todo modo, o que me parecia era que eu estava vivendo uma vida que não era a minha,

que eu era um personagem de outra história, passando por algo que não era destinado a mim. Talvez fosse a máscara que me dava essa sensação, ou o fato de que nem nos meus sonhos mais ousados eu ousei ver algo tão elegante e bonito. Ainda assim, era divertido estar ali. Mas de repente senti alguém atrás de mim, alguém muito próximo a mim, e isso me assustou, fazendo com que eu me virasse de repente e, ao fazer isso, derrubei as bebidas que a pessoa segurava, deixando-a toda molhada.

— Você nem deixa a gente fazer uma surpresa, que sem graça. — Reconheci a voz de Baltazar.

— Desculpa, eu não queria sujar você e... ei, como sabe que sou eu? — perguntei confusa.

— É... sorte? — respondeu sem graça.

— Seu apelido é Azar e você realmente espera que eu acredite que teve sorte? — disse, e ele coçou a cabeça ainda sem graça.

— Bom, então foi sorte sua, porque agora você tem companhia para a festa, e já que derrubou nossas bebidas, vem comigo pra buscar mais.

— Não sei se é uma boa ideia beber — disse.

— Ah, deixa disso, viemos para aproveitar, e vamos aproveitar.

Ele me conduziu até o bar e pede quatro doses de tequila. Eu olhei para Azar assustada, e ele apenas piscou para mim e virou a dose de uma vez.

— O segredo é beber rápido. Vai, sua vez.

Imitando o que ele fez e mesmo sabendo que era uma péssima ideia, eu virei o shot de uma vez. O gosto era horrível e ela desceu queimando. Devo ter feito uma careta horrível, pois Baltazar riu e me ofereceu a segunda dose, que eu neguei com a cabeça.

— Vamos, logo você vai se sentir mais relaxada. E nós temos que brindar — Azar disse.

— E ao que vamos brindar?

— Pela sorte de quem nos tem, e o azar de quem nos perde! — Ergueu o copo e bebeu outra vez.

Eu o imitei pela segunda vez e bebi a segunda dose. Era a primeira vez que bebia em toda a minha vida, e tinha certo medo de pensar nas consequências disso. Baltazar me levou para a pista de dança, como um cavalheiro; quando chegamos lá, ele beijou minha mão e dançamos ao som da música calma que tocava, exatamente como nos bailes que eu via nos filmes ou nos livros. Era engraçado como ele se comportava como um cavalheiro e fazia eu me sentir bem. Eu nunca tivera um irmão, apenas os Reis, mas, se eu tivesse, gostaria que fosse como Baltazar. Quando a música parou, ele me levou de volta ao bar e disse:

— Minha roupa molhada está me incomodando, eu vou no

banheiro, não sai daqui, eu já volto. — Concordei com a cabeça, e ele vai.

Eu acho que a bebida começou a fazer efeito, eu sentia meu corpo mais leve e uma vontade maluca de dançar mais, me divertir.

— Cloe? — Ouvi uma voz masculina me chamar, então olhei.

— Como todo mundo tá conseguindo me reconhecer? — perguntei de volta.

— Não devia estar aqui, isso vai te colocar em problemas, preciso te levar de volta para o seu quarto — disse e me pegou delicadamente pelo braço. Eu não o reconheci, mas, pela altura e físico, eu presumi ser Luke, ainda mais com esse desejo constante de me proteger.

— Mas eu não quero ir. Estou esperando o Azar.

— Você precisa, eu explico para ele depois, vem logo. — Pela seriedade da sua voz, eu decidi não resistir mais.

Ele me guiou pelo salão e saímos de lá. Ele virou em um corredor, depois em outro e seguimos reto. Tudo que escutamos era a música abafada ao longe e... passos?

— Você tem certeza de que ela está na festa? — perguntou uma voz, era Elizabetta.

— Tenho! — a outra voz respondeu, eu não consegui identificar quem era. — Vamos procurá-la.

Nesse momento, senti Luke parar e olhar para o lado, e, sem pensar duas vezes, ele entrou na primeira porta que viu e a trancou. Os passos se aproximaram e depois se afastaram de novo. Ficamos imóveis, sem mexer um músculo sequer. Depois de um tempo, ousei me mexer e olhar ao redor. Era um quarto de hóspedes, mas talvez fosse a iluminação, ou o fato de eu estar levemente alterada, mas aquele quarto não se parecia nem um pouco com o quarto de Luke. Era igualmente grandioso, mas as cores não pareciam ser as mesmas. Talvez tivéssemos entrado por engano. Ele trancou a porta de uma vez e ficou prestando atenção no que estava acontecendo do lado de fora. Parecia que ainda havia alguma movimentação, Elizabetta definitivamente estava disposta a me encontrar. Percebi que, de fato, aquele não era o quarto de Luke pela forma como ele o trancou. Todos os quartos em que trabalhei até hoje, incluindo o de Luke, usavam apenas cartões para trancar e destrancar a porta; onde quer que a gente estivesse, eu provavelmente nunca nem passaria perto.

Depois do que pareceu uma eternidade, o barulho do lado de fora finalmente cessou, exceto pela música que tocava ao fundo, que reconheci na hora. Fosse a música, o álcool que havia ingerido, a iluminação do quarto, a adrenalina de estar ali, ou inconscientemente saber que eu estava trancada em um quarto com um dos homens mais lindos que já vi em toda minha vida, fosse o que fosse, olhei para

aquele homem parado à minha frente e senti um desejo quase incontrolável de beijá-lo. Ele ficou me encarando, tentando ler meus pensamentos.

— Me beija.

— O quê? — perguntou.

— Eu disse que é para você me beijar. — Ele, então, me encarou por alguns segundos, caminhou em minha direção, segurou o meu rosto e me beijou.

Seu beijo era suave e lento, ele parecia querer aproveitar o máximo disso. Suas mãos seguravam minha cintura e, à medida que nosso beijo foi se aprofundando, ele me segurou com mais força, até que suas mãos começaram a passear pelas minhas costas, subindo e descendo, até parar no meu bumbum. Ele me puxou de repente para ainda mais perto dele, de um modo que eu poderia sentir seu membro já rígido, o que me surpreendeu.

— Tem uma coisa que você precisa saber — disse, interrompendo nosso beijo. — Eu nunca fiz isso antes, eu sou... virgem.

Ele parou de repente e, mesmo sob a máscara, pude ver seus olhos me encarando, e talvez fosse a pouca iluminação do quarto, mas tive a ligeira impressão de que os olhos de Luke não estavam claros. E, para a minha grande surpresa, ele fez um carinho no meu rosto e me beijou na testa.

— Está tudo bem. Não precisa fazer se não quiser. Podemos só ficar juntos e...

— Mas acontece que... eu quero — respondi com o rosto no seu peito.

— Tem certeza disso?

— Eu disse que eu quero — Disse levantando a cabeça para que ele pudesse ver meu rosto e saber que eu falava bem sério — Quero que seja meu primeiro e não se preocupe que eu não estou bêbada. Sei muito bem o que estou fazendo e quero continuar fazendo... com você — falei, olhando mais uma vez em seus olhos.

O sorriso que se formou no rosto dele foi a coisa mais linda do mundo, e eu sorri de volta. Ele segurou meu rosto com as duas mãos e me deu um beijo demorado, depois parou, segurou minha mão e me puxou para a cama com ele. Ele se sentou na beira da cama, e eu permaneci em pé, beijando-o mais uma vez. Logo nosso beijo se aprofundou, e senti uma necessidade quase incontrolável de grudar meu corpo ao dele, e ele, percebendo, se levantou ainda me beijando. Então, ele traçou uma linha de beijos que saía da minha boca e parava no meu pescoço, onde depositou vários beijos e pequenas mordidas. Cada movimento dele era delicado e cheio de carinho; ele não tinha pressa de nada e, por alguma razão, não imaginava Luke como alguém

delicado e preocupado. Isso não quer dizer que aquilo fosse ruim, na verdade, era melhor do que eu poderia imaginar. Cada toque, cada respiração, cada movimento, tudo fazia meu corpo se arrepiar e um calor incontrolável aumentava cada vez mais entre minhas pernas.

Ele me virou de costas, afastou meu cabelo e continuou beijando meu pescoço. Suas mãos saíram da minha cintura, passaram pela minha barriga e pararam em meus seios, onde ele os apertou e um leve gemido escapou dos meus lábios. Isso pareceu mexer com ele, pois parou imediatamente com os beijos e sua respiração ficou descompassada. Ele se aproximou do meu ouvido e sussurrou com a voz rouca:

— Posso tirar sua roupa?

— Por favor — sussurrei de volta.

Ele apenas cheirou delicadamente meu pescoço e abriu meu corpete, mais uma vez com a maior calma. Fiquei me perguntando se ele fazia isso apenas para me passar confiança e mostrar que se preocupava comigo, ou apenas um jeito de me provocar e fazer ansiar ainda mais por seu toque. Ele terminou e então passou para o vestido, quando terminou, eu estava apenas de calcinha, já que, graças ao corpete, não tinha a necessidade de usar sutiã. Então, Luke me virou para ele, me olhou de cima a baixo, e senti meu rosto queimar; ele era o primeiro homem que me via daquele jeito. Pareceu que ele percebeu, pois fez um carinho no meu rosto e disse:

— Você é linda! — Então me beijou, dessa vez com maior intensidade e me puxando para perto dele.

Uma das minhas mãos segurava seu rosto e, com a outra, eu coloquei a mão em cima do meu membro ainda rígido. Eu não entendia muito bem o que estava acontecendo comigo, ou porque eu estava fazendo coisas que eu, com certeza, não faria, apenas estava respondendo aos desejos do meu corpo e, naquele momento, tudo que eu queria era Luke. Queria dar a ele o mesmo prazer que ele estava me fazendo sentir, ainda que não tivesse feito nada de mais.

— Não precisa ter pressa, temos todo o tempo do mundo — disse, interrompendo o beijo.

Então ele começou a tirar a própria roupa, desabotoando seu paletó, depois o colete, afrouxou a gravata e tirou a camisa. Seu corpo era perfeitamente definido, seus músculos eram grandes e fortes e uma coisa que eu não esperava era que ele tivesse tantos pelos, o que não me incomodava nem um pouco, pelo contrário, o deixava com um ar ainda mais masculino.

Luke me olhou novamente e apenas com o olhar me chamou para mais perto. Assim que fui me aproximando dele, ele foi andando em direção à cama e se sentou. Mas, dessa vez, ele me puxou para que eu me sentasse no colo dele e, assim que o fiz, ele me beijou. Segurei

firme em seu rosto e seu beijo foi intenso, não tão delicado quanto o primeiro. Tive a ligeira impressão de que ele estava se segurando e que, se pudesse, não teria tanta calma.

O jeito que me posicionei fez com que minha intimidade, quente e molhada ficasse exatamente sob seu membro rígido, separados apenas por nossas roupas. A sensação que o toque me causava era prazerosa, e instintivamente comecei a fazer leves movimentos com a minha cintura e, quando percebeu o que eu estava fazendo, a respiração de Luke falhou. Ele parou de me beijar e novamente traçou uma linha de beijos, dessa vez não parando em meu pescoço, mas descendo, descendo e parando em um dos meus seios. Ele beijou em torno do meu mamilo e, sem que eu estivesse esperando, ele o mordiscou, fazendo meu corpo inteiro enrijecer e um gemido sair. Eu nunca havia sentido nada parecido com aquilo, mas era muito, muito bom, de uma forma que eu mesma não sei explicar. Ele sugava, lambia e mordiscava meu mamilo, então saiu de um e foi para o outro, repetindo os movimentos. Essa sensação, junto ao seu membro roçando em minha intimidade, era inexplicável, então comecei a intensificar os movimentos, querendo mais daquela sensação.

Então Luke parou, se levantou comigo em seu colo e me deitou na cama, invertendo nossas posições. Ele tirou seus sapatos, sua calça e cueca, ficando completamente nu. Seu membro era enorme, eu nunca tinha visto um homem nu em toda minha vida, portanto, não tinha nenhuma noção de "tamanho normal", mas, definitivamente, o dele não era. Acredito que ele tenha notado, pois sorriu sem graça, se aproximou do meu rosto, fez um carinho e me beijou na testa.

— Eu te quero mais do que tudo, mas prometo que serei cuidadoso, meu anjo. Não quero machucar você, mas saiba que haverá dor. — Ele disse me preparando para o que estava por vir. Mas não tive medo, eu estava fascinada por aquele momento e só queria gravar cada segundo em minha memória. Adorei ver o sorriso lindo que se desenhou naquela boca perfeita. Ele me queria mais do que tudo. gentilmente beijando minha boca e descendo os lábios por meus seios. Chupando meus mamilos, me excitando, me deixando em brasa a cada toque molhado que deixava um rastro de fogo por onde passava.

Então, retirou minha calcinha e se deitou ao meu lado, me beijando outra vez.

Ele segurou meu rosto, fazendo um leve movimento de carícia, então sua mão desceu até meu pescoço e segurou firme. Delicadamente Luke foi desenhando novamente um caminho até meus seios, onde ele os apertou com certa força. Ele continuou seu caminho até minha barriga, indo para cima e para baixo, com a ponta do dedo fez desenhos aleatórios, até começar a descer em direção a minha intimidade. Então ele mordeu meus lábios inferiores e me olhou nos

olhos, dando o sorriso mais lindo e mais safado que eu já vi. E, finalmente, sua mão chegou até onde eu esperei.

Eu estava quente e molhada, e isso fez com que Luke errasse sua respiração. Ele traçou uma linha por toda minha boceta, indo de cima a baixo, até parar no clitóris, onde fez movimentos circulares e de zigue-zague, ora rapidamente, ora devagar. Não consegui segurar o gemido e a sensação de prazer que aquilo estava me proporcionando, até que ele apertou meu clitóris, parando com os movimentos e fazendo meu corpo inteiro ter uma onda de prazer. Sua mão desceu mais um pouco e ele fez menção de introduzir um de seus dedos em mim.

— Por favor! — disse entre os suspiros. — Eu preciso de você.

— Não diga isso... — sussurrou, mas mal conseguia escutá-lo.

— O quê?

— Tenha paciência, eu não quero machucar você.

Então ele tirou sua mão de onde ela estava, se posicionou em cima de mim e beijou meu pescoço. E, assim como fez com sua mão, redesenhou um caminho de beijos, onde mais uma vez passou por meus seios e meu abdômen até chegar perto da minha intimidade. Pela primeira vez na noite, ele pareceu ter pressa e, assim como eu, ansiava por esse momento. Ele me olhou e, com olhos semicerrados, encostou a ponta da língua em minha intimidade, e aquilo foi melhor do que eu estava esperando. Luke cortou nosso olhar e concentrou-se no que estava fazendo. Sua língua parecia disposta a explorar todos os cantos da minha boceta até parar no meu clitóris, sugando levemente antes de começar a fazer movimentos circulares. Instintivamente, meu corpo se contraiu com seu toque e eu segurei seus cabelos, tentando me concentrar apenas na sensação de que ele estava me proporcionando. Seus movimentos foram do meu clitóris até a entrada da minha vagina e, sem que eu esperasse, Luke introduziu um dedo em mim. Eu não senti dor alguma, apenas prazer. Ele não parou com seu trabalho oral nem por um segundo, e essa combinação fez com que um pequeno calor se acendesse em mim. À medida que seus movimentos se intensificaram e aumentaram a velocidade, esse calor aumentou e uma onda de prazer começou a invadir meu corpo, que parecia que a qualquer momento iria explodir, então... ele parou. Isso me deixou um pouco frustrada, mas ele parou, se posicionou outra vez em cima de mim, beijou suavemente minha testa e me olhou nos olhos.

— Você é linda, mas está me deixando louco. Quero que sinta tanto prazer quanto eu.

Então, com seu membro rígido, ele começou delicadamente a entrar em mim. Ele introduziu um pouco, então saiu, e assim foi fazendo até estar completamente dentro de mim. Quando isso

aconteceu, eu senti um pequeno desconforto, mas logo essa sensação passou, dando espaço apenas para o prazer. Seus movimentos foram leves, quase imperceptíveis, acho que Luke queria garantir que eu não sentisse nenhuma dor. Aos poucos, ele foi aumentando o ritmo e, junto do ritmo, meu prazer também aumentou. Eu coloquei as mãos em suas costas, mas ele as segurou por cima da minha cabeça e manteve o ritmo constante. Ele me olhou nos olhos e aquele calor voltou a crescer em mim. A impressão que tive é que esse mesmo calor estava nele, pois éramos incapazes de desviar nossos olhos um do outro. O calor em mim foi crescendo, crescendo, e então explodiu... uma onda de prazer me atravessou e meu corpo todo se contraiu e, em seguida, relaxou. Eu nunca experimentei tal sensação e aquilo foi inexplicável. Estávamos ofegantes e nossos corpos suavam muito. Luke tinha um sorriso bobo no rosto e aquilo me fez sorrir também. Ele se deitou ao meu lado, de conchinha, fazendo carinho no meu cabelo.

Jamais havia imaginado que ele fosse tão carinhoso e tão atencioso, e fosse capaz de me dar tanto prazer. Eu estava com sede, mas eu poderia beber água depois; na minha mente, só passava uma coisa.

— Está pronto para mais? — perguntei, me virando para ele e sorrindo, que, por sua vez, apenas me beija na testa e depois nos lábios, indicando que nossa noite estava apenas começando. No meio disso tudo, eu nem percebi que ainda estávamos de máscara.



CAPÍTULO 12

Cloe

Cloe

Eu levei alguns segundos até conseguir abrir meus olhos e, assim que o fiz, a dor de cabeça veio. A luz que vinha da janela do meu quarto só piorava tudo, então eu fechei os meus olhos outra vez e recomecei o processo. Se meu corpo não estivesse doendo, eu até ousaria pensar que a noite passada foi um sonho, mas não. Eu abri os olhos de uma vez, arregalados, no momento em que a lembrança da noite passada invadiu a minha mente.

— O que foi que eu fiz?! — Fiz uma pergunta retórica, de modo que somente eu pudesse ouvir. Olhava para o lado e Penélope ainda estava dormindo profundamente e, quando uma corrente de vento atravessou o quarto, eu me arrepiei mais que o normal, em seguida, olhei para o meu corpo e percebi que estava seminua.

— Onde estavam as minhas roupas? — outra vez perguntei para mim mesma.

Tudo parecia irreal demais e, por mais que eu me esforçasse, só tinha lembranças da noite passada até certo ponto; o que aconteceu depois que Luke se deitou ao meu lado no tapete é uma memória em branco. Penso que não deveria ter bebido tanto, aí percebo que nem

bebi tanto assim. Fico procurando por algo que eu deveria ter feito para que não me levasse até a situação em que estou agora, como não ter bebido, não ter ido à festa, não ter dado ouvidos a Azar. O grande problema era que não importava quem ou o que eu tentasse encontrar para usar de álibi sobre o que aconteceu ontem à noite, a responsabilidade era minha e apenas minha, e ter de lidar com isso talvez fosse a foda mais difícil de se fazer.

Com muito cuidado para não acordar Penélope, saí da minha cama e fui até o banheiro, conferi as horas e, por sorte, hoje era domingo, caso contrário, eu estava perdida. Escolhi uma roupa qualquer e fui em direção ao banheiro, estava precisando de um banho. Claro que aquilo não foi o suficiente, mas já foi um começo e, mesmo com o corpo ainda doendo, principalmente em minha intimidade, depois do banho, eu me sentia melhor, um pouco pelo menos. Eu precisava tomar um remédio para dor e comer, mas a coisa que eu mais queria naquele momento era beber água. Coloquei minha calça de moletom cinza, uma camiseta branca e tênis da mesma cor e saí andando na ponta dos pés para não fazer nenhum barulho, fechei a porta do quarto e fui em direção à cozinha.

Era por volta de nove da manhã quando cheguei lá e, no caminho, encontrei algumas pessoas e, inacreditavelmente, elas ainda sussurravam e diziam coisas como: "ficou sabendo?" e "outra vez essa história?" Eu já estava ficando de saco cheio com isso. Chegando na cozinha, Gustavo pareceu feliz em me ver, mais do que eu estava esperando, tenho que admitir.

— Bom dia! Você está bem? Se recuperou? — perguntou.

— Bom dia. Como assim? — indaguei, sem entender o que ele quis dizer.

— De ontem, você não... — Ele parou no meio da frase quando percebeu meu ligeiro olhar de confusão para ele, e podia ver sua alegria aos poucos diminuindo, até que ele me deu um sorriso triste. — Não é nada. A que devo sua visita?

— Preciso comer alguma coisa, mas antes eu preciso de água.

— É pra já! — disse enquanto preparava algo para eu comer. Me apoiei na bancada da cozinha, enquanto dois garçons entravam e outra vez os comentários voltavam. — Sobre o que estão conversando? — Gustavo perguntou sério.

— Nada, nós só estávamos falando que... — um deles começou, mas Gustavo foi mais rápido.

— Devo lembrar aos senhores que comentários que não sejam sobre o trabalho são terminantemente proibidos, e que se eu vir os senhores fazendo isso outra vez, podem ter certeza que será a última que farão como empregados, eu fui claro?

Eles, por sua vez, apenas concordaram e saíram de lá meio

assustados. Era impressionante a diferença de tratamento que eu recebia comparada a todas as outras pessoas que conversavam ou interagiam com Gustavo, eu realmente me sentia especial por ter esse tipo de tratamento.

— Quando que vão parar de comentar sobre nós? — perguntei a ele.

— Não é exatamente sobre isso que estavam falando — Gustavo disse, um tanto quanto sem graça.

— O que você quer dizer com isso?

— Acontece que... estão fazendo alguns comentários sobre você. Novos comentários.

— Quais?

— Estão dizendo que você foi vista na festa saindo com um homem e que depois esse mesmo homem foi visto saindo do seu quarto. Mas a identidade de quem ele era ainda é um mistério, já que era impossível dizer quem era quem ontem.

O que quer que eu fosse dizer agora, eu deveria escolher muito bem minhas palavras. Ontem foi um erro, eu não duvido disso e, mesmo sabendo que Gustavo era meu amigo, eu não me sentiria à vontade de conversar esse tipo de coisa com ele. E, por mais que essas fofocas, de certa forma, me ajudassem a lembrar o que aconteceu, essa não era a melhor maneira de descobrir. Gustavo pareceu ter entendido pela expressão que eu fazia.

— As pessoas são maldosas de qualquer jeito, e algo me disse que elas gostam de falar de você, mas não liga para isso, apenas tenha juízo e, principalmente, tente de se lembrar de ontem à noite — disse, me dando uma piscada e colocando meu café da manhã na minha frente. Torradas com queijo, salada de frutas e café preto, só de sentir o cheiro meu estômago roncou, mesmo sendo simples, aquilo parecia delicioso. Devorei em menos de cinco minutos, não sabia que estava com tanta fome. Gustavo bebia suco de maracujá, certa vez comentou comigo que era o seu favorito e, por sorte, ele me fazia companhia, conversar com ele me impedia de pensar muito sobre a noite anterior, algo que eu sabia que não poderia ficar adiando para sempre.

De um jeito que eu não sabia explicar muito bem, Gustavo ficava me encarando de um jeito estranho, algo que eu nunca reparei nele antes. Ele parecia esconder um misto de sentimentos, ao mesmo tempo em que me olhava feliz e com os olhos brilhando, seu olhar se entristecia e ficava para baixo, mas o mais importante é que ele parecia saber algo que eu não sabia, e isso estava me deixando cada vez mais curiosa, teria algo a ver com o que aconteceu ontem? O que ele poderia saber? E o mais importante: eu deveria perguntar?

— Eu preciso fazer uma conferência com o Gaspar, pelo que entendi, haverá uma mudança drástica na rota do navio, então ele me

chamou para uma reunião, e eu preciso ir. A limpeza diurna da cozinha vai ser feita pelos taifeiros secundários. Venha à noite apenas e descanse agora, você está precisando. — Gustavo sorri e vai embora. Eu nem tive tempo de perguntar a ele.

A forma como ele cuidou de mim foi admirável, principalmente pela forma que nos aproximamos desde o incidente outra noite. Terminei minha refeição, tentando não pensar em muita coisa, o que era muito difícil, considerando como eu estava e tudo que aconteceu desde que entrei nesse navio. Minha vida se tornou uma verdadeira loucura, foram tantas informações novas ao mesmo tempo, tantas pessoas, tantas situações e, por mais que minha vida estivesse como estava, a cada segundo que passava, eu tinha a certeza de que a melhor escolha que eu poderia ter feito era aceitar esse emprego, já que, pela primeira vez na minha vida, eu sentia que estava vivendo de verdade.

Terminei minha refeição e me encaminhei para o convés. O dia estava bonito, ensolarado; era impossível alguém se manter de mau humor num tempo como aquele, não que fosse o meu caso, é claro. Eu não estava de mau humor, apenas confusa. Eu precisava colocar minha cabeça no lugar, eu sei. Tudo estava acontecendo rápido demais, e a minha vida, em todos os seus aspectos, estava uma total bagunça, e o pior de tudo é que a sensação que eu tinha é que eu não podia fazer nada, ou sequer estava tentando; as coisas aconteciam, e eu apenas assistia, como se não pudesse fazer nada, e isso era a pior sensação de todas. Tentei esvaziar minha mente, mas, assim que fechei os olhos, flashes da noite passada apareceram em minha mente, e eu comecei a me recordar dos toques, das sensações, do prazer... Eu nunca estive tão próxima a um homem, e muitas das coisas que fiz eu fiz pela primeira vez, e como quase tudo que é bom, não foi planejado; eu nunca iria imaginar que a noite terminaria daquele jeito ou que eu acabaria tendo minha primeira vez do jeito que foi.

No fundo, acreditei que todas as meninas alimentavam certa fantasia de como seria sua primeira vez, e acreditei ainda mais que pouquíssimas conseguiam de fato realizar. E não era nada conservador ou até mesmo religioso, mas eu desejava, ou pelo menos imaginei que fosse diferente, que fosse com alguém especial, num lugar especial, numa ocasião importante. Mas foi tudo o oposto disso e, mesmo não sendo o que eu esperava, talvez a magia e o que tornou esse momento tão especial fossem justamente o fato de ser o oposto do que eu estava esperando. Afinal, é possível planejar sentir prazer como senti ontem? E é claro que Luke não era um carinha qualquer, mas eu não tinha sentimentos por ele. Espera, tinha? Como assim? Depois de ontem, isso mudou? Eu ainda nem parei para pensar como realmente me sinto, se isso muda alguma coisa entre nós, ou o que devo esperar.

Tudo era uma novidade, eu literalmente não sabia o que fazer.

— Eu já vi usarem a frase do convés para muitas coisas, mas para tentar dormir é a primeira vez. — Ouvi uma voz familiar ao meu lado, era Giorgio.

— Concordo com o senhor que esse não é o melhor lugar para se fazer isso — disse de volta, com o sorriso fraco.

— Não que eu seja um especialista em emoções humanas, é claro, mas acredito que eu saiba diferenciar sono, de tristeza, estou certo?

Eu entendia que ele queria apenas ajudar, mas, para a grande maioria dos meus problemas, cabia apenas a mim resolver, mas, quem sabe, conversar com um amigo, que não seja Baltazar, poderia me ajudar.

— Não propriamente. É que eu estou passando por tanta coisa nova, tantas emoções, que não sei como reagir à maioria delas. Sem mencionar os problemas.

— Que tipo de problemas?

— Acredito que o senhor já deve ter escutado alguns comentários que as pessoas têm feito sobre mim durante as últimas semanas. Por algum motivo, as pessoas parecem gostar de comentar sobre mim, mas me odeiam. Não que esse fosse o meu objetivo quando aceitei esse emprego, mas eu não imaginava me sentir tão só. Acho que esse isolamento é o que mais mexe com a minha mente — desabafei.

Por alguma razão, eu me senti muito confortável em contar a Giorgio como me sinto em relação ao que está acontecendo. Nunca consegui falar sobre isso com mais ninguém e, sem que eu ao menos percebesse, estava guardando tudo isso dentro de mim, e agora que saiu, me sinto bem mais leve. Ele me observou com seus olhos azuis, parecia estar à procura de algo. Quando eu o encarei de volta, percebi que, em seu olhar, além de grande tristeza, havia algo estranhamente familiar, algo que eu não sabia explicar, fazia-me lembrar de uma época que eu mesma não sabia qual era, mas era quando meus pais ainda estavam vivos.

— É claro que a forma como o mundo nos enxerga nunca será de fato aquilo que somos, tampouco como verdadeiramente nos sentimos. Cada um doa aquilo que carrega dentro de si, e se essas pessoas se apoiam em sua vida para dar sentido a elas, só prova o quão vazias elas são, e você não deve nunca se deixar abalar, isso é muito mais sobre elas do que você, então não se importe tanto. Contudo, eu entendo que o isolamento social, mesmo diante de tantas pessoas, pode ser algo horrível de ter que lidar e, para isso, eu tenho uma solução que talvez agrade você...

— Veja, Carlota, quem eu acabei de encontrar aqui! — uma

mulher nos interrompe de repente.

— Não me diga, Joaquina, que meus olhos realmente estão vendo o que eu penso estar vendo. — Carlota respondeu. Nisso, minha alma parecia querer fugir do corpo, podia sentir meu coração acelerar, tudo que eu não queria nesse momento era ser mais uma vez alvo de comentários maldosos.

— Capitão Giorgio em pessoa! — Joaquina disse.

— O próprio! É sempre tão bom ter uma vista tão boa logo de manhã, não acha, irmã?

— Concordo totalmente, mesmo que essa vista se faça tão de difícil para nós duas — a primeira falou outra vez.

Elas foram se aproximando de Giorgio e, por incrível que parecesse, elas ignoraram a minha existência totalmente. Eu não sei exatamente o que eu estava esperando, mas não era por isso.

— Talvez se o senhor não fizesse tão de difícil, a vista poderia ser bem interessante, o que me diz? — O senhor Giorgio não move um músculo sequer.

Elas se aproximaram ainda mais, uma ajeitou a gravata, enquanto a outra penteou seu cabelo, elas, de repente, caíram na risada e foram embora, sem que eu entendesse nada do que estava acontecendo, até que olhei para Giorgio e a cena que vi me fez querer cair na risada. Eu tinha que ser muito firme para segurar. Ele estava vermelho como eu nunca o vi antes, acho que, em toda a minha vida, não presenciei alguém tão constrangido e sem graça como estava nesse momento.

— As irmãs Delorean são uma verdadeira graça, não acha? Herdaram a fortuna da família, que investiu em mineração de diamante e hoje controlam uma das maiores redes de distribuição de joias do mundo e amam gastar sua fortuna sem pudor. Acompanham a família Porto Real há muito tempo e tem esse... hábito de brincar comigo dessa forma — Giorgio tentou se explicar — Bom, mas vamos a minha sugestão...

— Cloe! Você tem que me acompanhar. Agora! — uma voz disse atrás de mim, nos interrompendo pela segunda vez. Era Elizabetta, e seu sorriso parecia vitorioso.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Gaspar Porto Real quer conversar com você — respondeu com a voz doce que, para mim, era desconhecida até o momento. Olho para Giorgio, que me encarava preocupado. O que poderia ser?



Luke

LUKE

Se eu dissesse que a noite passada foi um sucesso, estaria mentindo. Dizer que foi um fracasso, seria mentira também. A verdade é que eu não fazia ideia do que pensar. Tudo aconteceu tão rápido, totalmente diferente de tudo que eu havia planejado e, ainda assim, com sérios riscos de ter grandes problemas para Cloe. Mas o importante é que ela não foi vista na festa, fato que, infelizmente, pouco adiantou, considerando o que estão dizendo agora. Eu ainda não podia acreditar nas histórias; em poucas horas, tudo pareceu mudar da água para o vinho, era coisa demais para a minha cabeça.

Eu estava no quarto de Gaspar, tomando um uísque com ele. Eu precisava conversar com ele sobre o que aconteceu e sobre tudo que eu ouvi ontem à noite.

— Samara está agindo contra uma de suas funcionárias — disse de repente.

— O-o que? — meu irmão perguntou de volta.

— Há algumas semanas, escutei alguns comentários sobre uma camareira e o chefe da cozinha e, por alguma razão, esses comentários não acabam. Ontem, de um modo que ela não percebeu, eu escutei Samara contando para uma barista que elas, Samara e essa tal barista, mais a colega de quarto da camareira estão por trás de todos esses comentários, e pelo que parece novos boatos surgiram, a envolvendo outra vez.

Meu irmão caminhou de um lado para o outro, como se pensasse em algo. Nesse momento, ele deveria estar em reunião com o chef, mas pediu a Mérida que o fizesse, já que eu disse que tinha algo importante para conversar com ele.

— Vo-você levantou va-várias questões ago-go-gora. A primeira-ra, Samara. Eu n-não planejei que ela vi-vi-viesse nesse na-navio, mas não podia re-cu-cusar, já que não há ne-nenhum moti-tivo aparente pa-pa-para isso. Eu acho-cho que você de-deveria con-con-conversar com ela.

— Por que eu deveria? As intenções dela estão mais que claras. Ontem mesmo ela disse com todas as letras que me quer de volta. É claro que ela está agindo desse jeito por minha causa, só que eu não vou entrar nesse joguinho dela, muito menos permitir que ela se

aproxime de mim outra vez.

— Exato-to. Em primeiro lu-lugar: qual su-sua rela-la-lação com essa camareira-ra? — Gaspar perguntou, e já sabia onde ele queria chegar com isso. — Desde-de o primeiro dia-a foi dito-to a to-to-todos que é proibi-bido relacionamentos entre-tre passa-ssageiros e funcionários-os. Por isso-ssso que antes de-de tomar qual-qualquer ati-titude, vou pergunta-tar você.

Ele me pegou no flagra. Eu não sabia o que eu deveria responder a ele, até porque nós dois não tínhamos nada, em partes. Não tínhamos nada definido, melhor dizendo. De todas as formas, era complicado, e mais complicado ainda seria contar isso ao meu irmão, que com certeza não iria gostar nem um pouco dessa ideia.

— Eu a conheço, já conversamos algumas vezes e...

— E? — me encorajou.

— É complicado de explicar. Mas, de qualquer forma, eu acho que estamos envolvidos de algum modo, e ela me desperta o interesse, muito aliás — respondi de uma vez. Por mais que seja mais difícil, a verdade ainda é melhor que a mentira, sempre vai ser.

— Co-como eu imagina-nava. Não preci-ci-ciso lembrar vo-você que isso-ssso não será-rá tolerado-do, mesmo-mo que goste dela-la.

— Você me trouxe até essa viagem para eu ter uma experiência completa como hóspede e contar a você como é se hospedar no Netuno, mas você sabe que essa também não é a principal intenção de eu estar aqui. Eu vim para relaxar, esquecer tudo que aconteceu comigo, e você, melhor que ninguém, sabe de tudo que eu passei.

— Aonde quer chega-gar?

— Pela primeira vez em muito tempo, eu encontrei alguém que faça com que eu me sinta bem e faça com que eu pense em outra coisa que não seja a cadeia e as acusações. E você quer, de alguma forma, me impedir de manter contato com essa pessoa. Não acha isso meio injusto? Quero dizer, olha a oportunidade que estou tendo, mas que posso perder. Eu não ganho nenhum alívio? — perguntei ao meu irmão, fazendo a clássica expressão que sempre faço quando lhe peço alguma coisa.

— Voltamo-mos ao ponto-to Samara. Mes-mesmo que você não queira, vocês preci-cisam conversar. Vo-você tem que colo-lolocar um basta-ta nessa história. Não estou di-dizendo pra perdo-doa ou volta-tar com ela, só conversa-as, vai ser importan-tante para vo-você. Agora-ra, eu preciso que vo-você, me acom-companhe até me-meu escritório.

A primeira coisa que passou pela minha cabeça foi que Samara estaria lá e que essa tal conversa que Gaspar sugeriu seria feita nesse exato momento, algo que eu definitivamente não estava a fim, muito menos pronto para fazer, mas ele me tranquilizou e afirmou que ela

não estaria lá. Meu irmão não me pediria para ir ao escritório dele assim do nada, o que é bastante suspeito, então ele estava fazendo alguma coisa, eu não conseguia imaginar o que poderia ser.

Ele não disse mais nada sobre Cloe, o que, de certa forma, me deixou um pouco triste. Antes de ser hóspede do navio, ou ele ser o chefe da empresa e o grande representante do nome Porto Real, ele era meu irmão, e eu esperava que ele me apoiasse, ou, ao menos, se interessasse pela pessoa que eu quero conhecer e quero me aproximar, mas não. Ele nada fez ou disse, e sem que eu me desse conta, já havíamos chegado ao seu escritório.

— Po-pode parecer que na-não, mas eu sei de tu-tudo que acontece no na-navio. Eu já sabi-bia antes de vo-você me conta-tar. Aliás, eu se-sei de muita-ta coisa que eu prefi-fi-firo na-não dizer. Por isso, eu to-tomei a li-liberdade de chama-mar sua namoradi-di-dinha aqui.

— Você o quê? — perguntei sem entender nada.

— Há certa-tas coisas que te-temos que conversa-sar. E está-tá na hora de uma-ma reunião de fa-família — Gaspar concluiu.

Eu nunca duvidei do poder de liderança do meu irmão, ao contrário do que muitos fazem. Se ele disse que já sabia, eu prefiro nem pensar nas coisas que acontecem e que eu não sei. De repente, a porta se abriu e eu vi Elizabetta seguida de Cloe, e assim que ela entrou, nossos olhos se encontraram. Nesse momento, eu só queria saber se algum dia haveria alguma teoria, algum pesquisador, alguma religião, doutrina, algo nesse universo que fosse capaz de explicar como meu corpo funcionava ao encontrar com o mais belo par de olhos castanhos que eu já vi.



CAPÍTULO 13

Luke

LUKE

O olhar confuso de Cloe me desestabilizou totalmente. Eu não sei ao certo o que ela estava esperando, mas, com certeza, não era uma reunião como a que tivemos. Acredito que pelo fato de ter sido Elizabetta quem a chamou, ela pensou que se tratava de outra coisa que não fosse "discutir relação" com o chefe. No fim das contas, a conversa foi mais tranquila do que eu pensei que poderia ser. Meu irmão era um homem sério e via o trabalho e o profissionalismo como um de seus alicerces para cuidar dos negócios da família. Era exigente com a qualidade dos serviços que carregavam o sobrenome de nossa família e, por isso, era criterioso demais na contratação de quem trabalha para a Companhia Porto Real. Contudo, ele não era um empregador desumano, como também não era extremamente racional como a maioria das pessoas o enxergava.

Seu discurso, apesar de soar como algo grave, era apenas para

explicar alguns pontos. Confesso que tive que segurar para não rir, considerando que Cloe e eu parecíamos dois adolescentes recebendo bronca de um adulto e tomando conhecimento das regras antes de começar a namorar. Em certo momento, tive vontade de perguntar a ele se já poderíamos ir ficar de mãos dadas no sofá, mas, apesar de tudo, tenho certeza de que ele não iria gostar desse tipo de piada. No fim das contas, tudo que ele tinha a dizer era que, antes de qualquer coisa, relacionamentos de qualquer natureza entre funcionários eram estritamente proibidos, e a mesma condição era aplicada para funcionários e passageiros. No entanto, ele sabia que algo desse tipo acabaria acontecendo, devido às condições e principalmente ao fato de que há coisas que não podemos controlar, como os sentimentos.

No momento em que disse isso, vi seu olhar se desviar dos nossos e se perder por alguns segundos, e eu sabia muito bem do que ele estava falando. Quando tínhamos doze anos, eu e meu irmão estávamos tendo uma briga muito séria pelo fato de que ele havia me emprestado seu brinquedo favorito. Quando ele me pediu seu brinquedo favorito de volta e eu não quis devolver, a briga começou. Hoje em dia, somos bem mais parecidos fisicamente do que nessa época. Hoje Gaspar tem a mesma altura que eu, mantém o físico em forma e se cuida bastante, mas, quando tínhamos apenas doze anos, nossas diferenças eram gritantes e quase não parecíamos gêmeos. Ele era ligeiramente mais baixo e mais magro que eu, mesmo sendo cinco minutos mais velho. E assim como nossa aparência, as personalidades também se diferenciavam muito. Eu me aproveitava do fato de ser maior e mais forte e vivia provocando Gaspar, mas, nesse dia, as coisas foram um pouquinho diferentes.

Enquanto eu o provocava, levantando o brinquedo a uma altura que Gaspar não alcançava, uma menina que nós nunca havíamos visto antes apareceu e, para minha grande surpresa, ela queria defendê-lo das minhas brincadeiras. Nunca vou me esquecer do quão bonita ela era e, mesmo ela vindo defendê-lo, eu não me importei nem um pouco e continuei mantendo o brinquedo longe do alcance de Gaspar. Mas essa menina era da minha altura e, por conta disso, conseguiria pegar o brinquedo com facilidade e, quando percebi que ela logo iria me tomá-lo, eu joguei o brinquedo favorito do meu irmão na piscina. A menina, então, sem pensar duas vezes, deu um soco bem no meio do meu rosto.

Naquele dia, eu ganhei um nariz quebrado, meu irmão ganhou a pessoa por quem é apaixonado até hoje e quem fez ele ter uma mudança tão drástica na aparência. De brinde, Azar, fazendo jus ao seu apelido, ganhou seis pontos na cabeça, considerando que ele estava na piscina no momento em que eu joguei o brinquedo e inexplicavelmente eu consegui acertá-lo bem na cabeça; até hoje é

possível ver a cicatriz. Essa menina era Andrea Almendra, ela hoje trabalha como modelo internacional e é considerada por muitos a mulher mais bonita do mundo. O problema é que, diferente do meu irmão, ela só o enxerga como um amigo e nunca o viu como nada além disso, mesmo sempre o defendendo e o incentivando a crescer como pessoa. Ela nunca caiu nos meus encantos e chegava a me tratar com certa indiferença; acredito que, para ela, a primeira impressão é a que fica e como nos conhecemos não é uma história muito boa. Depois de muito insistir, meu irmão conseguiu convencê-la de viajar no Netuno para poder, depois de muitos anos, tirar férias. Ele estava decidido a se declarar para ela, mas até agora não tentou nada; eu imagino como seja difícil para ele.

Era por isso que ele, mesmo sabendo que isso era errado, disse que faria vista grossa para o que quer que a gente tinha, contando que tudo fosse mantido em sigilo e que isso não atrapalhe de forma nenhuma o trabalho de Cloe. Ela deveria cumprir com todos os horários e exigências de Elizabetta e manter toda a aproximação que tivermos em segredo. Ela concordou com os termos, mesmo não sabendo o real motivo de ninguém saber; achei que ela fosse interpretar mal, já que ela não sabe que minha identidade deve ser mantida em segredo. Ele finalizou dizendo que, quanto aos comentários que estavam fazendo, ele não poderia fazer nada, pois não cabia a ele controlar o que as pessoas falavam ou não no navio, mas que esperava que tudo ficasse bem.

Cloe não demonstrou nenhuma emoção durante toda a reunião e não pareceu se importar com o fato do meu irmão ser gago, muito menos com qualquer exigência que ele tenha feito. Quando acabou, ela pediu licença e saiu da sala. Mesmo sabendo que a conversa com o meu irmão não tinha acabado, eu não pensei duas vezes antes de ir atrás dela; eu sentia que precisávamos conversar. E, da mesma maneira que ela estava na reunião, ela se manteve quando perguntei se ela tinha um tempo para mim. Agora estamos nós dois a sós no meu quarto. Eu não fazia ideia do que deveria dizer, muito menos do que estava de fato acontecendo. O que eu sabia era que esse silêncio estava gritando entre nós e que, pela primeira vez na vida, encontrei uma mulher que consegue me deixar nervoso com sua mera presença. Isso era uma coisa ruim?



— Eu... — comecei e, assim que ela me olhou, me senti sem graça. — Eu não estava esperando que meu irmão fosse fazer algo desse tipo, eu acho que ele talvez tenha... você está bem? — perguntei assim que percebi que seu olhar estava distante e que ela provavelmente nem estava prestando atenção no que eu dizia, ou no

que aconteceu agora à tarde. Me aproximei dela e fiz um carinho em seu rosto.

— É que tudo está acontecendo tão rápido, e eu não sei mais o que pensar ou o que sentir. Até pouco tempo atrás você era só um passageiro, e agora eu acabo de ter uma reunião com o seu irmão sobre como devemos nos comportar ou sei lá. Parece que todos aqui estão esperando que eu me comporte do jeito que melhor lhe agradem, ou que eu sinta o que esperem que eu sinta e, no meio disso tudo, eu não sei o que esperar ou o que sentir, eu estou mais perdida que tudo — disse e seus olhos alcançavam o meu — Eu não aguento mais sentir tanta coisa ao mesmo tempo em que me sinto vazia e me sinto só.

Delicadamente eu levantei seu queixo e beijei suavemente seus lábios. Eles eram macios, e ela rapidamente correspondeu ao meu beijo. Fiz um carinho em seu rosto e interrompi o beijo, e no momento em que nossos olhos se encontraram, eu encostei minha testa na sua.

— Eu garanto a você que não está mais só. Eu sinto muito que esteja passando por tudo isso, mas eu prometo que estarei aqui com você, ok? Meu irmão, apesar de se manter sério boa parte do tempo, tem um coração de ouro e é apaixonado em vários sentidos, por isso todo aquele discurso, mas, por favor, não pense nem por um segundo que só porque ele disse tudo aquilo que você é obrigada a algo, ou que você tem que ter algo comigo. — tentei explicar. — Tudo aconteceu muito rápido, eu concordo com você, mas temos tempo de sobra, tempo para nos conhecermos, tempo para aproveitar.

Enquanto vou dizendo isso a ela, minhas mãos seguraram firme sua cintura, e inconscientemente eu a puxei para mais perto, suas mãos se enrolaram em volta do meu pescoço.

— Não quero apressar você a fazer nada, ou a sentir nada, quero apenas aproveitar o tempo que temo — sussurrei em seu ouvido e a beijei outra vez.

O beijo, aos poucos, se aprofundou, e eu rapidamente abri os olhos, procurando um caminho até minha cama, então, a conduzi delicadamente. Cheguei na beira da cama e me sentei, a puxei novamente para um beijo, e Cloe se sentou no meu colo.

Fui passando as mãos por todo o seu corpo, tentando sentir cada curva que ela possuía, até que parei em seu bumbum e o segurei firme. Tracei uma linha de beijos até o seu pescoço e aproveitei para sentir melhor seu perfume que tanto me hipnotizava. Propositamente, deixei meu corpo cair na cama, e Cloe me acompanhou, mas, antes de nos beijarmos novamente, nossos olhos se encontraram, e ela me deu um sorriso de lado. Como ela conseguia ser tão sexy?

Senti meu membro cada vez mais rígido, e minha necessidade de penetrá-la, cada vez maior. Sem que ela estivesse esperando, eu me

levantei, a segurei firme e a carreguei no colo, como uma criança, invertendo nossas posições, dessa vez com ela deitada. Ela pareceu ter gostado, pois seu sorriso apareceu pela segunda vez. Confesso que, se ela continuasse me dando esses sorrisos, ela me levaria à loucura.

Tirei minha camisa e beijei seu pescoço, com minha mão subindo delicadamente por baixo de sua camisa, e agarrei seu seio. Ela estava sem sutiã. No momento em que o apertei firme, um pequeno suspiro escapou de seus lábios, o que fez com que eu ficasse ainda mais excitado.

Havia muito tempo que não estava tão próximo de uma mulher, e há muito tempo não encontrava alguém que me atraísse como Cloe fazia, e eram esses pequenos detalhes e os insignificantes movimentos que ela fazia que aumentavam ainda mais meu desejo por ela. Não havia como explicar; ela me excitava como poucas fizeram até hoje. Voltei a beijar seus lábios e, com a cintura, pressionei meu membro no meio de suas pernas, com as roupas me impedindo de senti-la como eu desejava. Mordi delicadamente seus lábios e a beijei novamente. E, sem que eu esperasse, meu telefone tocou. Tocou uma vez. Tocou duas vezes. Quando tocou pela terceira vez, o clima se perdeu, pois seu barulho começou a realmente nos incomodar.

— Atende. Talvez seja importante — Cloe me disse. Dou-lhe um selinho delicadamente e vou atender o telefone. Era Azar.

— O que foi?

— Gaspar disse que precisa fazer uma reunião com nós dois, e que essa reunião é muito importante, não pode ser cancelada por nada. Você sabe que eu não ligaria se realmente não fosse importante e, pelo jeito que ele disse, algo sério aconteceu. — Poucas vezes na vida eu o vi falar sério, e esse era um dos raros momentos em que seu tom de voz é sério.

— Está bem.

— Ótimo — respondeu e desligou o telefone.

— Está tudo bem? — Cloe quis saber.

— Eu acho que sim, mas Gaspar disse que tem uma coisa muito importante para conversar comigo e com Azar.

— Era Gaspar no telefone?

— Na verdade, não, era Azar e, para minha grande surpresa, ele falou sério.

— Entendi. Bom, eu vou voltar para o meu alojamento e, se quiser, a gente se vê qualquer hora, está bem? — sugeriu, pude ver que, de alguma forma, ela estava decepcionada.

— Eu sinto muito. Assim que ele disser o que quer, vou ir procurar você, posso? — perguntei, e ela concordou com a cabeça, dando um sorriso diferente daquele de cinco minutos atrás.

Ela se levantou da minha cama e foi caminhando em direção à

porta, mas, no momento em que sua mão tocou a maçaneta, eu segurei seu braço e a puxei para um beijo. Ela rapidamente correspondeu, segurou firme meu pescoço e ficou na ponta dos pés para alcançar o meu rosto. Ela me beijou profundamente, mordeu levemente meu lábio inferior e, olhando nos meus olhos, sorriu de lado. Eu me separei rapidamente dela, peguei meu celular e gravei uma mensagem de voz para Gaspar.

— Eu imagino que o que tem a dizer é importante, mas agora eu estou em um compromisso inadiável. Nos encontramos em uma hora. Por favor, não ligue. — Depois disso, coloquei o telefone no silencioso e caminhei em sua direção, segurando o seu rosto, sussurrando em seguida: — Onde estávamos?



Gustavo

Gustavo

Problemas! Muitos e muitos problemas. Esta era a forma de melhor resumir o que eu tinha que lidar agora. Se fosse para eu descrever o tamanho da confusão, ou das situações que eu tive que enfrentar, com certeza eu perderia a cabeça, o que não era do meu feitio, mas considerando tudo que se passou e tudo que aconteceu, eu não me surpreenderia. Pelo que eu entendi, a rota do navio foi drasticamente diminuída; não me disseram o motivo real, o que importa é que, em cinco semanas, estaríamos no Mediterrâneo, cancelando, dessa forma, todas as paradas previstas, e agora eu tinha menos de vinte e quatro horas para apresentar um novo cardápio adaptado a todas as necessidades dos passageiros e respeitando todos os ingredientes que tínhamos, algo superdivertido de fazer. Mal posso esperar para perder meu domingo desse jeito.

Porém, considerando como andava minha cabeça, e principalmente meus sentimentos, achava que ter algo para me distrair poderia até ser bom. Antes de começar a montar o cardápio, fui conversar com Giorgio; achava que ele poderia me ajudar de alguma forma.

— Eu também não entendi muito bem os planos de Gaspar e não concordo muito com essa mudança na rota, a experiência será bem

diferente. Mas nós dois conhecemos ele há muito tempo, ele certamente tem motivos plausíveis para isso — Giorgio disse depois de um tempo.

— Eu sei, mas o senhor me conhece, sabe como eu odeio mudanças repentinas e como isso pode atrapalhar a qualidade do meu trabalho.

— Eu entendo você, meu filho. Todos nós fomos surpreendidos, e agora só cabe a nós aceitarmos. Mas, sabe, algo me disse que esse não é o motivo de você estar tão irritado. O que tem incomodado você? — perguntou diretamente. Eu não sou bom em falar sobre os meus sentimentos, e ele me pegou de surpresa, será que estava tão óbvio assim?

— Eu acho que estou tendo sentimentos por uma pessoa, mas ela parece não notar, e todas as aproximações que tivemos até agora, para ela, parecem não ter sido nada de mais, e eu não sei o que fazer, não sei quando foi a última vez que alguém invadiu minha mente desse jeito, mas sei que estar no meio dessa situação está me deixando cada vez mais maluco — disse, ele pareceu pensar por alguns minutos antes de me responder:

— Pelo que eu entendi, você já tem um contato com essa pessoa, então acredito que ser sincero com ela não vai ser um problema. Você precisa se resolver internamente antes de tomar alguma atitude, já que, com todo respeito, parece estar uma confusão sem tamanho. Então tenta esfriar sua cabeça um pouco, concentre-se no que está de fato acontecendo e, por mais que seja difícil, não se deixe levar por nada externo, ou pelo que não é real.

Eu refleti bastante em suas palavras, percebendo que ele tinha razão, e que talvez o melhor a fazer agora fosse me acalmar e tentar pensar com racionalidade, por mais que eu estivesse lidando com sentimentos. Eu agradeci ao capitão Giorgio pela conversa e, antes de sair de sua cabine, ele me disse:

— É claro que eu não sou ninguém para dizer alguma coisa, mas, a meu ver, Cloe é uma pessoa boa, confie no que sente e seja sincero não somente com ela, mas com você também, pois, no fim, tudo dará certo.

Concordei com a cabeça e saí dali, indo em direção ao meu quarto, pensando no que o capitão acabara de me dizer. Será tão óbvio assim que até mesmo Giorgio já percebeu? E por que sempre tive a impressão de que ele sabia algo a mais? Como se pudesse ver o que ninguém mais era capaz. Essas são questões que com certeza irão me assombrar por um tempo, mas todos os meus pensamentos foram cortados ao perceber que alguém me esperava na porta do meu quarto. Era Penélope.

— Precisa de alguma coisa? — quis saber.

— Calma, não precisa ser tão formal comigo. Eu só quero conversar com você, não podemos?

— Acredito que não temos nada para conversar, então, se puder me dar licença...

— Para que todo esse medo de mim? Está com medo de cair em tentação? — provocou.

— Acho que a resposta que eu tenho pode magoar você, então, por favor, me dê licença — disse, abrindo a porta do meu quarto, mas Penélope me impediu de fechar a porta.

— Já que minha presença incomoda tanto você, vou ser rápida. Só achei que talvez você gostaria de saber que a moça que você tanto defende, e pelo jeito já está todo apaixonadinho, não é esse amor todo que você pensa. Ontem mesmo eu a vi sendo entregue por um homem no nosso quarto, e isso eu afirmo ser verdade, já que eu mesma vi. — Eu a encarei sério — Acho que ela passou a noite com ele antes de ir dormir e, pelo jeito, a noite foi boa para os dois... o que foi? Vai me dizer que não sabia disso?

Sem que ela estivesse esperando, eu fechei a porta, virei de costas e encostei minha cabeça. Ouvi seus passos indo embora e, pelo que conhecia dela, tinha um sorriso vitorioso no rosto.

— Como poderia não saber? Se o homem que estava com ela era eu...



CAPÍTULO 14

Cloe

Cloe

Tive que admitir, a ideia do Sr. Giorgio não era ruim. O problema era que eu não sabia ao certo como fazer isso, já que meu pensamento inicial pode ser considerado um tanto quanto ridículo. O capitão Giorgio era como uma figura paterna para mim, ele me ajudava de uma forma que nem Gustavo, nem Azar conseguiam, ele tinha uma forma diferente de enxergar a vida e, por alguma razão, ele me passava segurança. Conversamos bastante sobre como as coisas têm acontecido, é claro que boa parte do que eu verdadeiramente estou passando, como a confusão de sentimentos por Luke, é um assunto que eu mantenho em particular e não converso com ninguém.

Mas assuntos como os péssimos relacionamentos profissionais que eu tinha eram bastante recorrentes, e o capitão me aconselhou a promover um pequeno evento que agradasse a todos com algo que eu tinha facilidade de fazer. Quando ele disse isso, pensei em algo relacionado à música, já que é uma coisa que eu gosto de fazer e tenho facilidade, mas isso, além de ser totalmente inviável, poderia muito bem ser mal-visto por boa parte da equipe que trabalha no Netuno.

O que, então, eu deveria fazer? Eu tentava encontrar uma solução para isso, mas parece que quanto mais procuramos a luz, mais visível é a escuridão. Nada, absolutamente nada passava pela minha cabeça e, por mais que limpar, organizar enquanto canto uma das minhas músicas favoritas fosse algo que sempre dava asas à minha criatividade, isso não estava funcionando.

O problema é que a primeira lição que eu deveria ter aprendido desde o momento que subi nessa embarcação é que, quando se trata de mim, a chance de dar alguma coisa certo é praticamente nula. Eu estava limpando um quarto qualquer quando, sem que eu percebesse, o balde atrás de mim caiu. Alguém o derrubou. Bem na minha frente, uma mulher com os cabelos escuros e com os olhos absurdamente azuis me olhava com um sorriso vitorioso, como se acabasse de conseguir o que queria. Se não possuísse um brilho maldoso no olhar, ela seria, com certeza, muito bonita.

— O QUE VOCÊ ACABOU DE FAZER? — gritou de repente, me assustando.

— Como é?

— VOCÊ DERRUBOU ESSE BALDE DE PROPÓSITO EM MIM! SERÁ QUE NÃO CONSEGUE PRESTAR ATENÇÃO NO QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO? OLHA SÓ O QUE VOCÊ FEZ!

— Mas eu não...

— COMO OUSA GRITAR COMIGO? COMO OUSA ACHAR QUE PODE RESPONDER A UM SUPERIOR? — a mulher gritava desesperadamente, não sei ao certo o que ela queria, mas se fosse causar um escândalo, ela certamente estava conseguindo. — EU ORDENO A VOCÊ QUE NUNCA MAIS TENTE DIRIGIR A PALAVRA A MIM, SERVIÇAL! LIMPE ESSA BAGUNÇA QUE VOCÊ FEZ E TENHA CERTEZA DE QUE SUA ATITUDE NÃO PASSARÁ IMPUNE, EU FAREI QUESTÃO DE IR PESSOALMENTE CONTAR A CHEFE DAS CAMAREIRAS, E FAREI O QUE FOR PARA QUE VOCÊ SE COLOQUE NO SEU DEVIDO LUGAR, VOCÊ ESTÁ ME OUVINDO? VOCÊ PRECISA SE ENXERGAR E VER QUE SEU LUGAR NÃO É AQUI, QUE VOCÊ NÃO DEVERIA ESTAR NESSE NAVIO, COM PESSOAS TÃO DIFERENTES DE VOCÊ, JÁ QUE NEM PARA LIMPAR O QUE SUJAMOS VOCÊ SERVE!

O motivo de tais palavras, eu não saberia dizer, eu nunca vi aquela mulher em toda a minha vida, não era capaz de compreender de onde vinha tamanha raiva e desprezo por mim, mas a cada palavra que ela dizia, eu sentia a vergonha tomar conta de mim. Acredito que as pessoas daqui tenham um gosto pessoal em me humilhar e desprezar e, para ser bem sincera, eles conseguiam fazer isso muito bem.

De alguma forma, eu precisava aprender a controlar meus

sentimentos, principalmente a forma como lido com eles na frente de outras pessoas, pois, quando ela finalmente se calou, eu pude sentir as lágrimas em meu rosto e, por mais que eu tentasse controlar, eu sentia que era uma questão de segundos para que eu desabasse completamente e chorasse na frente dessa estranha. Ela obviamente percebeu isso, pois seu sorriso vitorioso apareceu pela segunda vez, então ela se aproximou de mim e sussurrou em meu ouvido:

— Achou exagerado? Você não faz ideia do que sou capaz de fazer pra te ver longe do...

— O que está acontecendo aqui? — Uma mulher de repente apareceu, saindo do quarto em frente ao nosso. Assim que a vi, eu a reconheci e senti minhas bochechas esquentarem, tudo que eu não precisava era que ela, logo ela me humilhasse junto dessa mulher horrível. — Eu estou ouvindo os gritos do meu quarto, está tudo bem?

— Está sim, acontece que essa empregadinha... — a mulher começou a dizer, mas foi interrompida.

— Com todo respeito, Samara, eu não estou falando com você. Está tudo bem? — Ela, para minha grande surpresa, estava falando comigo.

— É... Eu só... Quero dizer...

— Você só pode estar brincando comigo! — a mulher, que eu presumo ser Samara, disse.

— É que eu realmente estou precisando do seu serviço no meu quarto agora, é algo inadiável. Você poderia me acompanhar? — pediu, ignorando totalmente Samara.

— Olha o que ela fez! Ela não sai daqui antes de limpar toda essa bagunça no meu quarto — Samara falou, ainda sem acreditar no que estava de fato acontecendo.

— Pode ficar tranquila que eu já liguei para o serviço de camareiras e logo alguém virá — respondeu.

— Se arrumou alguém para mim, por que não pode arrumar alguém para você? — Samara perguntou.

A mulher então se aproxima dela, deixando bem clara diferença de altura entre elas e, olhando nos olhos de Samara, indagou:

— Está questionando minhas ações? — Pela forma que ela falou, a seriedade em sua voz e a sua postura confiante eram mais que suficiente para fazer Samara pensar duas vezes antes de negar com a cabeça, sem dizer nada. Era notória a raiva que ela estava, mas era covarde demais para dizer alguma coisa. — Foi o que pensei. Você, venha comigo, agora!

Eu apenas a acompanhei antes que ela fechasse a porta do quarto. Por mais que ela tivesse acabado de me defender, por alguns segundos, me questionei se ela não poderia ser ainda pior que Samara. Mas algo me dizia que não, que ela, como poucas pessoas ali, era uma

pessoa boa. Eu não poderia estar mais certa.



Eu estava no quarto de Andrea Almendra, uma das modelos mais lindas que eu já vi e, de certa forma, uma das pessoas que me inspirou enquanto eu crescia. Nossa diferença de idade não era tão grande assim, mas ela, desde muito nova, fazia um grande sucesso, e eu a acompanhava desde o início de sua carreira. Andrea me inspirava, principalmente por conta de sua história. Seus pais trabalhavam em um condomínio de luxo, sua mãe era empregada e seu pai, motorista, e diferente de muitas pessoas, ela não nasceu com a vida ganha, ela batalhou muito para ter tudo que tem e para chegar aonde chegou. Aos treze anos, foi descoberta por um agente de moda enquanto fazia uma visita a um amigo que morava ali perto. E foi assim que ela construiu sua carreira.

Uma coisa que me deixou impressionada é que, por alguma razão, sempre a imaginei exatamente como ela se mostrou ao me defender, alguém cheio de confiança, segura, e que, se visse alguma injustiça, certamente interviria. Eu senti um imenso orgulho de crescer admirando ela, não há sensação melhor do que descobrir que a pessoa que te inspira é tão incrível quanto você idealiza.

— Você está bem? — perguntou.

— Eu... É — foi o que eu consegui dizer em meio ao meu nervosismo.

— Quem é você?

— Andrea Almendra — respondi, e ela sorriu divertida, talvez já estivesse acostumada com essa situação, ou talvez só estivesse achando graça da expressão de surpresa e admiração que eu estava fazendo.

— Andrea Almendra sou eu. Eu quero saber quem é você.

— Eu... Desculpa, é que estou um pouco nervosa, sempre acompanhei seu trabalho e admiro muito você. Meu nome é Cloe Carrilho. — Quando falei o meu nome, ela fez uma expressão, como quem dissesse que acabou de entender tudo.

— Ah, sim, isso explica muita coisa. O que aconteceu ali fora?

— Para ser muito sincera, eu não sei dizer ao certo. Eu estava apenas finalizando a limpeza do quarto dela e, quando percebi, ela estava atrás de mim, derrubando o balde, e começou todo aquele escândalo. Mas eu não entendi muito bem por que de ela fazer aquilo.

— Você não faz ideia de quem seja aquela mulher? — perguntou surpresa, e eu neguei com a cabeça. — Ela é Samara, a ex-noiva de Luke, acredito que você saiba quem seja ele. — Seu comentário fez com que meu rosto corasse. — Por que não se senta? O que eu vou te contar agora pode surpreender você.

— Mas eu preciso... — disse e apontei para a porta.

— Não se preocupe com isso, enquanto estiver aqui comigo, ninguém vai incomodar você, eu garanto. — Mesmo estando muito sem graça, eu aceitei seu convite e me sentei em uma das cadeiras que ela apontou. Ela serviu dois copos com água e colocou um bem na minha frente e se sentou em uma cadeira ao meu lado. — Pelo que Gaspar me contou, eles se conheceram na época da faculdade. Ela tinha verdadeira paixão por Luke, mas ele nunca deu muita ideia para ela, até que um dia ela perdeu o interesse e tudo mudou. De alguma forma, não demonstrar interesse foi o que fez Luke se interessar por ela e, depois de alguns meses insistindo, eles começaram a namorar. Luke parecia outra pessoa, qualquer um podia ver o quanto ele gostava dela e, pelo menos, para quem via de fora, o namoro deles era saudável e parecia ser bem feliz. Os anos foram se passando e isso não mudava, até que logo após a formatura de Luke, ele a pediu em casamento. A festa de noivado foi incrível, era só uma questão de tempo para que se casassem. Mas aí aconteceu...

Ela fez uma pausa para beber água e isso só aumentou ainda mais a minha curiosidade, mesmo que, aos poucos, eu já começasse a entender o porquê de Samara não gostar de mim.

— Foi uma grande confusão e ninguém estava esperando por nada do que aconteceu. Desestabilizou a todos, e quase foi o fim da família Porto Real. — Você não soube na época? E Luke não contou a você? — Neguei e percebi que não sabia muito sobre o Luke, mas, da mesma forma que não o conhecia, ele também não me conhecia. — Foi uma confusão e tanto que, com o tempo, ocasionou com o término dos dois. Ela rompeu quando ele mais precisava. Gaspar me disse que Luke ficou destruído e que, de todos os golpes que ele havia levado naqueles meses, o fim do relacionamento foi o pior de todos. Quase ninguém aqui sabe a identidade de Luke, ou de Baltazar, mas acredito que você já saiba quem eles são.

— Eu os conheço porque conversamos, apenas. Eu não tenho a real noção de quem eles são de verdade — respondi, e Andrea me encarou séria, sei que ela não estava duvidando de mim, talvez só estivesse surpresa por eu conhecer tão pouco sobre Luke.

— É então você não faz ideia de onde está entrando — disse, e isso fez com que eu ficasse mais confusa.

— Mas eu não entendo por que ela implica comigo, sendo que ela terminou e não quis mais nada com ele? E como ela foi descobrir que eu e Luke... temos algo? — perguntei.

— É aí que está, ela veio para esse navio com o intuito de reconquistar Luke. Ela é uma das poucas pessoas que sabe quem de fato ele é. Há alguns comentários maldosos sobre a família dela, dizendo que os Gouveia Munhoz perderam a fortuna e, por isso, ela

quer voltar com Luke, mas, a meu ver, é difícil dizer se é isso, já que, além de ser só um rumor, eles sempre pareceram apaixonados. O problema é que ela está disposta a qualquer coisa, pelo visto. Pelo jeito, ela vai fazer da sua vida um verdadeiro inferno.

— Como ela sabe?

— A primeira desconfiança foi no dia em que a chefe das camareiras te humilhou naquela festa, e Luke saiu correndo atrás de você. Aquilo foi um gatilho e tanto para ela criar toda uma história. Pelo que eu vejo, ela não é a única aqui que não gosta de você, sua popularidade não é muito boa. Então esse pequeno grupo se uniu para tentar fazer você se demitir. Cada uma com suas motivações. A confirmação das suspeitas dela veio no momento que ela tentou fazer comentários maldosos sobre você e Luke a defendeu. Isso foi o suficiente para ela entender e, na cabeça dela, é um motivo mais que plausível para infernizar você. Acredito que ela não saiba de tudo, mas isso não vai a impedir de continuar te provocando.

— E como você sabe?

— Gaspar e eu somos melhores amigos desde a infância. E, por conta de trabalhar na mídia, acabo tendo muito contato com todos aqui, então essas conversas acabam sendo frequentes, infelizmente. Por sorte, eu vejo os dois lados da história, mesmo não concordando em comentar sobre a vida de terceiros. Acho isso extremamente desinteressante, mas a maioria das pessoas aqui é assim. Eu só contei a você tudo isso porque achei que precisava saber — Andrea falou e bebeu mais um pouco.

— Por quê?

— Eu não entendi sua pergunta. — Ela me olhou surpresa.

— Por que você está sendo tão legal comigo? Quero dizer, dá para ver como minha popularidade aqui não é boa. — Ela me encarou por alguns segundos antes de me responder.

— Não tenho o hábito de me deixar levar pela opinião das pessoas, mesmo que não seja boa. Sem mencionar que, como eu disse, eu tenho a oportunidade de ver a história por vários lados, e inclusive quero poder conhecer o seu de fato, quando tiver a oportunidade. Eu tenho observado você já tem um tempo e, além de tudo isso, minha intuição disse que você não é o que estão falando de você. Por isso te contei tudo isso e sinceramente achei que deveria saber, porque eu não quero ver o Luke cozinhando você — disse e deu uma leve piscada. Fiquei me perguntando o que ela queria dizer com isso.



Andrea disse que toda nossa conversa foi apenas para me tirar algumas dúvidas e não me deixar confusa. Eu apenas fiquei sem graça de dizer a ela que o tiro saiu pela culatra e que, se eu estava um pouco

confusa antes, agora estou totalmente perdida. Um milhão de perguntas fervilhavam na minha cabeça enquanto eu encarava o teto do meu quarto.

A primeira de todas elas era sobre a história de Luke. Eu já tinha em meu subconsciente que sabia muito pouco sobre ele, na verdade, ele é praticamente um estranho. Nossos encontros se resumiam a poucas conversas e muita interação física. Eu não entendia muito bem sobre relacionamentos, mas imaginava que, em sua grande parte, não eram simples assim. Eu entendia que havia todo um lado sentimental e que o que tínhamos, por mais que eu não soubesse definir ao certo o que era, não se resumia a algo meramente físico.

O que poderia ter acontecido de tão grave que desencadeou no término dos dois? Eu já havia escutado por uma ou duas pessoas aqui certos comentários sobre a família de Luke, mas nada conseguia responder ao que de fato aconteceu e, como a própria Andrea disse, não era correto formar opinião a partir de terceiros. Eu fiquei tão confusa com tudo que aconteceu que nem consegui me surpreender com o fato de ter feito amizade com uma ídolo para mim. Mas não era o momento para pensar nisso. Agora, a próxima coisa que tinha que fazer era ter uma conversa com Luke, uma conversa de verdade.

Outra coisa que me assustou foi ela dizer que há um pequeno grupo que não me queria naquele navio. Quase senti vontade de rir pensando como isso estava tão fora da realidade para mim. Eu nunca fui inocente a ponto de pensar que toda pessoa que eu conhecesse iria querer o melhor para mim e seria meu amigo, mas ter sentimentos tão ruins assim por mim também já era exagero. E o pior era que nem eram uma ou duas pessoas, ela usou com todas as letras o termo “pequeno grupo”. Quem poderia ser? Eu seria capaz de pensar em alguns nomes, como Elizabetta, que fazia questão de deixar bem claro o quanto me odiava. Agora Samara, que eu nem fazia ideia de quem era até hoje à tarde, mas que obviamente estava disposta a me perseguir. E Penélope.

Infelizmente, eu ainda sentia falta da amizade dela, mesmo depois de tudo. Ela foi gentil comigo quando ninguém mais foi e me ajudou muito. Se não fosse esse estranho desejo que ela teve de se afastar de mim, com certeza seríamos grandes amigas. Às vezes me questionava se deveria tentar conversar com ela, mas eu sei que não seria como antes, certas coisas não podem voltar para o que um dia foi bom, infelizmente.

Mas eu acreditava que três pessoas não eram suficientes para serem chamadas de pequeno grupo. Então, quem faltava? Quantas pessoas seriam? E por que de repente todo mundo queria me odiar? Isso não fazia sentido nenhum, e sabia que, se eu ficasse pensando nisso, acabaria enlouquecendo.

De todas as coisas que aconteceram, desde a confusão com Samara, as conversas com Andrea e tudo que ela me disse, a coisa que mais ficava na minha cabeça era ela me dizendo para não deixar Luke me cozinhar. O que diabos ela quis dizer com isso? Eu não conseguia compreender o real significado desse termo. Cozinhar... Cozinhar... Cozinhar! É isso!



CAPÍTULO 15

Gustavo

Gustavo

— Você... Tem certeza? — perguntei ainda sem acreditar na história maluca que Cloe acabou de me contar.

Giorgio tinha comentado comigo que iria sugerir a Cloe que fizesse algo que envolvesse seus talentos, mas, quando ele sugeriu isso, minha linha de raciocínio logo foi para o canto, considerando que ela tem uma das vozes mais bonitas que eu já ouvi em toda a minha vida. E não é que eu não acredite nos talentos dela, mas é que confiar um espaço tão importante e pessoal, para mim, é meio complicado.

— Você não achou uma boa ideia, não é? — Cloe respondeu, e eu já vi o brilho dela sumindo quando nossos olhos se encontraram.

— Não é isso, é que até agora você nunca demonstrou... interesse, entende? — disse, cauteloso.

— Eu não sei que parece que eu não entendo nada de cozinha, até porque você nunca me viu cozinhando até hoje, mas acontece que

cozinhar é uma das minhas maiores paixões.

Eu estava finalizando as sobremesas que seriam servidas no jantar mais tarde, enquanto Cloe fazia a limpeza do chão da cozinha, e tínhamos a oportunidade de conversar um pouco. Nossas rotinas eram corridas, ainda mais que o cardápio sofreu uma séria mudança, meu trabalho não era nada fácil. O de Cloe também não era fácil, já que ela sofreu inúmeras perseguições de sua superior, sem mencionar que o trabalho de camareira em si não era nem um pouco tranquilo, era muita responsabilidade para uma pessoa tão jovem.

— Então me deixa ver se eu entendi: você quer organizar um almoço especial no próximo domingo para todos os funcionários do navio, com o intuito de tentar aumentar sua popularidade, ou diminuir o ódio coletivo que as pessoas têm de você? — perguntei, e ela imediatamente parou de limpar o chão e me encarou, séria.

— As palavras que você usou são pesadas, mas, de certa forma, você está certo.

— Por que você quer fazer isso? Quero dizer, quer tanto a aprovação dessas pessoas? Ainda mais dessas pessoas em específico? — questionei, girando as mãos, indicando que me referia, de um modo geral, a todos do navio.

Eu jurei que fazia ao máximo para não ser uma pessoa dura, principalmente com Cloe, de quem eu gostava tanto, mas, quando não conseguia concordar com uma coisa, esse meu lado aparecia mais do que o desejado. Todas essas pessoas, boa parte delas, como a ex-noiva do Luke, a esposa de Georgio e até mesmo Penélope só fizeram perseguir e desprezar Cloe, uma pessoa incrivelmente bondosa e que nunca fez mal a nenhuma delas. Eu não conseguia entender por que, mesmo todos a tratando mal, ainda tinha que ser Cloe a responsável por buscar reconciliação. Isso só provava não apenas como as coisas eram injustas, mas como eles não a mereciam.

— Eu sei que parece bobo e que eu nem deveria me preocupar com isso. Mas eu simplesmente não aguento mais todos esses comentários maldosos e ser ignorada por quase todos os funcionários. Isso é solitário e me deixa cada vez pior. Eu sei que você não me entende, todos aqui te respeitam e a última coisa que sonhariam em fazer é te ignorar, mas comigo as coisas não têm funcionado desse jeito e eu simplesmente não sei mais o que fazer — Cloe disse, se apoiando em uma das bancadas e me fazendo parar minhas finalizações para poder lhe encarar.

A sobremesa do dia era *petit gâteau* tradicional, um clássico da culinária que, pelo que sei, não há quem não ame. Apenas algumas estavam sendo finalizadas para que eu pudesse experimentar e conferir se estavam padronizadas. Eu peguei uma que já estava finalizada, peguei uma colher e coloquei um pouco do *petit gâteau*

junto do sorvete para ela, que apenas acompanhou todos os meus movimentos com o olhar. Assim que eu levei a colher até a sua boca e ela sentiu a explosão de sabores, seus olhos se fecharam e um sorriso apareceu instantaneamente.

Como eu gostaria que suas palavras não fossem verdade... Como eu queria não saber o que é ser ignorado ou diminuído e como eu desejava, mais do que tudo, que Cloe não tivesse que passar por isso. É uma sensação horrível, que ninguém deveria conhecer, e eu, infelizmente, sei como ninguém o que ela está passando. Mas ainda há tanta coisa que ela não sabe, tantos segredos, tantas questões. Enquanto eu a observava se deliciar com aquela sobremesa, fiquei me perguntando por que sua história tinha de ser tão complicada e por que a nossa história, ainda desconhecida para ela, era mantida em segredo. O que mudaria, afinal de contas, se ela soubesse?

Quando seus olhos finalmente se abriram e aqueles dois pequenos infinitos cor de chocolate me fitaram, eu tinha uma vontade incontrolável de beijá-la, mas não beije.

— Você é o melhor cozinheiro do mundo — disse com um sorriso bobo.

— O mundo é enorme, certeza de que alguém por aí faz bem melhor que isso — respondi com um sorriso, sem perceber o quão próximos estamos.

— Para mim, você é o melhor — falou, fazendo uma expressão ligeiramente séria por eu não aceitar seu elogio.

— Vamos fazer assim: finalizaremos os nossos trabalhos de hoje, o que deve ser em mais ou menos duas horas, e não precisa se preocupar com a limpeza do jantar, peço minha equipe para fazer isso...

— Mas e Elizabetta? — me interrompeu.

— Por mais que Elizabetta seja a chefe da seção onde você trabalha, ela não manda na minha cozinha. Além disso, eu não conto se você não contar — disse e dou uma piscadela — Como eu estava dizendo, quando terminarmos, se quiser, você pode ir até o meu quarto e a gente discute melhor essa ideia, o que acha?

Eu sei que algumas pessoas teriam interpretado errado o que eu disse, mas não foi o caso de Cloe. Ela apenas abriu um enorme sorriso e sacudiu sua cabeça freneticamente, fazendo um de seus belos cachinhos escapulir de seu penteado. Eu não pude me conter e, assim que o cachinho caiu em seu rosto, eu o coloquei para trás de sua orelha, fazendo com que ficássemos ainda mais próximos. Ela ficou séria de repente, mas não se afastou de mim. Seu olhar ia de um olho para o outro e parava em meus lábios. Eu não sabia o que fazer, apenas a acompanhava e, aproveitando que minha mão já estava perto de seu rosto, eu fiz um carinho suave, semelhante aos vários que fiz na

noite da festa de máscaras, na esperança de ela entender com quem de fato ela passou a noite.

— Chef, o salão já está pronto para... oh, desculpe — um garçom qualquer falou, acabando totalmente com o clima. Eu e Cloe nos afastamos e, pelo que parece, ela estava sem graça e não conseguia me olhar nos olhos.

— Pode começar a servir o jantar — disse ao garçom — Até mais tarde — falei com Cloe e saí de perto dela, indo para fora da cozinha, praticamente fugindo dali. O que diabos estava acontecendo comigo?



Precisei ser sincero, se eu não comesse a me controlar e colocasse minha cabeça no lugar, logo eu ficaria louco. Eu estava de um lado para o outro do meu quarto, me sentindo um adolescente à espera do seu primeiro encontro com a namoradinha da escola, o que, definitivamente, não era o caso. Antes de qualquer coisa, eu devia parar de achar que o fato de Cloe vir no meu quarto significava algo a mais do que simplesmente trocar ideias sobre esse plano maluco dela. Eu sabia o quão importante isso era para ela e, exatamente por isso, eu deveria tratar tal assunto com a seriedade que ele devia ter.

O problema era que havia certos pensamentos impossíveis de controlar, principalmente certas memórias que insistiam em invadir meus pensamentos nos momentos mais inoportunos. Quando menos esperava, me via lembrando daquela noite, das sensações, como cada toque me fazia sentir, da forma como ela me beijava e como estava entregue a mim. Esses pensamentos me faziam sorrir sem que eu percebesse e causavam certo frio na barriga quase todas as vezes. Eu odiava a sensação de não poder controlar minhas emoções e de me perder dentro da minha mente em momentos inoportunos. Tantas questões me assombravam que mal sabia por onde começar. Mas meus pensamentos foram interrompidos quando alguém bateu na porta.

— Sou eu. — Ouvi a voz abafada de Cloe. Eu abri a porta e ela entrou praticamente correndo. Sua respiração estava ofegante e ela parecia de certa forma assustada.

— Está tudo bem?

— Está, sim, só acho que Penélope estava me seguindo, então tentei despistá-la, só não sei dizer se funcionou.

— Espero que tenha conseguido, mas acho que ela não vai nos incomodar. Na pior das hipóteses, ela vai fazer alguns comentários maldosos, mas não pode falar muito, já que, pelo horário, ela também não deveria estar fora da cama.

— Espera, eu não poderia estar aqui? — perguntou assustada.

— Digamos apenas que você não deveria estar aqui e... — Eu percebi o sorriso em seu rosto e então entendi que ela estava sendo

irônica — Engraçadinha.

Ela abriu um sorriso largo enquanto eu fechava a porta. Ela usava uma calça de moletom vinho e uma camiseta branca qualquer. Era tão estranho vê-la em outras roupas que geralmente não via, e mais impressionante ainda era como ela estava incrivelmente linda, ainda que em roupas comuns. Seu cabelo estava solto, e ela estava cheirosa. Fiquei me perguntando se ela, de alguma forma, pensou em mim enquanto se arrumava para vir para cá. Foi então que notei que trazia consigo uma espécie de livro, mas parecia bem antigo.

— O que é isso? — perguntei, apontando para o livro.

— Ah, é o livro de receitas do meu pai, uma das poucas coisas que ele deixou para mim. Ele me deu quando eu ainda era menina, e uma das coisas que nós sempre fazíamos juntos era cozinhar. Meu pai me contou que esse livro foi um presente do seu pai para a sua mãe. Mas eu nunca conheci meus avós, então prefiro pensar que é uma herança do meu pai — contou toda empolgada. O brilho em seu olhar era único, eu pude ver como, mesmo nunca tendo uma boa referência, a família era importante para ela, talvez isso explicasse um pouco por que ela querer tanto se dar bem com os funcionários do navio.

— Eu não sabia que você gostava tanto de cozinhar, isso é muito bom. Você tem alguma receita em mente? —

— Para falar a verdade, sim. Quero fazer feijoada, aquela receita típica do Brasil. É a favorita do meu pai. Mas acho que deveria ver com você antes se temos todos os ingredientes disponíveis e se será possível. Aliás, acho que vou precisar de ajuda — disse com um sorriso sem graça.

— Para sua sorte, eu tenho aqui anotado todo o inventário da cozinha, a gente só precisa verificar a quantidade que vamos usar de cada ingrediente e isso não vai afetar o cardápio dos tripulantes. Quanto a ajudar, bom, eu nunca fiz ou experimentei feijoada em toda minha vida, eu conheço muito pouco da culinária brasileira, mas eu posso ajudar você, sim, só preciso conferir com o *sous chef* se ele pode assumir o comando domingo. E então? Vamos começar?

Eu pego meu caderno com as anotações e começamos a conferir os ingredientes um a um. Em termos técnicos, Cloe não tinha muita noção, como o cálculo usado para descobrir a quantidade exata de ingredientes para determinada quantidade de pessoas. Mas era notório que ela tinha experiência em cozinha e, pelo que pude perceber, ela sabia o que estava fazendo, isso me fez querer ainda mais cozinhar com ela no domingo. A verdade era que, possivelmente, Cloe era tão apaixonada por cozinha quanto eu, e eu nunca havia encontrado alguém que dividisse essa paixão comigo.

A forma como nós dois nos empolgamos conversando sobre receitas, ingredientes, histórias sobre pratos que já fizemos fez o

tempo voar. Perdemos completamente a noção das horas, e o tempo que passamos juntos, pelo menos para mim, foi simplesmente incrível. Quando percebemos que estava realmente tarde e que o dia seguinte seria extremamente longo, Cloe decidiu ir para sua cabine e, para minha grande surpresa, ela me pediu que a acompanhasse, já que, ao que parece, ela tinha certo receio de andar no navio sozinha à noite.

Fomos juntos até o quarto dela, evitando ao máximo dizer alguma coisa. Só falávamos quando era extremamente necessário. É claro que passamos por certas dificuldades, como quando uma ronda quase nos pegou fora do horário de trabalho, isso poderia nos dar sérios problemas. Eu não entendia muito bem essa política de trabalho da família Porto Real, de onde vinha esse medo absurdo de existir algum tipo de relacionamento além do profissional, o que poderia ter acontecido para que tais medidas fossem tomadas, ainda que eles não pudessem de fato controlar tanto a vida de seus funcionários. Quem sabe um dia eu descubra tais motivações.

— Muito obrigada por me acompanhar até o meu quarto, eu nem sei como agradecer você. — Cloe sussurrou assim que chegamos à porta do seu quarto. Ela levou a mão até a porta, girou a maçaneta, mas a porta não se abriu. Ela fez força, mas não conseguiu abrir. — A porta está trancada — falou.

— Por que não usa sua chave?

— Minha chave? Mas eu não tenho uma chave.

— O quê? — perguntei sem acreditar.

— E agora? O que eu vou fazer?



— Você sabe que eu não posso aceitar isso, não sabe? — Cloe disse logo após ouvir minha ideia e me encarar como se o que eu tivesse acabado de dizer fosse a coisa mais absurda do mundo.

— Sinto muito em decepcionar, mas você sabe muito bem que não tem outra opção.

Meu medo foi que, de alguma forma, Cloe tenha interpretado errado o que eu acabei de propor a ela, mas logo pude perceber que esse não era o problema. Era claro que sua colega de quarto já sabia que ela havia saído fora do horário permitido, ela não poderia contar onde exatamente Cloe foi, ou onde Cloe estava durante esse período, mas isso só provaria que, assim como Cloe, ela também estava perambulando pelo navio. Então, mesmo que ela dissesse que Cloe saiu, ela não poderia dizer onde Cloe foi, e desse jeito era muito mais fácil conseguir um álibi. Para todos os efeitos, eu posso dizer que ela ficou até tarde trabalhando na cozinha, a pedido meu, e eu tenho certeza de que ninguém irá contra o que eu disser.

— Isso pode causar uma confusão sem tamanho para mim e para

você, você sabe disso — contra-argumentou.

— Olha, não temos muitas opções e, de um jeito ou de outro, você já está encrocada. Você sabe muito bem que Penélope vai contar que não dormiu no seu quarto. O máximo que a gente pode fazer agora é tentar descansar, e eu te dou minha palavra de que não vou deixar você se dar mal por causa disso, ok? Prometo que ninguém vai ver você entrar ou sair e, se mais comentários surgirem, eu pessoalmente irei acabar com eles.

— Você realmente sabe convencer alguém do que quer — disse e mais uma vez fomos para o meu quarto. Não que não fosse o que eu quisesse, mas não pelas circunstâncias em que estávamos. Cloe e eu iríamos dormir juntos pela terceira vez.

Eu estava me habituando ao fato de, vez ou outra, dividir aquele momento tão íntimo com Cloe. Diferente do que a maioria das pessoas pensava, para mim, intimidade não era só sexo, ia muito além disso. Era dividir momentos únicos, momentos em que você estava vulnerável, e não era outra coisa senão você mesmo. E eu nunca tinha dividido esses momentos com mais ninguém. Claro que já tinha dormido com outras mulheres, mas, com Cloe, era diferente. Tudo com ela era diferente, era mais especial, fazia eu me sentir leve, querer cuidar e protegê-la, fazer com que ela se sentisse bem. Achei que aquele era o maior problema que eu tinha encontrado até aquele momento, já que era bem provável que eu estivesse apaixonado por ela, não que isso fosse uma coisa ruim, mas sabia que ela estava se envolvendo com Luke. Por alguns segundos, me perguntei se ela, alguma vez, já tinha tido aquele momento de intimidade com ele, ou se tinha sido apenas sexo, se é que já tinham feito isso alguma vez.

Chegamos no meu quarto sem nenhuma dificuldade, e eu logo preparei a cama para ela dormir. Era tarde e eu estava realmente cansado. Tirei todos os pensamentos maliciosos da mente e perguntei se ela via problema em dividirmos a cama. Ela, educadamente, disse que não e, em menos de dez minutos, estávamos deitados, um de frente para o outro. A proximidade que tínhamos não parecia incomodá-la nem um pouco.

— Se você não fosse cozinheiro, o que gostaria de fazer? — perguntou, me olhando nos olhos. Era uma pergunta interessante, eu mesmo nunca havia pensado nisso.

— Acho que iria querer trabalhar com botânica, ou algo relacionado a isso, não sei muito bem, nunca me imaginei fazendo outra coisa — respondi, e ela sorriu. — E você? Tem vontade de trabalhar ou estudar alguma coisa?

— Eu nunca tive grandes expectativas sobre alguma profissão e, para ser sincera, não sei se me vejo estudando alguma coisa, por conta da minha dislexia, eu não consigo aprender e...

— Eu sei que você passou a vida toda ouvindo isso, mas você precisa parar de acreditar que isso é verdade. Você é muito maior do que pensa que é. Você é incrível e é mais que capaz de conquistar o mundo, entendeu? Só precisa se encontrar de alguma forma — a interrompi e isso fez ela abrir um sorriso sincero, então ela se aproximou ainda mais, deu um beijo na minha bochecha, sorrindo outra vez.

Quando ela se afastou, eu me aproximei, e a beijei delicadamente. Ela sustentou meu beijo por alguns segundos, e então ela se afastou.

— Me desculpa, eu não quis desrespeitar você, eu só... — disse, mas ela me interrompeu.

— Não é isso. Não é que eu não queira, ou que não goste de você, é que... Luke... Eu não sei bem...

— O que vocês têm, afinal? — perguntei, sem conseguir disfarçar muito bem meu ciúme e o fato de não acreditar que ela possa se interessar por alguém como ele.

— Eu não sei — respondeu sem graça.

— Tudo bem — falei e me afastei, mas Cloe segurou meu rosto e me beijou outra vez. Logo o beijo se aprofundou, eu segurei sua cintura e, aos poucos, a puxei para perto, sentindo o calor do seu corpo e o sabor delicioso dos seus lábios. Eu me ajeitei melhor e então Cloe se sentou no meu colo. Eu permaneci deitado, e ela parecia estar à vontade com o que estava acontecendo. Ela me beijou outra vez, me olhou e sorriu. Achei que, naquela noite, eu não iria descansar.



CAPÍTULO 16

Gustavo

Gustavo

Cloe me beijou outra vez, e devo confessar que não esperava esta atitude dela; estava me surpreendendo. Da primeira vez, eu poderia até dizer que o álcool talvez tivesse certa influência sobre ela e que isso tenha sido um fator importante para ela ter passado a noite comigo. Mas agora não havia motivo ou qualquer outra explicação para o que ela estava fazendo; se ela me beijou, se ela estava disposta a prosseguir com o que estávamos fazendo, era por que, de fato, queria. Fiquei me perguntando se, mesmo que inconscientemente, ela soubesse que passou a noite comigo e não com outra pessoa, que eu pressuponho ser Luke.

Permaneci deitado, segurei Cloe firme pela cintura e levemente a empurrei para baixo, para que ela sentisse meu membro, que já começara a enrijecer. Diferente da primeira vez, agora ela parecia mais ousada, como se, de alguma forma, já soubesse o que fazer, ou

simplesmente estivesse com vontade de ter o controle da situação. Ela continuou a me beijar e a fazer leves movimentos com a cintura, aumentando ainda mais a minha excitação. Ela parou de me beijar e tirou sua camisa, revelando que estava sem sutiã e como seus seios eram empinados e definidos. Eu os apertei com as mãos e um leve gemido escapou de seus lábios. Ela continuou a me beijar, e eu decidi tomar o controle da situação. A segurei firme e, com certo cuidado, me levantei de uma só vez.

Eu gostava da sensação de dar prazer, principalmente para Cloe. Confesso que eu tinha a necessidade de me segurar, pois tinha medo de machucá-la, mas meu real desejo era penetrá-la de tal forma que ela jamais se esqueceria. Tirei minha camisa e minha calça e procurei na gavetinha ao lado da minha cama algum preservativo. Enquanto fazia isso, Cloe havia tirado sua calça e estava apenas de calcinha, me esperando. Após colocar o preservativo e estar totalmente nu, me aproximei dela outra vez, a beijando intensamente e segurando suas mãos em cima de sua cabeça, deixando-a imóvel.

— Eu quero... tentar. — Cloe me disse, e eu não entendi muito bem o que ela queria dizer.

— Como é?

— Eu quero ir... por cima — Cloe sussurrou sem graça.

Confesso que sempre gostei de estar no comando da situação, de controlar, de fazer do meu jeito, mas, se aquele era o desejo de Cloe, eu jamais o recusaria e sabia que seria uma experiência interessante.

— Você não quer, esperar? — perguntei, receoso.

— Está tudo bem, me deixe tentar do meu jeito — respondeu e mordeu o nódulo da minha orelha, fazendo arrepios percorrerem por todo o meu corpo.

Eu me sentei na beira da cama, e rapidamente Cloe se sentou no meu colo, me beijando. Eu segurei firme em seu bumbum e deixei que ela tomasse o controle de tudo. Ela se agarrou ao meu pescoço e mordeu meu lábio, enquanto fazia movimentos com a cintura, e pude sentir sua intimidade, mesmo que por baixo da calcinha, totalmente molhada. Eu não sabia como Cloe conseguia, mas eu estava totalmente rendido a ela. Tudo que ela quisesse fazer comigo, nesse momento, ela poderia. Sem que eu estivesse esperando, ela empurrou sua calcinha para o lado e se sentou em mim de uma só vez. Sua boceta estava quente e molhada, e a sensação de prazer foi inexplicável. Uma respiração ofegante escapou dos meus lábios, e Cloe parou de me beijar, apenas para me dar um sorriso de lado e delicadamente lambeu minha boca. Santo Deus, essa mulher me enlouquecia!

Seus movimentos eram lentos e delicados, e eu percebi que ela estava fazendo isso apenas para me provocar. Ela queria me ver

implorar por mais, queria me deixar totalmente entregue, e ela estava conseguindo fazer isso como ninguém. Minha vontade era mudar as posições que estávamos e ensinar a ela o que é de fato provocar alguém, mas vou apenas deixar que ela faça como desejar. Seu beijo se manteve lento, assim como seus movimentos, e ela, aos poucos, começou a aumentar o ritmo, então parava e acelerava, me provocando mais e mais e, sem pensar direito, dei-lhe um tapa no bumbum, como quem pedia para que ela fizesse logo. Ela, então, aumentou a velocidade, entrou e saiu de mim num ritmo contínuo, sentando e afundando meu membro dentro dela, latejando de tanto prazer. Ela, então, se manteve assim, nossos corpos suados e as respirações ofegantes. Sempre achei sua voz belíssima, mas sua voz quando está gemendo de prazer não se compara a mais nada nesse mundo.

Senti que o prazer que eu estava sentindo logo se explodiria. Suas pernas pareciam se cansar, então, com os braços, eu tentei manter a velocidade. Ela parecia estar à beira do ápice, assim como eu, logo ela soltou um gemido forte, sua respiração ficou ainda mais ofegante, e ela abriu um sorriso enorme; eu acabei de fazer Cloe gozar. Ela se recusou a sair de dentro de mim e manteve o movimento lento, como estava fazendo para me provocar. Mais uma vez, dei-lhe um tapa, e ela abriu um sorriso, mas continuou como estava.

— O que você quer? — provocou em meu ouvido.

— Quero entrar em você tão rápido quanto antes.

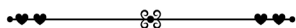
— E o que você está esperando? — disse e isso é o suficiente para mim.

Eu olhei à minha volta até achar a mesa que há pouco estávamos e, com ela em meu colo, a carreguei e a coloquei em cima da mesa, segurando firme em suas coxas, a puxando e a penetrando de uma só vez. Eu tentei me segurar, mas era cada vez mais difícil. Mantive as estocadas rápidas, ainda que estivesse com medo de machucá-la. Ela estava ainda mais quente e ainda mais molhada junto ao olhar penetrante que ela sustentava, que parecia ver a minha alma. Seus gemidos eram altos, à medida que eu aumentava a velocidade.

— Assim você vai acordar o navio inteiro.

— E o que você vai fazer? — provocou, então eu a beijei. Senti meu prazer chegando a cada segundo, e a sensação de estar dentro de Cloe, junto aos gemidos que escapuliam entre os beijos, e a forma como ela se segurava em mim foram o suficiente para eu explodir em um orgasmo intenso e demorado. Minha respiração estava incontrollável, minhas pernas estavam fracas e meu corpo todo tremia. Pude sentir o suor escorrendo em minhas costas; eu precisava de um banho agora. Tentei segurar o sorriso, mas não consegui. Tentei me afastar de Cloe, mas ela me segurou, me abraçando com as pernas:

— Aonde você pensa que vai? — falou com um sorriso malicioso, e eu soube que teria muito mais dela naquela noite.



Luke

LUKE

Meu inexplicável Luke,

Sempre me orgulhei muito do fato de não sermos clichês. Nada contra quem ama fazer aquilo que todas as histórias de amor já fizeram antes, tentar se encaixar em algum casal que já existe, ou romantizar o clássico. Sempre fomos únicos, a nossa maneira. O nosso amor era digno de uma história para ser contada em um livro, daqueles tão bons que se adaptam para filme depois, um tanto quanto clichê, não acha? Hoje eu acredito que não dá para amar de verdade sem um pouco disso, sem se inspirar em outros casais, sem se ver em alguma música ou poema, ou achar que fazer o que viu na TV com certeza conquistará aquele que você ama.

O amor é clichê, é ridículo, e não tem nada melhor do que isso, do que o amor nos faz sentir. Nosso amor é único, e nossa forma de amar se aproximou do perfeito, eu ainda me lembro de como nossos encontros e desencontros se encaixaram de maneira tão brilhante que foi capaz de nos proporcionar tudo que vivemos. Talvez você se pergunte o porquê de eu falar sobre o amor e sobre clichês, a resposta é simples: esta carta.

Ao contrário do que possa parecer, eu não queria escrevê-la, não apenas por ser clichê, mas por seu real motivo, mais cruel do que eu gostaria que fosse. O amor nos enche de vida, como eu estava dizendo, mas não apenas isso, com todo esse amor, vêm também todas as coisas que parecem feitas única e exclusivamente para afastar, para destruir o que carregamos de belo. Dois opostos que andam lado a lado, como eu e você. A beleza e a dor que é amar tanto é algo que não cabe em palavras, ainda que eu tentasse fazê-lo, jamais conseguiria.

É realmente impressionante como as coisas podem mudar tão rápido. Como, em dias como hoje, é difícil lembrar dos dias felizes e, como nos dias felizes, dias como hoje parecem impossíveis de acontecer. É claro que eu nunca fui tola o suficiente para achar que

nunca teríamos adversidades, mas por tanto que eu desejei você, pela forma que nos apaixonamos e por tudo que eu já senti, achei que tudo isso fosse capaz de fazer ser diferente, fazer com que nossos problemas pudessem ser enfrentados de outro jeito, e que esse dia jamais fosse chegar.

Eu disse a você que, junto ao amor, vem a dor que eu sinto, a incerteza, o medo do que a gente é e do que a gente pode ser, e isso se tornou mais amor do que o nosso amor. Nos perdemos em nós mesmos e já não sei mais o que somos, ou o que deveríamos ser. Há quem acredite que histórias são escritas em linha reta, que tudo se segue em um caminho único e sempre há uma única direção, mas eu discordo. Caminhos não são como linhas retas e hoje, mais do que nunca, eu tenho a certeza de que nós não estamos destinados a essa linha que traçamos.

Há uma coisa importante que você precisa saber sobre o que aconteceu no dia que minha prima foi assassinada. Há um tempo, eu estava desconfiando de vocês, por alguma razão, eu sabia que vocês tinham alguma coisa, eu só não conseguia, ou não queria acreditar. Então eu segui você até o apartamento dela e fiquei esperando. Pela janela, eu pude ver tudo, e vi que vocês apenas conversavam, eu nunca soube o que exatamente. Você não demorou muito e logo foi para casa, e a primeira coisa que estranhei foi sua Porsche querida não estar na garagem, talvez você a tivesse emprestado para um de seus irmãos, foi o que pressupus.

No outro dia, veio a notícia e, com tudo acontecendo tão rápido, eu tive medo de defendê-lo, eu estava triste, assustada, com raiva, por isso fiz o que achei que seria o certo, mesmo que isso tenha nos custado o nosso relacionamento. Mas quero que saiba que acredito em você e na sua inocência, se é que isso ainda vale alguma coisa.

Todas as coisas que nos compõem agora, o medo, a incerteza, as omissões, as histórias que não fazem sentido e a quebra da confiança fizeram nosso relacionamento se destruir aos poucos, e agora já não sobrou mais nada, a não ser nossas memórias e essa grande confusão. Eu nem sei dizer o quanto sinto por isso, mas não posso mais continuar com nosso relacionamento, se é que ainda podemos chamar o que temos agora de relacionamento. Entenda que isso não é falta de amor, pois eu ainda amo você de todo o meu coração, mas precisamos reconhecer que chegamos ao fim.

Espero que um dia possamos nos entender melhor e quem sabe até conversar sobre tudo que aconteceu, mas hoje não há mais nada que possamos fazer a não ser nos afastar e esperar que o tempo resolva tudo, que nossos corações se recuperem do que passamos e que as lembranças ruins desapareçam, deixando espaço somente para as memórias boas, pois é exatamente assim que quero me lembrar de

você. Não se esqueça de mim, meu amor, e me perdoe pelo que estou fazendo. Espero ainda encontrar você e que nossas linhas se cruzem algum dia, só não posso dizer como, pois você merece mais do que eu posso oferecer agora, e preciso reconhecer que eu também mereço mais do que temos. A felicidade ainda há de nos encontrar, mesmo que não estejamos juntos.

Da pessoa que mais amou você até hoje,
Samara.



A vida não tem o mínimo sentido. Eu já cheguei a essa conclusão há muito tempo, porém, eu ainda consigo me surpreender com as coisas que acontecem, ou como de fato elas são. Esse fato, para muitos, é algo mágico, é a quebra de paradigma que nós, humanos, acreditamos que a vida tem. A forma como tudo se encaixa no fim das contas é a magia da vida, é o que, para muitos, faz-se acreditar que nada é por acaso.

Mas, para mim, é exatamente o oposto. Quando melhor as coisas se encaixam, menos sentido elas fazem para mim. Quando visto de fora, isso pode até parecer incrível, mas o que Gaspar descobriu sobre Cloe tem me tirado o sono, literalmente. Minha mente se tornou uma verdadeira bagunça, a ponto de me fazer procurar aquela maldita carta que Samara me enviou quando eu ainda estava preso, rompendo nosso noivado e acabando comigo. Por que eu ainda mantenho aquela carta comigo? Eu não sei responder. Por que eu resolvi ler no meio da madrugada? Eu também não sei.

Eu não fazia a mínima ideia de que horas eram, nem o que de fato eu estava procurando ao reler aquelas palavras, que, apesar de bonitas, foram capazes de me tirar todo o brilho. Eu tinha a carta em minhas mãos e a encarava, tentando alinhar meus pensamentos e colocar a cabeça no lugar. Tudo está acontecendo tão rápido, uma confusão tão grande se instalou não apenas dentro de mim, mas no navio, nas pessoas que ali estão, em tudo. Eu fico me perguntando o que desencadeou para que tudo chegasse até isso, que tudo se tornasse uma grande incógnita, a ponto de eu nem entender o que estou sentindo mais.

Uma das perguntas que sempre me assombram é se, de alguma forma, a gente recebe aquilo que merece? Será que todos, de um jeito ou de outro, encontram aquilo que lhes é merecido, seja por coisas boas ou ruins que fizeram em algum momento da vida? Eu não sei dizer se eu recebi ou não aquilo que mereço, mas, sem dúvida nenhuma, sei dizer exatamente quando isso começou.

Meu noivado com Samara ia às mil maravilhas, uma coisa que nunca tive do que reclamar era que, diferente de muitos

relacionamentos, principalmente vindos da alta sociedade, o nosso relacionamento nunca foi apenas aparências, apesar de que Samara parecia muito insegura às vezes, nunca tivemos grandes problemas a não ser o que eu considero normal em um relacionamento. O problema então surgiu quando eu, ingrato a tudo que tinha e num ato egoísta, comecei a me envolver com uma prima de Samara. Nunca nem sequer nos beijamos, mas eu a via sempre, aconteciam inúmeros flertes e nós dois tínhamos segundas intenções um com o outro, isso sempre foi claro.

Até que certo dia eu me dei conta do que eu estava fazendo, do quão errado eu estava e como eu estava estragando o melhor relacionamento que já tive agindo pelas costas da pessoa que queria que fosse a mãe dos meus filhos, então decidi pôr um ponto-final nisso tudo.

Naquele mesmo dia, eu fui conversar com a prima de Samara para dizer que o que quer tivéssemos teria um fim e que eu iria marcar a data do meu casamento. Conversamos e ela pareceu bem abalada, acho que ela não estava esperando que tal coisa fosse acontecer. Fiquei no máximo vinte minutos em seu apartamento e fui embora para minha casa, feliz por ter tomado a decisão certa.

No outro dia, de manhã, veio a notícia: a prima de Samara foi atropelada e morreu na hora. Não foi um acidente, ela havia sido assassinada. O carro usado foi uma Porsche 911 Turbo S grafite, o carro que eu usava para trabalhar todos os dias. As investigações, obviamente, apontavam para mim como principal suspeito e, por conta do carro usado, das nossas conversas encontradas no celular dela e da falta de um álibi, fui acusado de assassinato.

Tudo foi uma grande armadilha, e eu não sabia que poderia ter feito isso, mas não havia prova nenhuma de que eu havia a visto no dia do assassinato, pois eu não mandei mensagem informando que iria, e seu apartamento não tinha câmeras de segurança e nem porteiro, então eu precisava de um álibi.

Desesperado com o que poderia acontecer comigo e com minha família caso eu fosse condenado, eu apelei para Samara e pedi que dissesse que passássemos a noite juntos. Ela parecia acreditar que eu não era o assassino, mas se recusou a depor a meu favor. Eu nunca entendi o porquê de ela ter feito isso, ou por que alguém faria isso comigo, de onde vinha toda essa disposição para acabar com a minha vida?

No fim das contas, eu fui condenado a dois anos de prisão, e meu relacionamento acabou seis meses depois por carta. Meu pai não aguentou todas as polêmicas e acabou morrendo pouco depois da minha prisão.

Eu consegui, em uma tacada só, acabar com a minha vida e com

a minha família, tudo que eu havia planejado foi por água abaixo, diante dos meus olhos, e agora, com tudo finalmente se ajeitando, eu me vejo entrando outra vez em uma grande confusão, novamente com Samara, mas, dessa vez, totalmente diferente daquela que conheci um dia, e Cloe, com uma história que eu não consigo acreditar que seja real, mas que agora que conheço me sinto afundando em segredos, como da última vez. Eu não posso deixar isso acontecer, eu preciso tomar uma atitude, e preciso fazer isso agora.



CAPÍTULO 17

Luke

LUKE

— Espera, de-de-deixa eu ver se-se eu entendi-di: vo-você foi durante-te a noite fa-fa-falour com a Cloe, ma-mas ela não esta-tava, e a co-colega de quarto dela-la falou que-que ela não esta-tava lá, que dormi-miu em outro lu-lugar? — Gaspar perguntou.

— Exatamente.

— E ago-gora você quer que-que eu faça-ça alguma co-coisa?

Quando ouvi meu irmão repetir, em resumo, tudo que eu disse, eu me senti um pouco bobo. Minha atitude foi meio precipitada ao sair no meio da noite para conversar com Cloe. A verdade era que as coisas andaram um pouco estranhas entre a gente, sei que não tínhamos nada oficial, mas confesso que não imaginava que as coisas fossem progredir desse jeito. A impressão que tive é que ela, cada vez, se aproximava mais daquele tal cozinheiro e que estava vendo-a se afastar de mim, e eu apenas assistia a tudo isso.

— Sei que estou falando de Cloe e se ela descobrir que estou fazendo isso, provavelmente nunca mais vai querer falar comigo, mas temos uma política, sempre tivemos. Não acho que você deva favorecê-la por alguma coisa.

— Mas quando-do é para fi-fi-ficar com você, a política-ca é dispensável não é? — Meu irmão me pegou de jeito. — Acho que vo-você tá com ciúmes. Fa-falou com ela, e se isso é tão im-importante, vocês de-de-decidem logo o que vocês têm.

— Mas acontece que eu não sei se é isso que eu quero...

— Co-como assim? — Gaspar quis saber.

— Eu sei que parece bobo, e talvez até seja, mas o que você me falou, sobre o passado da Cloe, a verdade sobre sua história e sua família me fez ter certo receio de falar com ela, porque parece que estou escondendo alguma coisa, como se eu estivesse a traindo, como foi com a... — Eu não conseguia completar.

— Como fo-foi com a Samara?

— É, como foi com a Samara.

— Eu n-não sei o que ta-tanto de problema-ma você quer inventar. Se acha que-que está traindo ela, só porque-que conhece o pa-pa-passado dela, então conte-te a ela. As co-coisas não precisam ser di-díceis.

— Só nós dois sabemos de toda a verdade, não é? — perguntei, e meu irmão concordou com a cabeça. — Eu estou gostando de conhecer Cloe e, se ela quiser, quero dar continuidade a isso, mas acho que essa informação é muito séria, envolve uma parte muito pessoal, e talvez eu não seja a pessoa mais indicada para contar isso para ela. A verdade é que eu estou com medo de onde essa história pode chegar, e principalmente estou cansado de tudo ser complicado como é. Não esperava encontrar tantas emoções em tão pouco tempo.

— Bom se te se-serve de consolo-lo, a viagem lo-lo-logo acaba — meu irmão disse, tentando aliviar um pouco do clima.

— Não serve de nada. — Sorri de volta para ele. Durante o tempo que passei na prisão, eu senti falta de ter esse tipo de conversa com o Gaspar, talvez seja aquela famosa conexão de gêmeos, mas ele me entendia como ninguém.

— Eu entendo-do quando disse que-que tudo é com-complicado. Mas ta-talvez se-seja mais medo do que-que complica-cação.

— O que você quer dizer com isso?

— Ora, quando-do Cloe tiver que-que saber a verdade so-sobre sua família, ela vai. Você na-não tem que-que se sentir na obrigação de di-di-dizer a ela. Devia experimentar a-a-aproveitar o que-que tem agora, já que-que você, melhor que ni-ninguém, sabe o que-que é não ter expecta-tativas do futuro.

Meu irmão tinha razão. Por alguma razão, sempre tínhamos a

mania de ficar aguardando o que estava por vir, nunca prestávamos atenção ou dávamos valor ao que tínhamos. A gente crescia na ambição de esperar que certo fato acontecesse, como se isso magicamente resolvesse nossos problemas, ou fosse uma espécie de largada para começarmos a de fato ter a ilusão de que íamos começar a viver. E assim passaram-se anos e mais anos, até percebermos que éramos mais felizes desejando o que não tínhamos, e que o acontecimento que esperávamos ser a salvação e o início de algo era apenas uma desculpa para não aproveitar a única coisa que era verdadeiramente nossa: o aqui e o agora.

Eu sabia que, por um lado, me sentia mal por não contar a Cloe o que eu sabia, e que isso fazia eu me sentir como se estivesse guardando um segredo dela, o que era, de certa forma, verdade. Mas, como Gaspar mesmo disse, era provável que isso não coubesse a mim contar a ela, principalmente quando isso envolvia pessoas que estavam no navio, pessoas que, se soubessem a verdade, era bem provável que surtariam. Então, por ora, apenas aproveitaria esse momento, essa viagem que estava chegando ao fim, e tentaria não pensar muito no depois.

— Vo-você já co-conversou com ela depo-pois que-que você soube? — Meu irmão interrompeu meus pensamentos.

— Sim, foi há uns dois dias mais ou menos, eu a convidei para dormir no meu quarto e...

— Luke! — Gaspar me interrompeu, sério, mas logo perdeu a cara de bravo quando viu que não passava de uma brincadeira.

— Não acredito que pensou que isso aconteceu.

— É claro-ro que pensei. Ainda ma-mais vindo de vo-você.

— Eu pretendo fazer isso, não vou esconder, mas ainda não dormimos juntos nenhum dia. E eu não viria aqui pedir punição para ela se tivesse feito a mesma coisa não acha? — respondi.

— Ve-verdade. Mas me-me fala, ainda tá-tá com ciúmes? — Gaspar me provocou, e eu fiquei sério por alguns segundos, o fazendo cair na gargalhada. Foi ridículo da minha parte, e mesmo eu já tivesse resolvido essa questão com Cloe, eu ainda estava... É, minhas desculpas acabaram, eu estava com ciúmes.

— Quase fiquei parecido com você quando vê Andrea interagindo com algum homem, não é? — provoquei de volta, e a provocação funcionou muito bem, pois Gaspar ficou muito vermelho, de um jeito que não consegui disfarçar.

Mas antes que pudessem responder, Azar entrou no escritório de repente, molhado dos pés à cabeça, ele parecia estar com pressa, pois estava praticamente correndo, o que foi o suficiente para fazer com que ele esbarrasse na mesinha de centro, derrubando o belíssimo vaso em cor âmbar com copos de leite dentro, fazendo a maior bagunça.

Típico do nosso irmão sortudo.

— Você só pode estar brincando! Por que entrou aqui desse jeito? — perguntei.

— Desculpa, eu arrumo, seco, limpo, pago, faço o que vocês quiserem, mas vim correndo porque vocês precisam vir comigo na cozinha, e precisa ser agora — disse com certo desespero e certa empolgação.

— O que-que acontece-ceu?

— É surpresa, mas eu afirmo que vocês dois vão adorar! — Baltazar respondeu com o seu clássico sorriso de malandro. Eu não sei se me empolgava ou se ficava com medo. Até que me lembrei que era domingo, o dia que a Cloe iria fazer um almoço especial para todos. Minha empolgação logo sumiu, dando lugar à preocupação.



Cloe

Cloe

Certos nervosismos valem a pena. Acordei uma hora antes do necessário e não tive um exemplo de "boa noite de sono", mas não liguei muito para isso e não me sentia nem um pouco cansada. A verdade é que, por alguma razão, minha vida tinha sido de tirar o sono. Ficava a todo instante me perguntando o que aconteceu entre mim e Gustavo naquela noite e por que me senti tão à vontade com ele, mas o que quer que tenha acontecido não se repetiria, Gustavo era meu amigo, e talvez esse afeto que eu tinha por ele e ele por mim acabou se confundindo. Claro que foi muito bom e foi diferente do que é com Luke. Quando estava com Gustavo, me sentia acolhida, querida e protegida. Acho que isso explicava nossa amizade, porque nunca, em sonho, vi os Reis como vejo Gustavo, mas o sentimento é o mesmo, considerando como ele faz eu me sentir. Já com Luke, o sentimento era outro. Ele foi o meu primeiro homem, foi atencioso e fez com que eu me sentisse especial, nunca me senti daquele jeito. Sei que não conversamos muito, mas nos encaixamos de um jeito que eu nem conseguia explicar, a forma como ele me olhava e como me desejava era inexplicável.

Ambos eram complicados, e eu estava correndo de complicações. A conversa que tive com Gustavo para tentar deixar as coisas claras entre nós não foi nada fácil. Sentia-me nervosa e não conseguia me explicar muito bem. Talvez fosse impressão minha, mas Gustavo ficou triste, muito triste para dizer a verdade. Odiava ter que dizer aquilo

para ele, mas acabou que concordamos em ser apenas amigos e continuar com o que tínhamos antes, pois a amizade dele era muito importante para mim. Quanto a Luke, eu não sabia se ele sabia. Tudo foi tão corrido que nem conversamos, mas isso seria resolvido hoje após o almoço, como tudo deve ser feito.

Minha vida estava uma confusão, o que não era mais novidade, já que foi só eu vir para esse navio que eu me sentia desse jeito. Talvez viver de verdade fosse isso, e essa ilusão de que tudo estaria sempre na mais perfeita paz não passasse de um sonho bobo. A verdade é que viver assim me assustava. Se dissesse que não era emocionante, estaria mentindo, mas dava medo saber que não dava para prever o que ia acontecer, saber que, quando esse navio chegasse à Istambul, destino final, após cruzar o Mediterrâneo, eu não teria nada além de meu salário que estava guardando e a incerteza sobre o meu emprego.

Mas não era o momento de me preocupar com o futuro, nem o que estava para vir a ser a minha vida. Agora, só queria pensar no que ia acontecer pelas próximas horas, e esse pensamento me enchia de expectativas não apenas por poder mostrar a todos uma das minhas maiores paixões, mas também por poder finalmente ter um bom ambiente de trabalho e conseguir me entender com os meus colegas. Nem conseguia descrever o quanto queria que o tratamento que eu estava recebendo de quase todos acabasse logo.

O problema é que parecia que as horas estavam brincando comigo. Além de não conseguir dormir praticamente nada, minha euforia fazia eu querer acelerar com tudo, me levantar da cama logo de uma vez, terminar o preparo da feijoada, esperar por todos no salão de funcionários... mal podia me aguentar de empolgação. Mas sabia que esse sentimento era perigoso, então tentei relaxar e fazer tudo da maneira mais calma possível. Deveria me levantar só mais tarde, então decidi aproveitar o momento que tinha apenas comigo, ouvir música e tentar não pensar muito sobre tudo que estava acontecendo. Coloquei uma música qualquer e fiquei olhando para o teto do meu quarto. Penélope dormia na outra cama, e seu sono era profundo. Eu simplesmente nunca vou conseguir entender por que ela se afastou de mim desse jeito. Então veio em mim uma saudade quase inexplicável dos Reis e como eles faziam falta para mim. Temia nunca mais poder vê-los, mesmo sabendo que a vida é longa e que, no fim das contas, o mundo é bem menor do que parece. Fiquei pensando em como se comportariam se estivessem nesse navio, as confusões que iriam se meter, as piadas que fariam sobre todos. Eu, com certeza, iria me meter em mais problemas do que já estou, mas, se fosse para ter aqueles três maluquinhos comigo aqui, definitivamente valeria a pena.

Me deixei levar por esses pensamentos e mal vi a hora passar, ou

como o sol foi se levantando delicadamente pela minha janela. Quando me dei conta, faltavam apenas alguns minutos para meu despertador tocar. Desativei o alarme, fui para o banheiro e fiz a minha higiene. Troquei de roupa e arrumei minha parte do quarto. Assim que fechei a porta, ouvi o alarme de Penélope, e mais que depressa me encaminhei para a cozinha. Ela não expressou nenhuma emoção quando a convidei para esse almoço. Apenas concordou com a cabeça e saiu de perto de mim. Acredito que a reação de quase todos foi desse jeito, nem Gustavo nem o capitão quiseram me contar como foi quando me ajudaram a distribuir os convites. Só que eu não vou deixar que pensamentos negativos me atrapalhem, não hoje.

Assim que cheguei na cozinha, vi meu café da manhã já pronto, e Gustavo me olhava com um sorriso genuíno. Hora de mudar as coisas por aqui. Que Gustavo e eu tínhamos uma sintonia meio que inexplicável, eu já tinha percebido há bastante tempo. Mas, naquela manhã, cozinhar com ele foi tão leve, tão gostoso, parecia que era a milésima vez que fazíamos aquilo, e não a primeira. Felizmente ou infelizmente, fui criada por minha tia, que parecia ter certo fetiche em ver tudo extremamente perfeito, até nos mínimos detalhes. Por isso, não aceitaria que aquele almoço fosse diferente. Não parava um segundo sequer, preocupada com tudo, desde a finalização dos pratos até a montagem das mesas. Mal conseguia descrever o quanto corri aquela manhã e, para minha surpresa, tudo saiu como eu estava esperando, sem tirar nem pôr. Arrisco a dizer que tudo estava perfeito.

Agora, tudo que precisava fazer era esperar que meus colegas chegassem. O almoço dos funcionários se estendia das 11h às 13h, em turnos muito bem-organizados para não interferir no bom andamento do trabalho, enquanto o dos passageiros era de 12h às 14h. Por volta de 11h15, comecei a pensar que todos, por alguma razão, estavam atrasados, ou até que preferiam fazer a refeição mais tarde, o que era compreensível, considerando os horários das nossas refeições. Até agora, apenas o capitão Giorgio estava presente e conversava comigo e com Gustavo, evitando ao máximo entrar no assunto desse meu almoço. Às 11h45, o desespero começou a bater, e eu já não conseguia me concentrar em outra coisa que não fosse o desastre que estava se formando na minha frente.

A ansiedade apertava cada vez mais e, por mais que estivesse calma por fora, minha vontade era de gritar como uma louca, ou sair por aí procurando por todos os funcionários deste navio e perguntar por que ainda não tinham vindo comer, se haviam se esquecido.

Quando foi por volta de 12h30, ainda havia alguma voz me dizendo que talvez algum milagre estivesse prestes a acontecer e que todos, de repente, entrariam, e que esse pesadelo estava prestes a ter um fim. Mas precisei olhar pela janela da porta que dava para a

cozinha e ver Penélope e uma mulher que eu não fazia ideia de quem era, mas sabia que trabalhava nos bares, pegarem um prato feito, olharem para mim e, com um sorriso malicioso, piscarem o olho para entender que ninguém iria vir e que nesse momento provavelmente boa parte das pessoas que trabalham no Netuno estaria rindo de mim.

Odiava me sentir desse jeito, e odiava principalmente a dor que se senti segundos antes de desabar em choro. Não sabia explicar o que exatamente estava sentindo, se era tristeza, raiva, tudo isso ou absolutamente nada. Só sei que doía, muito. Cobri meu rosto com as mãos e deixei o choro vir. Como as pessoas conseguiam ser tão cruéis, e principalmente, por que me deixava ser afetada por elas? Senti um par de braços passar em volta de mim e logo reconheci ser Gustavo, que me apertava forte enquanto fazia carinho no meu cabelo.

— Por favor, não chora, não por causa dessas pessoas. — Gustavo sussurrou.

— Até quando eu vou ter que passar por isso? — perguntei, mas não tive resposta, Gustavo apenas me apertou mais forte.

Por quanto tempo ficamos desse jeito eu não saberia dizer, minha única vontade era que eu sumisse, desaparecesse daquele jeito, até que uma conversa perto de nós chamou minha atenção.

— Senhor, por favor, creio que esse não é o momento mais apropriado para termos sua companhia, sem mencionar que o senhor está molhando todo o salão e... — Ouvi o capitão dizer, então senti abraço de Gustavo para ver Baltazar parado pouco longe de mim.

— O que é isso? — perguntou, olhando para mim.

— Ora, não está vendo? Ela está chorando — Gustavo respondeu, meio impaciente.

— Não, não tô falando disso. Esse cheiro, que comida é? Sem querer ser indelicado.

Capitão Giorgio pareceu estar prestes a responder, mas eu fui mais rápida.

— É feijoada. Por quê?

— É maravilhoso. Posso provar? — Azar disse.

Fez-se um silêncio, de certa forma, constrangedor, pois nenhum de nós três sabia o que exatamente responder.

— Pode, mas tem certeza de que gosta? — perguntei.

— Tá brincando? Quando eu era criança, eu era viciado em feijoada, mas, pelo que eu entendi do cozinheiro da nossa casa, isso não é comida sofisticada — Azar respondeu com certo aborrecimento. Eu servi um prato para ele e, na primeira colherada, eu pude ver o quanto ele gostou. Seus olhos se fecharam e um sorriso apareceu na hora, para todos os efeitos, era bom saber que ela estava tão gostosa assim. — Foi você quem fez, não foi, Cloe?

— Foi.

— Bom, você precisa me prometer duas coisas. A primeira é que mais tarde vai me contar tudo que aconteceu, e a segunda é que você vai me perdoar por isso — Azar disse e foi em direção ao salão ao lado.

Por instinto, eu o segui com medo do que ele estava prestes a fazer.

— ATENÇÃO TODOS OS PASSAGEIROS! — gritou, ignorando a etiqueta social e o refinamento do restaurante principal do navio. Por falta de sorte, um homem robusto passava bem à frente dele nesse momento e se assustou, o que o fez olhar feio para Azar, que apenas sorriu sem graça. — Houve uma pequena mudança no almoço de hoje, então peço que vocês se dirijam para o salão atrás de mim, a refeição de vocês será servida lá — disse e, para minha surpresa, todos se encaminharam imediatamente para o salão dos funcionários.

— O que pensa que está fazendo? — perguntei.

— Dando a você o reconhecimento que merece. Agora espera aqui que estou indo chamar meus irmãos — Azar disse e saiu correndo, mas, poucos metros a minha frente, levou um escorregão tão grande que tive a certeza de que fosse cair, mas não caiu. Teria sido engraçado, se eu não estivesse totalmente desesperada.



CAPÍTULO 18

Cloe

Cloe

O salão estava lotado de passageiros. Sob qualquer perspectiva, aquilo era totalmente surreal para mim. Seja pelo fato de que nenhum membro da tripulação se dignou a pelo menos vir se explicar, seja pelo fato de que os donos de algumas das contas bancárias mais altas do planeta, naquele momento, estavam apreciando a refeição que eu preparei, ou, mais louco ainda, haviam chamado Gustavo pelo menos quatro vezes para elogiar a deliciosa feijoada que ele havia preparado. Ele apenas agradecia educadamente e dizia que ele havia sido apenas o *sous chef* dessa vez e que o crédito cabia a outra pessoa. Eu olhava para a cena como um tolo sem acreditar no que estava vendo.

Passado algum tempo, o vi conversando com o capitão Giorgio que assentiu e fez que sim com a cabeça, ficando de pé e me pedindo que o acompanhasse, ele parou no meio do salão e bateu o garfo em uma taça de champanhe num movimento clássico para atrair à atenção de todos ali. Fizemos silêncio, todos prestaram atenção nele e no que estava prestes a falar.

— Em primeiro lugar gostaria de agradecer a presença e de todos. Eu sei que vocês não estavam preparados para que o almoço

sufresse tantas alterações como sofreu hoje, mas o motivo para que tais alterações acontecessem foi mais que especial. A refeição que estamos nos deliciando foi preparada por essa jovem que está ao meu lado. Cloe Carrilho é seu nome. E, apesar dos vários problemas que encontrou, ela nos proporcionou uma das melhores refeições que foram servidas no Netuno. Por isso, queria pedir a todos uma salva de palmas para ela.

E então todos aplaudiram, e eu pude sentir meu rosto queimar de vergonha, eu não estava acostumada a receber tanta atenção desse jeito.

— Espero que todos aproveitem. Bom apetite! — o capitão concluiu e todos voltaram a prestar atenção em suas próprias conversas.

Muitos ficaram de pé e vieram me parabenizar pessoalmente, apertando minha mão, falando elogios e palavras gentis em italiano que pude entender e também sentir a honestidade pelas expressões amigáveis em seus rostos. O mais irônico, é que consegui entender a maioria das coisas que os passageiros me disseram graças às aulas que Penélope me disponibilizou em áudio.

Eu agradei a Giorgio por ter feito esse pequeno discurso, mesmo que eu quase tivesse morrido de vergonha. E, antes que eu pudesse me encaminhar para a cozinha outra vez, mas Gaspar me chamou.

— A feijo-joadá está di-di-divina, parabéns! Por que não co-co-me com a gente-te? — disse, tentando ser simpático.

A oferta dele foi um tanto quanto problemática. Eu fiquei feliz pela consideração dele e sabia que ele fez isso apenas para “agradecer” e mostrar apoio ao que eu fiz, mas não conseguia nem enumerar todos os problemas e confusões que isso poderia causar, ainda mais se fosse olhar as pessoas que estavam sentadas com ele. Contudo, eu sabia que não poderia negar seu pedido, não seria correto, e até quando eu iria me privar de certas coisas por medo do que poderia acontecer?

Minha mente, às vezes, parecia não ser compatível com a minha idade, principalmente com a vida que levava, considerando o amadurecimento que minha história e minha rotina exigiam. No momento em que me sentei à mesa, a cena do Jack no jantar elegante do filme *Titanic* se desenhou na minha mente, e a vontade de rir quase foi incontrolável, quase. Na mesa, tinha mais pessoas do que eu pensava e, principalmente, pessoas que eu não imaginava que faziam parte do mesmo convívio. Juntos, estavam os irmãos Porto Real, que, a essa altura, me surpreendia ainda ser um segredo as suas identidades, e a secretária de Gaspar, que tinha um impressionante o brilho no olhar sempre que olhava para ele, que, por sua vez, não tirava os olhos de Andrea. Visto de longe, eu arriscaria dizer que

aquilo era um triângulo amoroso, onde um era apaixonado por outro, que era apaixonado por outro e assim vai. Mas eu não os conheço o suficiente para dizer e, sinceramente, quem sou eu para dizer alguma coisa, considerando os últimos acontecimentos e a leve confusão que tive entre Gustavo e Luke.

Samara se sentava ao lado de Luke, que não escondia o desconforto com a situação e não fazia muita questão de disfarçar os olhares sugestivos que, de tempos em tempos, ele me dava. As irmãs Delorean estavam na mesa também, e eu tive a certeza de que elas deixariam tudo mais leve e engraçado. Às vezes, a impressão que tinha era que elas meio que me adotaram, pois, por trás daquelas brincadeiras e comentários que a maioria pensa, mas não tem coragem de dizer, existem dois corações de ouro, que se preocupam de verdade com o que eu venho passando e como tenho me sentido. Eu queria um dia poder agradecer tudo que fazem por mim, mas eu não saberia como fazer, só queria que soubessem como estavam sendo importantes para mim, e como estava grata por conhecê-las. Andrea estava lá e sorria para mim com gentileza, como de costume. Por último, porém, não menos importante, o capitão Giorgio e Elizabetta fechavam a mesa. Enquanto o capitão tentava parecer simpático e tranquilo, Elizabetta me olhava com tanta desconfiança que parecia que a qualquer momento eu iria cometer um assassinato. De uma coisa eu tinha certeza: posso trabalhar o resto da vida como camareira e subordinada de Elizabetta que eu nunca, nunca mesmo, vou deixar de ter medo daquele olhar que ela e só ela sabia fazer.

No momento em que me sentei e olhei para todos, por alguns segundos, me passou a ideia de que tudo aquilo era um teatro. Todos os personagens bem definidos, cada um com suas histórias, coisas a contar e uma série infinita de fatores que os levaram até aquele momento, e definiram sua personalidade exatamente como é. Não é que eu fosse a pessoa mais sonhadora que existia, mas, quando tinha esse tipo de pensamento, tudo se tornava mais interessante, e eu ficava criando a expectativa do que viria a seguir e o que poderia acontecer, mas, a julgar pelos “personagens” que me rodeavam, eu tinha quase certeza de que era algo interessante.

Começamos a comer em silêncio e, pelo que pude perceber, todos ali gostaram muito da feijoada, inclusive Samara, que, por mais que mantivesse sua postura arrogante, não parecia estar preparando um escândalo ou coisa do tipo. Luke não parava de me olhar e por mais que eu e ele precisássemos conversar sobre vários assuntos, ele parecia estar bem e feliz por eu estar lá.

— Então, Cloe, por que não conta onde aprendeu a cozinhar tão bem? — Andrea falou de repente, cortando todos os meus pensamentos. Apenas por estar lá, eu já estava morrendo de vergonha,

e agora eu teria que interagir com eles. Oh, Deus, eu precisava ser tão introvertida assim?



Luke

LUKE

Quando encontrei Cloe admirando a beleza do horizonte naquele fim de tarde, eu não sabia ao certo o que dizer, e sinceramente nem o que pensar, então, por alguns segundos, eu apenas a observei de longe. Ela era tão linda, e o dourado do sol refletido em sua pele, em seus cabelos, e em seus olhos foi a visão mais perfeita que pude ter nos últimos anos. Pela primeira vez na vida, eu tinha a esperança de começar algo com alguém outra vez, de visualizar o futuro e me sentir bem, sem medo ou dúvida.

Cloe tinha tudo que eu estava procurando em uma pessoa e sabia que podíamos ser felizes juntos e, que com o tempo, tudo se encaixaria como deveria. Eu não queria pensar nos fantasmas que nos assombram e nas verdades que ainda precisam ser ditas, eu só queria aproveitar o momento com Cloe e tentar esclarecer o máximo antes que essa viagem acabasse, que não iria levar muito tempo para acontecer.

Eu cheguei e a abracei por trás, segurando firme em sua cintura, e Cloe pareceu gostar, pois se aninhou em mim, e desse jeito ficamos por alguns segundos, antes de ela se virar para mim e me dar um beijo carinhoso. Apesar de ela parecer ligeiramente feliz, tinha a sensação de que seus pensamentos estavam distantes.

— O que foi? — perguntei.

— Não é nada de mais, apenas estou pensando sobre o que aconteceu durante o almoço.

Chegava a ser irreal pensar em tudo que aconteceu nas últimas horas. Para cada pessoa sentada naquela mesa, havia uma perspectiva diferente sobre ter sido um momento bom ou um momento ruim. Mas, para resumirmos em palavras, o capitão Giorgio sugeriu que Cloe trabalhasse na cozinha com Gustavo. A ideia não me agradou muito, para dizer a verdade, considerando tudo que eles tiveram até hoje, mas eu precisava confiar em Cloe, principalmente pelo fato de estar

prestes a assumir um compromisso com ela.

— Você não gostou da proposta que o capitão fez a você? — perguntei.

— Eu gostei, vai ser maravilhoso poder trabalhar com aquilo que eu gosto e em um ambiente bem mais calmo. Eu tenho certeza de que vai ser muito bom. Mas...

— Mas?

— É Elizabetta. Eu já entendi que não gosta de mim, ela deixou isso bem claro desde o primeiro dia que me viu, mas as reações que ela tem são inexplicáveis, eu não consigo entender, será que ela tem tanto ódio assim de mim? — Cloe finalmente me olhou, e eu não sei o que responder.

Durante o almoço, Gaspar perguntou a ela qual o motivo de sua feijoada ser tão boa, então ela começou a contar que aprendeu com a família e que o segredo de sua feijoada era um tempero especial à base de louro e o tempo de cozimento de cada ingrediente. No momento em que ela disse isso, Elizabetta se levantou de uma só vez e saiu praticamente correndo. Giorgio fez uma expressão que eu não pude entender o que ele estava pensando, mas aparentemente era decepção. Eu sabia muito bem o motivo de tal atitude, eu só não conseguia contar a Cloe o que era, por mais que eu quisesse fazer alguma coisa, eu não sabia ao certo o que fazer.

— Por que não conversa com ela?

— Você só pode estar brincando, não é? — mais que depressa me respondeu.

— Eu estou falando sério. Eu sei que logo essa viagem irá acabar, e sei que você tem vontade de resolver tudo isso de uma vez, não é? Então por que não tenta conversar com ela? Sei que não será uma conversa fácil, mas é bem melhor do que viver nessa dúvida. Eu acho que você deveria ao menos tentar. — O que falei a fez pensar por alguns segundos, então ela disse que eu tinha razão e tentou ir embora, provavelmente iria ver Elizabetta, mas eu a segurei pelo braço. — Eu queria conversar mais uma coisa com você.

— Eu sinto muito. — disse, antes mesmo que eu pudesse concluir o que iria dizer.

— Como é?

— Acredito eu que você ficou sabendo sobre o que aconteceu com Gustavo, e eu sinto muito. Não foi algo que eu planejei e já conversei com ele, deixando bem claro que somos apenas amigos — falou.

— Não era bem sobre isso que eu queria conversar, mas já que tocou nesse assunto... acho que o melhor que podemos fazer é deixar isso para lá, o que me diz? O que passou, passou. E agora podemos nos entender daqui para frente e eu queria assumir um compromisso

mais sério com você.

Ela me olhou séria por alguns segundos e um sorriso, aos poucos, foi aparecendo em seu rosto.

— Você disse, tipo namorar? — A doçura que ela disse isso me deixou completamente sem fôlego, e eu simplesmente a beijei, um beijo longo e carinhoso.

— Sim, eu disse tipo namorar — falei em tom de brincadeira. Ela me beija de volta e, depois olhando nos meus olhos, ela respondeu:

— É claro que eu aceito. — E carinhosamente me abraçou. Enquanto ela estava abraçada a mim, eu disse em seu ouvido:

— O que acha de comemorarmos?



Cloe

Cloe

Por ser quem era, literalmente um dos donos do Navio Netuno, ele tinha acesso a lugares que eu nem fazia ideia de que existiam, como a sala de jogos que ele me levou. Tinha uma mesa de sinuca enorme, várias poltronas e um pequeno bar no cantinho. Até o meio da sala tinha alguns degraus, deixando a outra metade mais baixa, lá ficava uma pequena mesa de centro, alguns videogames que eu não conhecia e um alvo com alguns dardos já pregados nele. Era uma sala incrível, nunca havia visto antes um lugar tão bonito.

— Que lugar é esse?

— Uma das salas particulares que só eu e meus irmãos temos acesso. Você gostou?

— É incrível, eu adorei, mas por que viemos para cá? — Minha pergunta foi respondida com um beijo intenso.

Segurei em torno do seu pescoço enquanto sentia suas mãos me agarrarem firme pela cintura. Ele me beijou intensamente e parecia que tinha certa necessidade, como se há muito quisesse fazer isso. Seus lábios eram macios e seu beijo era molhado. Luke me puxou para ainda mais perto de si, unindo totalmente nossos corpos. O beijo se intensificou ainda mais e, sem que eu percebesse, delicadamente me levantou e me sentou na mesa de sinuca. Ele interrompeu o beijo e, olhando no fundo dos meus olhos, sorriu. Seu sorriso era genuíno ao mesmo tempo em que era sexy e convidativo, de um modo que eu nunca havia visto antes. Como aquele homem era perfeito!

— Não consigo acreditar que finalmente vou poder fazer o que realmente quero com você — disse e me beijou outra vez, com sua

mão segurando as minhas, num gesto dominador.

Depois de um tempo, sua mão se soltou das minhas e começou a passear pelo meu corpo, fazendo carinho nas costas, depois na cintura e parando na minha coxa. Ele começou a beijar meu rosto e fez uma trilha de beijos até o meu pescoço, onde depositou pequenos beijos e mordidas. Sua outra mão desceu até a altura da minha outra coxa e me puxou para perto dele, fazendo com que eu sentisse, ainda por cima da roupa, seu membro já rígido e fez com que eu tivesse um formigamento, já sentindo minha excitação aumentar. Luke se afastou um pouco e tirou a jaqueta que estava usando, a gravata e abriu parte da camisa, deixando à mostra seu peitoral definido. Outra vez nos beijamos, e sua mão foi caminhando delicadamente em direção à minha intimidade.

— Vamos realmente fazer isso aqui no salão de jogos onde vem com seus irmãos? — sussurrei no ouvido dele.

— Aqui é um lugar para se divertir, e é isso que vamos fazer.

Então, Luke mordiscou o nódulo da minha orelha, e não consegui segurar um pequeno gemido que escapou dos meus lábios. Isso pareceu excitá-lo ainda mais, pois suas mãos seguraram firme na minha cintura e ele voltou a beijar meu pescoço. Depois de um tempo, nos beijamos outra vez, e eu comecei a terminar de tirar sua camisa para que pudesse ver melhor seus músculos, fortes e definidos. A cena que eu via era belíssima, um corpo definido, com uma calça jeans apertada e o dourado do sol de fim de tarde na janela. Eu não conseguiria nem nos meus sonhos imaginar um homem como aquele.

Enquanto me olhava, ele retirou o cinto e abriu a calça, expondo seu membro rígido e o quão excitado estava. Pegou uma de minhas mãos e alisou o seu corpo, para que eu pudesse senti-lo e, com a outra, ele segurou seu membro, fazendo leves movimentos. Eu comecei a masturbá-lo. Sua respiração ficou ofegante e ver como o seu prazer aumentava me excitava também. Eu precisava daquele homem dentro de mim o mais rápido possível.

Nossos lábios se encontraram mais uma vez, e ele tirou minha camisa e tentou abrir meu sutiã, mas não conseguiu. Então, parou, me desceu da mesa de sinuca e me virou de costas. Ele afastou meus cabelos, beijou minha nuca e, com a maior calma do mundo, tirou meu sutiã, deixando a parte de cima do meu corpo totalmente exposta, não deixando de me beijar um segundo sequer. Ele não tinha nenhuma pressa, o que me deixava ainda mais ansiosa e com desejo de tê-lo em mim. Quando finalmente terminou, jogou a peça de roupa para o lado e agarrou meus seios, apertando-os e brincando com meus mamilos, rígidos ao seu toque. Seu membro roçava em mim, e suas mãos estavam me levando à loucura. Só que... Bem, eu não sei como explicar ao certo, mas há algo diferente na forma como ele me toca

comparado com como foi antes. Luke estava diferente da nossa primeira noite juntos. Não que esteja ruim. Longe disso. Sinto meu corpo todo pegando fogo. Só é diferente.

— Por favor — pedi.

— O que, minha princesa?

— Eu... preciso... de você! — disse entre gemidos baixos.

— Não precisamos ter pressa, mas se é isso que quer, seu desejo é uma ordem — Luke sussurrou em meu ouvido.

Então, ele se afastou um pouco, se abaixou e, por baixo da saia que eu estava usando, retirou minha calcinha. Ficou de pé outra vez e passou um de dedos por toda minha intimidade, totalmente molhada. Ele massageou meu clitóris em movimentos circulares e depois fez movimentos de ir e vir, para cima e para baixo, indo do clitóris até a entrada da minha vagina. Meus gemidos passaram a ficar cada vez mais altos, até que ele tapou minha boca e sussurrou:

— Não faça barulho, ninguém pode saber que estamos aqui.

E, no momento que terminou essa frase, ele introduziu um dedo em mim, fazendo com que minhas pernas fraquejassem e eu me apoiasse na mesa. Ele retirou o dedo e o introduziu novamente, me provocando cada vez mais, até que, com uma das mãos, eu tentei procurar seu membro, para poder tocá-lo novamente, mas Luke me impediu de fazer isso. Ele retirou sua mão de mim e me posicionou segurando na mesa, ajeitou minha cintura e, de repente, senti seu membro na minha entrada que estava tão úmida agora.

Então, ele ficou me provocando, esfregando seu membro por toda minha intimidade, proporcionando-me um prazer que me fez estremecer por completo. E, sem que eu estivesse esperando, ele me penetrou de uma só vez. Em seguida, fez movimentos quase imperceptíveis com a cintura, de ir e vir. Eu não conseguia pensar em outra coisa, exceto no prazer que estava sentindo no momento. Ele parecia estar se segurando, mas, no momento em que mexi suavemente minha cintura, ele pareceu não aguentar. Segurando firme em minha cintura e me empurrando para baixo, de modo que eu ficasse deitada na mesa, ele aumentou a velocidade das estocadas. No começo, eu me senti um pouco confusa sobre se deveria ou não estar transando com outro homem em tão pouco tempo, mas depois eu não conseguia sentir mais nada além de prazer. Sua respiração era ofegante, assim como a minha, e eu não conseguia conter meus gemidos. Minhas pernas começaram a ficar ainda mais fracas, e meu prazer foi aumentando. Eu estava toda arrepiada e começava a suar. De repente, eu senti uma sensação estranha crescendo dentro de mim, como se todo o prazer que eu estava sentindo fosse explodir. E, quando isso estava prestes a acontecer, ele parou. Retirou seu membro de dentro de mim, me levantou e me levou até o tapete que estava

dois degraus abaixo de nós. Ele retirou a calça e tirou minha saia, deixando nós dois totalmente nus.

Ele me deitou no tapete, ficou em cima de mim, se posicionou novamente e me penetrou, dessa vez sem dor, apenas um prazer indescritível. Luke pegou minhas mãos e as segurou acima da minha cabeça, me deixando imóvel. Então, ele me beijou novamente enquanto continuava a me penetrar. Senti mais uma vez que iria explodir de prazer, então interrompi nosso beijo e, com os olhos fechados, virei minha cabeça para o lado.

— Olhe para mim! — ordenou. Eu quero ver você gozar!

Então, nos encaramos mais uma vez. Ele aumentou a velocidade das estocadas, e eu não aguentei. Soltei um gemido alto e abafado, e meu corpo todo relaxou de repente, como se uma carga elétrica tivesse me atravessado completamente, e agora eu não tinha força para mais nada. Ainda olhando nos meus olhos, a respiração de Luke também aumentou; ele ficou ofegante e de repente parou. Pude sentir seu prazer explodir dentro de mim, e seu corpo, assim como o meu, ficar fraco. Então, ele recuperou o fôlego, saiu de cima de mim e se deitou ao meu lado. Eu queria poder me concentrar em alguma coisa, ou pelo menos refletir sobre a grande loucura que acabei de fazer, mas estava anestesiada naquele momento, só conseguia pensar que precisava mais daquilo, e precisava agora!



CAPÍTULO 19

Gustavo

Gustavo

A verdade era que a notícia não me empolgou nem um pouco. Se fosse há uma semana, mais ou menos, era provável que eu nem conseguisse conter minha felicidade e sairia dando pulos por aí. Mas Cloe deixou bem claro que não me vê como nada além de seu amigo, e depois dessa notícia, as coisas, de um modo geral, perderam a graça, e a única coisa que eu esperava era que essa viagem acabasse logo, para que eu pudesse focar em algo mais produtivo. Era estranho pensar que, pela primeira vez na minha vida, eu fiquei apaixonado por alguém, já que Cloe foi muito além do que qualquer outra mulher tenha conseguido ir, a ponto de pensar que poderíamos ter algo parecido com o que meu pai e minha mãe tiveram.

Eu conheci muito pouco da história deles, e esse nunca foi um assunto que meu pai gostasse muito de me contar, mas de uma coisa eu nunca duvidei: foi que minha mãe verdadeiramente foi o amor da

vida dele, apesar de todas as adversidades que tiveram que passar. Nunca comentei sobre isso com meu pai, na verdade nunca contei isso a ninguém, mas sempre quis conhecer minha mãe e saber como ela era, do que gostava, as coisas que poderia me ensinar, que teríamos em comum, e as coisas que pensaríamos diferente. Na minha mente, em uma situação como essa, ela saberia exatamente o que me dizer, me daria bons conselhos sobre como digerir toda essa história e se era de fato tarde demais, e eu não tinha mais o que fazer a não ser aceitar que Cloe e eu não iríamos ficar juntos.

Eu estava deitado no meu quarto olhando para o teto. Uma hora dessas, amanhã, Cloe seria minha vizinha temporária, já que quem trabalhava na cozinha ficava em um local diferente dos camareiros e possuía quartos individuais e bem mais espaçosos. Ela provavelmente adorou a ideia e sei que conversaremos muito sobre isso amanhã, e sei também o quão difícil seria eu não demonstrar como estou me sentindo. Eu nunca me envolvi com alguém, e talvez o certo seria eu fazer de tudo para ficar com ela, dizer a ela como me sinto e que, na verdade, naquele dia, ela dormiu comigo e não com Luke. Mas, assim que penso nisso, logo desisto da ideia, não apenas porque provavelmente isso não iria mudar nada entre nós, a não ser talvez um leve desejo que ela sentisse de se afastar de mim, "para não me magoar", mas também porque, se ela quisesse mesmo estar comigo e se sentisse algo por mim, isso já teria acontecido.

Então, o melhor que poderia fazer, por mim mesmo, era esquecer tudo isso. Esquecer o que tive com Cloe, o que minha mãe me diria, e principalmente essa viagem, que logo chegaria ao fim. O mais provável era que isso seja uma coisa boa, afinal, Luke tinha muito dinheiro, muita influência e poderia cuidar dela de um jeito que eu não conseguiria. E não era que eu achasse que ela estava com ele por dinheiro, ou que só isso era o que sustenta uma relação, mas essa história de que dinheiro não traz felicidade, para mim, era uma grande mentira. Dinheiro não era a coisa mais importante, mas certamente ajudava muito. Sem mencionar que era notório que ele gostava dela, ou pelo menos se mostrava bem interessado. Não quero nem pensar no que eu seria capaz de fazer caso ele a machucasse de alguma forma. E antes que eu pudesse imaginar o que eu faria com Luke, meus pensamentos foram cortados por alguém batendo na porta. Estranhamente, era Baltazar.

— O que foi? — perguntei, sério.

— Nós... Meu irmão quer conversar sobre um assunto com você.

— É algo relacionado ao meu trabalho ou a cozinha? — quis saber, mostrando impaciência e imaginando o que pode ser.

— Na verdade não...

— Então não me interessa pelo que quer que ele queria

conversar comigo, boa noite — disse isso, fechando a porta, mas Baltazar tentou me impedir, e infelizmente, acabou apertando os dedos na porta.

— Merda! Você está bem?

— Estou, isso não foi nada. Mas esse assunto interessa a você sim, por favor, vem comigo — respondeu.

Eu não conhecia muito Baltazar, apesar de ter trabalhado na família dele durante todos esses anos. O maior contato que tive com ele foi nessa viagem, graças a Cloe, que gostava muito dele. Mas eu o conhecia o suficiente para dizer que não passava de um brincalhão e que não tinha maldade alguma em seu coração. Quando estava falando sério, não mentiria por nada. Pelo jeito que ele me olhou nos olhos, tive a certeza de que deveria ir.

Não vou negar, estava com um pouco de receio do que estava por vir. Fui pelo caminho mais óbvio e presumi que Luke queria conversar sobre Cloe, como se o que estava sentindo já não fosse mais que suficiente para me deixar péssimo. Provavelmente faria um longo discurso, pois, acreditava eu, a essa altura, ele já sabia que Cloe e eu dormimos juntos na semana passada. Penélope não perderia tempo e daria um jeito de manter Cloe bem longe de mim. Provavelmente não brigaria comigo nem nada do tipo, isso não era do feitio dele, mas deixaria bem claro para manter minha relação com Cloe apenas no lado profissional.

Só de imaginar que teria esse tipo de conversa agora já ficava desanimado. Quanto mais caminhava em direção à porta do escritório de Gaspar, mais me arrependia de ter vindo. Mas, para minha grande surpresa, quando abri a porta, Luke não estava sozinho. Gaspar também estava lá, e Baltazar fechou a porta, ficando do lado de dentro.

— Precisamos conversar — disse Luke logo de cara, com uma expressão séria.

— Eu sei, e se for sobre a Cloe, garanto a você que eu...

— Não é sobre a Cloe — interrompeu Baltazar, colocando a mão sobre meu ombro em sinal de apoio, e então caminhou em direção aos irmãos. Gaspar estava sentado em sua mesa, Luke de pé com os braços cruzados, perto da janela, e Azar se apoiava na mesa de Gaspar. Os três finalmente olharam para mim, e Gaspar disse:

— Precisamos falar sobre a sua mãe.

— Ou melhor, nossa mãe — completou Luke, e todos ficaram em silêncio.



Luke

LUKE

Algumas horas atrás

Eu jurava que não iria atender a ligação; eu queria apenas aproveitar o momento com a minha mais nova namorada. Eu me sentia renovado, um novo homem, e essa sensação era a melhor do mundo. Estávamos nós dois deitados no meu quarto; ela dormia sobre o meu peito, e eu estava acordado, olhando para a janela, com uma bela visão do oceano, me sentindo tão grande quanto ele, pensando que seria capaz de conquistar o mundo, pois eu não estava mais só. Mas todos os meus pensamentos eram interrompidos pelas ligações de Gaspar, que estava começando a me irritar.

— É melhor ser importante, estou muito ocupado — disse, depois da sétima ligação perdida.

— Barquinho de papel — Gaspar respondeu.

— Eu chego em um minuto — falei e desliguei o telefone.

Desde que éramos apenas meninos, "barquinho de papel" era o nosso código secreto e, quando falávamos isso, era porque algo realmente sério e importante aconteceu. E, apesar dessa situação já estar me preocupando, mesmo eu não sabendo ao certo do que se tratava, era bom ainda ter esse costume com os meus irmãos. Eu beijei o topo da cabeça de Cloe e tentei acordá-la delicadamente. Depois de um tempo, ela se ajeitou em mim, olhou nos meus olhos e deu um sorriso largo.

— Gaspar precisa de mim — falei.

— Agora? — perguntou com voz de sono.

— Sim, é barquinho de papel, preciso ir.

— O que? Como assim? — Ela me olhou sem entender nada.

— Quando eu chegar, explico a você o que é o barquinho de papel, mas agora eu realmente preciso ir. Você quer... dormir aqui comigo hoje? — perguntei.

— Tá bem, eu durmo, mas não demora muito pra voltar não — falou, toda manhosa e, por alguns segundos, eu senti vontade de ficar com ela ali para sempre. Então eu lhe dei um beijo rápido, vesti uma roupa qualquer e fui ao encontro do meu irmão.

Caminhei com certa velocidade, tentando manter a calma.

Infelizmente, eu sou ansioso por natureza e, quando alguém dizia que tinha algo importante para conversar comigo, minha mente viajava, criando as teorias mais absurdas sobre o que poderia ser a conversa. Hoje em dia é mais controlado, mas, quando eu era jovem, isso realmente era um problema.

— Vo-você disse um-um minuto — Gaspar disse no momento em que abri a porta. Ele parecia tenso; Azar também estava lá, parecendo tão curioso quanto eu.

— Eu disse que estava ocupado.

— Desculpe-pe atrapalhar seu na-namoro — Gaspar provocou.

— É que pelo menos um de nós tem atitude, não é? — Azar entrou na brincadeira, o que aliviou um pouco o clima entre nós três. Mas esse alívio não durou muito tempo.

— Tenho que-que contar uma co-coisa sobre no-nossa mãe.

No momento em que falou isso, a expressão de Baltazar mudou de uma só vez; ele ficou muito sério e notoriamente nervoso, pois não aceitava muito bem a morte da nossa mãe. Conversar sobre isso agora não seria uma coisa fácil de se fazer.

— Por que você quer falar sobre ela agora? — Azar perguntou, mostrando impaciência.

— Tem muitas coisas sobre a nossa mãe que você não sabe ainda — disse, olhando para Gaspar, que acenou com a cabeça, autorizando-me a contar tudo que sabia. — Você e mamãe eram muito parecidos. Assim como você, ela buscava viver a vida intensamente, ter todas as experiências possíveis e conhecer o mundo, mas o seu pai, nosso avô, tinha medo de que ela se perdesse em sua própria intensidade e acabasse sem a fortuna que ele tinha. Então decidiu que ela deveria se casar e, depois de muitos pretendentes, acabou escolhendo nosso pai.

— E viva ao patriarcado — Azar falou com ironia.

— Po-pode por fa-favor ouvir? É impo-portante — Gaspar pediu.

— Nosso pai gostava de verdade da nossa mãe e queria de fato vê-la feliz, mas ela nunca o amou. Na verdade, ela tinha raiva dele e se sentia presa, como se a culpa fosse dele. O casamento deles era basicamente uma fachada; nosso avô ditava as realizações que esperavam deles, e então eles as faziam. Fez o investimento total na empresa Porto Real, que, apesar de levar o nome do nosso pai, sempre pertenceu à nossa mãe. Depois vieram os filhos, e então ela adoeceu e morreu.

— Por que você está me contando tudo isso? Caso não se lembre, eu já sei de tudo isso, não preciso que nem você nem ninguém fique me lembrando — Azar falou, e eu tive que manter minha cabeça fria, se não quisesse perder a paciência com ele.

— Agora vem a parte que você não sabe. Eu não posso dizer pelo meu pai, mas ele sempre gostou de nossa mãe, se a amou

verdadeiramente ou se tudo não passou apenas de uma gratidão eterna por dar a ele uma vida que ele não poderia ter sem o dinheiro dela, eu não sei dizer. Mas antes de engravidar de você, mamãe conheceu outra pessoa. Gaspar e eu éramos bem jovens e não nos lembramos de muita coisa, mas, por um tempo, ela parecia feliz, muito feliz, de um jeito que eu nunca havia visto antes. Ela se parecia com o que você é hoje...

Quando olhei para Azar, percebi que ele estava se segurando para não chorar e como falar disso com ele não era apenas difícil, mas também muito importante, ele precisava saber a verdade sobre a nossa família, afinal, quem sabe, dessa forma, ele se sentisse parte de nós, de um jeito que nunca se sentiu antes. Esperei por alguns segundos até que ele se recuperasse e então fiz um sinal com a mão para que eu pudesse continuar.

— Sua alegria contagiava a todos na casa, exceto nosso pai, que quanto mais a via feliz, mais aborrecido ficava. Acontece que ela estava tendo um caso com o nosso jardineiro; papai achou que talvez ela gostasse de um lugar bonito em nossa casa para poder se sentir melhor, mas ela, na verdade, gostava de quem cuidava do lugar, e não do lugar em si. Isso acabou com nosso pai, que disse que mataria o jardineiro se o visse outra vez. O que ele não sabia é que mamãe engravidou; ele exigiu o DNA e descobriu que não era o pai da criança. Nossa mãe então fugiu e passou quase um ano fora de casa, foram tempos difíceis, tudo era triste e sombrio, parecia que as coisas não iriam se ajeitar, mas acabou que ela voltou. Ela estava mais triste do que nunca, mas, estranhamente, ela parecia em paz pela primeira vez na vida. Alguns anos depois, ela engravidou de você. E o que aconteceu naquela época nunca mais foi citado. Exceto muito tempo depois, quando papai contou para mim e para Gaspar que mamãe fugiu para poder abortar o bebê e, quando se viu sem ninguém, ela voltou. Nunca mais tivemos notícias do tal jardineiro, e ele nunca mais nos procurou. É isso que você não sabia ainda sobre nossa mãe.

— Vo-você não sa-sa-sabe tudo — Gaspar falou, antes mesmo que Baltazar pudesse dizer alguma coisa.

— Como assim eu não sei tudo? — Foi minha vez de ficar confuso.

— Acontece-ce que no-nossa mãe mentiu. — Gaspar fez uma pausa dramática, deixando eu e meu irmão sem acreditar no que acabamos de ouvir. — Ela fu-fugiu com o jardine-neiro, e eles ti-tiveram o be-bebê. Mas pa-papai não aceito-tou que ela fosse embora. Então madou que fo-fossem atrás dos do-dois, penso eu que-que nosso avô-vô tem culpa-pa nisso. Para que-que deixassem sua ou-outra família em pa-pa-paz, ela volto-tou. Mas a criança está-tá viva-va, e agora-ra que-que eu sei quem é, po-po-posso reve-velar a vocês

— Gaspar falou. Quando ficava nervoso, ele tinha muita dificuldade em falar.

— Ora, não faça isso com a gente, diga logo quem é — Azar falou, começando a se irritar com tudo aquilo.

— É Gu-Gustavo — Gaspar falou.

— Que Gustavo? — perguntei.

— No-nosso cozinheiro.



Gustavo

Gustavo

— Você estava mentindo. Tudo que você disse, era mentira! — falei assim que Gaspar terminou de contar a história sobre sua família. Eu não fazia a mínima ideia de onde ele poderia ter tirado essa história tão maluca e absurda, mas eu me recusava a acreditar nisso. Não apenas me pegou de surpresa, como também não tinha o direito de falar sobre algo tão importante para mim. E a cada segundo que eu passava dentro daquele maldito escritório, mais podia sentir minha raiva aumentar.

— Calma. Olha, eu sei como se sente... — Baltazar tentou, mas eu o interrompi antes.

— Não fale isso, você não faz ideia de como eu me sinto! Você foi criado numa família perfeita, tendo do bom e do melhor, então não ache nem por um segundo que...

— Do bom e do melhor? Você acabou de se ouvir? Nunca fomos uma família de verdade e nossa mãe foi triste a vida inteira. Ela só foi feliz quando conheceu seu pai, então me explica em qual parte você disse que não entendo você? Quando disse que fomos uma família perfeita? Em qual aspecto? Nas mentiras que vivemos? Ou na profunda tristeza que morava com a gente? Eu não sei como se sente... Realmente, não faço a mínima ideia do que é ter uma família incompleta e crescer sentindo a falta de uma mãe, nenhum de nós aqui sabe — Baltazar falou e o silêncio se instalou sobre nós.

Por mais que eu nunca dissesse isso a nenhum dos três, Baltazar estava certo. Pelo visto, a única coisa que tínhamos em comum, além dos laços sanguíneos, era saber perfeitamente o que é crescer sem uma

família de verdade. E o discurso dele mais parecia um desabafo, como se estivesse guardando aquilo por muito tempo. O que eu ouvi há poucos minutos não era nada, comparado ao que eles provavelmente passaram e o que meu pai também teve que passar. No fim das contas, todos nós fomos infelizes nessa história toda, e o único resquício que sobrou da família estava reunido naquela sala.

— Não adianta perdermos a cabeça agora, ou nos deixarmos levar pela emoção. Gaspar pegou todos nós de surpresa, e estamos tão chocados quanto você. Acho que o melhor a se fazer agora é manter a cabeça no lugar, e ver o que você quer e o que podemos fazer — Luke disse. — Aliás, Gaspar, como soube disso tudo?

— Um di-dia antes de emba-barcarmos, eu encon-contrei uma caixa-xa no escritório do pa-pa-papai. Dentro dela-la, tinha várias cartas, contando boa pa-parte do que já sabíamos, en-endereçadas para Antônio Salva-vatore, então contra-tra-tratei um deteti-tive, pa-para investi-tigar melhor. O e-mail com as co-coisas que ele acho-chou foi enviado-do hoje à ta-tarde — Gaspar respondeu.

— Antônio Salvatore é o nome do meu pai — disse e ficamos em silêncio outra vez.

Se analisarmos os detalhes, as histórias batem direitinho. Tudo que sei até hoje sobre meus pais e sobre minha família, o que Gaspar acabou de me contar, tudo se encaixa. Eu me recuso a acreditar que isso possa ser verdade e que o pai deles foi capaz de fazer tal coisa contra o meu pai. Vêm à memória vários flashes das inúmeras vezes que pude ver o medo que meu pai olhava pelo buraco na porta de nossa casa e tudo que passamos. É muita informação para digerir, muita coisa para sentir, eu desejei apenas desaparecer, ou que um deles olhasse para mim e dissesse que aquilo não passava de uma brincadeira.

— E o que vamos fazer agora? — perguntei.

— Acho melhor irmos dormir e amanhã conversarmos sobre tudo, vai ser melhor — Luke respondeu. Mas que grande ideia, pensei comigo.

— Nossa, que ideia brilhante a sua — Baltazar respondeu. Realmente, somos mais parecidos do que um dia eu fui capaz de imaginar.



CAPÍTULO 20

Cloe

Cloe

Realmente foi muito impressionante a forma como o tempo podia ser relativo. Às vezes, pensava que tinha estado naquele navio por vinte anos; em outras, parecia que haviam se passado apenas alguns dias, dada a velocidade com que tudo acontecera. Cheguei ali sem a mínima noção de como a vida funcionava de verdade, sem saber o que fazer com toda aquela oportunidade. Posso enumerar todas as vezes que pensei em desistir de tudo. No entanto, lá estava eu, vendo as coisas se ajeitarem pela primeira vez e estando em paz com tudo que não podia mudar.

Não consigo nem dizer todas as coisas que gostaria que fossem diferentes. Meu relacionamento com a maioria dos colegas de trabalho parecia era quase inexistente, incluindo Penélope, que passou a me ignorar e demonstrava sentir uma crescente raiva de mim. Elizabetta e ela pareciam estar em uma competição séria para ver quem gostava menos de mim.

Mas nem tudo foi tão ruim assim. Apesar de alguns me desprezarem, outros pareciam gostar gratuitamente de mim, como o capitão Giorgio, Azar, Andrea e Gustavo, que foi de chefe de cozinha

que me dava medo ao melhor amigo que eu poderia ter, e agora eu nem sei mais se temos isso. Era tão bom estar ao lado dele, e ele parecia me entender como mais ninguém. Eu me sentia protegida com ele, sem mencionar que as horas voavam quando estávamos juntos, parecia que entrávamos em um universo só nosso. E por causa do que aconteceu, eu acho que tudo isso mudou um pouco. Ele provavelmente não me via como nada além de uma amiga, e naquela noite ele se deixou levar pelo físico.

Não chamaria sua atenção dessa maneira, e ele devia me ver apenas como uma menina assustada, isso nunca funcionaria. Além disso, agora eu tinha Luke, que era bom para mim e me fazia feliz. Ele parecia estar feliz, e eu também estava. Tínhamos toda uma vida pela frente, e nosso encontro naquele navio era apenas o começo. E, quando chegássemos ao Mediterrâneo, um mundo ainda maior de possibilidades se abriria. Eu não sabia quando seria a viagem de volta, nem quantos dos passageiros queriam voltar de navio, mas sabia que o tempo que passaríamos lá seria maravilhoso, e eu poderia finalmente investir em mim mesma de uma maneira que nunca pude. Poderia tentar aprender algo novo, como finalmente falar italiano, ou investir em uma de minhas paixões, como um curso de canto ou até mesmo de gastronomia. Eu teria tempo e dinheiro suficientes para fazer o que quisesse, considerando que meu salário permanecia intacto e que, de brinde, eu recebi um aumento. Era bom poder finalmente sonhar com o futuro e me ver em paz com isso, mas agora era hora de acordar para a realidade e ir para o meu primeiro dia na cozinha ao lado de Gustavo.

Levantei-me da cama e vesti o uniforme padrão da cozinha. Arrumei o quarto e mais que depressa me encaminhei para a cozinha. Já estive na cozinha várias vezes, e a coisa que sempre me impressionou foi que, apesar de ser uma correria sem fim, tudo era extremamente organizado, e todos pareciam saber exatamente o que fazer, diferente de mim, que estava completamente perdida, como sempre. Ao chegar, notei uma pequena bandeja com pão francês e geleia, um cappuccino, uma tigela com algumas frutas e iogurte para completar, um típico café da manhã italiano, pensei comigo.

— Está atrasada! — uma voz séria disse bem atrás de mim, enquanto admirava aquela bandeja deliciosa e sentia meu estômago roncar.

— No primeiro dia não tem nenhum desconto? — perguntei, reconhecendo que era Gustavo que estava atrás de mim.

— Não, não tem. A cozinha é um dos lugares mais difíceis de trabalhar e, se não for levado a sério como deve ser, tudo desmorona — respondeu, ríspido. Ele estava exatamente como eu o conheci, sério, e ameaçador, mas por quê?

— Está bem, desculpa — pedi sem graça.

— Que isso não aconteça mais. Agora coma logo, temos muita coisa para fazer — disse e saiu de perto de mim, focando em outra coisa.

Eu pensava que trabalhar com ele seria a coisa mais divertida do mundo, mas Gustavo parecia querer ser um chefe pior que Elizabetta. Ele não conversou comigo hora nenhuma, todos os nossos trabalhos eram feitos individualmente, ou seja, não ficamos juntos em nenhum momento. E não satisfeito com isso, ele me colocou responsável pelo café da tarde e me dispensou do jantar, assim, não nos veríamos mais durante o resto do dia.

Quando o almoço estava sendo finalizado e faltavam poucos minutos para ele ir embora para o seu quarto, eu estava arrasada e com vontade de chorar. Eu conversei com ele numa boa e achei que poderíamos continuar com a amizade incrível que tínhamos, ou pelo menos nos dando bem, como quando nos conhecíamos e não éramos tão próximos. Só que, pelo jeito, ele não quer mais saber de mim, e isso dói mais que qualquer coisa. Eu precisava resolver isso com ele, não aceitaria perder meu amigo desse jeito. Quando ele estava indo embora, eu o chamei, e ele fingiu não ouvir, mas eu não desisti.

— O que você quer? — perguntou, depois de ver que não conseguiria se livrar de mim.

— É assim que você vai me tratar de agora em diante por conta do que aconteceu? Eu não quero ficar mal com você, muito menos te perder. Você é muito importante para mim. Me magoa muito que me trate dessa forma, sabia? — disse a ele, que me olhou nos olhos por alguns segundos. Parecia que ele passou a noite inteira em claro.

— Nem tudo é sobre você, ok? O mundo não gira em torno de você — disse e tentou sair, mas eu segurei o seu braço.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei, sem entender. — O que aconteceu?

— Esquece isso. Não é nada.

— Não, eu não esqueço. Você não é assim. Por que está me tratando desse jeito? — insisti.

— Já disse que não é nada com você, agora eu posso ir?

— Não, essa conversa não acabou, está entendendo? Eu não vou aceitar que você fique desse jeito. Hoje, quando o jantar acabar, vamos nos encontrar e conversar decentemente, está bem? — Ele não me respondeu. — Está bem? — perguntei uma segunda vez.

— Está, agora me dê licença. — disse, indo embora, praticamente correndo.

Ele podia até dizer que aquilo não tinha nada a ver com o que aconteceu, mas aquelas palavras não me convenceram muito. Já fazia muito tempo desde a última vez que o vi com um humor tão péssimo

e, se não foi por esse motivo, então o que seria? Eu tentava pensar em algo, qualquer coisa que respondesse a essa pergunta, mas nada vinha à minha mente. Eu estava pela segunda vez no meu quarto, sentada na mesinha de estudos. O quarto era muito semelhante ao de Gustavo, só que não possuía nenhuma decoração e, de alguma forma, parecia ser mais claro que o dele, ou talvez fosse apenas uma impressão minha.

Durante muito tempo, meus pensamentos ficaram em Gustavo. Eu estava tão imersa que mal vi o tempo passar, muito menos ouvi alguém batendo na porta. Somente quando bateu com certa força é que minha linha de pensamentos foi interrompida. Poderia ser Gustavo, talvez ele não conseguisse esperar até a noite e quisesse resolver aquilo logo. Se fosse ele, ficaria feliz, pois sabia que ele era tão ansioso quanto eu. Ou talvez fosse Luke, querendo me fazer uma pequena visita, o que seria muito bom para me desligar de tudo isso. Eu até esperaria por Baltazar, já que não conversava com ele há muito tempo e estava com saudade. No entanto, quem quer que eu estivesse esperando, não chegaria nem perto de quem estava na porta: era Penélope.



— Você esqueceu essas coisas lá no quarto, eu vim trazer. Não quero nada seu lá — disse, me entregando uma pilha de roupas e saindo quase correndo.

— Espera! — pedi, e ela apenas parou de andar. — Eu queria conversar com você e me acertar de uma vez.

— Por quê? Eu fui a maior idiota com você, por que você quer se acertar comigo? — Penélope perguntou, ainda de costas para mim.

— Você foi a primeira pessoa que foi legal comigo, sem querer nada em troca, verdadeira, e eu sei que você é, então, apenas quero saber o que aconteceu. Entra.

Ela se virou para mim, e eu dei passagem para ela, entrou e se sentou onde eu estava há pouco tempo. Fechei a porta e me sentei na cama, então o silêncio se instalou. Por mais que conversar com minha antiga amiga fosse algo que eu quisesse fazer há tanto tempo, aquela cena era, no mínimo, estranha. Depois de tudo que aconteceu, lá estávamos nós duas, sem nem saber por onde começar.

— Isso não faz sentido — Penélope disse, de repente.

— O quê?

— Por que quer ouvir meu lado? Quero dizer, eu poderia estar mentindo e me aproximando de você por interesse, ou só para te machucar mais. Isso é o que eu pensaria se estivesse no seu lugar, e provavelmente não iria mais querer saber de você, então por que você quer "ouvir meu lado"?

— Eu não sei. Talvez a gente precisasse disso. Eu queria saber

por que você fez o que fez — disse, e ela desviou o olhar de repente.

— Desde a primeira vez que você e Luke se viram, rolou um clima, não tem uma só pessoa que não tenha percebido isso, mas teve uma em especial que notou melhor que ninguém...

— Eu sei, a Samara, a ex-noiva dele, vai fazer de tudo para nos separar — a interrompi.

— O quê? Eu admito que Samara não está nem um pouco feliz e que também vai tentar separar você dele, mas tem outra pessoa que quer mais que tudo que você se sinta sozinha e que não vai medir esforços para fazer você e Luke ficarem longe um do outro — Penélope explicou.

— Quem? — perguntei, curiosa.

— Sílvia Helena — respondeu, e minha mente deu um nó. Quem é essa mulher? Penélope me olhou, esperando que eu entendesse, como se o que ela acabou de revelar desse sentido a tudo. — Você só pode estar brincando, Cloe, como não sabe quem ela é?

— Como eu poderia, nunca nem ouvi esse nome, se bem que ele não me é estranho...

— Sílvia Helena é uma barista do navio, mas ela acompanha a vida da família Porto Real desde muito tempo, pois sonha em entrar nela de alguma maneira, não importa como. Ela sabe que Gaspar nunca olharia para ela, já que é apaixonado pela tal modelo lá, e que Baltazar, por ser mais novo, também não se interessaria, então sobrou apenas Luke, que acabou de ser abandonado pela noiva e saiu da prisão...

— ELE O QUÊ? — gritei.

— Francamente, vocês fazem alguma coisa além de transar? É impossível você não saber que ele acabou de sair da prisão, até eu, que não tenho nada a ver com isso, sei — falou, e minha mente pareceu rodar por alguns segundos. Penélope estava certa, como eu poderia não saber disso? — Ele não contou a você, não é? Mas ele deve ter tido seus motivos, você sabe que isso não é uma coisa fácil de se contar.

Penélope estava certa, isso não era uma coisa fácil de falar, mas, ainda assim, não explicava o fato de ele nunca ter mencionado que já foi preso. Qual pode ser o motivo? Isso é uma coisa muito séria e é uma informação que não pode ser ocultada, mas não vou me deixar levar por uma coisa que não sei. Agora eu só quero ouvir Penélope e tentar entender toda essa confusão.

— Depois voltamos nisso, continua sua história.

— Continuando... Ela sabia que ele estava solteiro e que provavelmente estaria procurando alguém para ajudar a esquecer tudo que aconteceu. Desde o início, ela sabia quem ele era e faria de tudo para se aproximar dele, inclusive usar Samara para ter acesso a

lugares que uma simples barista não tem e manipular a amiga da pessoa que despertou o interesse do alvo dela.

— Como assim manipular? — Quanto mais Penélope tentava me explicar, mais confuso tudo parecia, eu já não estava entendendo mais nada.

— Sílvia Helena queria que você se sentisse sozinha, sem ninguém. Desse jeito, seria muito mais difícil pensar em ter um relacionamento com alguém. Você poderia pensar que a aproximação dele seria por curiosidade, ou por pena — explicou. — Ela tinha tudo planejado desde o início, e nem Samara percebeu isso ainda.

— E por que você entrou no jogo dela? — quis saber.

— Você sabe, pois eu deixei bem claro para você que sempre tive interesse em Gustavo. No começo, eu não ligava, achava que não tinha com o que me preocupar, mas, aos poucos, Sílvia Helena foi me manipulando, dizendo que você fazia de propósito e que queria me machucar. Samara ajudou também, confirmando isso, e eu fui deixando ir pelo que elas falavam. Eu sei que vocês se aproximaram, sei que dormiram juntos, e que não tem mais nada que eu possa fazer — disse, e eu pude sentir sua dor.

Eu não faço a mínima ideia de como é ver a pessoa que você gosta se aproximar de outra, mas eu imagino como isso pode doer muito. De certa forma, é até compreensível que ela tenha se sentido desse jeito e que tenha ficado com raiva de mim, apesar de nada explicar o que ela fez.

— Você poderia ter vindo falar comigo, em vez de se deixar levar pelo que elas estavam falando com você?

— Eu estava com raiva e não estava pensando direito, poxa, todos nós cometemos erros, principalmente quando gostamos de alguém — respondeu.

— E por que então você decidiu mudar de ideia? Quero dizer, não tinha motivo para você parar, se gosta mesmo do Gustavo.

Era realmente estranho pensar que ela mudou e, como ela mesma disse, não tinha por que eu confiar nela, principalmente depois de tudo que aconteceu. Porém, de um jeito que nem eu mesma sei explicar, ela parecia estar sendo sincera comigo. Ou ela estava falando a verdade, ou Penélope era uma atriz incrível.

— Uma vez, há muito tempo, minha mãe me disse que ninguém constrói a felicidade em cima da felicidade do outro. Na época, eu não entendi muito bem o que ela estava querendo dizer com aquilo, mas, depois do que Sílvia fez, eu entendi. Ela não se importa com ninguém, nem mesmo Luke, ela só consegue pensar no dinheiro e na vida perfeita que ela vai ter. Nem mesmo Samara enxergou isso ainda, já que as duas não são muito diferentes.

— Como assim?

— Você já deve saber o porquê de Samara querer Luke de volta, não? — perguntou.

— Eu sei mais ou menos...

— Eu, sinceramente, queria saber em que mundo você vive. A família de Samara faliu, não tem mais um tostão para nada. Ela conseguiu, de alguma forma, deixar essa história encoberta, mas, infelizmente, deixou escapular em uma conversa que tivemos. É por isso que ela quer tanto Luke e deixa que Sílvia se mantenha por perto, porque ela prometeu a Sílvia que a ajudaria financeiramente se ela a ajudasse de volta — Penélope explicou.

— Basicamente é cobra engolindo cobra, não é? — perguntei, e ela confirmou com a cabeça. — Elas ofereceram dinheiro para você?

— Offereceram, mas eu recusei, não penso como elas e nunca busquei dinheiro. Eu só queria ter alguém para mim, e agora que eu vejo que esse alguém não será, sob nenhuma hipótese, o Gustavo, então eu desisti de procurar e só quero aproveitar mais minha vida e minha liberdade. Eu senti muito sua falta e fiquei pensando se deveria falar com você, mas pensei que talvez você não quisesse mais me ver, ou conversar, então desisti da ideia. Eu as mantenho por perto, eu tenho medo do que elas podem fazer comigo, mas acredite, eu não confio mais nelas.

Aquilo era informação demais, tudo de uma vez, eu nem sabia o que pensar. Se ela estava mentindo ou falando a verdade, considerando que, até poucos dias atrás, ela estava tentando me atingir de alguma forma, e acabou conseguindo. Quanto mais eu tentava entender todo aquele enigma, mais confusa minha mente ficava. Não sabia quem era Sílvia Helena, Luke já foi preso, sabe-se Deus o porquê, e Penélope decidiu se arrepender de tudo.

— É por isso que eu queria pedir desculpas a você, do fundo do coração, por tudo que aconteceu. Eu nem sei colocar em palavras o quão idiota eu fui com você e quero que saiba que me arrependo de verdade de todas as coisas que eu fiz. Eu sei que você não quer acreditar, e não está errada por isso, mas, para provar que já não ajudo mais elas em mais nada, a partir de hoje, elas espalharam um boato de que você dormiu com o capitão Giorgio para conseguir a vaga na cozinha e que é capaz de fazer isso com qualquer um para conseguir o que quiser. Eu sei que isso é mentira e sei que você nunca faria uma coisa dessas, mas elas querem acabar de verdade com sua reputação, não somente com o pessoal do navio, mas com Luke também.

A ideia me enojava e me fez ter uma noção de como o ser humano pode ir tão baixo apenas por dinheiro. Eu senti raiva, vergonha, mil e uma coisas, e milhões de perguntas vieram à minha mente, uma atrás da outra e, se Penélope estivesse realmente

arrependida, sei que ela iria me responder, mas houve uma que eu perguntei sem nem pensar.

— Quando você disse que, em hipótese nenhuma, Gustavo vai ficar com você, por que disse isso?

Penélope abriu a boca para responder, mas foi interrompida, pois alguém bateu à porta, outra vez.



CAPÍTULO 21

Cloe

Cloe

Alguma coisa estava acontecendo naquele navio. Não sabia se isso se encaixava muito bem, mas poderia afirmar que estávamos todos passando por um delírio coletivo. Ou que então havia um buraco no tempo e voltamos para o começo de tudo, onde Gustavo me tratava mal, Penélope era minha amiga, e eu não conhecia Luke. Não era exagero da minha parte dizer que não o conhecia. E, por mais que gostasse de ver sempre o melhor nas pessoas e que ele certamente tivesse muitos motivos para não querer me contar algo tão sério, ainda assim, era ruim saber disso tão tarde e por outra pessoa que não fosse ele.

Quando abri a porta e dei de cara com ele, fiquei sem reação. Não sabia o que deveria dizer, ou se ao menos conseguiria disfarçar o misto de emoções que ele estava despertando.

— Eu queria ver você um pouco — disse, olhando para baixo e parecendo, de certa forma, triste.

— Por que você está assim?

— Não é nada, apenas não dormi bem. — Luke respondeu, e eu sabia que não era verdade, afinal, tínhamos dormido juntos.

Luke era um cara legal e me tratava muito bem. Preocupava-se com o meu bem-estar e fazia questão de se mostrar interessado o tempo todo. No entanto, agora que nos aproximamos mais, pude ver esse lado dele que eu não conhecia e que, pelo jeito, não conheceria. Ele quase nunca era sincero sobre o que estava sentindo e não gostava de ser aberto, pelo menos não comigo. Talvez tivesse aprendido a não confiar em ninguém ou alimentasse um leve desejo de ter sua vida privada, fazendo o que quisesse sem que ninguém soubesse ou interferisse. De um jeito ou de outro, aquilo era um ponto muito negativo para mim.

— Tudo bem, mas é que agora eu estou ocupada e, em vinte minutos, preciso voltar para a cozinha — respondi, tentando ao máximo não demonstrar que não gostei nem um pouco da atitude dele.

— Ok, eu posso te ver à noite?

— Não.

Foi a primeira vez que ele me olhou nos olhos, e eu não pude identificar o que estava acontecendo.

— É que eu fiquei de conversar com a minha amiga — menti, se ele podia, eu também, achei que Luke não ficaria satisfeito em saber que vou me encontrar com Gustavo. — Mas, se você quiser me encontrar antes do jantar, vai ser muito bom.

— Por mim, tudo bem.

— Tem certeza de que está tudo bem? — insisti.

— Eu tenho, está tudo bem. Até mais tarde então — Luke disse e me deu as costas, sem nem ao menos se despedir ou coisa do tipo. Definitivamente algo muito estranho estava acontecendo.

— Você, pelo menos, é boa em disfarçar estar com raiva, se fosse eu, já iria logo perguntando por que ele nunca te contou que já foi preso — Penélope falou assim que eu fechei a porta.

— Eu vou ter tempo para conversar com ele, acredite. Eu só queria perguntar mais umas coisas, se você não se importar.

— Pode perguntar.

— Como percebeu que estava sendo manipulada?

— No dia da festa que você foi de penetra. Sílvia estava me pressionando a dizer coisas que eu sabia que não era verdade, eu ainda a ajudei, apesar de tudo, mas, desde aquele dia, eu fiquei com o pé atrás com ela. Pouco tempo depois, eu escutei ela resmungar algo sobre não conseguir suportar Samara, e então percebi que eu era só um brinquedo que fazia o que ela queria, nada além disso.

— E só vocês tentavam me atingir de alguma forma?

— Como assim?

— Elizabetta não participou de nada? — perguntei, e Penélope soltou a clássica risada que só ela tinha, eu estava com saudade disso.

— Infelizmente para você, não. O ódio dela é gratuito.

Não sabia se aquilo tinha sido uma coisa boa ou ruim. Não que alguma das duas, tanto Silvia quanto Samara, tivesse alguma razão para não gostar de mim, mas, pensando do ponto de vista maluco delas, eu até entendia. Já Elizabetta era um caso especial, ela olhou para mim, decidiu que não gostava de mim e foi isso, sem motivo algum. Lembrava do conselho que Luke me deu sobre ir conversar com ela e, por mais que tenha cogitado a ideia por alguns segundos, agora parecia mais absurda que nunca.

Conferi as horas e percebi que precisava voltar para a cozinha, expliquei para Penélope, que foi embora, não antes de combinarmos de nos encontrarmos amanhã. Queria fazer algo com ela que sempre tive vontade.

Fui em direção à cozinha e percebi que havia muitas pessoas com quem precisava conversar e muitas coisas para resolver. Precisava ver Gustavo e entender o que estava acontecendo, ver Luke e tentar me esclarecer com ele, ver Andrea e saber se ela conhecia Silvia e sabia de alguma coisa. Também queria encontrar Joaquina e Carlota para pedir algum conselho. Tinha várias dúvidas na minha cabeça e não fazia ideia do que fazer com tanta informação, tantas pessoas, tantos problemas. Era realmente impressionante como minha noção de estar em paz finalmente tinha ido embora em tão pouco tempo.

Me tirando totalmente do meu mundo particular, alguém bateu com tudo em mim, era Azar. Ele apenas me pediu desculpas e estava indo embora, mas dessa vez perdi a paciência.

— Que merda está acontecendo? — gritei. — Os homens desse navio decidiram se juntar contra mim? Ou é o dia oficial de agir estranho? Se for, me fale para eu poder sair sendo grossa com todo mundo.

Baltazar então se virou para mim e percebi que ele estava chorando.

— O que foi que aconteceu? E, por favor, não diga que não é nada, eu sei que tem alguma coisa rolando.

Ele me encarou por alguns segundos, como se estivesse pensando se o que ia fazer a seguir era o certo ou não.

— Preciso te contar uma coisa, mas você não pode contar a ninguém.



Gustavo

Para minha grande sorte, eu tinha meu trabalho, com o qual conseguia me desligar de praticamente qualquer problema que eu pudesse ter. E por mais que, no começo, tivesse sido difícil, enquanto preparava o jantar, toda essa história saiu da minha mente e eu pude dar o meu melhor, que era a parte mais gratificante em ser um cozinheiro. Minha mente se manteve praticamente vazia, mas, como de costume, isso não durou muito tempo.

Desde hoje de manhã, eu já tinha ouvido os boatos de que Cloe só conseguira ir trabalhar na cozinha porque, bem, fizera coisas que eu preferia nem ficar pensando. Alguém deu um jeito de espalhar mais boatos sobre ela e, então, pela milésima vez, não se falava de outra coisa. Eu queria saber quem estava por trás disso, pois eu podia ver muito bem como isso fazia mal para Cloe, só que, por mais que eu procurasse saber, eu não conseguia; ninguém nunca me contava nada. Assim que meu expediente terminou, bem mais cedo hoje, agora que dividia minhas tarefas com Cloe, tudo estava bem mais fácil. Eu passei por um grupo de garçons e, contra a minha vontade, eu escutei a conversa.

— Será que essa menina aceita dinheiro? — um deles perguntou.

— Provavelmente, para o capitão, foi mais difícil porque ele é velho, aí né, tem que ter um bom preço pra encarar, mas pra gente, eu tenho certeza de que ela faz barato — outro respondeu.

— Tem que ver se vai ter espaço pra gente, só que eu sei, é o capitão, aquele mauricinho rico, o cozinheiro e o instrutor de mergulho... Deve ter mais gente, certeza, mas não custa perguntar, não é? Como é o nome dela mesmo? — um terceiro quis saber;

— É Cloe — o segundo falou novamente, e eu perdi a cabeça.

— MAS QUE PORRA É ESSA? — eu e mais outra pessoa gritamos juntos. Era Luke, ele também ouviu toda a conversa.

— De quem vocês pensam que estão falando? — Luke perguntou.

— Eu nunca ouvi tanta merda ser dita ao mesmo tempo, não que seja da conta de vocês, mas, diferente de alguns, nem todos se vendem por dinheiro, ou precisam disso para conseguir crescer na vida — contrapus.

— Vocês não apenas a desrespeitaram, como mostraram o caráter nojento que têm. Não acredito que esse tipo de gente trabalha no me... Nesse navio — Luke disse outra vez.

— Eu não quero ouvir mais nenhum comentário sobre ela, e vocês não vão apenas parar de falar, mas vão deixar bem claro que, se alguém da cozinha falar o nome dela, sobre qualquer coisa que não seja o trabalho, podem se considerar demitidos e com sérios problemas comigo — ameacei.

— Com a família Porto Real — Luke completou, e nos olhamos, aquilo soou meio estranho. Por sorte, nenhum dos três garçons

entendeu alguma coisa.

— Aliás, antes que eu me esqueça... — começo —, estão demitidos! — Luke e eu falamos juntos pela segunda vez. Os garçons não acreditaram no que acabaram de ouvir, mas não disseram nada.

— Ainda estão aqui? — Luke perguntou. Eles deram as costas e foram embora, em completo silêncio. — É... obrigado.

— Tudo bem. Eu preciso ir, depois conversamos — respondi e nos afastamos. Foram poucas palavras, mas o suficiente para ser uma das conversas mais estranhas que eu já tive em toda minha vida.

Quando cheguei na porta do meu quarto, Cloe estava lá, com os olhos cheios de lágrimas.

— O que aconteceu? — perguntei, confuso.

— Eu vi tudo que acabou de acontecer, escutei toda a conversa — disse e me abraçou.

— Não fica triste por causa daqueles babacas, e não fica pensando no que acabaram de dizer. Eles não sabem o que estão falando, e eu afirmo para você que não será um problema ou que voltarão a dizer coisas do tipo para você — respondi, a abraçando de volta.

— Eu não estou triste. Você me defendeu de um jeito que ninguém nunca fez, obrigada, de verdade, você é incrível! — Cloe falou, e eu a abracei com mais força.

De certa forma, tinha sido cruel o que ela estava fazendo comigo e o jeito que me tratava. Eu sabia que ela me via como um amigo e que provavelmente tinha visto meu ato como nada além de um amigo defendendo o outro, mas, ainda assim, o seu abraço, a sua gratidão, a forma como se aninhava em mim e me fazia feliz... eu queria que ela soubesse o quanto eu a amava, mas sabia que isso não ia acontecer. Ficamos abraçados assim durante um tempo, então eu a delicadamente afastei e entramos no meu quarto.

— Posso perguntar uma coisa?

— Pode, sim.

— Você não ficou nem um pouco triste por causa dos comentários? Quero dizer, a essa altura, você já devia ter escutado os comentários que estavam fazendo — perguntei.

— Sendo muito sincera, eu já não ligo mais para o que falam, quem me conhece é quem realmente importava para mim, e sabia que não era o que diziam, eu cansei de tentar impressionar quem não merecia minha amizade. Além disso, eu sabia que iam falar e o que iam falar. — Cloe respondeu. Era simplesmente incrível poder ver o amadurecimento dela.

— E como você já sabia?

— Penélope me contou — Cloe respondeu com calma, e minha mente deu um nó. — Ela foi hoje levar umas coisas que acabei

esquecendo no quarto e me contou muitas coisas, disse que estava arrependida e me pediu desculpas. Ela parecia ser sincera e, pelo que parece, ao menos uma coisa que ela disse era verdade, os comentários que iam fazer.

— E você acha que pode confiar nela? E o que ela te contou? Eu não estou entendendo nada.

Cloe caminhou até a minha mesa de estudos, e eu tive que fazer um grande esforço para não me lembrar do que já tínhamos feito naquela mesa. Ela se sentou numa cadeira e pediu que eu fizesse o mesmo. Eu me sentei em uma poltrona no canto do quarto e ela disse:

— Eu prometi que ia explicar tudo a você, mas não foi por isso que eu vim aqui hoje. Você precisa me contar o que aconteceu. Por que estava daquele jeito hoje de manhã?

Eu não podia esconder essa história de Cloe, por mais que nem eu mesmo conseguisse aceitar que isso tinha acontecido. Hora de contar a ela a verdadeira história da minha família, que ganhou mais três integrantes em menos de vinte e quatro horas. Seria cômico se não fosse trágico, pensar que, de certa forma, tinha disputado e perdido a mulher que eu amava para o meu próprio irmão.

Quando terminei de contar toda a história, Cloe não esboçou nenhuma reação, nenhuma sequer. Aquilo me surpreendeu, será que ela não acreditava em mim? Ou justamente, por acreditar, estava em choque. De qualquer ponto de vista, a reação que Cloe teve não era a que eu estava esperando. Ela ficou em silêncio por um tempo, parecia estar pensando, ou digerindo toda a história.

— E como você está? — perguntou finalmente, depois do que pareceu uma eternidade. Sua pergunta me pegou desprevenido, como assim? Eu não tenho que estar nada, nada do que eu pensar ou sentir, vai mudar o que aconteceu.

— Eu não sei, não importa como eu esteja — respondi, um pouco irritado.

— Desculpa, eu não queria deixar você bravo. Mas nós dois sabemos que falar da sua família, principalmente da sua mãe, que agora você sabe quem é, é muito difícil para você e mexe muito com os seus sentimentos. Não acha que seria bom colocar para fora?

Era engraçado pensar que nós dois temos uma família toda bagunçada e que, em certo ponto, Cloe me entendia melhor que ninguém. Eu ainda cresci com o meu pai, que foi a melhor pessoa do mundo e o modelo que tenho. Mas Cloe não teve toda essa sorte, cresceu com sua tia maluca e abusiva, não conseguia nem enumerar todos os traumas que ela carregava. Então nós dois sabemos o que é não ter uma mãe.

— É que isso me assusta muito. Eu passei a vida idealizando

minha mãe, pensando como ela era, do que gostava, se nós éramos ou não parecidos. E, do nada, ela se torna, de certa forma, real, com um nome e um rosto. Eu não sei se era isso que eu esperava e se isso quebrou a imagem que eu tinha dela, já que, pelo que eu soube, ela não é tão diferente da minha mãe imaginária. Mas é a mãe dos Porto Real, aquela família tão controversa, que parece que viveu apenas pelo dinheiro. Sem mencionar que o pai deles tentou matar a mim e meu pai, isso, para mim, é coisa de filme, não é o que aconteceria na vida real — confessei.

— Eu já desisti há muito tempo de pensar que a vida não é como num filme, considerando tudo que já aconteceu e que está acontecendo agora. Eu sei como é confuso, não quero nem pensar como eu me sentiria caso achasse parte da minha família nesse navio, eu provavelmente iria explodir.

— Eu sei disso, mas é confuso. Faz eu ficar confuso até sobre mim mesmo, entende? Minha história é tão bagunçada, com uma família totalmente sem estrutura, e agora com ligação direta com eles... — Realmente não era fácil e acabei me perdendo diante disso tudo. Já não sei mais o que esperar de nada nem de ninguém. Meu futuro era incerto, assim como o meu passado, tudo parecia estar embaçado, e eu não sabia para onde olhar, ou no que acreditar.

— Sabe o que eu penso? Que passar por tudo isso que você está passando só deveria lhe dar a certeza de quem você é, e você é incrível. Apesar de tudo que já aconteceu e dessa reviravolta tão grande, tudo que já foi, cada detalhe dessa sua vida confusa e sem sentido te faz ser assim, do jeito que você é! Não permita que nada nem ninguém faça você duvidar da sua capacidade, do seu tamanho diante disso tudo, você não é a família da sua mãe, e nem somente seu pai. Acho que você só precisa descansar um pouco e se acalmar, tenho certeza de que, muito em breve, esse problema não vai parecer tão grande quanto parece agora.

Eu não sabia o que responder a Cloe, mas suas palavras me tocaram. Eu quis beijá-la e dizer tudo que sinto. Mas não o fiz, no momento, ela era apenas minha amiga, e era exatamente disso que eu precisava.

— Preciso confessar uma coisa. Eu já sabia disso, já sabia que você era irmão dos três.

— Eu devia imaginar. Quando foi que Luke contou, ontem? — perguntei, tentando, mas provavelmente sem nenhum sucesso, disfarçar meu ciúme.

— Luke? Eu já nem sei mais o que esperar dele, para ser sincera. Dá para fazer uma lista com todas as coisas que ele não me contou, incluindo o fato de ser seu irmão. Quem me contou foi Azar.

— Baltazar? — Fiquei confuso, eles eram amigos, mas a ponto de

ele contar algo tão pessoal?

— Exatamente. Eu não sei como Luke, ou Gaspar estão se sentindo, mas Azar está tão perdido quanto você. Acho que ele não superou a morte da mãe e fica muito sentido. Mas, eu acho, ele ficou feliz em saber que são irmãos.

— Ele ficou feliz?

— Ficou. Como ele mesmo disse, foi como encontrar outro pedacinho da mãe dele — Cloe disse e eu não sabia no que pensar.

— Por que Luke não contou nada a você? Quero dizer, ele não teve oportunidade? — perguntei, já sabendo a resposta.

— Olha, o que eu vou contar a você precisa ficar só entre a gente. Luke já teve várias oportunidades de me contar muitas coisas, inclusive isso, se ele não o fez, eu não sei dizer o porquê. A única coisa que sei é que ele está me ensinando a não gostar de quem guarda segredos — Cloe respondeu e, mesmo eu sabendo que era errado, uma semente de esperança cresceu em mim, mais rápido do que eu podia controlar, então, aos poucos, fui criando coragem. Ela, então, conferiu as horas. — Nossa, é realmente tarde. Eu preciso ir — falou e então caminhou em direção à porta.

— Espera! Fica comigo hoje.



CAPÍTULO 22

Cloe

Cloe

Muito mais difícil do que ter dito sim a Gustavo e passado uma noite maravilhosa com ele, foi ter olhado em seus olhos, dito não e ter ido embora para o meu quarto, dormir sozinha. Eu estava confusa, muito confusa, na verdade. Sabia que sentia algo por Luke, uma paixão que não conseguia controlar, mas suas atitudes estavam, aos poucos, me afastando dele, principalmente por conta de seus segredos. Durante toda a minha vida, fui criada rodeada de segredos, seja o que verdadeiramente aconteceu com os meus pais, ou se tia Deusa era uma tia tão distante, e agora Luke.

A cada segundo que se passava e que eu pensava mais sobre ele, ele ia se tornando cada vez mais um mistério para mim, como se guardasse um milhão de segredos, sobre o seu passado, o seu presente, e até mesmo seu futuro. Eu não entendia o porquê de não ter confiado em mim até agora tais segredos. Sabia que contar que foi preso era complicado, mas eu merecia saber o que aconteceu e qual a razão disso, que, em certo ponto, até me assustava, afinal, o que será que ele fez? Agora, ele não me confiou essa nova informação, que era uma verdadeira bomba, e eu não queria nem pensar em como seria quando

todos soubessem.

Eu sabia que família é complicada, eu falava por mim mesma, Deus sabe tudo que passei e como minha família se limitava a mim, apenas, e sabia também que falar abertamente sobre o que se passava com as pessoas que amamos não era nem um pouco fácil, mas Luke nem sequer tentou disfarçar que algo estava o deixando abatido, e seu esforço foi ainda menor para demonstrar que ele não me contaria nada. Mas o que verdadeiramente me confundia era quando íamos para além dos nossos segredos, e estávamos só eu e ele.

Agradei muito Gustavo pela forma que me defendeu, que foi uma atitude que ninguém nunca teve comigo, mas era injusto pensar que apenas ele fez isso. Luke igualmente me defendeu e se preocupava comigo. Ele cuidava de mim e não fazia questão de esconder isso de ninguém. E eu sabia que a lei de relacionamentos no navio continuava e que o que eu e ele fazíamos era errado em vários aspectos, mas isso não parecia ser um problema para ele. E eu ficava me perguntando até quando íamos conseguir viver nessa corda bamba.

Se eu parasse para fingir que não havia nenhum segredo entre nós dois, nosso relacionamento era ótimo e promissor, mas eu não podia viver uma mentira e fingir que nada estava acontecendo, por mais que eu sentisse algo verdadeiro por ele. Sem mencionar que ele fora meu primeiro homem para quem eu me entreguei. Isso o tornava alguém mais que especial. Alguém que eu ia lembrar para sempre. Talvez o que nós dois precisássemos era de uma conversa, definitiva e sem enrolação, já que toda vez que eu tentava falar com ele sobre um assunto importante, éramos impedidos. E essa conversa aconteceria no dia seguinte, custasse o que custasse, mas antes eu precisava ver as irmãs Delorean e, naquele momento, eu precisava dormir.

Pela primeira vez na vida, o conselho das duas não me valeu de nada e, pela expressão que eu as encarava, deixei isso bem claro.

— Ora, o que você estava esperando? Não somos o mestre dos magos para saber tudo, e eu tenho que admitir, nem o futuro estava esperando que Gustavo fosse herdeiro do império Porto Real — Carlota admitiu.

— É normal que não saibamos exatamente o que você deveria pensar, o que deveria fazer, mas concordamos que o melhor que você tem a fazer é falar com Luke, tudo se resolve conversando, e se ele não contou você todas essas coisas, ele com certeza tem seus motivos, afinal, todos nós aqui guardamos um segredo e...

— O que a minha digníssima irmã está tentando dizer... — Carlota interrompeu Joaquin, de um jeito bem estranho, tinha que admitir — ... é que ninguém é motivado por nada, e se você realmente gosta dele, deveria lhe dar uma chance.

— Eu nem sei se quero de fato falar com ele, todas essas questões me fizeram ficar com raiva dele de certa maneira. Eu definitivamente odeio isso.

— Não tem por que você odiar segredos. Eu sei que é uma merda ser a última a saber de uma coisa, e que talvez isso passe a impressão de que você está sendo feita de idiota. Mas lembre-se que não há nada que aproxime mais as pessoas do que segredos, isso, sim, as mantém unidas mais que qualquer coisa e, querendo ou não, a verdade sempre vem à tona, só precisa esperar pelo momento certo — Joaquina explicou.

— Por que parece que vocês também escondem um segredo? — Quando percebi, já tinha perguntado.

— E por que parece que você está ficando paranoica e criando uma teoria da conspiração com todos aqui? — Joaquina rebateu.

— Você está certa. Eu estou começando a ficar maluca e, para ser sincera, não sei mais o que esperar ou em quem confiar, todos nesse navio parecem agir com segundas intenções, e isso tá me deixando louca. Primeiro foi Penélope, querendo se reaproximar e contando sobre uma tal de Silvia Helena, que me odeia gratuitamente e, como se isso não fosse estranho o suficiente, outro dia Luke me disse para conversar com Elizabetta sobre todo o ódio que ela sente por mim, ele só pode estar maluco.

Ambas se olharam por alguns segundos, era realmente admirável como conseguiam conversar com o olhar.

— Vamos por partes. Primeiro de tudo, você é, de longe, a pessoa mais alienada desse navio por não conhecer Sílvia Helena, principalmente todas as suas atitudes até o momento, que, por mais que ela tenha mantido toda sua sutileza, qualquer idiota consegue perceber suas reais atitudes, e algo me disse que logo, logo você vai ter a oportunidade de falar com ela. Em segundo lugar, eu acho que você deveria, sim, dar uma chance a Penélope, eu e Carlota já a conhecemos muito antes de conhecer você e ela não é uma pessoa ruim, só foi influenciada pelas pessoas erradas — Joaquina disse.

— Eu sei que tudo agora parece confuso e que você não sabe em quem confiar ou no que esperar, mas, se busca tantas respostas assim, então vai logo atrás delas, você não faz ideia de quantas coisas têm acontecido e quantas coisas você precisa resolver, e acho que já passou do momento de se acertar com todos, seja com Penélope, que, sim, é sua amiga de verdade, com Samara, com Silvia, com Luke e com Gustavo e, principalmente, com Elizabetta. Luke tem razão, você deveria mesmo conversar com ela — Carlota completou.

Elas não iriam me falar o que sabiam, e eu sei que elas já sabem de muitas coisas, muitas das quais não posso nem sonhar o que seja. De um jeito ou de outro, elas me colocariam para bancar a detetive e

descobrir tudo. Mas eu nem sei o que estou prestes a descobrir, ou que elas querem que eu saiba logo e, principalmente, por que diabos elas não contam de uma vez.

— Vocês realmente vão me obrigar a brincar de Sherlock Holmes, não é? — perguntei, e elas concordaram com a cabeça. — E não vão me dar nenhuma ajuda, certo? — Outra vez concordaram. — Podem pelo menos me dar uma dica do que eu preciso saber, afinal?

— Apenas confie no que está sentindo e lembre-se de tudo que aconteceu desde o momento que entrou no navio, não se esqueça de nada.— Carlota falou.

— O que aconteceu com os três, agora quatro irmãos, pegou todos de surpresa, e a reação de cada um diz muito sobre quem realmente são e quem gosta de verdade de você — Joaquina completou, e eu não fazia ideia do que ela queria dizer com isso.

— Conversar com quem você precisa se entender é mais que suficiente para você finalmente se entender, e admitir de quem você realmente gosta, e sabe que gosta.— Carlota disse, e ambas se levantaram e foram caminhando até a porta do meu quarto, mas, antes de ir, Carlota se virou e completou: — E quando tudo isso acabar, por favor, não nos odeie.

Não entendi absolutamente nada do que elas queriam dizer e, para ser sincera, todas as vezes que conversamos, eu fiquei com mais dúvidas do que certezas, apesar de saber que elas queriam me ajudar, mas sua frase final só confirmava aquilo que eu não queria, elas também me escondiam algo. Malditos segredos!



Luke

LUKE

Tudo tinha estado bem mais estranho que o normal. Não dizia apenas entre minha família e o clima que o navio estava depois da notícia, ainda que pouquíssimas pessoas soubessem disso. Eu não conseguia olhar nos olhos de nenhum de meus irmãos e simplesmente não sabia parar de encarar Gustavo, o que era horrível, como se olhar para ele fosse, de algum jeito, me dar alguma resposta sobre tudo.

Eu me lembrava muito pouco da minha mãe, e ou meu pai sabia

disfarçar muito bem, ou realmente nunca foi aquela pessoa horrível que ele parecia depois que Gaspar nos contou toda a história. Só que era impossível manter a mesma visão que eu tinha dele antes de saber a verdade. Meu pai sempre se mostrou tão preocupado com a família, intentando nos ver todos felizes, bem-sucedidos e com uma família para nos apoiar. Ele sempre se apoiou nisso, família e negócios, e nisso meu irmão e eu sempre fomos muito parecidos, mas Gaspar se preocupava mais com os negócios, enquanto meu maior objetivo sempre foi ter uma família.

Mas aí essa imagem que eu tinha do meu pai simplesmente desaparecia toda vez que lembrava que ele tentou matar o pai de Gustavo, apenas porque ele e minha mãe se gostavam de verdade. Eu nem sabia o que pensar, tanto dele, quanto do nosso avô, que, pelo jeito, não era um homem tão bom assim, a ponto de não pensar na verdadeira felicidade da nossa mãe. No fim das contas, a verdade sempre aparecia e, por mais que minha opinião fosse um tanto controversa para a maioria das pessoas, eu acreditava que a verdade nem sempre era o melhor caminho para se resolver as coisas.

Muitas vezes ela apenas nos trazia sofrimento e destruía aquilo de melhor que tínhamos. Não que eu pensasse que o correto era a falsidade e que agir pelas costas e mentir descaradamente fosse a opção correta para se viver a vida, mas, se você tinha a chance de não magoar alguém e se o que você sabia era capaz de causar dor e sofrimento, talvez o melhor a ser feito fosse evitar tal sofrimento e guardar certas coisas apenas para si. Podia ser covarde por pensar desse jeito, mas preferia pensar que estava apenas poupando pessoas importantes de passar por coisas que não mereciam.

Naquela noite, eu não tive fome, na verdade, eu mal comi direito depois de saber da existência do meu irmão, e como se isso não fosse estranho suficiente, comer a comida que eu sabia que estava sendo feita por ele era ainda mais estranho. Eu fiz um esforço enorme e tentava me concentrar em qualquer outra coisa que não fosse toda essa história, mas minhas opções não eram as melhores.

Se eu "fugisse desse problema", iria para direto em Cloe, que eu mal tinha visto e mal tinha falado. Eu sabia que estávamos distantes e sabia que ela não estava nada satisfeita comigo. Ela não tinha feito muita questão da minha presença e, desde a conversa que tivemos ontem à tarde, não trocamos mais nenhuma palavra, quase parecia que estávamos brigados, e eu odiava essa sensação. Só queria passar um tempo com ela e esquecer de tudo que estava acontecendo e tudo que se passara, queria poder fugir da nossa realidade e agir como se mais nada no mundo tivesse a mínima importância e eu e ela fôssemos o centro do universo. Mas eu sabia que desejar isso, a essa altura, era

praticamente ridículo, isso não ia acontecer e, para ser mais exato, temia até perder Cloe para sempre.

Terminei meu jantar e fui direto para meu quarto, no outro dia bem cedo teríamos uma reunião, nós quatro, para decidirmos o futuro da empresa e o futuro da família, e eu não estava preparado para isso, acreditava que essa reunião poderia ser feita daqui a dez anos e, ainda assim, nenhum de nós iria querer passar por isso. Mas quem disse que a vida era feita somente das nossas vontades?

Um hábito que sempre tive, desde a adolescência, era tomar banho no escuro absoluto. De uma forma que eu simplesmente não sabia explicar, havia uma paz tão grande quando estava escuro que conseguia colocar meus pensamentos em ordem, me sentia calmo, me sentia protegido, como se tivesse uma coisa boa em não ver nada e, também, não poder ser visto. E, naquele dia, mais do que nunca, eu precisava dessa paz e de colocar meus pensamentos em ordem, se quisesse ao menos dormir pela primeira vez em dias.

Meu banho foi longo, e eu queria aproveitar ao máximo o escuro e apreciar cada palavra da música "Demons", da banda Imagine Dragons, pois ela conseguia dizer exatamente o que eu estava sentindo, e a magia que a música carregava, de conseguir dizer exatamente aquilo que carregamos, era inexplicável. A lua estava cheia e esta era a única fonte de luz que havia no cômodo, apesar de que, depois de um tempo, meus olhos se acostumaram com a pouca iluminação e, se eu pudesse escolher, ficaria daquele jeito para sempre.

Me enxuguei parcialmente com a toalha e fui para o meu quarto completamente nu. Lá não recebia luz da lua, estava um completo breu. Mas, assim que abri minha gaveta, uma sensação muito estranha me veio. Eu não estava sozinho, e aquilo fez os pelos da minha nuca arrepiarem, isso nunca aconteceu, e por mais que me sentisse extremamente confortável no escuro, isso não significava que não sentisse medo. Odiava admitir que foi assim, mas junto toda a coragem que tinha, caminhei até o interruptor mais próximo e acendi a luz.

— PUTA QUE PARIU! — gritei. — Por que não anunciou que estava aqui? Ou pelo menos me avisou antes?

— Desculpa, eu queria fazer uma surpresa.

— Sua surpresa quase me matou do coração — respondi mal-humorado, ainda que fosse muito bom que Cloe estivesse ali comigo.

Eu não saberia responder ao certo o que ela estava pensando, ou sentindo, mas sua voz estava calma, uma calma que eu estava precisando ter.

— A que devo a honra? — perguntei em tom de brincadeira.

— Não posso visitar meu próprio namorado? A gente não se

falou há um tempo.

Ela estava certa, tenho estado tão estressado que, assim que a vi, já pensei o pior. Caminhei até sua direção, ela estava de pé perto de uma mesa de cabeceira tentei lhe dar um beijo, mas ela virou seu rosto e se afastou.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei. Sabia que eu estava certo, minha intuição não falhava.

— Acho que nós dois precisamos conversar. Só que vou esperar você colocar uma roupa.

— Sobre o que você quer conversar?

— Vista algo e aí conversamos.

— Só vou me vestir quando me disser sobre o que quer conversar. — Eu estava me controlando para não demonstrar o medo que estava sentindo.

— Tudo bem, teimoso — Cloe respondeu e se sentou na cama. — Vim aqui porque precisamos falar sobre uma coisa que está me assombrando há muito tempo. Por mais que estejamos juntos e que eu confie em você, tenho a sensação de que não o conheço e de que conversamos muito pouco sobre nossos sentimentos e sobre quem verdadeiramente somos.

Cloe tocou em um assunto delicado, e eu sabia que, uma hora ou outra, teríamos essa conversa, principalmente porque estávamos em um navio, e aqui as notícias corriam absurdamente rápido. Contudo, me assustava pensar o que poderia ter chegado até seus ouvidos, principalmente com Samara e várias outras pessoas tentando, a todo custo, nos separar.

— O que você precisa saber sobre mim? — perguntei.

— Não quero que me conte nada que não se sinta a vontade de dizer. Em hipótese nenhuma, eu vou exigir e cobrar esse tipo de coisa de você. Como disse, eu confio em você e sei que você tem seus motivos, mas uma coisa que eu realmente preciso entender é por que você não se sente à vontade para compartilhar certas coisas comigo.

Ela foi bem delicada ao dizer que queria saber por que eu escondi várias coisas dela, e o mais vergonhoso de tudo era nem saber o que ela já sabia ou não. Mas, para todos os efeitos, eu não estava pronto para compartilhar com ela. Não pelo fato de ser Cloe, eu a confiaria minha vida, e sei que, se eu quisesse tanto ter um relacionamento com ela, eu não poderia continuar me escondendo tanto. Então eu expliquei a minha teoria absurda sobre preferir omitir a verdade em certas ocasiões, e sei que isso é errado, mas eu ainda não estava pronto para ser aberto com alguém. Ela se levantou de repente, se acreditou em mim ou não, eu não sabia dizer. Porém, ela me pareceu levemente irritada.

— Então é você que não consegue se abrir? — perguntou.

— Eu sinto muito. Não me entenda mal, por favor, eu só preciso trabalhar melhor nisso.

Ela caminhou pelo quarto, parecia que tentava organizar os pensamentos.

— Tudo bem. Mas ao menos uma coisa você poderia me responder?

— Sim, o que foi?

— Você conhece uma mulher chamada Silvia Helena?

Aquela pergunta me pegou com tudo, e eu não estava esperando por isso. Como ela poderia saber? Não faz nem sentindo, Silvia não contaria a ela. Ou talvez ela não soubesse e eu estivesse apenas criando paranoias. De um jeito ou de outro, eu não seria capaz de lhe contar a verdade, mais uma vez.

— Não — respondi. E então um silêncio encheu meu quarto. Eu a olhei nos olhos, tentando ler seus pensamentos, então eu tive uma ideia.



CAPÍTULO 23

Gustavo

Gustavo

Se desse para focar em todos os problemas de uma só vez e resolvê-los com a mesma facilidade que os encontramos, a raça humana já teria evoluído há muito tempo, e é por isso que muitas pessoas ainda procuram formas de se matarem lentamente, como cigarros e bebidas, não apenas porque não evoluímos, mas porque sempre nos julgamos incapazes de resolver os problemas que temos, e isso, além de desencorajador, dá muito medo.

A boa notícia era que, pela primeira vez em quase uma semana, eu tive uma boa noite de sono, e agora estava prestes a resolver de uma só vez o meu futuro como herdeiro da empresa que meu avô, pai da minha mãe, investiu todo o seu dinheiro. Levantei-me pela manhã e já havia deixado instruções claras para que o *sous chef* me substituísse durante o dia. Estávamos a uma semana de encerrar a viagem, e eu, para ser sincero, estava cansado, precisava me desligar,

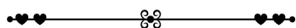
ainda que amasse mais do que qualquer coisa poder cozinhar todos os dias. Assim que abri a porta, me deparei com uma cena que jamais imaginei ver e o constrangimento me atingiu com tudo: Gaspar e Andrea estavam dando o beijo mais apaixonado que eu já vi em toda a minha vida.

Não seria totalmente incorreto se eu dissesse que estávamos confinados nesse navio, por mais que ele fosse enorme e luxuoso, um verdadeiro sonho. Aqui, em certos aspectos, não passava de uma "prisão flutuante", então, todos aqui, a essa altura, já se conheciam e sabiam de assuntos, mesmo que não fossem da conta de ninguém. E eu ainda tinha o privilégio de conhecer Gaspar há muitos anos, desde o início da minha carreira para ser mais exato. Juntando tudo isso, sabia bem como ele sempre foi apaixonado pela supermodelo e como sempre teve receio de admitir seus sentimentos por ela, considerando o fato de ser gago e de quase ninguém o levar a sério por conta disso. Mas acabou que, no fim das contas, tudo deu certo para ele. Ele não apenas conseguiu admitir seus sentimentos, como também foi correspondido, e isso deve ser a melhor sensação do mundo.

No fundo, eu o invejava, queria que tudo acabasse bem para mim como acabou para ele, mas nem todos têm tudo aquilo que desejam. Assim que abri a porta, eles se separaram e tentaram disfarçar, mas era tarde demais, eu já tinha visto tudo. Andrea me cumprimentou constrangida e logo saiu da sala, deixando Gaspar e eu a sós. Não levou muito tempo até os outros dois chegarem, e a secretária de Gaspar, que nunca o deixava só, não estava ali. Acho que me identificava mais com ela do que com Gaspar. Ela também era apaixonada e não teve a coragem de se declarar, ou talvez até tenha tentado e não teve sucesso. De um jeito ou de outro, ela provavelmente estava arrasada agora e não devia estar muito a fim de ver o chefe, o que era, no mínimo, compreensível.

— Vo-você já sabe-be como po-po-podemos resolver isso? — Gaspar perguntou. Ele sequer tocou no assunto do que eu acabei de ver, ainda mais por estar na frente dos irmãos, o que, de certa forma, eu até agradecia.

— Na verdade, sim, e, se todos estiverem de acordo, gostaria de fazer a minha proposta.



Eu nunca fui um homem de negócios e nunca me interessei por nada disso; o pouco que aprendi foi quando comecei a estudar gastronomia. No entanto, entendia de negócios o bastante para saber que culinária era um dos melhores investimentos que alguém poderia fazer. Ela abrangia todas as culturas e costumes e, de alguma forma, era o que conectava todos nós. O dinheiro que tinha por direito vindo

da empresa era muito mais do que eu pensava em um dia ganhar e seria mais que suficiente para realizar um projeto que sempre tivera. Decidi me tornar sócio da empresa dos meus irmãos e abrir uma filial focada apenas em gastronomia. Os lucros seriam divididos de acordo com o investimento de cada um, e todos resolveram investir, adorando a ideia, e a empresa se tornaria ainda maior.

A conversa foi longa, e minha ideia serviu de inspiração para que todos pudessem se encontrar dentro deste novo império. Fiquei com a nova filial culinária, que começaria no Mediterrâneo, com foco na culinária italiana, mas que pretendia expandir, se os negócios prosperassem. Baltazar decidiu focar apenas nos transatlânticos e disse que já estava cheio de ideias para novas viagens, novas festas e até mesmo para montar parcerias com universidades, criando um navio focado em pesquisa sobre oceanografia, sua formação. Os gêmeos ficariam apenas com a parte de transporte, o investimento inicial da empresa, procurando formas de aumentar ainda mais os lucros, mas ambos não demonstraram ter muitas ideias.

Aparentemente, todos estavam felizes com suas escolhas, e agora os quatro trabalhariam juntos. Eu teria tempo de sobra para conhecer melhor os meus irmãos e a história da minha família. Baltazar demonstrou interesse em se aproximar de mim, e eu não relutaria; achava que seria bom para nós dois. Gaspar parecia feliz e tinha um ar de que tudo estava resolvido; eu nunca vi seu olhar assim antes, ele parecia em paz. Algo muito similar poderia ser visto em Baltazar, mas o motivo de ele estar assim eu não saberia dizer, talvez eu descobria mais tarde. O único que demonstrou infelicidade e mantinha o pensamento distante era Gianluca, que ficou o tempo todo cabisbaixo e não fez questão alguma de esconder seu desinteresse.

A intuição é uma coisa engraçada. A gente pressente algo sem a menor explicação, e esse sentimento vai nos consumindo aos poucos, como se tudo dependesse de alguma atitude que devemos tomar. Eu não era de acreditar nessas coisas, muito menos sentir algo parecido com isso, mas, depois da reunião com os meus mais novos irmãos, senti um desejo incontrollável de falar com o meu pai. Por sorte, a tecnologia super avançada do Netuno possui uma inteligência artificial que consegue puxar sinal de telefone e internet, mesmo estando no meio do oceano. Então, não teria dificuldade alguma em falar com o meu pai.

O problema era que, mesmo sentindo que precisava fazer isso, ainda me sentia meio receoso. Nunca ligamos um para o outro, a não ser por emergências, e não era como se nosso relacionamento fosse distante hoje em dia; apenas seguimos vidas diferentes. Eu ligar para o meu pai, assim, do nada, poderia assustá-lo ou causar falsas

impressões. Não sabia o que deveria fazer, mas sabia que, com a minha teimosia patológica, acabaria ligando para ele.

Saí do escritório de Gaspar e fui em direção ao meu quarto, tentando organizar meus pensamentos e tomar uma decisão sensata. No entanto, meus pensamentos foram interrompidos por alguém. Era Baltazar.

— Está tudo bem? — perguntei assim que vi se aproximar de mim.

— Está, sim, eu só pensei que... Bom agora que... Esquece, não era nada. — disse como quem acaba de perder a coragem.

— Não precisa ficar com vergonha de me dizer. Você precisa de alguma coisa? — Baltazar esperou por alguns segundos, parecia estar decidindo se iria ou não confiar em mim.

— É que precisamos conversar sobre uma coisa importante, mas eu não sei como começar...

— Por que não vamos ao meu quarto? Assim, talvez você se sinta mais à vontade e não corre o risco de ninguém nos interromper, o que você acha? — Ele acenou com a cabeça e então fomos para o meu quarto, em completo silêncio.

Ele se acomodou em uma poltrona e avaliou o meu quarto, que provavelmente era bem diferente do dele. Eu ofereci alguma coisa para beber e ele perguntou se tinha vinho branco. Servi uma taça para ele e, para mim, um pouco de amaro, não costumo beber, tampouco a essa hora do dia, mas não negaria de fazer companhia ao meu meio-irmão.

— É engraçado pensar em como as coisas são, não acha? Quero dizer, passamos tantos anos juntos, eu me lembro de você trabalhando com a gente muito antes de eu entrar na faculdade, e agora descobrimos que temos um laço de sangue. Você deve estar achando muito estranho eu querer conversar com você, mas acho que nós dois temos muito em comum, mais do que eu gostaria na verdade, por isso acho importante que você saiba o que eu vou contar — Baltazar começou.

— Eu não acho estranho você querer conversar comigo, e sei o quanto somos parecidos. Seus... Nossos outros irmãos ainda tiveram um pequeno contato com nossa mãe, mas a gente, tudo que temos são só relatos de outras pessoas, e isso, por mais que a gente supere, é bastante frustrante. Você sempre me pareceu mais distante dos outros dois e nunca demonstrou muito interesse pela empresa. Por que isso mudou? — perguntei.

— A última coisa que meu pai me pediu foi que prezasse pela família e que tentasse contribuir, de alguma forma, para o nosso patrimônio, e eu não poderia negar seu pedido. Acabou que, no fim, todos nós conseguimos nos encontrar de alguma forma, e até o que

deu errado, acabou dando certo.

— O que você quer dizer com isso?

— Você, como todos nesse navio, já deve ter percebido alguma vez o quanto Mérida é, ou era apaixonada pelo meu irmão. Ela era fechada com o resto do mundo, mas com ele, ela era doce, gentil e atenciosa, o tratava como o rei do mundo. Ele era muito educado, mas nunca demonstrou nenhum interesse por ela, que sempre o amou. Acontece que Mérida é muito mais do que esse poço de gentileza, ela é a mente brilhante por trás de todos os grandes negócios da nossa empresa, incluindo o Netuno, que ela não só teve a ideia, como desenvolveu todo o design, pensou em todas as atrações e se certificou de toda a divulgação da viagem e das vagas de emprego, ela realmente é incrível naquilo que faz, e o vacilão do meu irmão nunca reconheceu isso. Há alguns meses, ela decidiu finalmente se declarar, mas meu irmão a rejeitou, porque prefere ficar se derretendo por aquela modelo sem graça. Mérida ficou arrasada e não pensou duas vezes antes de enviar sua carta de demissão, que Gaspar, no maior ato de burrice de sua vida, assinou — disse e bebericou um pouco do seu vinho.

Gaspar parecia ser um homem racional e que pensava muito antes de tomar qualquer decisão, exceto se Andrea estivesse no meio, então seu cérebro virava um pudim. Se Mérida realmente era tão brilhante, o que eu não duvidava nem um pouco que fosse, por que diabos ele seria tão imprudente em demiti-la? O homem realmente perde a noção quando está apaixonado, e isso não é bom para nós.

— Eu nunca conversei com Mérida, e concordo que ela pareça bem fechada, mas como ela se demitir foi uma coisa que deu certo? — perguntei, curioso.

— Eu já vou chegar lá. Assim como você, eu também nunca havia conversado com Mérida, mas não consegui não me sentir mal com a burrada que meu irmão fez, então decidi ir falar com ela. Na primeira visita, ela nem abriu a porta para mim, e isso me irritou bastante, e eu até ficaria com raiva, se não soubesse que ela estava sofrendo. Fui me aproximando dela aos poucos, então um dia ela resolveu finalmente se abrir e eu pude conhecer um pouco mais dela, e eu fiquei encantado. Ela sempre se preocupou com todos e cada mínimo detalhe sempre foi muito importante para ela, é por isso que o seu trabalho é tão eficiente. À medida que fomos nos aproximando e eu pude ver como ela é criativa e prestativa, acabou de um dia que nós tivemos a ideia de dividir a empresa do jeito que fizemos, então sugeri a Gaspar, que disse na reunião e acabou levando todo o crédito pela ideia, como sempre. Eu perguntei se ela gostaria de trabalhar comigo, e ela aceitou, e eu não poderia estar mais feliz de trabalhar com uma mulher como ela — Azar disse, e o brilho em seu olho era

um brilho que eu conhecia muito bem.

Quem era eu para dizer que Baltazar estava ou não desenvolvendo sentimentos pela sua nova funcionária, mas, pela forma que ele falou dela e como a vê sendo a pessoa mais incrível que existe, já era meio que previsível saber onde essa história pode acabar. Agora era torcer para que ele não se machucasse de alguma forma. De um jeito ou de outro, era muito cedo para concluir qualquer coisa.

— Fico feliz que você tenha encontrado alguém — disse, e Baltazar me olhou estranho. — Para trabalhar com você, é claro — expliquei. — Mas era sobre isso que você queria falar comigo?

Eu tentei ser delicado para que nossa conversa tomasse o rumo que eu queria, mas eu sou italiano e ser jeitoso com as palavras, muitas vezes, não era o meu ponto forte. Mas ele não pareceu se importar com o meu jeito direto, terminou sua taça e me pediu mais uma. Por mais que aquela situação, de um modo geral, parecesse um tanto quanto estranha, eu me sentia extremamente à vontade com Baltazar.

— Como você já deve saber, há alguns anos, Luke foi preso, acusado de assassinato. Mas acontece que ele não cometeu esse crime, e sei que é difícil de acreditar, principalmente porque sou o irmão dele, mas, assim que papai morreu, ele começou uma investigação para entender melhor tudo que aconteceu e conseguiu descobrir que não foi meu irmão, só que ele não podia levar essas informações a público por vários motivos, que não valiam a pena serem ditos agora — começou.

Eu não iria perguntar os motivos dele, mas podia imaginar quais outras coisas ele descobriu que preferia que nem todos soubessem, coisas tão problemáticas que a prisão do irmão era irrelevante perto delas. Seja o modo como o meu pai me criou, ou minha intuição falando outra vez, mas algo me disse que muito futuramente eu ia me arrepender de ter entrado nessa história.

— Ele preferiu parar de investigar melhor o que aconteceu, pois precisava focar em conduzir a empresa, mas agora que estava nesse navio e, na medida do possível, tudo sob controle, ele decidiu investigar mais uma vez. Gaspar não apenas comprovou a inocência de Luke, mas descobriu que os culpados por tais acusações eram os donos da “Nicolau’s Caputti”. Era uma empresa concorrente da nossa que há muitos anos desenvolveu uma rixa pessoal com nosso pai e sempre tentou nos atingir e, em um belo dia, eles simplesmente desapareceram. Mudaram a filial do país e cortaram as relações comerciais que tínhamos em comum. Foi como se eles nunca tivessem existido, mas, poucos meses depois, aconteceu o que aconteceu com Luke. Eles conseguiram incriminá-lo de maneira brilhante. E agora vêm duas revelações que acho que você deveria saber. A primeira é

que a atual herdeira da empresa deles é ninguém menos que Silvia Helena, que você deve conhecer. E a segunda é que eles já tinham montado uma série de provas que conseguiam ligar diretamente a acusação de Luke ao seu pai. Eles fizeram parecer que seu pai era o culpado por tudo.

Diante da segunda informação, a primeira se tornou totalmente irrelevante. O que Baltazar acabou de me contar era um absurdo que ia muito além da minha compreensão.

— Você só pode estar brincando comigo! — disse, me levantando de repente.

— Acha mesmo que eu brincaria com uma coisa dessas? — respondeu, mas sem levantar a voz. — Pelo que Gaspar me contou, eles usaram da ligação que seu pai teve com a nossa mãe e fizeram parecer que ele fez tudo isso por vingança, como se fosse o troco por terem separado os dois. Eu não faço ideia do que eles farão a seguir.

— Gaspar sabe de tudo isso?

— Sim.

— Há quanto tempo? E por que diabos ele não me falou nada?

— Ele soube ontem à noite e me pediu que contasse a você — Baltazar falou, e eu fiquei ainda mais confuso.

— Ele pediu que me contasse?

— Olha, eu não sei qual impressão você tem de nós, mas somos irmãos, e tudo que acontece que envolva um de nós, daremos um jeito de nos ajudar. Você deve saber de tudo que já nos aconteceu e quem pode tentar agir contra você. Se eles acusaram seu pai, é porque provavelmente já sabem quem é você, e logo tentarão chegar até você, de um jeito ou de outro.

Eu não sabia o que responder, aquilo tudo parecia mentira, ou algo que a gente pensa que não existe, que aquilo tudo era combinado, e que nem eu, nem meu pai, corríamos risco de verdade.

— Gianluca sabe?

— Não. Gaspar logo contará para ele e achou que você deveria saber primeiro. Mas não precisa se preocupar com ele. Com certeza irá ficar possesso quando souber, mas não há a mínima possibilidade de ele se virar contra você ou contra seu pai — Baltazar explicou. Eu estava tão em choque que nem parei para pensar que isso era uma possibilidade e, que por alguma razão, Luke poderia pensar que meu pai é culpado.

— Por que vocês se preocupam? — perguntei sem pensar.

— Se eu tivesse a oportunidade de salvar meu pai, ou nossa mãe, eu salvaria. Gaspar pensa da mesma maneira e, santo Deus, estamos falando de pessoas, de vidas. Eu sei que, para muitos, isso aqui parece uma coisa superlegal, de máfia ou de sei lá o que, mas não é. Isso é vida real, e existem pessoas que, se pudessem, matava outras sem nem

pensar, pelos motivos mais medíocres do mundo. Eu não quero que isso aconteça com você e quero que essa história acabe logo. O que eu recomendo a você é que não conte ao seu pai sobre nada disso, mas que, assim que desembarcarmos, dê um jeito de trazê-lo para perto de você. Eu sei que isso parece absurdo e que ele provavelmente vai achar estranho, mas, com ele perto, você se sentirá mais tranquilo. É provável que eles não saibam que você sabe disso, a não ser que Silvia Helena esteja ouvindo atrás da porta, o que provavelmente não está — disse e bebeu mais um pouco, então colocou a taça na mesa e se levantou. — Eu sei que tudo isso é pavoroso e que essa situação é de tirar o sono, mas não precisa se preocupar, iremos dar um jeito nisso e, para o que você precisar, pode contar com qualquer um de nós. Somos família, e eu quero que você sinta que pode confiar em cada um de nós, que pode confiar em mim.

Ele caminhou em direção à porta, e assim que a abriu, eu coloquei a mão em seu ombro e disse "obrigado", olhando nos olhos dele. Baltazar sorriu fraco, acenou com a cabeça e então foi embora.

Não foi muito difícil imaginar o que meu pai teria dito se tivesse escutado toda a conversa. "Eu disse a você que nunca se envolvesse demais com essa família problemática, você começou a agir como se fossem amigos de infância, agora olha só, estamos cheios de problemas. Eu não sei como você pretende resolver isso, mas é melhor que faça isso logo". Esse pensamento me fez sorrir por um instante e senti meu coração apertar. Estava com saudade dele, e agora, estava assustado.

Meu pai não estaria errado em suas palavras; eu não fazia ideia de que me envolver com os Porto Real como eu me envolvi traria tantos problemas, mesmo com os constantes avisos do meu pai. O único problema era que isso era inevitável e aconteceria mais cedo ou mais tarde. Éramos irmãos, todos filhos da mesma mãe, e nossa ligação era inquebrável e eterna; não havia nada que nenhum de nós pudéssemos fazer para mudar isso. Mesmo que não tivéssemos descoberto nessa viagem e que isso levasse mais dez anos para acontecer, não mudaria o fato de que um dia a verdade viria à tona.

De certa forma, eu ficava até feliz em pensar que isso aconteceu agora. Pelo que eu entendi, em pouco tempo, essa outra família usaria das informações que forjou para acusar meu pai. Se já não soubéssemos toda a verdade, declararíamos guerra uns contra os outros. Eu, obviamente, me sentiria na obrigação de defender meu pai, e Luke faria de tudo para acertar as contas e garantir que meu pai "pagasse pelo que fez". Em meio a todo esse clima, seria muito pior se a verdade aparecesse e descobríssemos que éramos irmãos. Isso alimentaria ainda mais nosso ódio, pois faria sentido meu pai querer fazer mal a Luke, e passaríamos a nos odiar tanto que nada mais

importaria. Eu tinha que admitir que esse era um plano muito bom; eles nos atingiriam com tudo.

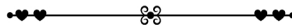
O que eu não conseguia entender era as motivações que levavam as pessoas a agirem desse jeito. Pelo que ouvi do patriarca da família Porto Real, ele não era o homem mais amável e bonzinho do mundo e, para que a família Nicolau Caputti tivesse ido tão longe, a ponto de prender Luke, acusando-o de assassinato, ele devia ter feito algo realmente terrível, o que eu não duvidava. Mas ficar tentando entender o que levou suas famílias a se odiarem tanto não me adiantaria. Eu, gostasse ou não, já estava envolvido nisso.

O que me restava agora era tentar proteger meu pai e quem eu amava o máximo que conseguisse, e o principal de tudo, não me envolver mais nessa história. Eu sabia que Baltazar disse que poderíamos contar uns com os outros e que deveríamos nos apoiar, mas eu não fiz nada para ter que lidar com isso, e toda essa briga era deles, não minha. Podíamos ter o mesmo sangue, mas família de verdade, nós não éramos, e eu sabia que dizer tal coisa podia parecer cruel, mas palavras bonitas não salvam vidas, e eu não queria descobrir se qualquer um dos dois lados era capaz de matar; um deles já se provou capaz, então, o que impedia de fazerem outra vez?

Me deitei em minha cama e tentei esvaziar a mente, o que era um pouco difícil nesse momento. O lugar onde eu estava no navio estava em um silêncio absoluto, como se fosse somente eu e mais ninguém ali. Não sei dizer se isso era uma coisa boa ou não; eu não gostava muito de barulho, mas, nesse momento, talvez me distraísse um pouco. Com todo aquele silêncio e minha tentativa de esvaziar minha mente, fui ficando apreensivo e até ansioso. Fechei os olhos para tentar me acalmar e me concentrei apenas na minha respiração, tentando mantê-la calma e constante.

Fiquei assim durante alguns minutos, então meu esgotamento mental, junto do amaro que bebi e da minha tentativa de me manter calmo, fez com que, aos poucos, o sono chegasse. Quando percebi, estava dormindo profundamente. Vi Cloe em perigo, perigo mortal, e tive a sensação de que a culpa era minha e que, para salvá-la, eu precisava fazer uma espécie de sacrifício e perder algo que realmente amava. Então, o lugar onde eu estava pegou fogo e vi tudo virar cinzas. Acordei assustado e completamente suado, com a respiração ofegante. Tudo não passou de um pesadelo.

Meus pensamentos foram interrompidos por alguém batendo na porta, e já era tão tarde que eu não fazia ideia de quem poderia ser. Por alguns segundos, sonhei que talvez fosse Cloe, mas, se eu quisesse realmente superá-la, deveria parar de me iludir. Assim que abri a porta, a surpresa: era Joaquina, uma das ricas do navio.



Luke

LUKE

Pelo cansaço físico e mental que eu me encontrava, o certo seria eu ter apagado depois de transar por horas com a minha namorada, mas isso não aconteceu. Eu pensei que tínhamos resolvido tudo e que, com o tempo, eu conseguiria me sentir melhor com o fato de guardar tantas coisas apenas para mim e não conseguir compartilhar com Cloe muito do que aconteceu comigo. Eu sempre lidei muito bem com os meus sentimentos e sempre soube que a minha maneira de lidar com as coisas era assim, só que eu me sentia tão mal. E o grande problema era que eu não me abria com Cloe, e eu não entendia o porquê.

Rolei de um lado para o outro na minha cama, tentando esvaziar minha mente, mas isso não aconteceu. Meus pensamentos não paravam, e eu me senti culpado, como se estar com Cloe fosse praticamente um crime e que tudo aquilo não passava de um teatro, no qual eu e ela estávamos interpretando alguém que não somos, e que a verdade, que eu lutei tanto para esconder, logo apareceria. Eu realmente tinha sentimentos poderosos pela Cloe, gostava dela de uma forma que nunca me senti assim antes por outra mulher e pensar no que poderíamos ter juntos, nas coisas que conquistaríamos era maravilhoso, sem mencionar que o sexo era de outro mundo, quando transávamos, parecia que nada mais importava, e eu me sentia recarregado.

Sem conseguir mais ficar desse jeito, eu me levantei e fiquei sentado do lado de Cloe, vendo-a dormir. Seu cheiro perfumava todo o quarto, e ela parecia um anjo enquanto estava dormindo. Comecei a passar o dedo por suas costas nua, indo de cima para baixo. Seu sono era profundo, acho que nada poderia acordá-la agora.

— Você fica tão linda quando está dormindo, sabia? — disse, baixo. — Ah, Cloe, tem tanta coisa que eu gostaria que você soubesse, tantas. Eu nem sei por onde começar, e nem sei qual delas é a pior, para ser sincero, acho que, no fundo, minha falta de coragem para dizer tudo aquilo que penso que você deveria saber é a parte pior. Você vem me questionando sobre muitas coisas pelas quais eu passei

nos últimos anos, então vamos lá. Eu era noivo de Samara, mas me envolvi com a prima dela e, no mesmo dia que decidi que não iria mais fazer isso, ela apareceu assassinada, misteriosamente. À medida que as investigações foram se aprofundando, todas as pistas apontavam para mim, mas eu juro por tudo, que jamais faria uma coisa dessas. Nem mesmo a influência da família Porto Real foi capaz de impedir que eu fosse preso, mesmo sendo inocente. Eu não consegui um álibi e a única pessoa que poderia me ajudar dizendo que estava com ela era Samara, mas ela não fez isso, então eu passei dois anos em regime fechado, numa prisão de segurança máxima dos Estados Unidos, e foram os dois piores anos da minha vida. Samara me deixou, mesmo que eu a amasse muito, e meu pai morreu de tanta tristeza ao ver o nome da família afundando em polêmicas.

Eu olhei para a janela e fiquei refletindo sobre o que acabara de contar para Cloe, mesmo que ela não estivesse escutando. Agora que tudo passou e que posso observar com calma tudo que aconteceu, vejo quantas atitudes erradas eu tive e como eu poderia ter feito tudo ser bem melhor. Minha vida hoje seria outra.

— Você me perguntou se eu conhecia Silvia Helena... Sim, eu a conheço, mas, para ser sincero, gostaria de não conhecer. No dia da festa, eu estava procurando por você, mas acabei encontrando com ela e, por causa da máscara, pensei ser você. Ela sabia que eu estava me confundindo e não fez nada, conversamos a noite toda, nos beijamos e... Quando ela estava no meu quarto, soube que não era você. Eu poderia ter parado e a mandado ir embora, mas meu corpo falou mais alto e eu me deixei levar. Ela agora vive me procurando e não me deixa em paz por nada, eu já expliquei a ela que aquilo foi um erro, mas de nada adianta, ela e Samara parecem que estão dispostas a tudo para nos separar, mas eu não vou deixar isso acontecer. Mas, de tudo que eu tenho para lhe contar e que queria mais que qualquer coisa que você soubesse, é um segredo que você nem sonha e que talvez explique muita coisa para você. Uns meses atrás, meu irmão queria conhecer você melhor, então procurou por seus antecedentes, nada de mais, um procedimento padrão em toda empresa, até que foi procurando e investigando, e descobriu uma coisa que me deixou abismado. Elizabetta e Giorgio são, na verdade, seus avós paternos.

No exato momento em que eu disse isso, Cloe abriu os olhos de repente, pude ver isso através do reflexo do espelho, ela estava escutando tudo que eu disse até agora. Ela se sentou de repente e me olhou nos olhos, sem acreditar.

— Me diz, por favor, que, de todas as coisas absurdas que você escondeu de mim, o fato de saber que eu estava no mesmo navio com os meus avós o tempo todo é mentira. Só me diga isso — Cloe falou, e eu nem sequer fui capaz de responder. Ela rapidamente se levantou,

vestiu suas roupas e foi em direção à porta, mas eu tentei impedir.

— Não precisa fugir correndo de mim, ainda sou eu.

— Ainda é você? Eu nem sei quem é você. Você chegou na minha vida parecendo ser um cara legal, mas quanto mais nos aproximamos, menos eu conhecia você, e agora descubro essa quantidade de segredos que você vem escondendo de mim. Você se autossabotou a vida inteira por não conseguir ser sincero com as outras pessoas, seja com Samara, com a Silvia, ou comigo. Eu achei que com o tempo você iria confiar em mim e conseguiria se abrir, mas não, não dá para mudar você.

— Mas eu te amo...

— Não, Luke, você não ama. Você ama a perspectiva de futuro que tínhamos juntos e como eu significava um novo recomeço para você, mas nós dois sabemos que não nos amávamos, apenas nos iludíamos esse tempo todo. Porque tínhamos química e nos encaixávamos bem, não significa que fomos feitos um para o outro, e agora, mais do que nunca, sei que não poderíamos nunca dar certo, não pelo jeito que você é, mas pelo jeito que eu sou. Eu cresci cercada de mentiras e não quero nunca mais passar por isso de novo, e sei que você será assim para sempre. Então, para que as coisas não se compliquem mais, vamos fingir que "isso" nunca aconteceu. E, por favor, não me procure mais, nada do que você disser vai mudar tudo que aconteceu, e será melhor assim, nós dois sabemos disso — Cloe declarou, abriu a porta e foi embora para sempre.



Sabe quando você imagina algo dentro de sua cabeça por muito tempo que parece ser a coisa mais incrível e inteligente a se fazer, porém, quando você abre a boca e diz em voz alta, percebe o quão cretino e absurdo é tudo que você pensou? Pois é, pude sentir na pele qual é essa sensação, e posso afirmar: pior do que ter que se ouvir dizendo absurdos é ter que conviver com as consequências. Cloe saiu correndo do meu quarto e, para minha grande surpresa, eu não fui atrás dela. E eu sei que o que se espera nesse momento é que ocorra a grande cena de todo final de filme de comédia romântica, onde o homem sai em desespero atrás do seu grande amor, burlando todas as regras, como se tudo fosse um grande conto de fadas, então eles se beijam e vivem felizes para sempre. Mas eu não fiz isso, talvez o feliz para sempre não seja para todos e, se assim for, ele definitivamente não é para mim. Os finais, sim. O feliz para sempre, não.

E, pela primeira vez em muito tempo, eu não quis lutar contra isso, eu apenas aceitei que essa história de conto de fadas não é

minha, e que muito provavelmente eu fiz por merecer acabar assim. Eu me deitei em minha cama, olhei para o teto e fiquei procurando por algo, mas eu não sei exatamente o que. Seriam perguntas? Seriam respostas? Minha mente parecia estar a mil por hora ao mesmo tempo em que parecia estar desligada. Meu corpo doía, eu não saberia explicar onde, ou mesmo de onde vinha essa dor, eu só sei que era uma dor aguda, forte, que me pesava e me consumia de dentro para fora.

Eu desejei chorar, mas nada veio. Eu desejei morrer, mas não morri. Como eu consegui fazer uma merda tão grande como essa? Quando soube da ideia desse navio, pouquíssimos dias antes de sair da prisão, eu já começava a imaginar como essa oportunidade seria boa. É claro que, à medida que essa história foi amadurecendo na minha mente, eu fui criando meus receios, mas eu enxergava essa viagem como o ponto de partida para uma nova vida. E meus objetivos não eram tão impossíveis assim. Eu queria me envolver mais com minha família e voltar a ter afinidade com os negócios. Descansar o corpo e a mente daquele lugar horrível e recarregar minhas energias com esse paraíso flutuante que é o Netuno. Mas, principalmente, evoluir como um homem e não ser mais aquele moleque que só fazia coisas imprudentes e que acabou sendo preso por conta disso. No final das contas, consegui ser ainda pior do que eu era, não me envolvi em nada da minha família, nem da empresa, me vi ganhando mais um irmão e brincando com as pessoas a minha volta, como se tudo isso fosse um jogo. Eu poderia passar horas e mais horas tentando pensar em alguma coisa boa que fiz enquanto estive aqui, mas nada viria à minha cabeça, porque, de fato, não tem nada.

Quando penso em Cloe, me embaralho em mim mesmo, tentando entender o que aconteceu. Ela me chamou a atenção desde o momento que a ouvi cantando no meu quarto, uma voz tão impotente, linda, ao mesmo tempo em que era tão triste. Desde o momento que nossos olhos se encontraram pela primeira vez, soube quanta dor ela carregava, e isso foi o que mais me chamou a atenção, e é provável que este tenha sido o meu maior erro: achar que poderia salvá-la e que, assim, ela, de alguma forma, me salvaria também.

Não sei dizer se a amava, ou se a amei em algum momento. Talvez só nos encontramos em momentos errados, e o que tínhamos se perdeu em meio a todas as confusões, confusões que eu mesmo fui responsável por causar. Tínhamos tudo para sermos felizes, mas não fomos. Ou quem sabe nunca tivemos nada em comum e só estava forçando porque a atração que sentíamos era inegável. Seja pelo que fosse, não acabaríamos juntos, esta é a verdade, por mais que me doa admitir. O que me resta é pensar que toda essa viagem foi uma grande perda de tempo, e isso me deixa com raiva, já que tenho a sensação de

que nada que eu faça irá para frente e que estou predestinado a permanecer na mesmice. Isso é cruel e assustador, e eu não sei como mudar isso. Gostaria de saber como, mas não sei. Então fechei meus olhos e refleti sobre tudo que aconteceu, não apenas nos últimos meses, mas nos últimos anos também, e quando deixei meus pensamentos se guiarem pelas minhas memórias, apenas um rosto apareceu. Pensava que talvez essa viagem não tivesse sido totalmente perdida, e que ainda daria tempo de fazer alguma coisa boa de verdade.

Eu me levantei rapidamente e pedi serviço de quarto; eu precisava comer para ver se recuperava minha energia. Mandeí mensagem marcando um encontro e me encaminhei para o banheiro, pois meu corpo implorava por um banho. Deixei a água na temperatura mais baixa que consegui sem sentir incômodo pelo frio. Aquilo me fez acordar, e eu tentei, de alguma forma, sentir que a água estava levando tudo embora pelo ralo e que, quando desligasse, eu seria outra pessoa. O banho foi longo e eu tive que lutar a todo tempo para não visualizar os cenários imaginários que já tive com Cloe naquele banheiro. Eu e Cloe não existimos, eu nem sei se um dia sequer existiu, e por isso é hora de dar um novo rumo para minha vida.

Saí e vi que meu café da manhã já estava à minha espera, e eu não sabia que estava com tanta fome. Devorei tudo com certa velocidade. Me vesti com roupas formais, ajeitei meu cabelo, olhei no espelho e confirmei as horas: eu já estava atrasado, devia ir logo para o meu primeiro compromisso do dia, infelizmente, e, em seguida, para o meu encontro. Espera, isso é um encontro?



Cloe

Cloe

Era inacreditável. Eu já deveria ter me acostumado com isso, com essas reviravoltas e com essa teia de mentira que cerca todos de quem me aproximo, sempre foi assim, e sempre vai ser. As palavras que Luke ficavam pairando na minha cabeça, sobre quem Elizabetta realmente era. A essas alturas, todos os segredos que ele escondeu de mim, e olha que foram muitos, não me incomodavam; se o sentimento que um dia começou a existir por ele fosse personificado, Luke o

matou com as próprias atitudes. Mas não quero pensar nele agora, não quero pensar em mais nada. Eu apenas precisava falar com Elizabetta e Giorgio; se eles não sabiam de nada, já passou da hora de eles saberem.

Conferi as horas no meu celular e vi que já passava das quatro da manhã. Fiquei com certo receio, mas nada mais me importava; eu precisava, de uma vez por todas, me entender com meu passado.

Passaram-se quase cinco minutos até alguém vir abrir a porta e, quando vi o quão sonolento estava o capitão, eu quase me arrependi de ter ido lá tão cedo.

— Cloe? O que foi que aconteceu? — perguntou, preocupado.

— Para ser sincera, eu nem sabia como falar isso, por onde deveria começar, mas é que...

— Você só pode estar brincando comigo! O que você quer, garota? — Elizabetta me interrompeu, totalmente enfurecida. Aquele susto inicial que desde o primeiro dia que a vi senti passou logo de uma vez e eu finalmente tomei coragem de encará-la.

— Eu, sinceramente, não sei de onde foi que você tirou tanto ódio assim de mim, principalmente porque não nos conhecemos, mas isso não pode mais continuar, e eu não ligo se você não acreditar em mim, ou achar que eu estou louca, mas eu descobri, há uns quinze minutos, que, na verdade, sou sua neta. — Assim que disse isso, ela me encarou por alguns segundos, então falou:

— Você é louca, precisa de tratamento. Me deixa em paz! — E fechou a porta na minha cara. O capitão Giorgio ficou imóvel assim que ouviu o que eu disse; ele estava sem reação.

— Então me diz que não tem um filho chamado Stefano Carrilho, e eu vou embora — disse, com a voz abafada pela porta.

— Eu tive um filho chamado Stefano, mas ele leva meu sobrenome, não o seu. — Elizabetta abriu a porta de repente, me encarando.

— Tia Deusa deve ter mentido sobre isso também... — falei mais para mim do que para Elizabetta.

— O que foi que disse? — perguntou.

— Eu sei que isso é loucura, mas eu acho que realmente temos o mesmo sangue.

— É por isso que me encantei pelo seu nome desde a primeira vez que eu o ouvi — o capitão falou, de repente. Elizabetta e eu estávamos tão concentradas em brigar que mal percebemos toda a movimentação que ele fez durante todo esse tempo. Ele tinha em mãos uma carta e uma foto. — Esta foi a última coisa que Stefano nos escreveu, antes de sofrer o acidente. Nela, ele nos conta que sua filha nasceu e que finalmente sua família estava completa, mais do que

nunca. Disse que Deusa, nossa filha e sua irmã, finalmente poderia parar de se exibir por já ter filhas, e ele não. Disse que a escolha do nome foi complicada, mas que, assim que olhou em seus olhos, ele soube que, depois de tantas coisas que eles passaram juntos, finalmente a vida voltara a florescer com a sua chegada, por isso o nome Cloe. Ele conta que está tudo bem e que lamenta não estar tão presente, mas que, em breve, mudaria isso, pois sentia vontade de voltar a navegar. E nos mandou essa foto.

Eu peguei a foto e não consegui conter as lágrimas. Era uma cópia da única foto que tenho dos meus pais comigo. Nem posso contar quantas perguntas me vinham na cabeça de uma só vez, mas nada disso importava; eu estava diante dos meus avós, um último resquício da minha família. Olhei para os dois que, de alguma forma, tentavam buscar seu filho em mim. Elizabetta parecia relutante, mas era possível ver a alegria de Giorgio crescendo. Ela entrou no quarto de repente e, por um impulso, eu fui atrás. Ela era incapaz de me olhar nos olhos.

— Eu sei que você me odeia, e você tem os seus motivos. De um jeito que eu não sei explicar, eu reconheci você desde o momento que pus os olhos em você, mas não queria me alimentar com falsas esperanças. Eu acho que agora é a hora da verdade: você precisa saber a história da sua família, e eu vou te contar.



CAPÍTULO 24

“Contos de fadas são mais que verdade; não porque nos dizem que dragões existem, mas porque eles nos dizem que dragões podem ser derrotados”.

Cloe

Cloe

— Stefano era exatos três anos mais jovem que nossa filha Deusa, sempre achávamos engraçado terem nascido no mesmo dia, apenas em anos diferentes. Era impressionante como conseguiam ser duas pessoas tão opostas. Stefano era carinhoso, atencioso, valorizava tudo aquilo que o dinheiro não era capaz de comprar e tinha o dom que conseguir unir nossa família. Deusa, por outro lado, era ambiciosa, interesseira e sonhava com uma vida de luxo muito além da nossa compreensão. Eu tinha medo do que ela se tornaria quando ficasse mais velha, mas nunca deixei que isso me assustasse. Quando seu pai completou vinte e seis anos, ele conheceu sua mãe, e foi aí que tudo mudou. Sua mãe vivia em uma realidade muito diferente da nossa. Eles não eram tão estáveis financeiramente, mas eram bem mais unidos, felizes de verdade. Não me entenda mal, não é que vivíamos infelizes ou à base de brigas, mas acredito que você saiba melhor que ninguém o que é conviver com Deusa. Por finalmente conhecer um ambiente familiar tão melhor que o próprio, Stefano foi, aos poucos, se afastando de nós dois. Na época, eu culpava sua mãe e perdi totalmente o interesse na nova família que estava se formando. Dois anos depois de se conhecerem, veio a notícia: sua mãe estava grávida. Aquilo nos uniu outra vez e isso só aumentou o ódio de sua

tia, ela não conseguia entender que, para mim, eu só queria que todos nós vivêssemos em paz, para ela, eu amava mais Stefano — Elizabetta começou.

— Seu pai era capitão, assim como eu, mas quando conheceu sua mãe, ele decidiu seguir o próprio caminho. Com a sua chegada, ele se reaproximou de mim, de todos nós na verdade, e pensávamos que tudo voltaria a ser como era. Mas Deusa não queria nada disso. Só que ninguém poderia imaginar que ela seria capaz de fazer uma coisa tão horrível quanto ela fez. Muitos anos se passaram e vivíamos em perfeita harmonia, estranhamente sua tia era mais presente e parecia ter mudado bastante. Um dia seu pai nos ligou e nos convidou, eu e Elizabetta, para um passeio de barco, pois queria contar uma coisa importante. Uns quinze minutos depois, Elizabetta nos liga de volta, dizendo que Stefano a pediu para nos desconvidar, pois ele teve uma mudança de planos e queria ficar sozinho com a família. Eu achei aquilo muito estranho, não era do seu feitio agir daquele jeito, mas decidi confiar no que ela estava dizendo. Para a viagem, usaríamos o barco da família, que havíamos comprado há uns anos. Só que o barco estava com um problema no motor, e seu pai não sabia, então eu pedi para Deusa ligar para ele e explicar o problema... — Giorgio continuou, mas Elizabetta o interrompeu:

— Pediu a Deusa? Você me disse que nunca pediu isso a ela e que era culpa sua e só sua.

— Eu não queria causar mais dor e sofrimento a você, e não queria que pensasse que sua própria filha é um monstro — Giorgio respondeu.

— Então você está me dizendo que... depois de todos esses anos, eu não... — Elizabetta disse, e então começou a chorar sem parar.

— Eu não entendi. O que aconteceu? — perguntei.

— Acontece que Deusa nunca disse ao irmão sobre esse problema, e foi isso que causou o acidente de matou os seus pais. Eles sofreram um grave acidente de barco e morreram, você não sabia disso? — Giorgio perguntou, e eu neguei com a cabeça. — Deusa não apenas foi negligente, como também mentiu.

— Ela nos disse que você havia morrido no acidente, por isso nunca procuramos por você, e depois que tudo isso aconteceu, perdemos o contato com ela. Deusa mudou de telefone e de endereço e nunca nos procurou. Eu nunca pude compreender o que ela queria com tudo isso — Elizabetta disse.

— Ela queria a herança enorme que meus pais iriam deixar para mim. Não sei como ela sabia disso, e nem sei mais se a quantidade que ela dizia ser minha por direito era essa, mas meus pais haviam me deixado muito dinheiro, e ela gastou tudo com roupas, festas e outras futilidades, por isso resolvi fugir dela — expliquei.

— Durante todos esses anos eu nunca nem ao menos desconfiei que criei um monstro, capaz de matar o próprio irmão por dinheiro e por ciúmes. Eu nem quero imaginar tudo que você passou por causa dela — Giorgio falou outra vez.

— Deusa não apenas destruiu a nossa família, como me fez odiar Giorgio, pensando que ele era o culpado pela morte do nosso filho. Ela fez você passar por muitas coisas, e eu também. Assim que vi você, eu reconheci meu filho em você, seja nas atitudes, no olhar, no bom humor, e no carinho com as pessoas, então eu tive medo. Tive medo do fantasma que ainda me assombra por tudo que aconteceu e tive medo de me iludir a ponto de achar que você realmente poderia ser Cloe, a minha Cloe. O segredo que Stefano tinha para nos contar era que sua mãe estava grávida outra vez, você iria ter um irmão — Elizabetta falou, e eu não soube o que dizer.

Todas essas informações vindas de uma só vez. Eu sempre vi maldade no coração de tia Deusa, mas não sabia que fui literalmente criada por um monstro e que pessoas como ela, com um coração tão ruim, existissem de verdade e não apenas nos filmes.

— Eu nem sei o que fazer a partir de agora, e nem sei como consertar anos de abuso psicológico, e eu entendo se você me odiar e não quiser mais falar comigo. Mas você seria capaz de me perdoar e me deixar pelo menos te mostrar que não sou como minha filha. Eu posso ver o mesmo brilho que Stefano tinha nos olhos sempre que olho para você, e há muitas coisas que precisamos falar, precisamos saber e, de certa forma, precisamos perdoar. E, então, o que você disse? Aceitaria dar uma chance a sua família? — Elizabetta perguntou, e eu não respondi, apenas a abracei, forte, intensamente. Giorgio veio e nos abraçou também.

Pela primeira vez em toda a minha vida eu pude saber o que é ganhar um abraço da família, o que é saber que alguém, sangue do seu sangue, se preocupa e se importa com você. Eu não queria mais pensar em nada do que foi, ou em todo o tempo que perdemos. Eu só queria aproveitar meus avós, minha família. Me cansei de segredos e mentiras, estava na hora de eu ser feliz de verdade.



Luke

— Eu me lembro da primeira vez que você me disse que “pau que nasce torto nunca se endireita”. Você nunca usou esse termo para se referir a si mesmo, era só quando se envolvia em algum problema da faculdade, ou com algum amigo, o que é uma grande ironia, considerando que você é o exemplo vivo de seu próprio bordão — disse, e suas palavras me doeram mais do que eu esperava, pois ela estava certa, eu provavelmente nunca vou me endireitar.

— Eu só chamei você porque acho que já passou da hora de a gente se acertar, de uma vez por todas — disse.

— E o que isso vai mudar? Além de não termos nada para acertar, você já fez sua escolha, escolheu a camareira, e tá tudo bem, mas não pense que eu ainda vou ficar atrás de você, porque não vou, eu tenho um limite e com certeza já cheguei nele — respondeu e deu as costas, mas eu segurei o seu braço.

— Samara! Espera, por favor. — Ela parou onde estava, e eu afrouxei o aperto, mas ainda mantive contato. — Isso não é uma disputa e ninguém escolhe ninguém, além disso, Cloe e eu não estamos mais juntos...

— Então está me dizendo que sou seu prêmio de consolação? Você realmente sabe fazer tudo ficar muito pior.

— Você não é um prêmio de consolação e muito menos deveria achar que vir aqui porque quero tentar alguma coisa com você — respondi um pouco irritado. — Sei que tenho sido um idiota com a maioria das pessoas, mas me cansei disso e acho que deveria começar com você.

Samara me encarou por alguns segundos, parecia que estava tentando entender aonde eu queria chegar com essa conversa toda, e eu não a culpava. Eu simplesmente mandei mensagem dizendo que queria conversar e isso, de certo ponto de vista, poderia soar com segundas intenções, o que definitivamente não era o caso. Eu só queria me resolver com o meu passado para então pensar no meu futuro, antes que minha vida toda passasse diante dos meus olhos e eu não fizesse nada.

— Por mais que eu entenda que isso seja estranho, eu sei que temos coisas para resolver e, se você quiser, eu quero fazer isso agora. A primeira coisa que eu quero fazer é pedir desculpas a você — falei, ela me olhou perplexa.

— Desculpas?

— Sim. Quando estávamos juntos, fui um completo idiota por me aproximar de sua prima. Nunca tivemos nada físico, eu espero que acredite em mim, mas sei que isso não é desculpa, e que o que eu fiz é considerado traição, sim. Você não merecia passar por isso, e eu fui injusto com você, espero, de verdade, que um dia me perdoe. Depois eu peço desculpas por pedir que você mentisse no tribunal para me

ajudar, isso, antes de qualquer coisa, é crime, e caso fosse descoberta, não quero nem pensar em onde você poderia estar hoje, e eu não me perdoaria nunca, eu queria pensar naquela época como penso hoje, mas não posso mudar o passado. Eu fiquei destruído quando você terminou comigo por carta e...

— Eu sinto muito pela forma que nosso relacionamento terminou — Samara me interrompeu. — Eu sabia, sempre soube que você não a matou, mas tive medo de dizer isso e, mesmo depois que você foi preso e com tudo que eu sabia, achei que era melhor investigar por fora, para entender quem matou minha prima e por que quis culpar você. Acontece que, no meio dessa investigação, eu descobri que ela estava grávida e isso foi o fim do mundo para mim. Eu pensei que você pudesse ser o pai e isso me destruiu por dentro, então, com o coração partido, eu terminei com você da forma mais cruel possível e espero que um dia você me perdoe. Uma semana depois, o detetive conseguiu realizar o teste de DNA e descobriu que você não era o pai e que muito provavelmente vocês nunca nem fizeram nada, mas eu não quis saber quem era o pai e pedi que finalizasse imediatamente a investigação. Aquilo era muito para mim e eu estava muito mal pela forma como acabei com o nosso relacionamento. Você não foi o único que sofreu naquela época.

Então ficamos em silêncio. Não que eu pensasse que tudo tenha sido às mil maravilhas para ela, mas não me sentia tão sozinho mais ao saber que não foram tempos difíceis só para mim.

— Por que você veio para esse navio? — Nós dois perguntamos ao mesmo tempo e então sorrimos fraco.

— Você primeiro — ela disse.

— Eu precisava sentir que estava começando de algum lugar, e meio que tirar férias de tudo que eu passei. Ainda tenho pesadelos em que eu volto para prisão e dessa vez fico lá para sempre. E porque eu também... precisava esquecer você completamente. Eu meio que estava fugindo. Sua vez.

— Bom, a verdade é que minha família faliu completamente. Você deve saber dos boatos provavelmente, então eu vim porque tentaria me aproximar de você, e, bom, ter minha estabilidade financeira garantida, mas eu desisti disso.

— Por que você desistiu? — perguntei, curioso.

— À medida que eu era cruel com Cloe, só conseguia me sentir cada vez pior, e a convivência com Silvia Helena não me fez bem. Ela é um ser humano horrível e, quando comecei a questionar suas ações, ela me mostrou que eu estava me tornando igual a ela, e isso me apavorou. Eu me arrependo do jeito que agi com Cloe, e sei que nem minhas desculpas ela iria querer ouvir, então achei melhor deixar isso tudo para lá, o fato de não ter mais um centavo é assustador, mas não

é o fim do mundo, e muito menos é razão para humilhar alguém, e eu quero conseguir meu dinheiro pelo meu esforço, não por interesse. E também por que... Eu não poderia me envolver com você, você ainda mexe comigo, muito.

Outra vez ficamos em silêncio. Eu conheço Samara há muito tempo e ainda que tenhamos nos afastado, eu sei quando ela está mentindo e quando não está, e sei que, naquele momento, ela estava sendo sincera, o que me pegou de surpresa, eu não sabia que, para ela, nossa história ainda não tinha terminado. Ela cometeu muitos erros, mas quem sou eu para julgar.

— O que acha de a gente se ajudar? — perguntei a ela, de repente.

— Como assim?

— Você disse que sua família está falida, não é? Por que não trabalhamos juntos? Setorizamos nossa empresa, e cada irmão ficou responsável por uma coisa. O que acha de trabalhar comigo?

— Agradeço a oferta, mas não preciso da sua pena... — Samara começou, mas eu logo a interrompi.

— Eu não estou, nem nunca tive pena de você, isso não é uma tentativa de me reaproximar de você, ou de te compensar de alguma forma. Eu só acho, como sempre achei, que trabalhamos bem juntos e que somos uma boa dupla. E agora, mais do que nunca, eu preciso de um amigo, de verdade. Esta talvez seja a melhor forma de eu recomçar, e você também, quem sabe.

— Não sei se isso é uma boa ideia — disse, olhando nos meus olhos.

— Não precisa responder agora e, também, não precisa aceitar se não quiser. Só pensa a respeito, nós dois estamos tendo uma nova chance de consertar nossas vidas, acho que deveríamos aproveitar — respondi, e Samara me abraçou. Eu não estava esperando por isso, mas a abracei de volta, e eu tive, como sempre ao lado dela, um sentimento de acolhimento, proteção.

— Eu acho que já sei o que eu quero — Samara falou.



Mais uma vez, fiz minha refeição dentro do quarto. Eu sabia que encontrar com Cloe era inevitável, mas conseguia adiar isso o quanto antes. Sabia que, no momento certo, iríamos nos acertar, mas, naquele momento, queria ir por partes. Já havia resolvido as coisas com Samara e tinha certeza de que me auxiliaria bastante no comando da empresa. Depois da nossa conversa, cheguei à conclusão de que talvez não precisássemos acabar com tudo de uma vez. Isso poderia ser um recomeço não de um relacionamento sério como o que tínhamos, mas de uma amizade. Ela sempre foi minha amiga e sempre me ajudou.

Acreditava que isso não mudou com o tempo. Sem mencionar que concordamos em continuar a investigação sobre quem realmente assassinou sua prima. Gaspar provavelmente já tinha feito isso, mas achei que esse assunto não cabia a ele. Era um problema meu, e eu precisava resolver. E, falando em resolver problemas, queria conversar com meus irmãos, sem Gustavo. Eu não estava muito bem, como foi mais cedo. Pouco antes de me encontrar com Samara, tivemos uma reunião nós quatro e decidimos como íamos levar a empresa dali para frente. Cada um escolheu aquilo que se identificava mais e, dessa forma, manteríamos a qualidade da nossa empresa e os laços da família, já que constantemente entraríamos em contato uns com os outros.

Eu ainda não sabia como me sentia em relação a Gustavo. Sabia que ele gostava de Cloe, e provavelmente iriam ficar juntos, mas não queria que isso atrapalhasse nossa aproximação. Afinal, tínhamos o mesmo sangue e, por mais que eu tivesse andado bem afastado, sempre valorizei muito a família.

Por volta das duas horas, fui ao escritório de Gaspar e o encontrei sozinho, olhando para a janela. Conversamos durante muito tempo sobre como as coisas aconteceram e como poderiam ser dali para frente. Pedi desculpas por tudo que causei, disse que pretendia mudar e aproveitei para contar o que aconteceu com Cloe e a conversa que tive com Samara.

— E-eu já sa-sabia que vocês na-não ficariam junto-tos. Vocês sa-são muito di-di-diferentes, isso atrapa-palha muito. Mas confe-fesso que esto-tou surpreso, em relação a Sa-Samara — Gaspar disse.

— Eu também estou, para falar a verdade. Eu sentia que precisava falar com ela, pois ficava pensando em tudo que já me aconteceu e apenas o rosto dela vinha a minha mente. A conversa foi boa e eu me sinto bem mais aliviado. Ainda estou confuso e triste, mas parece que, pela primeira vez em muito tempo, eu estou feliz com o que tenho no presente e como isso me inspira a ser melhor no futuro — Gaspar abriu um sorriso.

— Só to-toma cuidado-do. Sa-Samara aprontou muito-to aqui no na-na-navio. E você pa-parece feliz a-até demais.

— O que você quer dizer com isso?

— Que-que você ainda-da pensa ne-ne-nela — Gaspar falou com um sorriso no rosto, e eu tina medo de ele estar certo e de isso, de alguma forma, atrapalhar a parceria que estávamos formando. Acho que essa viagem foi uma lição mais que satisfatória, chega de romance por enquanto.

— Acho que você está vendo coisa onde não tem. Só estou empolgado para poder voltar a trabalhar e pensar em outra coisa que não seja em mim e em meus problemas. É como ver uma luz no fim do

túnel. Aliás, por falar em parceria de negócios, o que houve com a Mérida? Faz muito tempo que não a vejo atrás de você.

— É uma longa-ga história, ela meio que-que vai trabalhar com A-A-Azar agora — respondeu, desviando o olhar.

— E você não vai me contar o porquê? — perguntei.

— Talvez se-seja melhor vo-vo-vocês dois co-conversarem — meu irmão gêmeo sugeriu.

Eu já o conhecia o suficiente para saber que, para Gaspar dizer isso, era porque ele sabia de algo que eu ainda não sabia e que falar com o meu irmão caçula era necessário. Às vezes não entendia a razão de ele agir desse jeito, mas sabia que suas intenções eram as melhores e que ele só queria nos aproximar. Além disso, ele não estava totalmente errado, eu realmente precisava falar com o meu irmão, e eu faria isso ainda hoje.

— Mas antes de eu falar com Baltazar, por que não me conta como conquistou o coração da top model? — perguntei e vi um sorriso bobo aparecer no rosto de Gaspar.



Cloe

Cloe

Já haviam passado das oito da manhã quando saí do quarto de Elizabetta e Giorgio... Quero dizer, do quarto dos meus avós. Isso era tão novo para mim, mas sentia que poderia me habituar a isso sem nenhum problema; mal podia esperar para contar a todos que tinha uma família. Não que estivesse anulando tudo de ruim que se passou durante todos esses anos e como minha tia era cruel e sem coração, mas entre ficar mal e revoltada por algo que aconteceu e ficar feliz e empolgada pelo que estava por vir, eu ficava com a segunda opção. Cansei de me sentir mal por tudo que passei e por encontrar tantas pessoas, digamos, complicadas.

Estava voltando para o meu quarto até me lembrar de uma coisa importante: Carlota e Joaquina me disseram que, quando eu descobrisse tudo, deveria ir falar com elas. Mas qual seria o motivo? Já não esperava mais nada de ninguém e, se minha vida fosse como num conto de fadas, não sabia dizer se elas eram minhas fadas-madrinhas, ou as bruxas. Não que tivessem feito alguma maldade comigo, mas, nos últimos dias, muitas revelações foram feitas e a maioria das pessoas que eu pensava ser uma coisa, na verdade, era outra. Penélope não era ruim, Luke podia muito bem ser um babaca, e Elizabetta era, na verdade, minha avó, que queria muito se aproximar

de mim; eu jamais poderia imaginar que tantas coisas iriam mudar em tão pouco tempo.

Mudei minha rota direto para o quarto delas, a essas alturas, eu não estava me preocupando com a minha função na cozinha, o que, de certa forma, era uma vergonha, mas eu não me importava. Queria saber o que elas tinham a me contar e, principalmente, entender por que brincaram comigo desse jeito.

— Não diga nada, apenas entre — Carlota disse assim que me viu na porta.

— E então, o que tem para nos contar? — Joaquina quis saber.

— Não seria eu que deveria estar dizendo isso?

— Primeiro você — disseram ao mesmo tempo.

Então eu contei a elas tudo que acontecera. Todas as coisas que Luke me contou, e a longa conversa que tive com Elizabetta e Giorgio. O sorriso de felicidade delas foi crescendo à medida que eu falava, e aquilo estava me intrigando cada vez mais. Afinal, quem elas eram? E por que as coisas darem certo para mim as deixavam tão felizes?

— Agora que eu contei, podem me dizer por que pediram que eu fizesse tudo isso?

— Há muitos anos, quando ainda sonhávamos com o dinheiro e com a estabilidade financeira, éramos apenas duas meninas que não tinham um convívio familiar dos melhores. Nosso pai nos abandonou quando éramos bebês, então nossa mãe vivia trabalhando fora e quase não parava em casa. Em meio a tudo isso e de um jeito totalmente inesperado, nós conhecemos nosso vizinho caladão. Nunca falamos com ele, mas ele nos livrou de um bom esporro, como você já deve ter percebido, pois Elizabetta não é a pessoa mais calma do mundo, e isso não era muito diferente com crianças. Estávamos tentando sequestrar a boneca favorita de Deusa, mas Stefano não nos entregou, e foi assim que começou nossa amizade. Tínhamos a estranha brincadeira de sempre paquerar seu pai, Giorgio, mas antigamente era apenas um segredo entre nós dois. Nós três éramos melhores amigos e prometemos que sempre nos ajudaríamos e cuidaríamos de tudo que amamos. Quando seu pai sofreu o acidente, tudo mudou e, de alguma maneira, uma parte nossa morreu aquele dia. Não há um dia que eu não sinta falta do seu pai. E, quando encontramos você, nós o reconhecemos na hora, sempre soube que você era filha dele. Não dá para explicar, mas você carrega muito dele com você — Joaquina contou com os olhos cheios de lágrimas.

— Nós procuramos por você por anos, mas nunca encontramos, Deusa conseguiu esconder você muito bem de todos. Queria ter contado tudo a você desde o momento que conversamos pela primeira vez, até que percebemos que você estava se apaixonando por Luke. Entenda: ele não é de fato um homem ruim, mas isso não faz dele um

bom homem para você. Sempre o conhecemos e sabíamos de tudo que ele fez e como pode ser egoísta em relação ao sentimento de outras pessoas, e você precisaria ver isso por si só, por isso não contamos nada, mas nossa intenção sempre foi cuidar e proteger você, como prometemos ao seu pai, muitos anos atrás — Carlota completou.

A história delas me surpreendeu não apenas por serem amigas de infância, mas por me lembrarem dos meus vizinhos caçadores de encrenca. Os Reis sempre estiveram comigo e tenho certeza de que, se um dia tiverem filhos, eu os protegerei de todas as formas. Tudo aconteceu da mesma maneira duas vezes, seja a confusão que fizeram se conhecer, seja a paixão platônica por um parente, seja o ódio da matriarca. É bom pensar que isso é mais uma coisa que tenho em comum com o meu pai e que provavelmente eu acabei de encontrar mais um motivo para minha tia odiar tanto os meninos; eles a lembravam de Carlota e Joaquina, agora tudo faz sentido.

Olhei para elas e tentei segurar as lágrimas, mas não consegui. Passei por toda a minha vida sem ninguém e agora eu tinha uma família não apenas de sangue, mas aquela que o amor e a amizade faziam. Eu não poderia estar mais feliz. As abracei com força e passamos um tempo desse jeito.

— Você é o último pedacinho do seu pai que ainda temos e se parece tanto com ele, muito mais do que consegue pensar, e é por isso que sempre estaremos aqui para você. E tem mais uma coisa que você precisa resolver, ou melhor, mais uma pessoa — Carlota disse assim que nos separamos.

— Tem? — perguntei sem entender.

— Pensa comigo: se Luke não encontrou com você na noite do baile de máscaras, então quem dormiu com você? — Joaquina perguntou, e então eu me toquei do que aconteceu. Elas estavam certas, e eu corria o risco de ter perdido minha virgindade com um desconhecido. — Mas, calma, a gente sabe quem estava com você, afinal, estávamos de olho.

— Vimos Luke indo na sua direção quando soube que Elizabetta estava atrás de você, então rapidamente tentamos impedir, porque Gustavo também estava te procurando e, quando vimos que ele conseguiu, nós liberamos Luke, que passou a noite com Silvia.

— Está me dizendo que eu passei a noite com Gustavo?

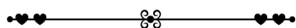
— Passou, e eu nunca vi um homem ser tão apaixonado por uma mulher como ele é por você. E, principalmente, nunca vi ninguém negar tanto os sentimentos por alguém como você faz. Você sabe que o ama, sempre amou, mas fica se enganando, porque não sabe como é ter alguém que te proteja e faça tudo por você — Joaquina disse.

Elas estavam certas, mais uma vez. Eu não sabia explicar o que tinha com Gustavo, mas era diferente, diferente de tudo que já senti.

Ele era meu amigo, mas não como Baltazar, por exemplo, era mais que isso. Nossa química era inexplicável, diferente até mesmo do que era com Luke, e todo esse tempo eu me fechei para ele, mesmo sendo em sua companhia que eu me sentia bem.

— Eu preciso ir falar com ele — falei, indo em direção à porta.

— Nós sabemos, mas se acalme, resolveremos isso para você, hoje à noite.



— Tudo começou a mais ou menos uns dois meses, quando a única conversa desse navio era sobre você e os seus vários casos de amor. Ele sempre me chamava em seu escritório para conversar e, de uns tempos para cá, ele tem se mostrado ainda mais atencioso do que ele sempre foi. Entenda, Gaspar sempre foi um homem incrível, mas muitas pessoas não levam a sério por ser gago, o que me irrita profundamente, então sempre busquei motivá-lo e apoiá-lo no que quer que ele tente, e sempre tive reciprocidade. Mas desde que estramos no navio, ele me trata de um jeito que nunca tratou antes, era como se estivesse mais romântico. Não vou dizer que não gostei de ser tratada desse jeito, mas foi inesperado, para mim, ele sempre me viu como uma amiga e, em poucos dias, pessoas mais próximas começaram a fazer os comentários sobre como ele sempre demonstrou interesse e eu sempre fingi não ver. Só que eu não estava fingindo, eu realmente achava que ele era apenas educado demais. Um dia, após o jantar, ele me convidou para ir ao quarto dele, beber um pouco de vinho e conversar. Depois de algumas taças, ele confessou que sempre me amou desde quando nos conhecemos, e eu fiquei sem reação. Não sabia o que dizer e isso provavelmente o apavorou, então ele começou a ficar muito nervoso e mal conseguia falar. Sem pensar duas vezes, eu o beijei — Andrea fez uma pausa e bebeu um pouco de sua água.

Ela era uma amiga incrível, então achei que seria justo contar a ela sobre a descoberta dos meus avós e o fim do meu relacionamento com Luke, mas antes ela decidiu me contar que estava se apaixonando pelo Gaspar. Ficava feliz por ela, tinha um coração enorme e sempre me ajudou, apesar de conversarmos poucas vezes, mas me senti mal por Mérida, ela parecia gostar de verdade de seu chefe, mas a vida era feita de escolhas e, em meio a essas escolhas, alguém acaba com o que não quer, infelizmente.

— Não sei muito bem por que eu fiz aquilo. Acho que, no fundo, eu queria, queria muito poder beijá-lo. Passamos a noite juntos e foi incrível, por conta da minha carreira, eu quase não tenho tempo para relacionamentos e fazia muito tempo que eu não dormia com outra pessoa. Eu me senti amada, protegida, e principalmente tive muito

prazer. A verdade é que nunca me senti assim antes. Então começamos meio que namorar depois disso. Eu nunca abri meu coração e nunca o vi desse jeito antes, mas está sendo maravilhoso. Sei que não será nem um pouco fácil, pelo fato de eu passar boa parte do tempo viajando por todo o mundo e por ele ser um homem muito ocupado, mas nós dois estamos determinados a fazer dar certo, e sei que vamos conseguir. E fico feliz em poder contar isso para alguém, você é a primeira pessoa para quem eu conto — Andrea disse.

Eu me senti feliz por saber que ela me confiou isso. A maioria das pessoas tem a mania de banalizar aquilo que é de fato importante para o outro, e por isso estamos cada vez nos tornando mais isolados e distantes uns dos outros. Espero que isso mude logo e que os sentimentos de todos sejam validados de verdade.

— Eu fico muito feliz em saber que você finalmente encontrou alguém especial e que se alguém está fazendo você feliz, você realmente merece isso.

— Obrigada, Cloe. Acho que agora eu e você meio que somos cunhadas, não é? — disse, brincando, então me lembro de que ela não sabe o que aconteceu.

Eu contei tudo a ela, desde Gustavo ser, na verdade, irmão dos três, o meu término conturbado com Luke, e os motivos que me levaram a isso e a minha melhor e recente descoberta: os meus avós. Ela se indignou com tudo que eu disse, e confesso que era um pouco engraçado ver todas as reações que ela tinha. Quando terminei de contar tudo, ficamos em silêncio por alguns segundos, acho que ela precisava de um tempinho para “digerir” toda a história.

— Eu nem sei dizer o quão surpresa e feliz eu estou pelos seus avós, principalmente por pensar que estavam tão próximos de você esse tempo todo. Considerando tudo que você já passou, agora finalmente você pode dizer que tem uma família. Quanto aos motivos pelo seu término com Luke, eu já conhecia a maioria, exceto seus avós, mas eu não contei a você por que, além de pensar que já soubesse, eu não sou do tipo que se intromete nos assuntos particulares das pessoas, mas confesso que sempre soube que ele dormiu com Sílvia Helena. Uma mulher horripilante, capaz de fazer coisas inimagináveis apenas por dinheiro e status. Por isso, se puder, não fale com ela, nem a veja, nem faça nada, e assim que desembarcar, tente evitá-la ao máximo — Andrea falou de uma forma um pouco assustadora.

— Mas eu nem sei como ela é. Eu literalmente nunca a vi na minha vida.

Andrea pegou o celular, procurou por alguma coisa e me mostrou a foto de uma mulher, mais velha que eu, muito bonita, mas que curiosamente possuía um brilho estranho no olhar, talvez fosse

por conta de todos os comentários que já ouvi sobre ela, ou ela realmente tinha maldade em seus olhos.

— Pode deixar, vou ficar longe dela.

— Por favor. E eu sei que Gustavo é irmão dos Porto Real, Gaspar me contou. Por isso eu disse que somos cunhadas.

— O que você quer dizer com...

— Olha, eu acabei de falar que não me intrometo no assunto de ninguém, e sei que isso não é da minha conta, mas sei que você já dormiram, e é possível ver como ele olha para você, e também como você olha para ele. Então acho que você está fazendo como eu fazia. Se negando a ver como as coisas são e perdendo uma grande oportunidade de ser feliz. Luke não é a pessoa certa para você, e sei que sabe disso. Mas não acha que está perdendo tempo por ainda não ter dado uma chance para quem realmente gosta de você e quer te ver bem?



Conversamos mais um pouco, então eu me lembrei do encontro que marquei com Penélope, eu sei que eu e ela ainda temos muitos assuntos a resolver e que, para a maioria das pessoas, eu não deveria confiar nela, mas algo me disse que ela mudou, de verdade, e eu sempre fui do tipo que pensa que as pessoas merecem segundas chances. Estávamos trocando mensagens enquanto eu caminhava em direção ao meu quarto, que era nosso ponto de encontro, até que, de repente, bato com tudo em uma pessoa.

A vida me surpreende, de todas as formas e em vários sentidos, isso eu não posso negar, mas a coisa que mais me chama a atenção é como tudo funciona, os encontros e desencontros, e como tudo parece já ser programado para me presentear com o máximo de emoção que uma pessoa tem o direito de sentir. A pessoa que eu trombei, praticamente atropelei, era ninguém menos que Silvia Helena, em carne e osso. Eu não sabia o que dizer, então simplesmente fiquei em choque, paralisada.

— Eu simplesmente não consigo acreditar no que os meus olhos estão vendo. Diante de mim, está a responsável por todos os meus planos irem por água abaixo, e eu não conseguir finalmente ficar com Luke — falou num tom que lembra os vilões nos filmes. Eu poderia dizer que isso seria ridículo, se ela não tivesse conseguido me fazer ficar com medo.

— Eu não faço ideia de quem você é e nem o que quer comigo, então me deixa em paz — disse e tentei ir embora, mas ela bloqueou o caminho.

— Ora, não precisa se fazer de desentendida, você sabe muito quem eu sou e o que eu quero com você. Eu quero que você

desapareça e eu não vou medir esforços para fazer isso. E, olha, eu não vou negar, você me deu trabalho. No começo, era tudo muito fácil, eu consegui facilmente manipular a burra da camareira que dividia quarto com você e a imbecil da ex do meu querido Luke, então eu sabia que, em pouco tempo, eu conseguiria te derrubar. Você facilitava ainda mais, dormindo com o cozinheiro e sendo o pesadelo de Elizabetta, então, com uns comentários aqui, e uns erros seus ali, logo você imploraria para sumir daqui. Mas, por alguma razão, todos, de repente, decidiram virar bons samaritanos, ninguém mais queria falar sobre você, a camareira desistiu de me ajudar e Samara disse que não faria mais nada para te prejudicar. Eu ainda tentei conseguir fazer todos desistirem de ir ao seu almoço ridículo, mesmo sendo repreendida pela Samara e ameaçada pela Penélope, mas acabou que todos os funcionários te odiavam, e Elizabetta, bom, eu acho que ela te mataria, se pudesse. Eu até consegui dormir com Luke, e foi maravilhoso, mas isso não foi suficiente para tirar você da cabeça dele, então eu vou ter que apelar — Silvia disse.

Eu não fazia ideia do que responder a ela, ou do que dizer para me livrar de toda essa situação, eu estava apavorada e nem queria pensar no que ela quis dizer ao falar que iria se livrar de mim. Eu sei que não deveria pensar desse jeito, ainda mais com tudo que me aconteceu, mas nunca pensei que receberia esse tipo de ameaça, e principalmente ousar pensar que ela estava apenas falando e que não agiria contra mim.

— Eu não consigo entender o que você tem que fez todo mundo se derreter por você, seja os homens, Penélope, Samara, ninguém mais quer fazer mal à pobre órfã abandonada. Então me diga o que é que você tem de tão especial que fazem todos se derretem por você desse jeito, hein? — quis saber de um jeito sombrio, quase psicótico, como se sentimentos humanos fossem além da compreensão dela.

— Ela tem caráter e um bom coração, duas coisas que você jamais vai saber o que é. Eu não consigo acreditar que um ser humano tão baixo como você é capaz de existir e, ainda pior, consegue ser cruel e covarde, e pensar que todos são como você, movidos pelo ódio e pela ganância, então eu vou te dizer só mais uma vez: ouse falar com Cloe de novo, ou se envolver com qualquer um de nós, e eu conto para a polícia, assim que desembarcar, que você dopou não apenas Luke para dormir com você, mas várias pessoas desse navio, incluindo eu, para agir de acordo com as suas vontades. Além disso, o capitão já está sabendo do que você fez, está demitida e desligada da empresa Porto Real, de nada. — Penélope apareceu de repente e, à medida que vai falando, o brilho de Silvia vai sumindo, e a mulher toda emponderada e assustadora deu lugar a uma mulher preocupada e assustada. — Você ainda está na minha frente? Vai embora!

E, com essas palavras, Silvia Helena se afastou de nós quase correndo. Assim que ficamos a sós, eu abracei Penélope com força. É estranho pensar que, mesmo que as pessoas tenham atitudes ruins, o mundo não é feito apenas de monstros, que as pessoas realmente se arrependem de suas atitudes e que uma só pessoa é capaz de gerar um mal unimaginável. Por alguma razão, Silvia lembrava-me muito a minha tia, e isso, sim, era capaz de me tirar o sono.

— Eu sinto muito por todo o mal que já fiz a você. Eu fiquei cega de ciúmes, e me permiti fazer coisas vergonhosas, eu espero de verdade que um dia você me perdoe por isso. Você merece pessoas boas ao seu lado — Penélope falou no meu ouvido.

— Você é uma pessoa boa, na verdade, é incrível e não precisa se preocupar com isso de perdão. Todo mundo erra, e eu sei que você não tem maldade em seu coração, você apenas se perdeu, e tá tudo bem, isso não faz de você a pior pessoa do mundo. Eu acho que, com o tempo, tudo irá se acertar, como sempre foi, mas que, por ora, é muito bom ter minha amiga de volta — respondi.

— É muito bom ter você de volta também, eu sentia muito a sua falta e tinha medo de você não acreditar em mim. Mas Silvia era a que mais lhe queria mal, e todos se perderam no seu papinho, inclusive Samara, que não é exatamente uma princesa, mas também não é uma bruxa malvada. Eu acho que essa viagem e essa mulher fizeram todos mostrarem o seu pior lado, e eu fico feliz de saber que está tudo acabando.

É curioso pensar que Luke, no fundo, não era todo o culpado por ter passado a noite com aquela mulher. Isso não apagava todos os seus erros, mas, pelo menos, justificava um deles, e eu espero que um dia ainda tenhamos a oportunidade de resolver tudo e conversar como adultos, mas não agora.

— É engraçado pensar quem a gente era quando embarcamos e quem somos agora, como tudo mudou em tão pouco tempo — disse.

— É verdade. Nós duas tínhamos tantos sonhos, parece que possuíamos um brilho diferente, e que aqui perdemos tudo isso — Penélope respondeu. — Se lembra de quando falávamos sobre música? Eu contava o quanto amo tocar piano e você, como gostava de cantar, e um dia a gente prometeu que faria isso, juntas. Acho que nunca vamos realizar isso. — Ela sorriu fraca.

Eu parei e pensei por uns segundos, me lembrava dessa época, de como tudo era mais assustador, mas ao mesmo tempo era mais alegre, sem nenhum cansaço mental ou tantas emoções para viver. Como se ainda fôssemos duas crianças e agora éramos adultas. É cruel pensar o que “crescer” faz com alguém. Só que ainda não é tarde demais, nunca é.

— Quem disse que nunca vamos realizar? — Segurei em sua

mão, andando rápido e, quando menos, percebo nós duas estávamos correndo e rindo.

Eu sei que isso pode parecer bobo, e que nesse momento estávamos agindo como duas idiotas, mas isso não importava, a vida não é feita só de momentos sérios e, se nunca agirmos como crianças, nem que seja só uma vez, como podemos voltar a ver brilho nas coisas? Corremos por mais ou menos uns cinco minutos até chegar na sala de música do navio, Luke me trouxe aqui uma vez para saber se eu tocava algum instrumento. Lá havia vários instrumentos de todos os tipos e, no meio da sala, um majestoso piano, perto de um microfone, já conectado a uma caixa, como se um palco estivesse montado, esperando por nós duas.

— Eu nunca vim aqui antes — Penélope confessou.

— É um lugar pouco usado, mas aqui a gente pode realizar nosso sonho, então, vamos lá, me surpreenda.

Ela se sentou e passou os dedos pelo teclado, como se estivesse matando a saudade. Se preparou por alguns segundos, então começou, muito timidamente, a tocar a música “Another Love”, e eu não poderia imaginar música mais perfeita para expressar tudo que eu estava sentindo. Comecei a cantar e me permiti viver cada uma daquelas palavras, pondo para fora tudo que eu estava sentindo e, quando olhei para Penélope, ela estava com os olhos fechados, parecia ter se conectado ao piano, e eles eram um só, acho que, assim como eu, ela estava vivendo aquela música. Ela também fez a segunda voz, e aquele momento não poderia ter sido mais perfeito até eu perceber o erro que cometi: a porta estava aberta, então um passageiro desconhecido entrou com um olhar curioso. Eu me assustei e fiz menção de parar, mas ele negou freneticamente com a cabeça, pedindo que não parássemos. Eu olhei para Penélope, que apenas piscou um olho e sorriu. Aquilo me deu coragem, então eu soltei minha voz.

Aos poucos, o salão foi se enchendo e rostos familiares começaram a aparecer. Primeiro Azar com Mérida e, em meio à multidão, pude ver meus avós com um sorriso bobo, abraçados e me olhando. Joaquina e Carlota logo apareceram e deram um jeito de ficar na frente, cantando conosco. Depois Luke, com Gaspar e Andrea. E, por fim, Samara, muito tímida, perto de Luke.

Quando terminamos, todos explodiram em aplausos, eu quase morri de vergonha, e então gritaram por mais. Olhei para Penélope, que me perguntou se conhecia a música “Wasting my Young Years”, eu concordei de um jeito animado, eu sou apaixonada por essa música. Então ela recomeçou e todos ficaram em silêncio. Aquele momento foi mágico, eu nunca imaginei que algo assim poderia acontecer comigo e como cantar me fazia sentir viva e livre. Todos

que fazem aquilo que amam e se expressam em forma de arte, de alguma forma, devem se sentir assim. E, quando acabamos, pediram por mais, outra vez. E assim fomos cantando, inúmeras músicas. Primeiro foi “Ophelia”, depois “Set fire to the rain”, “Clocks” e, por fim, a música “Wait”, que senti as lágrimas vindo enquanto a cantava. Suas palavras me tocaram de um jeito que poucas músicas conseguem, e acho que consegui passar toda essa emoção para todos, pois, quando terminei, percebi que eu não era a única a estar chorando.

Carlota e Joaquina, meus avós, os irmãos Porto Real, Mérida, Andrea, Samara e Penélope, todos, que de alguma forma transformaram minha vida enquanto eu estava aqui, se sentiram tocados pela letra da música. Outra vez explodiram em palmas e, quando procurei com o olhar, vi que Gustavo não estava ali. A quem eu estou enganando, eu o amava muito.

Todos vieram nos cumprimentar e dar os parabéns, alguns mais formais, outros menos, como os meus amigos e as irmãs Delorean. Elizabetta e Giorgio me envolveram em um abraço tão caloroso que eu poderia ficar ali para sempre, e tenho que reconhecer que essa atitude surpreendeu a muitos que estavam ali, mas eu não me importava, nada mais importava, além de poder sentir o amor da família que eu tenho e da família que a vida me deu. Quando todos se afastaram, e curiosamente juntos, Luke e Samara se aproximaram de mim e, antes que pudesse abrir a boca, eu apenas disse:

— Não hoje.

Ambos entenderam o recado, me deram um sorriso e se afastaram um para cada lado. Eu não queria falar com eles sobre tudo que aconteceu, tudo que eu mais queria era aproveitar o momento que eu vou me lembrar pelo resto da minha vida.



Gustavo

Gustavo

A conversa com Joaquina foi rápida, ela me explicou que Cloe queria me ver e que eu precisava levar preservativos. O último comentário me deixou morrendo de vergonha, mas, se ela disse isso,

então quer dizer que as coisas iriam se resolver do jeito que eu quero.

Assim que abri a porta, Cloe me recebeu com um beijo. Seus lábios eram macios, e eu mais que depressa a segurei pela cintura, puxando-a para perto. Beijei-a com todo o desejo que tinha dentro de mim; jamais me senti rendido por uma mulher como era por Cloe. Ainda com as mãos em sua cintura, conduzi-nos para sua cama, sentei-me nela e, aos poucos, a coloquei em meu colo. Cloe se entregou enquanto segurava meu pescoço, e minhas mãos começaram a passear pelo seu corpo. Alisava carinhosamente suas costas, descendo novamente minhas mãos para sua cintura, apertando um pouco e puxando-a para mais perto; nossos lábios nunca se separavam.

Ela começou, então, a fazer pequenos movimentos com a cintura, rebolando em cima de mim. Senti minha excitação crescer e meu membro ficar ainda mais rígido. Cloe se separou de mim de repente e, olhando nos meus olhos, começou, sem nenhuma pressa do mundo, a tirar minha camisa. Via o desejo em seus olhos e não conseguia me controlar. Segurei-a em mim e levantei-me, colocando-a na cama e mudando nossas posições. Terminei de tirar minha camisa e, em seguida, tirei minha calça, depois minha cueca, ficando totalmente nu diante dela. Cloe se levantou e, antes de me olhar nos olhos novamente, iniciou o sexo oral em mim.

Ela era atenciosa e parecia saber o que estava fazendo. Lambia e chupava enquanto me olhava nos olhos, e eu mal podia me segurar de tanto prazer. Senti um orgasmo chegar, mas era cedo, queria aproveitar muito mais com ela, agora que finalmente a tinha para mim. Afastei-me delicadamente dela, sentindo que era a hora de retribuir o favor. Deitei-a delicadamente sobre a cama, tirei sua camisa – ela estava sem sutiã – e ajoelhei-me. Tirei os sapatos de Cloe e fui, aos poucos, tirando sua calça e calcinha, parando por alguns instantes para admirar seu corpo perfeito. Beijei seu pescoço e fiz um caminho de beijos descendo até seu umbigo, beijando carinhosamente. Continuei descendo até sua intimidade quente e molhada e me afundei em seu sabor. Passei a língua em seu clitóris inchado e seu corpo se retorceu de prazer. Cloe me guiava com gestos e sons, acelerando o ritmo, e minha necessidade era enorme.

Senti que não aguentaria por muito mais tempo, então me levantei de repente, posicionei-me entre suas pernas e a penetrei de uma só vez. Foi uma sensação única; senti tanto prazer de uma só vez. Não me preocupei em ser carinhoso ou atencioso naquele momento, como costumava ser. Sempre quis que ela sentisse o quanto a amava e eu demonstrava isso com minhas ações, mas agora só queria dar a ela prazer e vê-la gozar, deixando a ideia de "fazer amor" em segundo plano. Eu queria fodê-la com força e satisfazê-la a tal ponto que ela tivesse as lembranças desse momento gravadas seu corpo, como uma

tatuagem invisível. Claro que me preocupava com ela e desejava fazê-la se sentir tão bem quanto eu, mas minha necessidade era enorme e precisava daquilo como nunca precisei de algo antes. Comecei a estocar devagar, sem pressa, e Cloe me olhava nos olhos sem perder seu sorriso, aquele sorriso seria minha ruína. Aumentei aos poucos o ritmo até que, em certo momento, ela pegou pela minha mão e colocou em seu próprio pescoço.

Nunca vi esse lado de Cloe, mas percebi que suas necessidades eram tão grandes quanto às minhas, e ela não procurava carinho. Entendi a deixa, segurei-a com um pouco de força e aumentei ainda mais a velocidade das estocadas. Senti que, a qualquer momento, meu prazer explodiria, não pude me controlar e tive um orgasmo avassalador ainda dentro de Cloe. Minhas pernas tremiam, mas percebi que Cloe ainda não havia alcançado o ápice do prazer. Reuni minhas forças e continuei na mesma intensidade. Pouco tempo depois, os músculos de Cloe ficaram rígidos e, então, relaxaram. Consegui dar a ela o mesmo prazer que ela me proporcionou.

Não trocamos uma palavra sequer, não havia necessidade. Como se nossos corpos soubessem exatamente o que era necessário para dar prazer um ao outro. Deitei-me ao lado de Cloe, nossas respirações eram pesadas, e meu corpo suave. Ela parecia se sentir tão bem quanto eu. Meu corpo tinha alguns reflexos involuntários, e a cama parecia ser uma nuvem do céu. Mas eu não queria apenas aquilo, queria mais, muito mais.

— Sabe o que esse quarto tem de mais legal? — Cloe disse, de repente.

— O que é? — perguntei.

— Ele tem uma banheira na suíte... Quer ir lá ver? — quis saber com o mesmo sorriso malicioso, e então eu entendi sua deixa.



Cloe

Cloe

Assim que cheguei ao banheiro, coloquei a banheira para encher e, enquanto esperávamos, fomos para o chuveiro. Deixei que Gustavo regulasse a temperatura da água e, para minha surpresa, ele gostava da temperatura da água mais quente, assim como eu. Comecei a ensaboá-lo sem pressa, aproveitando para me esfregar em seus músculos, fortes e definidos. Se alguma vez eu já tive uma vista mais linda do que a dos músculos de Gustavo se definindo ao me penetrar, eu desconheço.

Depois de deixar a água levar embora toda a espuma, eu o beijei. Suas mãos rapidamente envolveram minha cintura, puxando-me para perto. Os beijos foram ficando mais intensos e senti a excitação crescer em mim, como notoriamente crescia nele também. Infelizmente, tínhamos certa diferença de altura, o que talvez pudesse nos atrapalhar um pouco, mas eu não deixaria que isso fosse um problema para nós. Fiz um caminho de beijos até o ouvido de Gustavo, onde sussurrei: “O que acha de mostrar o que suas mãos são capazes de fazer, além de pratos deliciosos?” Mais uma vez ele entendeu muito bem o que eu queria, e sua mão começou a passear em mim, parando em minha intimidade.

Há bastante tempo, mesmo que inconscientemente, já me peguei fantasiando sobre as mãos de Gustavo várias e várias vezes. Apesar de sempre cortar o rumo dos meus pensamentos quando se encaminhavam para essa direção, mas não tinha por que eu me segurar agora. E Gustavo ultrapassou e foi muito além das minhas expectativas. Ele fazia movimentos circulares em torno do meu clitóris, evitando-o propositalmente. Depois, ele passou por toda minha intimidade, indo e vindo, e então introduziu em mim dois dedos de uma só vez. Eu me apoiava com os braços envolvidos em seu pescoço enquanto gemia de prazer em seu ouvido. Minha respiração era pesada, e suas mãos eram ágeis; eu pude sentir minhas pernas ficando mais fracas a cada instante. Comecei a beijá-lo novamente enquanto tinha um dos orgasmos mais intensos de toda a minha vida.

Ele fechou o chuveiro e nos levou para fora do box. Não entendi muito bem por que ele fez aquilo, mas, assim que saímos, eu percebi o que era: a banheira! Eu tinha me esquecido totalmente dela. Por sorte, ela não encheu muito, na verdade, estava ideal. Sua temperatura também, apenas um pouco quente demais, mas nada que alguns minutos do lado de fora não pudessem resolver. Gustavo permanecia excitado, e eu achei que era hora de lhe dar o mesmo prazer que ele me fez sentir no box do banheiro. Apoiei minhas mãos e olhei para ele, que me olhou de cima a baixo e, sem muita demora, me penetrou por trás. Uma mão segurava no meu bumbum, e a outra estava no meio das minhas costas.

Uma coisa que me fez sentir uma conexão ainda maior com Gustavo foi como nós dois conseguíamos nos entender muito bem sem palavras. Não se ouviu nenhuma palavra vinda de Gustavo o tempo todo, e eu quase não disse nada, a não ser uma ou duas frases. Nossa comunicação se resumia a olhares, respirações e gemidos, não tão baixos quanto deveriam, devo admitir.

Gustavo esse afundava dentro de mim com força e eu adorava sentir o quanto ele me desejava a cada estocada firme, a cada beijo que me tirava o fôlego, a cada respiração descompassada entre meus

seios. Gradualmente, ele foi aumentando o ritmo e me fazendo esquecer até meu nome e gritar o dele em meio ao turbilhão de prazer que meu corpo experimentava. Foi assim que ele me conduziu até o ápice da satisfação e eu, que já sentia minhas forças me abandonarem e não suportava mais, me perdi quando explodiu dentro de mim, vindo do meu ventre e se espalhando por cada terminação nervosa minha, todas aquelas ondas de prazer. Como estar com ele assim podia ser tão perfeito?

Me acompanhando, logo em seguida, e eu sei que ele queria garantir que só gozaria depois de mim, pude sentir o resultado do orgasmo do homem que eu amo e que me ama escorrendo dentro de mim. Como era bom poder compartilhar esse momento com ele, me senti a mulher mais sortuda do mundo.

Ficamos ali exaustos e abraçados por nem sei quanto tempo. Até que tive uma ideia e tentei me levantar, mas ele me prendeu em seu abraço ainda mais firme para que eu não me afastasse dele agora. Sussurrei em seu ouvido o que tinha em mente e o vi me dar um sorriso sacana e me liberar para que eu levantasse e me seguiu.

Fui até o armário do meu banheiro e peguei um lubrificante à base de silicone, que Joaquina e Carlota me deram mais cedo, me fazendo morrer de vergonha e me aconselhando a usar com ele no banheiro, constrangedor, mas útil. Então, Gustavo e eu entramos na banheira.

E assim passamos a noite. Ficamos na banheira, onde nos amamos repetidas vezes e por muitas horas, indo depois para minha cama, onde terminamos a noite. Ficamos acordados até quase cinco da manhã, e aquela foi, sem dúvidas, a melhor noite de toda a minha vida, porque, pela primeira vez, eu pude compartilhar o que sinto por Gustavo e dar a ele todo o prazer que se é possível sentir, assim como ele fez comigo. Dormimos de conchinha, nus, em meio a poucas palavras, mas com um sorriso no rosto, mostrando a satisfação e o prazer que é dormir com quem se ama.

Quando acordei pela manhã, eu me sentia a pessoa mais feliz de todo o mundo. Gustavo já estava acordado e me olhava com um olhar bobo, apaixonado, e eu não pude fazer outra coisa, senão compartilhar do mesmo olhar.

— Joaquina me contou brevemente tudo que aconteceu, e que você já sabe que fui eu o seu primeiro homem. Mas não está chateada comigo por não ter contado?

— Eu fico um pouco chateada, mas isso não importa mais. A verdade é que, nessa viagem, eu pude conhecer de perto o seu coração e, sem que eu percebesse, eu acabei me apaixonando por você, e tive medo disso, porque sabia que você era incrível demais, então fui me enganando até não conseguir fugir mais disso. Eu amo você Gustavo e

quero poder passar minha vida com você, principalmente agora, que nossas famílias aumentaram bastante — brinquei, e ele riu sem graça.

— Cloe, eu também amo muito você e vou fazer de tudo para que você sempre se sinta protegida e amada do jeito que você merece. Essa viagem logo acabará e poderemos começar uma vida juntos, com o nosso restaurante, e podemos comprar um uma casa para morarmos e construirmos um lar. Ou começar em outro lugar, como você quiser, tudo que importa é que estaremos juntos, como eu sempre desejei. E como você foi impedida de desembarcar do navio, te prometo que vou te levar como minha mulher para conhecer o mundo. Eu só quero estar com você. Não importa o destino, não importa nosso endereço, porque você se tornou o meu mundo e estando ao seu lado, eu sempre estarei em casa — me deu um beijo carinhoso e doce, depois de fazer essa linda declaração que encheu meu coração de um calor que eu nunca experimentei antes, mas que eu sabia que era assim que eu me sentiria de agora em diante: aquele quentinho no coração era a certeza de que serei amada e protegida por ele e que vou amá-lo e protegê-lo também.

Eu me deito em seu ombro e tento não pensar em nada, só no momento que estou vivendo. A vida é cheia de surpresas, e nunca sabemos o que verdadeiramente esperar dela, ela pode ser boa como também pode nos derrubar. Mas se tivermos amor verdadeiro, não apenas romântico, mas amigos, e família, tudo se tornará melhor. E eu tive a sorte de encontrar amizade, proteção e amor, tudo numa pessoa só, isso sim é o que eu poderia chamar de final feliz, só não o faço porque isso não é um final. Com Gustavo ao meu lado, é apenas o nosso começo.



EPÍLOGO

Cloe

Cloe

SEIS MESES DEPOIS

Não é como se isso fosse o final da minha história, até porque, como eu mesma disse, não existem finais, a vida, na verdade, é como um grande círculo, onde, em determinado ponto, pessoas vêm e vão, algo novo acontece e muda tudo para nós. E isso não quer dizer que seja uma coisa ruim, apenas de difícil aceitação algumas vezes, o que definitivamente não é o meu caso.

Fazia uma semana que o restaurante de Gustavo havia inaugurado e, como ele mesmo me pediu, trabalharemos juntos, tanto na cozinha, quanto em apresentações que eu faço quando a casa está cheia, o que é o caso de hoje. Penélope deixou o currículo para trabalhar com a gente e sempre se apresenta comigo, o que deixa tudo ainda mais especial e incrível, ela tem talento e deveria investir nisso, ela teria muito sucesso, tenho certeza.

Amanhã todos irão fazer a viagem de volta para os Estados Unidos, mas nem todos vão partir. Luke e, pelo que eu entendi, Samara também vão ficar e gerenciar os transportes de acordo com as

necessidades lá do Mediterrâneo, e uma forma de aumentar as relações comerciais e abrir filiais por todo mundo. Joaquina e Carlota vão voltar, mas disseram que vão manter contato e que muito em breve irão retornar para saber como as coisas estão e para me dar apoio. Elas me incentivaram a fazer o supletivo e dar continuação aos meus estudos, eu ainda não sei muito bem em que quero me formar, mas estou muito empolgada com a ideia. Elas também irão pagar por um ótimo tratamento para me ajudar com a dislexia, coisa que deveria ter sido feita há muitos anos, mas eu nunca tive. Eu não sabia como era a sensação de ter alguém cuidando de mim e se preocupando comigo, e é uma sensação maravilhosa.

Quanto aos meus avós, eles me prometeram que esta será a última viagem de trabalho deles e que estão pensando se vão ficar nos Estados Unidos, ou se darão um jeito de ficar mais próximos de mim, afinal, foram anos distante, acho que já chega de passar tanto tempo longe, mas o que quer que eles decidirem, eu vou respeitar.

Azar e Mérida vão voltar, considerando que o navio agora é de Baltazar e que Mérida é sua mais nova assistente, infelizmente eu não sei quando iremos nos ver outra vez, e eu sei que sentirei saudades dele, ele me ajudou desde o começo e sempre foi meu amigo, vou sentir falta da sua grande falta de sorte e do seu coração enorme.

Gaspar e Andrea também vão voltar, mas não ficarão muito tempo juntos, considerando a carreira internacional de Andrea e os compromissos indispensáveis de Gaspar, isso já era esperado. Em relação a Gaspar, eu não tenho muito a dizer, nunca fomos próximos, nem quando eu me relacionei com Luke, mas, de Andrea, eu também sentirei muita saudade, eu não sei dizer quantas pessoas conseguem não apenas conhecer, mas construir uma amizade com o seu grande ídolo, e eu tive a imensa sorte e o grande prazer de poder conhecer e me aproximar da mulher que me inspirou durante anos.

Depois de tudo que aconteceu no navio, Gustavo e eu conversamos muito sobre várias coisas, e ele me contou quem realmente era Silvia Helena. Ela conseguiu se parecer ainda mais assustadora, e não somente isso, mas a trama que envolver as duas famílias e como o seu pai e eu podemos estar correndo um grande risco. Infelizmente nem tudo são flores na vida, diferentemente do que o pai de Gustavo gostaria que fosse.

Elizabetta e Giorgio disseram que, antes de tomar a decisão de ficar ou não comigo, vão resolver o que aconteceu com tia Deusa e minhas primas, e Carlota e Joaquina me deram a garantia pessoal de que elas terão o que merecem. Eu prometi a mim mesma não me envolver mais nessa história, mas não consigo deixar de me sentir mal pelo fato de as coisas serem como são.

O pai de Gustavo, Antônio, irá morar com a gente agora e

chegará em dois dias. A casa que eu e Gustavo escolhemos não é muito grande, mas acomodará nós três muito bem. Optamos por algo menor, mas bem confortável do que aquelas casas enormes, todas modernas e sofisticadas, isso nunca fez muito o nosso estilo.

Apesar de nem tudo ser exatamente perfeito, a vida tem sido boa, e nós dois nunca fomos tão felizes. Estou ao lado do homem que amo, tenho minha amiga por perto, e logo ficarei na companhia da minha família, do jeito que sempre sonhei, eu não poderia estar mais feliz. Ainda faltavam cerca de vinte minutos para poder me apresentar como sempre, então meu celular recebe uma ligação de um número desconhecido.

— Eu tenho que confessar que encontrar seu número não foi nem um pouco fácil — a primeira voz diz.

— Exatamente, como você ousou achar que se livraria de nós? — o segundo responde.

— Olha, se fosse para se sentir ofendido e se dependesse de mim, a gente não te ligava — uma terceira voz fala. E meus olhos se enchem de lágrimas e meu coração se aquece.

— Não me diga que são vocês! — falo.

— Ela pediu para não dizer, então a gente não falou — Rafael diz.

— Não que a gente não esteja emocionado, mas é que essa ligação tá custando um rim, então vamos ser diretos — Ronaldo completa.

— A gente só ligou para dizer que amanhã à noite você precisa dar um jeito de assistir ao The Best Singer dos Estados Unidos. Seremos a terceira apresentação e, depois que a gente vencer, você pode dizer que é amiga da maior banda de rock de todos os tempos — Ricardo conta, e eu fico em choque, não sei o que responder, então eu grito, grito de felicidade. Os Reis estão, finalmente, conquistando os seus sonhos.

— A gente vai desligar, mas vamos continuar essa conversa por mensagem. Até mais! — os três dizem ao mesmo tempo e então desligam.

Os meus meninos, que cuidaram de mim, que me meteram nessa confusão e que, sem dúvida, são as três pessoas mais maravilhosas desse mundo, vão se apresentar no programa que sempre desejaram, e isso é o mínimo que eles merecem, e eu sei que vão ganhar o mundo todo. Eu poderia segurar as lágrimas de felicidade, mas não segurei. E minha felicidade correu pelos olhos, fazendo-me lembrar que todos aqueles que são bons de coração irão encontrar sua recompensa. Eles fizeram por merecer estar lá, e eu também mereço ser feliz.

Fim

Gostou da leitura? Avalie

DO JEITO QUE VOCÊ É

Vai me ajudar muito
fazendo isso e leva só dois
minutinhos.



INSTAGRAM



GRUPO DE LEITORAS

Outras Obras

Outras Obras



CEO VULNERÁVEL Série Família Salomon - Livro 4

***:: Bilionário poderoso e agora cadeirante :: Amor incondicional de uma noiva apaixonada:: Gravidez inesperada::
:: Segundas chances::***

O CEO GUILHERMO SALOMON comanda um império bilionário e vive o momento mais feliz de toda sua vida ao lado de LUNA MEIRELES, a mulher que, em poucos meses, se tornaria sua esposa. Ele estava a caminho do seu casamento quando um acidente devastador mudou tudo em que ele acreditava. Este terrível acidente de carro coloca em xeque toda a felicidade que o CEO do poderoso império do Grupo Salomon & Salomon construiu ao lado de sua noiva. Ele precisa enfrentar os desafios de sua nova condição: a paralisia das pernas. O bilionário que foi bem-sucedido em tudo na vida, acostumado a superar obstáculos nos negócios, agora se depara com um desafio completamente diferente. ***Como será sua vida como uma pessoa com deficiência? Como se enxergará no mundo agora? Mas,***

apesar de estar imerso em um turbilhão de emoções, Guilherme não está sozinho. Ele conta com o apoio incondicional de sua família, de seus quatro irmãos e, principalmente, de Luna. Ela é sua inspiração, a pessoa que sempre o fez enxergar a vida de forma diferente e o fez compreender o verdadeiro significado do amor.

LUNA MEIRELES é forte, teimosa e determinada, mas, ao mesmo tempo, doce, gentil e capaz de enxergar o melhor nas pessoas. E agora Luna só deseja ajudar Guilherme a encontrar forças para enfrentar suas limitações e lutar pela felicidade deles, mesmo que isso signifique suportar as tentativas dele de se afastar dela. Uma noiva disposta a tudo para provar ao CEO que nada mudou por ele estar em uma cadeira de rodas agora.

Mas a questão que o atormenta Guilherme é se ele conseguirá se adaptar à sua nova realidade e se será capaz de superar as dificuldades impostas pela paralisia e construir uma vida plena ao lado da mulher que ama mais do que tudo no mundo. Contudo, a vida dos dois ganhará um novo significado quando um elo mais poderoso que tudo chegar de surpresa.

ATENÇÃO: Este livro contém cenas de sexo explícito e linguajar inapropriado para menores de 18 anos. Contém gatilhos de abuso psicológico, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

AVISO: Os três livros anteriores da Série Família Salomon podem ser lidos separadamente, pois se tratam de histórias independentes, mas poderão trazer spoilers dos livros anteriores.



A GAROTA QUE DISSE NÃO AO CEO

:: Casamento arranjado com o noivo da meia-irmã :: Uma noiva fugitiva :: Um bilionário rejeitado :: Enemies to lovers :: Convivência forçada :: Só tem uma cama::

KALEA LATOYA MAHOE nunca precisou da aprovação de ninguém para fazer o que queria. A jovem engenheira de petróleo de vinte e dois anos sempre foi ofuscada pelo brilhantismo de sua meia-irmã Malia, jovem advogada prodígio prestes a ingressar na promotoria, e por sua outra meia-irmã Kiana, a mais jovem cirurgia cardiovascular do estado havaiano. Muitas vezes, era como se todos se esquecessem que o Leão do Petróleo tinha uma terceira filha, fruto de seu terceiro casamento. E Kalea carregava a fama, ou melhor, a péssima reputação de não fazer o que todos esperavam dela, mas isso não a impedia de ser um alvo desejado para chegar à fortuna bilionária de seu pai, o homem mais rico e poderoso do Havaí. ***Mas tudo que ela menos deseja para o seu futuro é um marido que controlaria sua vida e escolhas.***

E quando **GRAHAM FORBES**, o controlador e indiscutivelmente lindo bilionário australiano apareceu em sua vida, ela já sabia que ele era o homem escolhido para se casar com uma de suas obedientes irmãs, mas Kalea nunca esperou que, para puni-la, ou melhor, para domá-la, seu pai mudasse de ideia e a obrigasse a ser a futura esposa de Graham Forbes. O fato de ele ser dez anos mais velho e ter

conversado com ela menos que meia dúzia de vezes é o combustível que faltava para Kalea mostrar que somente ela tinha o direito de escolher o homem com quem irá dividir a mesma cama pelo resto da vida. ***Então, ela abandona o quase noivo, deixando apenas um bilhete de despedida, sugerindo que ele escolhesse uma de suas irmãs para a aliança de negócios com seu pai.***

GRAHAM FORBES, o CEO e herdeiro da maior fortuna em petróleo refinado e derivados da Austrália, é publicamente humilhado por uma garota que nem de longe era seu ideal de esposa.

Mas o bilionário rejeitado vai atrás de sua noiva fugitiva e propõe uma aposta: Graham garante que, se dividirem a mesma cama toda noite e tiverem um encontro por semana, Kalea vai se apaixonar por ele.

ATENÇÃO: Este livro contém cenas de sexo explícito e linguajar inapropriado para menores de 18 anos. Contém palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

Livro Único.



BILIONÁRIO E PAI INESPERADAMENTE: CEO RABUGENTO E AGORA PAI!

Oliver Prescott é um bilionário que se orgulha de nunca precisar de ninguém, além de si mesmo. Tudo que o CEO da Prescott Company mais repudia é se sentir vulnerável e depender dos outros. No auge de seus 33 anos, Oliver controla um verdadeiro império e é conhecido no mundo dos negócios como "Coração de Gelo", é um homem que se preocupa em estar sempre no controle. Um solteiro convicto que adora sexo, mas despreza relacionamentos amorosos. Acostumado a viver sozinho, Oliver é um homem que tem o mundo aos seus pés, mas sem família para compartilhar.

Quando recebe a notícia da morte de seu avô, seu último parente e com quem não mantinha contato há muito tempo, mesmo não precisando da herança do avô, ele decide ir à leitura do testamento para conhecer seu último desejo e assim retorna para Sugar Mountain, a grande propriedade em meio a montanhas cobertas por neve onde cresceu e viveu os dias mais felizes de sua infância e adolescência, até seu mundo ruir e tudo mudar drasticamente.

No entanto, ele sofre um inesperado ataque de asma em um aeroporto fechado pela neve, que o coloca em uma situação vulnerável. Para sua surpresa, uma jovem de longos cabelos cacheados e olhos verdes, que ele havia, minutos atrás, criticado severamente, dizendo que ela não deveria se intrometer no que não era da sua conta e a tratado

como lixo, é a única pessoa que percebe e intervém para salvar sua vida.

Alice Rosewood é uma jovem bibliotecária recém-formada, criada na grande propriedade da Família Prescott após ser adotada por um casal de funcionários. Ela nutre um amor platônico por ele desde os 13 anos. Ao reencontrá-lo, percebe que Oliver não reconheceu nela os traços da garotinha atrevida e levada que vivia fugindo da casa dos pais escondida para montar os cavalos do seu avô, que sempre a amou como se fosse sua segunda neta e que sempre fazia Oliver sorrir.

Para a leitura do testamento do avô de Oliver, ambos descobrem que, devido a uma intensa nevasca, precisarão conviver e lidar com a hostilidade inicial. *E, para complicar ainda mais, Alice se vê obrigada a dividir a única cama existente com Oliver. E, assim, com o arrogante e gostoso bilionário dormindo ao lado, ela começa a fantasiar como seria perder a virgindade com Oliver Prescott.* Mesmo com a neve caindo do lado de fora, do lado de dentro, o quarto começa a pegar fogo e o CEO que tinha tudo menos uma família engravida a jovem bibliotecária intrometida.

Será que a convivência forçada e um bebê inesperado poderão despertar sentimentos até então desconhecidos em Oliver?



GRÁVIDA DO CEO PROTETOR: SÉRIE FAMÍLIA LANCASTER - LIVRO I

Uma comissária de bordo muito certinha.
Um viúvo bilionário.
Uma aventura de uma noite.
Um elo para uma vida inteira.

Por uma confusão na troca de exames, disseram a ELISA AGOSTINI que ela tinha apenas três meses de vida. Que deveria desfrutar seus dias resolvendo suas pendências e fazendo tudo que sempre quis fazer e nunca pôde. Foi assim que a comissária de bordo, que era conhecida por ser a pessoa mais previsível do mundo por seus colegas, em uma noite de loucura, embarca no voo do jato particular do CEO da Lancaster Airlines.

Elisa ouve uma conversa que não deveria ouvir de que o CEO viúvo OTTO LANCASTER, descobriu, depois de um ano de luto e muita dor pela morte de sua adorada esposa, que ela o traiu com seu melhor amigo. No entanto, agora Otto Lancaster decide ir à forra. O CEO mais desejado do país se manteve celibatário por tempo demais e, no momento, ele vai dormir com a primeira mulher que queira transar com ele naquela noite.

Otto Lancaster não consegue esquecer e nem encontrar a comissária de bordo que lhe deu a melhor noite de sua vida após um ano do mais duro golpe que recebeu. Quando, enfim, a reencontra, nove meses depois, ele descobre que a consequência da noite de loucura dos dois está prestes a nascer. Elisa vai encontrar no CEO protetor o que ela nunca teve a vida inteira. E Otto fará de tudo para proteger e cuidar da sua nova família ao se ver fascinado pela comissária de bordo que lhe deu a chance de ser feliz novamente.

ATENÇÃO: Este livro contém cenas de sexo explícito e linguagem inapropriado para menores de 18 anos. Contém gatilhos,

palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

AVISO: Os outros livros da Série Família Lancaster contarão as histórias dos irmãos de Otto Lancaster. Poderão ser lidos separadamente, pois se trata de histórias independentes. O próximo livro será do Michael Lancaster.



DOMANDO O CEO LIBERTINO:
SÉRIE FAMÍLIA SCALAMANDRE – LIVRO 1

“Não existe mulher inalcançável, ela apenas ainda não conheceu Huggo Scalamandre.”

O maior CEO da indústria marítima ganhou fama ao se provar insuperável em duas coisas: construção de navios – foi assim que se tornou um bilionário de sucesso aos trinta e seis anos – e em seduzir e enlouquecer mulheres na cama.

Nisso ele era melhor ainda. Os boatos que circulam na mídia são de que **HUGGO SCALAMANDRE** é um homem não só libertino, mas também irresistível e que promove verdadeiras orgias sexuais em sua mansão à beira-mar. Com poucos amigos de confiança e afastado da família, ele é um homem que se fez sozinho. Contudo, após um acidente de avião, o magnata que nunca teve um romance por mais do que algumas noites começa a se questionar sobre o rumo que deu para sua vida, levando várias mulheres para sua cama, porém não permitindo que nenhuma alcançasse seu coração.

MARIANNE PONTES conhece Huggo Scalamandre em pleno ato sexual e se assusta ao interrompê-lo no meio de uma orgia com várias mulheres em sua cama. A jovem decoradora deixa seus pincéis e amostras de tinta caírem e consegue a atenção de todos. A casa estava vazia até onde Marianne sabia, mas o dono havia voltado de viagem antes do previsto e sua chefe nem se preocupou em avisá-la. E essa é a primeira vez que os olhares de Huggo e Marianne se cruzam. Horrorizada e em choque, a tímida Marianne congela e não consegue reagir quando o homem que contratou a firma de decoração, onde ela é uma simples estagiária, se levanta nu em pelo, deixando as cinco mulheres na cama, para diante da moça muda e trêmula e recolhe o que ela deixou cair. E, com aquele bilionário de 1,92m ajoelhado nu aos seus pés, Marianne desmaia. Naqueles poucos segundos, Huggo consegue decorar cada detalhe do rosto e do corpo de Marianne.

Aquele rosto angelical toca algo dentro de seu íntimo. E quando ele se levanta com a linda moça em seus braços, vira-se para as outras mulheres e apenas diz:

— Por favor, me deem licença. Minha mulher acaba de chegar.

ATENÇÃO: Este livro contém cenas de sexo explícito e linguagem inapropriado para menores de 18 anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

AVISO: Os outros dois livros da Série Família Scalamandre contarão as histórias dos irmãos Will e Arthur. Poderão ser lidos separadamente, pois se trata de histórias independentes.



O CEO QUE NÃO PODIA SER PAI: SÉRIE FAMÍLIA DONOVAN - LIVRO 1

- *Contrato de apenas receber prazer oral.*
- *CEO que é abandonado pela esposa ao ficar impotente.*
- *Clichê chefe e estagiária.*
- *AGE GAP.*
- *Mocinha virgem que engravida do chefe.*
- *Gravidez muito inesperada.*

O CEO bilionário ALEC DONOVAN tinha tudo que um homem poderia desejar: sorte no amor e sucesso nos negócios. Vivia um casamento feliz com a esposa perfeita, mas uma tragédia mudou todos os seus planos e sonhos de ter uma família grande. Ser pai era o que ele mais desejava. Ele se tornou um homem recluso após sofrer um acidente que mutilou seu corpo terrivelmente ao tentar salvar a vida mulher que amava. Ele foi abandonado pela esposa e viu seu mundo desmoronar. Sua vida perfeita ruiu. Alec Donovan havia ficado impotente e os médicos disseram que ele, muito provavelmente, não poderia mais ser pai e que nunca mais teria uma ereção. E foi assim por cinco longos anos, ele nunca mais sentiu desejo ou pôde dar prazer a uma mulher. Até o CEO conhecer Lila.

LILA HARRISON não teve uma vida fácil. Fugiu para bem longe de um padrasto abusivo e de uma mãe que nunca demonstrou amor para estudar e ter um futuro diferente do que diziam que ela teria. Foi assim que ela se tornou a melhor amiga da sobrinha de Alec Donovan, além de ser estagiária em sua empresa, mas o CEO não sabia disso quando se envolveu em uma briga na noite em que se conheceram. Ele só queria protegê-la daqueles homens.

Lila era virgem, mas não era boba. Sabia que nunca tinha experimentado antes o desejo que sentia pelo tio de sua melhor amiga. Mas, quando o CEO bilionário Alec Donovan revela seu segredo, ele

também lhe faz uma proposta.

Um contrato é assinado entre o CEO e a jovem 17 anos mais nova que aceita a proposta dele de apenas receber prazer oral e nada mais.

“Vou te dar prazer apenas com a minha boca.

Mas, quando o corpo de Alec desperta de tesão por Lila, ele realiza o maior sonho de sua vida. O CEO, que não podia ser pai, engravida a jovem que o fez acreditar que poderia ter a chance de amar e ser feliz outra vez.



ME APAIXONANDO PELO MEU CHEFE INSUPORTÁVEL: SÉRIE FAMÍLIA CAMPANELLI - LIVRO 1

- CLICHÊ CHEFE E SECRETÁRIA;
- AGE GAP;
- FAKE DATING;
- ENEMIES TO LOVERS.

MALCOM CAMPANELLI é o chefe que ninguém quer ter.

De que adianta um salário obscenamente alto se, para recebê-lo, é preciso passar 24 horas do dia à disposição do homem mais insuportável e grosso do mundo?

SAVANNAH ARMSTRONG precisava muito daquele emprego. Precisava muito mesmo, já que estava prestes a ser despejada por estar devendo quatro meses de aluguel. ***Daquela entrevista, viria a resposta se ela teria ou não um teto sob sua cabeça quando voltasse pra casa naquele dia.***

Mas nada a preparou para o lindo, másculo e perfeccionista CEO Malcom Campanelli no auge de seus 36 anos, nem mesmo o treinamento que recebeu secretamente da assistente idosa dele, que está louca para se aposentar, mas precisa de uma substituta que aceite ter o diabo em pessoa como chefe. Tudo que Savannah faz parece estar errado. O chefe a ignora ou a crítica, quando não faz questão de dizer que ela não está fazendo direito o trabalho para o qual está sendo paga, gentil como um cavalo, dando coices. E todos que trabalham na Diamantes Campanelli parecem ter medo do bilionário.

Para piorar, a mente de Savannah parece ter vontade própria agora e vive bombardeando a moça de vinte e quatro anos, nos momentos mais inapropriados, com cenas muito eróticas dela e do chefe, e Savannah nunca se sentiu assim por nenhum homem antes.

**INSUPORTÁVEL.
TIRANO.**

INTIMIDADADOR.

O PRÓPRIO DIABO ENCARNADO.

É isso que quem conhece Malcom Campanelli pensa a seu respeito. Ele intimida seus funcionários, que evitam, a todo custo, cruzar o caminho do CEO mais temido e respeitado de Nova Iorque.

Malcom foi criado para comandar um império, e é o que ele faz de melhor. Ter o total controle de tudo sobre sua empresa e sua vida é o que ele mais preza. Um chefe que não admite falhas. ***Ele nunca agradece. Nunca pede desculpas. Nunca diz por favor.*** Mas, para infelicidade de Malcom, sua assistente pessoal, a insubstituível senhora Marshall, está decidida, dessa vez, a não adiar mais sua aposentadoria e o obriga a entrevistar e escolher uma substituta. É assim que Savannah Armstrong entra em sua vida. E ele torna a vida da moça com sotaque sulista um verdadeiro inferno, mas se surpreende com a forma que ela diferente de todos nunca de intimida perto dele.

O que Savannah não entende foi como aceitou a proposta de fingir ser namorada de Malcom Campanelli para a mãe, que ele reencontrou muito doente e que não via desde menino.

Mas fingir estar perdidamente apaixonada por seu chefe insuportável depois de conviver com o verdadeiro Malcom Campanelli, que mais ninguém conhecia, acaba deixando de ser fingimento depois da primeira noite de amor dos dois.

É quando Malcom percebe que não está mais no controle de seu coração.

ATENÇÃO: Este livro contém cenas de sexo explícito e linguagem inapropriado para menores de 18 anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

AVISO: Este é o livro 1 da Série Família Campanelli. **O livro 2 contará a história de ARTUR CAMPANELLI.**

Todos os livros da série poderão ser lidos separadamente, pois se tratam de histórias independentes.



A ESPOSA TEIMOSA DO CEO CONTROLADOR: SÉRIE FAMÍLIA SILVESTRI - LIVRO 1

Eu me chamo **GREGORY SILVESTRI** e estou ferrado! Melhor dizendo, me ferraram! Meu próprio sangue...

O problema de pertencer a uma família grande é que todos acham que têm o direito de se meter e dar palpites na minha vida pessoal. Mas o idiota do meu irmão gêmeo superou nossa tia casamenteira e me jogou de cabeça na pior furada de toda a minha vida quando me deu um contrato para assinar no meio daquela papelada toda, eu nem li, porque jamais pensei que ele seria capaz de me enganar dessa forma.

Joshua me cadastrou no programa Combinação Perfeita que vive enviando notificações de possíveis *matches* para ele no nível "solteiro à procura", mas para mim o negócio foi muito mais sério: o babaca me cadastrou no nível "até que a morte os separe", ou seja, **sem saber de nada, eu concordei em me casar com uma total desconhecida escolhida por um algoritmo de um software no prazo de até três meses**. Depois disso, aquele contrato estúpido seria anulado.

Meu irmão pelo menos foi honesto e listou no perfil tudo que eu — o gêmeo insuportável e antissocial — apreciava na vida, ou seja, **quase nada** e todo tipo de diversão que eu não suportaria por mais de dez minutos, ou seja, **quase tudo**.

Joshua era apenas três minutos mais velho que eu e se esforçou para listar as poucas qualidades que via em mim, mas para reunir os meus defeitos, ele recorreu a cada um de nossos outros três irmãos para fazer uma "inscrição fiel à verdade". E, pelo jeito, meus defeitos eram muitos, sem mencionar a lista das muitas coisas que eu simplesmente nem sequer consideraria fazer em um encontro. O que significava que todos os meus quatro irmãos intrometidos eram os culpados pela ruína de minha paz de espírito.

E para minha grande infelicidade ainda tem a cereja do bolo, faltando apenas 24 horas antes do final do prazo para eu ter de novo

minha vida perfeitamente sob controle, do jeito que eu sempre quis que fosse, uma "combinação perfeita" foi encontrada pelo maldito algoritmo do programa de relacionamentos quando eu já havia até esquecido dele.

*E foi assim que **SUZY ABERNATHY**, a mulher mais improvável por quem eu poderia me apaixonar agora é minha esposa e vamos dividir o mesmo teto.*

Esse livro contém: AGE GAP + SLOW BURN + MOCINHA ATREVIDA QUE MORA EM UM MOTOR HOME + CEO RECLUSO QUE ODEIA SURPRESAS+ DIVIDIR O MESMO TETO + MUITAS CENAS HOT.

ATENÇÃO: Este livro contém cenas de sexo explícito e linguajar inapropriado para menores de 18 anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

AVISO: Este é o livro 1 da Série Família Silvestri. O livro 2 contará a história de STUART SILVESTRI.

Todos os livros da série poderão ser lidos separadamente, pois se tratam de histórias independentes.



A ESPOSA SEM MEMÓRIA DO CEO: FAMÍLIA QUOTAR - LIVRO 1

"Grávida, sem memória e me apaixonando outra vez pelo amor da minha vida."

O CEO bilionário Andras Quotar ama sua esposa mais do que tudo no mundo.

Mas, depois do acidente, Milena PERDEU A MEMÓRIA e não se lembra mais dele.

Tudo que Milena Medeiros sabia foi que dormiu com vinte e quatro anos e acordou três anos depois, casada e grávida do homem mais rico da Hungria. Nada veio fácil na vida de Milena. No entanto, a estudante de Desenho Industrial, finalmente, teve a chance de viver longe da indiferença do pai quando ganhou uma bolsa integral para concluir seu curso em Budapeste. Na capital da Hungria, ela conheceu o homem que mudaria seu destino para sempre. Milena saiu do dormitório da universidade disposta a encarar a primeira noite de bebedeira com suas novas amigas do intercâmbio. Uma noite e três doses de uma bebida que ela nem lembrava o nome. Foi só o que precisou para Milena acordar na cama de Andras Quotar.

O que ela não conseguia entender era como não se lembrava de nada depois daquela noite.

Ao acordar em um hospital, ela se viu grávida e com uma aliança de casamento no dedo. Além disso, todos que Milena conhecia afirmavam categoricamente que aquele homem lindo, rico e que parecia completamente apaixonado por ela era seu marido há três anos. Falaram que ela sofreu um acidente, ou algo assim, e que teve um forte trauma na cabeça.

O que aconteceu com os três últimos anos da sua vida? Ela simplesmente não lembrava.

Mas a principal pergunta que Milena se fazia agora era: e se

ela nunca se lembrar do homem apaixonado que diz ser seu marido?

ATENÇÃO: Este livro contém cenas de sexo explícito e linguagem inapropriado para menores de 18 anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

AVISO: Os outros dois livros da *Série Família Quotar* contarão as histórias dos irmãos Adam e Jordi. Poderão ser lidos separadamente, pois se trata de histórias independentes.



CEO SEM CORAÇÃO: FAMÍLIA SALOMON – LIVRO 1

Depois de morar na rua e comer do lixo por meses, Liliana foi aliciada para vender seu corpo.

O CEO Gustavo Salomon não fazia ideia que aquele clube exclusivo vendia a virgindade de moças.

E foi lá que ele conheceu Liliana.

A mãe de **LILIANA** a odiou desde que soube que estava grávida. O pai dela, um homem abusivo e violento, tinha prazer em obedecer às ordens de sua mãe e batia nela com uma ripa de madeira que mantinha ao lado da mesa de jantar; quando não a amarrava pelos braços, deixando-a suspensa, apenas com a ponta dos pés tocando o chão. Liliana já havia quebrado as pernas em três lugares e, por isso, mancava um pouco. Aos dezoito anos, no hospital depois que o pai, em outro acesso de fúria, a jogou da janela do segundo andar, Liliana encontrou sua chance de fugir daquela vida de maus tratos e medo.

No entanto, após quatro meses vivendo nas ruas, sem conseguir emprego e comendo do lixo, ela foi aliciada para participar de um leilão em troca de dinheiro suficiente para lhe permitir recomeçar sua vida como quisesse, mas havia uma condição: em troca, Liliana teria que vender sua virgindade. Depois de conhecer o que era passar fome e frio nas ruas, a moça se viu sem alternativas e aceitou a oferta.

O bilionário **GUSTAVO SALOMON** era conhecido por ser um homem inflexível e impiedoso nos negócios de sua família, além de nunca se envolver emocionalmente com as mulheres que levava para sua cama. Enquanto a maioria de seus irmãos namoravam e desfrutavam das vantagens de ser um Salomon, ele não encontrava tempo para perder com algo tão desnecessário como relacionamentos amorosos.

Uma noite, ele foi convidado para ir a um clube muito exclusivo. Lá, viu horrorizado a virgindade de uma moça que mais parecia um anjo ser negociada pelo maior lance. Gustavo não apenas acionou seus

contatos na polícia e encerrou toda a rede de aliciamento e prostituição, como também resgatou a moça de olhar assustado e inocente e a levou para sua casa. Contudo, depois que seu olhar e o de Liliana se cruzaram e ela se recusou a se afastar do único homem que já a protegeu, Gustavo Salomon entendeu que sua vida nunca mais seria a mesma. Ele a protegeria de tudo e de todos, se fosse preciso.

ATENÇÃO: Este livro contém cenas de sexo explícito e linguajar inapropriado para menores de 18 anos. Contém gatilhos de abuso físico e psicológico, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

AVISO: *Os outros livros e spin offs da Série Família Salomon contarão as histórias dos irmãos e primos de Gustavo. Poderão ser lidos separadamente, pois se trata de histórias independentes, mas poderão trazer spoilers dos livros anteriores. O próximo livro será de Patrício Salomon.*



UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O CEO: SÉRIE FAMÍLIA BRUSMAN - LIVRO I

Arturo não acreditou na única mulher que o amou incondicionalmente. Ele humilhou e expulsou Natália de sua vida. Três anos depois acabou descobrindo que é pai e agora ele a quer de volta a qualquer preço.

ARTURO BRUSMAN comanda seus negócios com mãos de ferro e é conhecido por sua busca pelo perfeccionismo em tudo na vida. Um homem que se fez sozinho e, por ter conhecido a extrema pobreza, entende o valor de cada centavo que ganhou e não aceita nada que não se enquadre em seus padrões exigentes. Contudo, o nome do bilionário que construiu um império na indústria de software aos trinta e quatro anos também ficou famoso após a revelação do teste de paternidade de sua ex-noiva, uma exuberante modelo internacional, ter dado negativo e a notícia vazar para a mídia.

NATÁLIA MEIRELLES era a assistente da assistente do CEO Arturo Brusman e quem, na verdade, fazia todo o trabalho e nunca recebia o crédito. A moça tímida com excelentes ideias e que era extremamente competente em tudo que fazia foi injustamente demitida. Natália nunca se importou em trabalhar até depois do horário até engravidar e se tornar mãe solo. No entanto, após uma grande injustiça, Natália acabou sendo demitida quando mais precisava do emprego.

Anos se passam e o acaso faz com que o filho de três anos de Natália e o chefe que a humilhou publicamente ao mandá-la embora, além de garantir que ela não conseguisse um bom emprego na cidade, fiquem cara a cara. Arturo Brusman nem precisa fazer as contas entre o dia da realização de sua vasectomia e a idade daquela criança que é sua cópia em miniatura para saber quem é o pai daquele garotinho.

Para não perder a guarda do filho, Natália aceita os termos do contrato e se casa com o homem mais controlador e detestável que

conheceu em sua vida. É assim que ela se torna a esposa do único homem a quem entregou seu corpo e seu coração, mas que, ironicamente, nem se lembrava da noite em que tudo aconteceu. Todavia agora é ela que não o quer e, por mais que tenha concordado em usar seu sobrenome, na cama de Natália, Arturo não é bem-vindo.

ATENÇÃO: Este livro contém cenas de sexo explícito e linguagem inapropriado para menores de 18 anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

AVISO: Os outros dois livros da Série Família Brusman contarão as histórias dos irmãos Anton e Gustavo. Poderão ser lidos separadamente, pois se trata de histórias independentes.

Biografia

Biografia



Danielle Viegas Martins nasceu em São Luís - MA, mas mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro em 2001. Tem formação em Letras, Português - Inglês e Mestrado em Educação. Desde 2010, Danielle é funcionária pública da UFRRJ.

A autora começou a escrever, publicando capítulos semanais do livro “Estarei ao seu lado” na plataforma Wattpad em 2017, onde escrevia sob o pseudônimo Tess91 para se preservar caso os leitores não se interessassem por seus livros. Contudo, suas histórias já ultrapassaram duzentos e vinte e oito milhões de leituras online.

A autora sempre foi apaixonada por livros e entre os escritores favoritos estão Aluísio de Azevedo, Ganymédes José e Charlotte Brontë. Todos os livros da autora possuem um personagem Gustavo em homenagem ao seu filho.